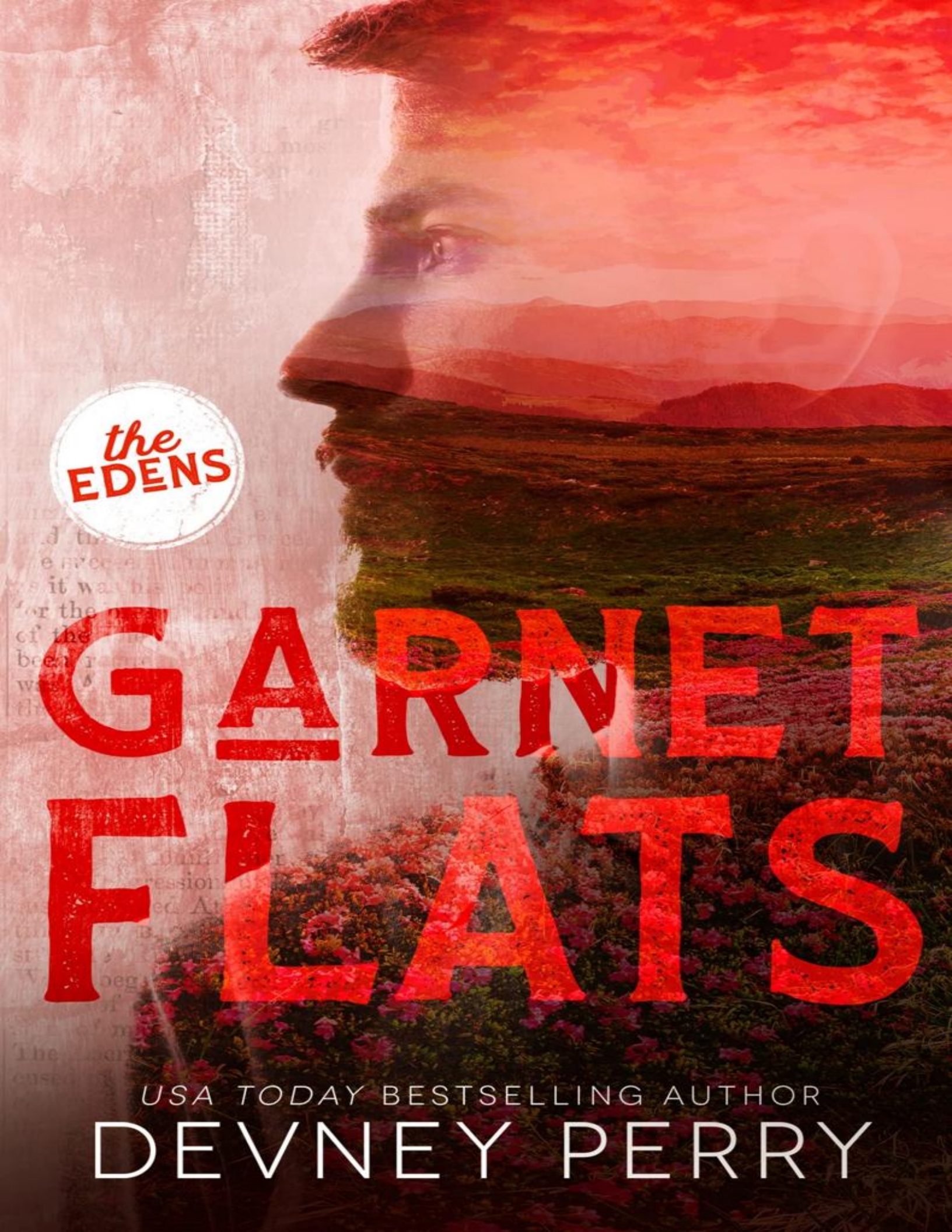

the EDENS
GARNET FLATS
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
DEVNEY PERRY



SINOPSE

Talia Eden amou Foster Madden por um ano, dois meses e onze dias. Foi no dia 438 que seu amor morreu. O dia em que ele escolheu se casar com a sua melhor amiga. O dia em que ela jurou nunca mais pensar em Foster.

Agora anos depois, ele tem a audácia de aparecer em sua pequena cidade natal, Quincy, implorando por sua ajuda.

A tinta em seus papéis de divórcio mal está seca, mas ele vem armado com desculpas e promessas. Ela sabe que é tudo uma estratégia. Foster é o rei dos jogos e segredos. Mas ele tem ilusões do tamanho de Montana, se acha que ela o ajudará a treinar para uma luta pelo campeonato mundial.

Exceto que Talia esqueceu exatamente o que tornou Foster famoso. O homem dedicou sua vida à vitória. Ele é perseverante. Ele está determinado. E não vai parar de lutar até que ele ganhe o coração dela.

ROUND 1

CAPÍTULO UM

TALIA

— Treze. — O marcador de apagar a seco rangeu quando adicionei uma marca de contagem no interior da porta de metal do meu armário.

Treze. — Um novo recorde.

Treze dias sem um paciente gritando comigo. Treze dias sem que ninguém solicitasse o Dr. Anderson, o Dr. Herrera ou o Dr. Murphy no meu lugar. Treze dias sem Rachel, a enfermeira-chefe do Quincy Memorial, me dando sermão para, bem... qualquer coisa.

Treze bons dias.

Quais as chances de que essa sequência durar até o Natal, na próxima semana? Se eu chegar a vinte e dois dias seguidos, isso significaria que passaria um mês inteiro de trabalho sem que minha inteligência, minha educação ou minhas habilidades fossem questionadas.

A porta do vestiário dos funcionários se abriu e Rachel parou na soleira. *Oh Deus. Não estrague minha sequência.*

— Oi, Raquel. — Forcei um sorriso. — Como foi seu dia?

— Bem. — Sua voz era plana. Ela estava em seus quarenta e tantos anos e poderia ser bonita se relaxasse. Ou se ela soltasse o cabelo. Mas nos três anos em que trabalho

com Rachel, eu só tinha visto seu cabelo loiro, com mechas grisalhas nas têmporas, preso em um coque.

Era curto? Longo? Nenhuma pista. Mesmo nas poucas vezes em que esbarrei com ela fora do trabalho, o cabelo de Rachel parecia o mesmo. Era por isso que ela era tão azeda? Aquele coque estava lhe dando dor de cabeça? Sua carranca estava sempre presente como seu penteado. Ela alguma vez já sorriu?

— Eu tenho um problema com um gráfico, Talia.

— Ok, — eu falei lentamente.

Não havia nenhum problema com o gráfico. Passei três anos sendo ensinada por essa mulher sobre exatamente quais caixas verificar, como ela queria que os médicos fizessem anotações e onde *suas* enfermeiras procuravam detalhes do paciente.

Dr. Anderson, Dr. Murphy e Dr. Herrera tinham suas próprias preferências de gráficos. Eles colocavam suas notas onde queriam. Rachel alguma vez lhes deu um sermão sobre seus gráficos? Não. Ela também não os chamava pelo primeiro nome. Eu era a médica mais nova da equipe e Rachel sempre encontrava uma maneira de me lembrar que eu era apenas uma residente.

Eu era apenas Talia.

Eu era apenas a garota que cresceu nesta pequena cidade de Montana e que a amou o suficiente, para se mudar para casa depois da faculdade de medicina. Voltei para casa

para retribuir à minha comunidade e, talvez algum dia, ganhar o respeito que o Dr. Anderson conquistou em suas décadas como o médico favorito de Quincy.

Ele não era apenas meu chefe, mas também era o homem que trouxe meus cinco irmãos e eu a este mundo. Ele era uma referência em nossa cidade. Rachel o questionou sobre gráficos meticulosos? Duvido.

— Devemos dar uma olhada? — Eu devolvi meu marcador para a prateleira do armário, então fechei, seguindo Rachel até o posto de enfermagem mais próximo.

Ela se sentou, clicando com fúria nos registros do hospital enquanto eu pairava sobre seu ombro. Quando ela puxou o gráfico, ela se mexeu para que eu pudesse ler a tela.

Era o histórico de Memphis. Minha cunhada veio para um exame de gravidez de rotina esta tarde. Eu escaneei as informações para ver qualquer coisa fora de lugar. Medicamentos prescritos? Nenhum. Pedido de exames? Apenas a análise de urina padrão. A frequência cardíaca do bebê? Normal. A enfermeira registou sinais vitais de Memphis.

— Qual é o problema? — Eu perguntei a Raquel.

— Suas anotações.

— As notas? — Acrescentei algumas frases rápidas afirmando que Memphis estava se sentindo bem e que seu peso e pressão arterial estavam na faixa normal.

— Não consigo ler essas notas e saber quais preocupações foram discutidas com o paciente.

— Você pode ler essas notas e ver que o paciente não tinha preocupações para discutir. — Eu mantive meu sorriso firme no lugar, mas caramba, essa mulher adorava me cutucar. Ela estava cutucando há três anos e estava me cansando.

Todo esse encontro era uma perda do meu tempo. E ela tinha acabado de quebrar minha sequência de treze dias.

Por que sempre ela? Era horrível eu desejar que ela se aposentasse mais cedo? Sua equipe de enfermagem era maravilhosa. Era uma alegria trabalhar com eles, e eu apostaria meu salário anual que nenhum deles se sentiria mal informado pelas notas de resumo no gráfico de Memphis.

Mas nada que eu fizesse parecia ser suficiente para Rachel. Ela via este hospital como dela e eu era a médica muito jovem e inexperiente vagando por seus corredores, invadindo seu território.

— Algo mais? — Eu perguntei. — Tenho planos para o jantar.

Memphis foi minha ultima paciente do dia e Knox veio junto. Meu irmão nunca perde nada quando se tratava de sua esposa e filhos. Depois do check-up, me convidaram para jantar, e eu raramente recusava a comida de Knox. Ele era dono do melhor restaurante da cidade e, embora as refeições no Knuckles fossem sempre excelentes, a verdadeira magia

ganhava vida quando ele cozinhava em casa para aqueles que mais amava.

O almoço de hoje tinha sido uma barra de granola velha e um shake de proteína. Meu estômago estava roncando há uma hora. Como se fosse uma deixa, retumbou.

Os olhos de Rachel caíram para minha cintura enquanto seus lábios se curvavam.

Este foi um teste, certo? Talvez Rachel estivesse simplesmente me fazendo passar por algum tipo de trote de médico residente. Talvez ela quisesse ter certeza de que eu tinha caráter para ser um dos médicos de Quincy. Por que mais ela seria tão desagradável? O que diabos eu tinha feito para que ela não gostasse de mim?

Nada. A resposta era nada. Então, isso tinha que ser um teste.

Bem, ritual de trote ou não, Rachel precisaria vir até mim com mais do que críticas e carrancas. Meu sonho era trabalhar no Quincy Memorial. Este era tanto o meu hospital quanto o dela. Minha família fundou Quincy, e gerações atrás, os Edens doaram dinheiro para ajudar a construir este hospital em primeiro lugar.

— Tenha uma ótima noite, Rachel. — Meu tom continha mais açúcar do que a sacola de Halloween de uma criança. Com um rápido aceno de dedo, me afastei da mesa e fui para o vestiário.

Estava vazio, então soltei um gemido enquanto girava a combinação na minha fechadura e abria a porta. Peguei o pano de microfibra que mantinha na prateleira e apaguei minhas marcas de contagem.

Zero. — Ugh.

Com sorte Rachel me deixaria em paz depois que minha residência terminasse. Era disso que eu precisava antes que ela me tratasse como os outros médicos? Uma licença médica completa?

Eu estava perto. Eu estava tão perto. Tive sorte depois da faculdade de medicina. Muitos hospitais de cidades pequenas não eram credenciados para receber residentes, mas o Dr. Anderson havia superando os obstáculos anos atrás para poder ter um residente de vez em quando. O Dr. Murphy tinha sido o primeiro. Então me candidatei e o Dr. Anderson me colocou sob sua proteção.

Nós não tínhamos falado sobre o momento de eu fazer meu exame de Doutorado , mas assumi que isso aconteceria nesta primavera. E depois de mais alguns anos, eu esperava ganhar minha certificação do conselho em medicina da família , assim como o Dr. Anderson.

Se eu obtivesse uma certificação, isso impediria os pacientes de me olharem de lado quando eu entrasse em uma sala de exames? Isso não acontecia o tempo todo. Acontecia menos do que há um ano. Mas ainda acontecia. Eu ainda ouvia as perguntas sussurradas.

Ela tem idade para ser médica? Tem certeza que ela sabe o que está fazendo? Um dos outros médicos não está disponível hoje?

A maior parte da reação que recebi foi de homens, especialmente os mais velhos. Mesmo com 29 anos, eu ainda era vista por alguns dos bons e velhos senhores de Quincy como a garota de Harrison Eden.

Eu era uma boa médica, certo? Dr. Anderson teria me dito se eu estivesse fazendo um trabalho ruim. Ele não me deixaria tratar as pessoas se pensasse ué eu faria mal a elas.

Minhas inseguranças sempre aumentavam depois de um confronto com Rachel.

Apertei a ponte do meu nariz e contei silenciosamente. *Um. Dois. Três. Quatro. Cinco*. A festa da autopiedade acabou. Com meu casaco preto por cima da blusa azul-bebê, pendurei minha bolsa no ombro e me dirigi para a porta.

O que eu precisava era de um bom jantar em família. Knox e Memphis estavam esperando por mim no saguão, e uma refeição quente em sua casa, mais uma hora de qualidade com meu sobrinho Drake, certamente melhoraria meu humor.

Em vez de pegar o corredor que levava à saída dos funcionários, abri a porta do saguão. A recepção estava vazia. Jenny, a enfermeira que trabalhava durante a semana, provavelmente tinha saído às cinco. Esta entrada era para compromissos agendados e visitas ocasionais. As portas aqui

seriam trancadas em breve, e se um paciente chegasse depois do expediente, teriam que ir ao pronto-socorro pedir ajuda.

Knox e Memphis estavam juntos no centro do saguão, conversando com um homem que estava de costas para mim.

O homem tinha a mesma altura de Knox. Ele tinha ombros largos e uma cintura estreita. Mesmo um moletom com capuz não conseguia esconder sua estrutura musculosa. E caramba, sua bunda valia uma segunda olhada. Não havia muitos caras em Quincy com esse tipo de físico, pelo menos nenhum que não fosse meu parente. Quem era aquele cara?

— Estou procurando uma médica que trabalha aqui, — disse o homem. — Talia Éden.

Eu congelo. *Não*. Não, isso não estava acontecendo. Não poderia ser ele. Exceto que eu reconheceria aquela voz em qualquer lugar. Mesmo que eu não a tivesse ouvido em sete anos.

Um choque de pânico percorreu meu corpo e corri para a recepção, praticamente pulando atrás do balcão. Meus joelhos estalaram contra o chão duro e brilhante, e estremeci, cerrando os dentes para não fazer barulho.

Caramba. O que ele estava fazendo aqui? Por que ele estava me procurando?

— Você pode tentar o ER, — disse Memphis. Eu a abraçaria por isso mais tarde, porque tinha certeza de que ela me viu com sua visão periférica quando entrei no saguão. — Talvez eles possam rastreá-la para você. Basta sair pelas

portas e descer a calçada para o outro lado do prédio. Você não vai se perder.

Eu me aproximei do balcão, tomando cuidado para não tocar a cadeira e fazer barulho.

— Obrigado. — Passos, então o zunido das portas duplas enquanto elas se abriam e fechavam.

Ufa. Soltei a respiração que estava segurando, mas meu coração ficou preso na garganta.

— A barra está livre, — Knox falou.

Eu me aproximei, meus olhos mal sobre a borda do balcão. — Ele se foi?

— Sim. — Knox assentiu. — Quer me dizer por que você está se escondendo de Foster Madden?

— Não. — Definitivamente não. Eu não falei sobre Foster Madden por uma razão.

Eu levantei e andei na ponta dos pés ao redor da mesa, meus olhos grudados nas janelas para o caso de Foster voltar. Mas a única coisa que vi nas calçadas foi neve. — Eu devo ir.

— E o jantar? — perguntou Memphis.

— Fica para a próxima.

Antes que eles pudessem me parar, eu fugi. Correr nunca foi meu forte, corridas de distância lentas e constantes eram mais minha velocidade, mas de jeito nenhum eu arriscaria esbarrar em Foster. Então eu saí do saguão, e

depois de uma rápida olhada na calçada para ter certeza de que ele tinha ido embora, fui até o meu carro.

Minhas mãos agarraram o volante com tanta força que meus dedos estavam brancos antes mesmo de eu sair do estacionamento escuro. Verifiquei meu espelho retrovisor não menos de duzentas vezes enquanto dirigia pela cidade, procurando por faróis que pudessem estar me seguindo para casa. Não foi até que eu estava dentro de casa, encostada no balcão da cozinha com uma taça de vinho, que me permiti respirar.

O que ele estava fazendo aqui? Sua vida estava em Las Vegas, exatamente onde o deixei. Exatamente onde ele ficou depois de partir meu coração. Por que ele estava procurando por mim agora? Por que, depois de todo esse tempo, ele veio para Montana?

Meu estômago se revirou. Eu não queria vê-lo. Eu não queria ouvir aquela voz ou olhar em seus olhos azuis tempestuosos. Sete anos e eu ainda não estava pronta para enfrentá-lo novamente. Se eu conseguisse evitá-lo por tempo suficiente, ele iria embora?

— Não, — eu murmurei. A menos que Foster tivesse passado por uma mudança completa de personalidade, ele acabaria me procurando. Seu apelido era Iron Fist por um motivo. Ele era tenaz e persistente. Inabalável.

Mas pelo menos eu o evitei esta noite. Ele não foi capaz de me pegar de surpresa. Tomei um gole da minha taça de

vinho, então a levei comigo para o meu quarto, onde tirei meu uniforme e tomei um banho para limpar o dia.

Meu cabelo escuro estava molhado e torcido em um nó quando voltei para a cozinha. Meu uniforme havia sido trocado por leggings e um moletom surrado da Universidade de Washington quando abri a geladeira e tirei uma caixa de ovos. Não era uma refeição Knox Eden, mas para esta noite, uma omelete teria que ser suficiente. Se eu tivesse ido jantar, Memphis e Knox me encheriam de perguntas.

Perguntas que eu não estava preparada para responder.

Papai sabia sobre Foster, mas só porque ele estava lá depois. Ele voou para Las Vegas para ajudar a me mudar e viu o meu pior. Mamãe sabia porque papai não guardava segredos dela, mas a única vez que ela mencionou o nome dele, eu implorei para ela nunca mais falar.

Isso tinha sido durante os dias difíceis. Minhas feridas haviam cicatrizado, principalmente, mas isso não significava que eu estava pronta para reviver a dor. Foi muito difícil. Muito humilhante.

Por que ele estava aqui? Depois de todo esse tempo, ele não tinha me esquecido?

Os ovos não caíram bem no meu estômago embrulhado, mas me forcei a comer. Seria a mesma refeição que eu faria no café da manhã, sem o vinho. Eu estava lavando meu prato quando a campainha tocou.

A esponja escorregou da minha mão, batendo na pia.

Era ele. Eu não conseguia ver a porta, mas de alguma forma, eu sabia que era Foster. A campainha tocou novamente, seguida por uma batida.

Por que não sequei meu cabelo? Por que eu não tinha vestido outra coisa? Um uniforme teria sido melhor do que enfrentá-lo com o rosto e os pés descalços. Havia um buraco no joelho dessas leggings e essa camisa teria ficado folgada nos meus irmãos.

Se eu não atendesse a porta, ele iria embora? Ou ele ficaria aqui a noite toda, sabendo que eu estava escondida aqui dentro? Se eu o ignorasse esta noite, ele viria ao hospital novamente? O último lugar que eu queria falar com Foster era no meu trabalho.

Então eu levantei minha taça, bebendo o resto do meu vinho para uma coragem líquida. No momento em que engoli a última gota, endireitei os ombros e caminhei pela casa.

Quanto antes isso fosse resolvido, melhor. Eu descobriria por que ele estava aqui, então o mandaria embora. Com alguma sorte, Foster partiria de Quincy pela manhã.

Meu coração batia tão forte que doía. Cada pulso ressoou em meus membros. Eu respirei fundo e segurei enquanto avançava pela entrada, meus passos em silêncio. Quando cheguei à porta, fiquei na ponta dos pés e apertei um olho no olho mágico.

Foster estava de perfil, seu olhar atravessado na varanda coberta. Ele deixou crescer a barba. Era uma bela barba.

Curta e aparada, para que você ainda pudesse distinguir os cantos marcados do maxilar. Mas meu Foster não tinha barba, apenas barba por fazer nos dias em que não se barbeava.

Uma pontada de dor perfurou meu coração. Este não era o meu Foster. Não havia nenhuma versão de Foster que me pertencesse. Não mais.

Ele levantou um dedo e apertou a campainha novamente. Então passou a mão pelo cabelo castanho chocolate, algo que obviamente estava fazendo muito esta noite porque as pontas estavam espetadas em ângulos estranhos.

Eu me agachei e esperei por mais três batimentos cardíacos agonizantes, então virei o ferrolho e abri a porta para Foster Madden.

O homem que namorei por um ano, dois meses e onze dias.

O homem que eu amei com todo o meu coração.

O homem que jurei esquecer.

A visão do olho mágico não lhe fez justiça. Ele era tão bonito quanto me lembrava. Talvez ainda mais agora que deixou crescer aquela maldita barba.

A idade só havia realçado suas feições robustas. Ele estava forte do que antes, anos gastos trabalhando seu corpo numa máquina de luta perfeita. Seu moletom preto esticado

em seu peito largo, moldando-se em seus ombros. Sua calça jeans pendia em seus quadris estreitos com um par de botas de motocicleta.

Quantas vezes eu havia traçado a protuberância no meio de seu nariz com a ponta do dedo?Quantas noites eu me afoguei naqueles olhos azuis profundos? Quantos beijos eu dei em seus lábios?

-Talia.

Deus,essa voz. Rouca e profunda. Meu nome. Nunca soou tão bem quanto na boca de Foster.

-O que você está fazendo aqui?

Ele estuda meu rosto. – Você não está surpresa em me ver?

-Não. Cruzo meus braços sobre meus seios enquanto o frio do lado de fora penetra em minhas roupas. – Eu vi você no hospital.

Seu queixo aperta. -Você me viu?

-O que você está fazendo aqui? Eu repito. – É como você sabia onde eu morava?

Não que seja difícil de descobrir. Quincy ainda não havia feito transição completa para a era moderna e o jornal local ainda imprimia uma lista telefônica anual, além de colocar as informações online.

Faz muito tempo, — disse ele. — Como você está?

Já faz muito tempo. Como você está? — Conversa fiada? Sério? Sua esposa sabe que você está aqui?

Ele ergue a mão esquerda, balançando o dedo anelar nu. — Eu não estou casado.

Quando ele se divorciou? Esse era o problema quando você jurava esquecer alguém. Isso significava que nos últimos sete anos, eu não tinha me permitido procurar por Foster.

Eu não tinha olhado suas redes sociais ou digitado seu nome no Google. Eu não tinha assistido a nenhuma de suas lutas pay-per-view, e caso o nome dele aparecesse na ESPN, eu desligava a televisão ou saia da sala. Meus irmãos gostavam de alugar lutas do UFC. Eu menti mais de uma vez sobre estar de plantão para evitar uma de suas festas.

— Por que você está aqui? — O tom na minha voz surpreendeu a nós dois.

A dor nublou seus lindos olhos. Sua garganta ficou tensa quando ele engoliu, então baixou o queixo.

O que ele esperava? Abrir meus braços e recebê-lo de volta em minha vida?

A dor em seus olhos desapareceu tão rapidamente quanto apareceu. E tudo o que restava era pura determinação. O olhar focado. A coragem. O maxilar flexionado. Era o visual que Foster usava no ringue de boxe, geralmente antes de vencer.

Ele enfiou a mão no bolso da calça jeans, tirando uma única chave de prata. — Aqui.

Eu a peguei enquanto ele a segurava, tomando cuidado para não deixar nossos dedos se tocarem. Ele não era meu para tocar. Não mais. — O que é isso?

— Meu apartamento.

— Seu apartamento. — Eu estreitei meus olhos. É melhor ele estar falando sobre um apartamento em Nevada.

Foster enfiou a mão no bolso de seu jeans novamente, desta vez tirando um pequeno pedaço de papel. Ele pegou minha outra mão e a abriu.

A eletricidade atingiu meu braço. As pontas calejadas de seus dedos enviaram formigamentos pela minha pele.

Seus olhos brilharam, como se ele tivesse sentido essa descarga também, quando colocou o papel na minha mão, então me soltou. — Esse é o endereço.

Ao ouvir o nome da rua, meu coração afundou. — Isto é em Quincy.

— Sim.

— Por que você tem um prédio em Quincy?

— Venha amanhã e você vai descobrir.

— Não.

Ele enfiou a mão no outro bolso desta vez, tirando uma pequena sacola de veludo em um tom familiar de azul-

petróleo. — Acho que isso fará com que seja um sim.

— O que é isto? — Eu perguntei quando ele entregou.

Foster não respondeu e não esperou que eu abrisse a sacola. Ele girou nos calcanhares e marchou pela minha varanda, correndo os poucos passos até a calçada. Então ele contornou o capô de uma caminhonete preta reluzente, ligou o motor e desceu o quarteirão.

Afastei-me da soleira quando suas luzes traseiras desapareceram, fechando a porta com um chute. A cada segundo que passava, a sacola ficava mais pesada.

Não abra.

Foster estava contando com minha curiosidade. Ele não respondeu uma única pergunta minha esta noite, em vez disso, me deixou com ainda mais do antes.

Não abra.

— Ugh. — Estiquei a parte superior da sacola e a virei, o item dentro caindo na palma da minha mão ao lado da chave.

Um anel. Um diamante de dois quilates, uma esmeralda, incrustada em uma faixa de ouro.

Engoli em seco quando o diamante brilhou na luz do teto. Como ele conseguiu esse anel? Por quê?

Na minha outra mão, amassei o papel em uma bola apertada, apertando o mais forte possível.

Então eu o abri.

Maldito seja. Eu deveria ignorá-lo. Eu deveria fingir que ele não existia. Mas considerando que eu não conseguia isso há sete anos, eu duvidava que fosse esquecer Foster Madden pela manhã.

CAPÍTULO DOIS

Foster

O toque do telefone bateu nas paredes do meu novo prédio. Eu o tiro do meu bolso. Jasper.

— Ei, — eu respondo.

— Ei. Apenas para saber as noticias. Como foi ontem?

— Poderia ter sido pior. — Ela poderia ter um homem atendendo sua porta na noite passada. Eu sabia que ela não era casada, mas um namorado teria tornado isso mais um desafio. Não é impossível, apenas mais um desafio. — Ela não bateu a porta na minha cara.

— Bem, você teria merecido se ela tivesse.

Eu rio. — Isso é verdade.

Jasper não era apenas meu treinador. Ele era meu amigo mais próximo e uma das únicas pessoas no mundo que sabia a verdade sobre minha situação. Sobre Talia. Sobre por que eu vim para Montana.

Essa era luta da minha vida.

Eram cinco rounds em uma luta. E depois da noite passada com Talia, tive a sensação de que precisaria de todos eles para vencer.

— Como está a academia? — ele perguntou.

— Vazia. Suja. Eu não sei se você poderia chamar esse lugar de academia. — Minha voz ecoou pelo espaço úmido. — Acho que é isso que eu ganho por comprar um prédio sem ver.

Do lado de fora, o prédio não era nada mais do que uma caixa quadrada pintada de um cinza fosco. *GYM* estava escrito na parede da frente em um tom desagradável de laranja de segurança. As letras não pareciam tão feias nas fotos que meu corretor havia enviado.

Havia um pouco de semelhança com as fotos. Mas estas mostravam um espaço iluminado e limpo com equipamentos obsoletos. Ou eles eram de uma década atrás ou ele tinha um mágico do Photoshop na equipe.

Independente disso, eu deveria saber que algo estava errado quando o encontrei uma hora atrás para pegar as chaves da academia e ele hesitou do lado de fora da porta da frente.

Eu esperava que o interior fosse melhor, mas a cada volta ao redor da sala, só piorava.

Os pisos de cimento estavam cobertos por uma camada de poeira. Cada telha do teto estava manchada com marcas de água. A maior parte da tinta era do mesmo cinza do exterior, mas havia cor laranja em uma parede inteira. Nenhum dos espelhos da parede na parte de trás não tinha rachaduras. E havia uma corrente de ar vindo de uma das janelas — ou talvez — de todas as janelas. A caldeira estava funcionando a todo vapor, o ventilador quase tão barulhento

quanto as hélices de um helicóptero, e não estava fazendo nada para cortar o frio de dezembro.

— Está muito ruim? — Jasper perguntou.

— Péssimo. O corretor me entregou as chaves e fugiu. Ele disse que tinha outro compromisso, mas tenho a sensação de que estava saindo antes que eu pudesse espancá-lo. Aquelas fotos que ele enviou eram mentira.

— O que você vai fazer?

Suspirei e passei a mão pelo meu cabelo. — Começar a trabalhar. Eu tenho que deixar utilizável.

Neste ponto, eu não tinha muitas outras opções. Este edifício ia ter que funcionar temporariamente.

Com o Natal em cinco dias, duvidava que conseguiria encontrar outro lugar para morar até depois do Ano Novo. O hotel estava lotado – dez minutos depois de entrar pela porta da academia, liguei para o The Eloise Inn e pedi para estender minha reserva. Mas o hotel estava lotado durante as férias. Eu tinha duas noites antes que meu quarto fosse para o próximo hóspede. E todos os motéis, VRBO e Airbnb num raio de oitenta quilômetros foram reservados.

Depois do feriado, poderia procurar uma casa melhor. Mas eu precisava de uma academia. Meu treinamento foi adiado o suficiente nas últimas semanas, lidando com tudo em Las Vegas.

Por fim, eu poderia reformar este lugar. Ou poderia derrubá-lo e construir do zero. Mas isso levaria meses. E não tinha meses. Então me contentaria com este lugar. Eu tornaria habitável o pequeno apartamento de um quarto da academia. E enquanto isso, eu convenceria Talia a ouvir o que eu tinha a dizer.

Se havia uma coisa para mim, era o elemento surpresa. Parte do motivo de eu ter comprado essa merda foi porque estava vazio. Consegui pagar em dinheiro fechando rapidamente. Isso foi apenas uma semana atrás. Talia ficou surpresa com o endereço que eu dei a ela na noite passada, o que significava que não sabia que eu estava me mudando para Quincy.

Eu estava apostando na curiosidade natural de Talia para trazê-la aqui hoje. Eu precisava vê-la novamente. Eu precisava vê-la uma centena de vezes. Talvez, então, eu percebesse que isso não era um sonho.

Sete anos eu esperei por essa chance. Sete malditos anos e eu não podia arriscar estragar tudo.

— Você falou com Kadence? — Jasper perguntou.

— Noite passada. — Caminhei em direção à porta aberta do apartamento.

Estava em tão mau estado quanto o ginásio. O quarto estava vazio. Eu me considerei sortudo por um animal não ter decidido se abrigar do clima de inverno no armário. Mas o tapete estava manchado e o ar cheirava a de xixi de gato.

Examinei o pequeno espaço e a cozinha anexa. Ainda não tive coragem de abrir a geladeira e ver o que estava crescendo lá dentro. O banheiro precisaria de alguns litros de alvejante antes que minha pele entrasse em contato com o chuveiro ou vaso sanitário.

Na lista de reformas, este apartamento estava no topo.

— É temporário, — eu disse a Jasper. E a mim mesmo.

— Você tem certeza?

— Finalmente estou livre. — Fiquei preso por tanto tempo que nem sabia como agir por vontade própria. Mas era hora de reconstruir a vida que perdi. A vida que eu tinha em minhas mãos antes de estragar tudo.

— Estou ouvindo, — disse Jasper. — O que eu posso fazer?

— Nada. Eu vou solucionar.

— Faça-me um favor? Treine hoje.

— A limpeza conta? — Para deixar este lugar pronto, eu estaria trabalhando duro.

— Isso funciona, — disse ele. — Como está sua cabeça?

— Não está bem , — eu admiti.

Esta foi a primeira vez na minha vida que não tive motivação para treinar. Lutar. Agora que Arlo estava morto e não me pressionava mais para vencer, vencer, vencer, eu apenas... não importava.

Eu precisava encontrar essa motivação porque terei uma luta no primeiro fim de semana de março. Talvez Talia pudesse ajudar. Se eu pudesse fazê-la ouvir.

— Não se preocupe, — eu disse a Jasper. — Estarei pronto.

— Quando devo ir?

Suspirei e voltei para a academia, seguindo minhas próprias pegadas na poeira. — Me dê um tempo.

— Você não tem tempo.

— Eu sei, — eu murmurei. E não tinha tempo a perder limpando uma velha academia e tornando um apartamento de baixa qualidade habitável. No entanto, aqui estava eu.

Por Talia.

— Ligue-me em breve, — disse Jasper.

— Se eu não falar com você, Feliz Natal.

— O mesmo para você.

Terminei a ligação e enfiei meu telefone no bolso da calça jeans. Então andei em direção à parede laranja feia *pra* caralho. A cor estava me dando uma enxaqueca, mas teria que esperar. A primeira ordem do dia era limpar o apartamento.

Fiz acordos para que os móveis fossem entregues na sexta-feira. Havia tapetes para arrancar e quartos para varrer. Então eu iria enfrentar o ginásio.

Meu estômago estava dando um nó enquanto eu andava para a extremidade oposta do espaço, espiando por uma das janelas sujas. Ela viria hoje? Aquele anel tinha despertado seu interesse o suficiente?

Minhas mãos suavam enquanto eu andava de um lado para o outro do edifício novamente. Eu não ficava tão nervoso há anos. Meu telefone tocou no meu bolso. O toque de Vivienne. Jasper provavelmente ligou e disse-lhe para ligar.

— Ei, — eu respondi. — Tudo certo?

— Sim, — disse ela. — E você?

— Estou bem. É... estranho.

— Eu sei. Eu estava pensando nisso mais cedo quando estava andando pela casa. — Vivienne era a única no mundo que entenderia. Porque eu não era o único que tinha acabado de ser libertado. Ela tinha também. — Mas um estranho bom, sabe?

— Sim, Vivi. É um estranho bom.

— Como está Montana?

— Frio, mas estou feliz por estar aqui. Estarei ocupado arrumando o lugar.

— Como é?

Horrível. — Bem. — Eu não contaria sobre o estado real da academia. Ela a veria, se soubesse que era ruim, se preocuparia.

— Você vai ligar mais tarde?

— Pode apostar. Tenha um bom dia.

— Você também. Boa sorte.

Ao lado de Jasper, Vivienne era minha melhor amiga. Ela sabia por que eu estava em Montana. Ela sabia que Talia sempre esteve em meu coração.

Ao longo dos anos, ela foi a única a ficar de olho em Talia. Principalmente, Vivienne tinha feito isso para me poupar o desgosto de ver fotos de Talia com outro homem. Então, ela verificava aleatoriamente as postagens das redes sociais. Ela pesquisava o nome de Talia no Google e via se alguma coisa havia mudado em Eden.

O fato de Talia não estar casada era um milagre. Meu milagre.

No dia em que Vivienne e eu assinamos nossos papéis de divórcio, ela me encorajou a correr esse risco. Ela fez tudo ao seu alcance para me ajudar a chegar a Montana.

Eu estava aqui. Hora de trabalhar.

— Ok. — Bati palmas, o som enchendo a academia. Eu parei na loja de ferragens esta manhã para alguns materiais de limpeza, sabendo que teria que fazer algum trabalho. Eu não esperava tanto trabalho e meu estoque não duraria muito, mas isso me faria começar.

Dei um passo para a porta, mas ela se abriu. E lá estava ela.

— Talia. — Minha voz soou rouca. — Você veio.

Ela assentiu, olhando-me de cima a baixo. Então ela levantou a mão, a bolsa de veludo pendurada em seus dedos. — Você sabia que eu viria.

— Esperava. — Sim, eu a atraí com aquele anel. E eu faria de novo.

Ela desviou o olhar e deixou a porta se fechar. Então entrou e colocou uma mecha de seu cabelo escuro e sedoso atrás da orelha. Ontem à noite, ela o tinha em um coque. Hoje, estava enrolado em ondas que pendiam quase até a cintura.

Porra, ela era linda. Eu teria jurado que ela não poderia ficar mais deslumbrante, mas ela conseguiu o impossível.

O ar saiu de meus pulmões. Meu coração batia rápido demais. Ver Talia foi como ser atingido no peito. Tinha sido o mesmo na noite passada. Quantas vezes eu desejei ver o seu rosto, ficar na mesma sala e respirar o mesmo ar só mais uma vez?

Por baixo do casaco preto, ela usava um uniforme azul-bebê que realçava seus olhos cor de safira. Um homem poderia encontrar o segredo da vida naqueles olhos.

Talia caminhou para o centro da sala, olhando para todos os lugares, menos para mim.

— Você é uma médica. — *Porra. Legal, Madden. Maneira de dizer o óbvio.*

— Sim.

— Esse sempre foi o seu sonho. — Não me surpreendeu nem um pouco que ela tivesse tornado isso realidade.

Talia empurrou a manga de seu casaco, batendo em seu relógio. — Estou no intervalo e preciso voltar ao hospital. O que você quer, Foster?

Você. — Eu queria ver você. Dizer que eu estava na cidade. Pensei que talvez pudéssemos colocar a conversa em dia. Ir jantar ou algo assim. O restaurante do hotel é muito bom. Eu comi lá ontem à noite.

— É o restaurante do meu irmão. — Ela cruzou os braços sobre o peito, ainda andando em círculos ao redor da academia. — Por que você comprou este prédio?

— Porque eu preciso de um centro de treinamento. A outra academia da cidade é pública. Eu precisava de algo que pudesse adaptar para mim. Colocar um ringue. Sacos pancada. Tapetes. Esse tipo de coisas. Além disso, tem um apartamento que funcionará até que eu consiga comprar uma casa.

Os deslumbrantes olhos azuis de Talia se arregalaram. Ela parou de andar e apontou para o chão. — Você vai morar aqui? Em Quincy?

— Sim.

— Por que?

Não era óbvio? — Você sempre falou sobre Quincy. Sobre como sua família fundou a cidade. Como era um lugar onde as raízes eram profundas. Eu decidi que me mudaria, por que não Montana? Era hora de uma mudança. Hora de sair de Vegas.

— Uma mudança. — Seus olhos se estreitaram. — O que Vivienne pensa sobre essa mudança?

— Isso importa? Ela não é minha esposa.

Havia tanto a dizer. Tanta coisa para explicar. Mas havia um fogo nos olhos de Talia, e se estivesse com raiva, ela não me ouviria. Talvez, não estivesse pronta para o que eu tinha a lhe dizer. E eu precisava que ela me *ouvisse*. Para ouvir a verdade.

— Que tal jantar hoje à noite? — Eu perguntei.

Ela levantou o queixo. — Há quanto tempo você está planejando essa mudança?

— Não muito.

— Estou surpresa que ninguém sabia. — Ela riu. — Foster Madden se mudar para Quincy é uma grande notícia.

E foi exatamente por isso que eu me certifiquei de manter sigilo na compra deste prédio.

— Quando você comprou este anel? — Ela ergueu a bolsa novamente. — Era dela?

— Não, isso nunca foi de Vivienne. — Aquele anel sempre foi para Talia.

Ele ficou trancado no meu cofre até que finalmente, consegui dar a ela na noite passada.

— Há muito o que falar. Se você tem que voltar ao trabalho, então esta noite. O que você diz? Jantar?

Ela cruza os braços ao redor de seus seios e ela começa a andar novamente. — Não. Não acho que seja uma boa ideia.

— Por que não?

— Porque eu não quero ver você, Foster. Eu não quero você na minha cidade.

— Tarde demais.

Suas narinas se dilataram.

Merda. Eu sempre amei a natureza firme de Talia. Quando os outros entravam em pânico, ela ficava calma. Era parte da razão pela qual eu sabia que ela seria uma médica incrível. Mas de vez em quando, ela ficava brava. E quando alguém apertava os botões certos, Talia Eden tinha um temperamento incomparável.

Então, antes de explodir e realmente irritá-la, mudei de assunto.

— Há muito a ser feito para reformar este lugar. Essa parede laranja tem que desaparecer. Mas acho que o prédio em si vai funcionar. Vou colocar o ringue aqui. — Marcando um contorno na poeira, fiz um quadrado no centro do chão, então apontei ao redor da sala enquanto falava. — Vou

colocar tapetes naquele canto. Pendurar sacos de boxer nessa viga. Colocar uma esteira e uma bicicleta ergométrica.

— Você não pode estar falando sério sobre isso.

— Eu estou. Tenho uma luta em março e estou tendo dificuldade em me concentrar em Vegas. Uma mudança de cenário deve ajudar. Talvez alguns rostos novos. Você sempre foi boa em me manter focado. Talvez possa contar com sua ajuda.

Ela deu uma leve sacudida de cabeça. Era o mesmo olhar que as pessoas tinham depois que você tocava a campainha. Eu tinha a cabeça dela girando. — Você está me pedindo para ajudá-lo a se preparar para uma luta?

Não, eu estava convidando-a para jantar. — Algo parecido. Poderíamos falar sobre isso hoje à noite.

— O quê?

— Jantar, Tally. — Foi um erro usar seu apelido. Eu soube no momento em que sua expressão ficou em branco. Foi-se a confusão. Foi-se a raiva.

Ela me cortou mais rápido do que eu poderia piscar.

— Saia de Quincy, Foster. — Ela marchou pelo chão. — Eu não quero você aqui.

O ar frio correu para dentro quando ela abriu a porta e saiu intempestiva.

— Porra. — Eu arrastei uma mão sobre o meu rosto. Um tom de veludo azul-petróleo chamou minha atenção.

O anel.

Ela o deixou cair no chão.

Aproximei e o peguei, segurando-o em minha mão por um longo momento.

Eu estava forçando demais? Muito rápido? Essa era a única maneira que eu sabia como agir. Mas foi exatamente como perdi Talia, em primeiro lugar.

— Primeiro round.

A primeira rodada estava encerrada. E eu levei uma surra.

ROUND 2

CAPÍTULO TRÊS

TALIA

Tally.

Ninguém me chamava de Tally. Nem meus pais, meus irmãos ou meus amigos. Todos usavam meu nome completo.

Exceto Foster.

Ele achou que era tão apropriado, não apenas por causa do meu nome, mas porque eu sempre transformava tudo em números. Eu assisti a todas as suas lutas e sparrings com um bloco de notas no meu colo cheio de linhas minúsculas.

Golpes acertados versus tentativas. Chutes versus socos. Quedas e submissão.

As contagens tinham sido uma maneira de controlar meus nervos. Se eu estava ocupada contando, então me preocupava menos com ele sendo chutado nas costelas ou socado no rosto.

Assim como contar meus bons dias no hospital. Essas marcas, mesmo quando tinha que apagá-las, me davam um foco positivo. Um objetivo.

Tally.

Eu não era Tally há muito tempo. Até ontem.

Era como voltar no tempo, para os dias em que Foster tinha sido a maior parte da minha vida. Nos dias em que esteve tão perto que poderia muito bem ter sido a batida do meu coração.

E o anel...

Por quê? Por que ele comprou aquele anel? Especialmente, se não fosse para sua esposa. Quando ele comprou?

Parecia exatamente com o anel que eu lembrava, mas isso era impossível. Ele não teria comprado um anel para mim quando se casou com Vivienne. Mas ainda assim, era tão familiar. Dolorosamente familiar.

Eu nunca esqueceria o dia em que vi aquele anel.

O chefe de Foster pediu-lhe para buscar uma encomenda, um par de brincos que era um presente para sua filha. Então fui com ele na Tiffany's, porque naquela época éramos inseparáveis.

Enquanto esperávamos que a vendedora trouxesse os brincos, Foster e eu passeamos pela loja. Ele me desafiou para um jogo. Ele me pediu para escolher meu anel favorito e ele tentou adivinhar qual era.

Ele acertou no primeiro palpite.

Por que de todos os anéis elaborados e brilhantes, ele sabia que eu escolheria algo simples e delicado.

Um anel que eu poderia colocar e tirar com facilidade. Um anel que eu poderia usar em uma corrente em volta do meu pescoço no trabalho sem que a pedra cravasse na minha pele. Um anel que ficaria lindo no meu dedo, mesmo quando minha pele estivesse rachada e seca pela lavagem frequente das mãos e luvas descartáveis.

Isso foi uma semana antes de ele me dizer que estava se casando com Vivienne.

Uma semana antes de ele partir meu coração.

Ele não podia estar aqui. Ele não podia viver em Montana. Nos veríamos. Não havia como não nos encontrarmos na Main ou em uma loja. Quincy era muito pequeno para evitar um homem como Foster. De alguma forma, eu tinha que convencê-lo a ir embora. De alguma forma.

Mas primeiro, eu precisava limpar minha cabeça. Eu precisava resolver meu coração. Então, esta manhã, depois de tomar banho e tomar um café da manhã rápido, saí de casa e vim para o lugar onde sempre encontrei paz.

Casa.

Dirigindo o meu Jeep Wrangler preto, desci a estrada até a casa da mamãe e do papai, passando sob o arco fechado do Eden Ranch. Além das cercas que margeiam a estrada, os prados cobertos de neve se estendiam por quilômetros. Pinheiros cobriam o sopé da montanha, seus galhos polvilhados de branco.

Um trator verde com um fardo redondo em seus garfos rolou pelo pasto além da minha janela. Uma fila de vacas Angus pretas trotava atrás dela, cada uma usando a marca Eden em suas costelas – um E acima de uma curva na forma de um corredor de cadeira de balanço.

Adorava o rancho. Adorava os espaços abertos, o legado da família e os animais. Durante toda a minha infância, eu planejei me tornar uma veterinária. Eu queria me especializar em animais de grande porte para poder ajudar na fazenda com gado e cavalos.

Até que meu primeiro ano no ensino médio e uma noite de inverno mudaram meu destino.

Minha professora de inglês, a Sra. Haskins, estava grávida de oito meses na época e a poucos dias de sua licença maternidade. Era março e uma enorme tempestade de neve havia chegado na cidade. A previsão do tempo não havia previsto sua gravidade. Em um momento, estávamos vendo flocos pesados caírem no chão e, no próximo, um branco puro. A maioria das estradas estava fechada apenas para viagens de emergência e, como minha família morava no campo, era impossível para meus pais chegarem e nos buscar.

Então, minha irmã gêmea, Lyla, e eu reunimos nossos irmãos mais novos, Mateo e Eloise, para esperar. A Sra. Haskins ofereceu sua casa como um lugar para ficarmos até que a tempestade passasse.

Nós caminhamos os dois quarteirões até a casa dela e todos nós esperamos lá dentro. Seu marido trabalhava para o departamento de transporte e estava dirigindo um limpa-neves, então ela estava feliz por nossa companhia.

Até que suas contrações começaram.

Chamamos 9-1-1 por uma ambulância, mas quando eles chegaram, eu estava segurando uma menina recém-nascida viscosa em meus braços.

Eu nunca tive tanto medo na minha vida.

Talvez eu tive a coragem de ajudar porque estava tão focada em ser veterinária. Eu vi papai puxar muitos bezerros. Mas a partir daquele momento, meu caminho mudou.

Mamãe sempre disse que me tornar médica era minha vocação.

E se eu tivesse entendido errado? E se eu tivesse ficado e trabalhado aqui? Eu não teria que lidar com as Rachels do mundo. E eu não teria conhecido Foster.

Afastei essas dúvidas enquanto me aproximava da casa. O rancho estava movimentado com atividade esta manhã, os homens contratados se preparando para sair para o seu dia. Quando um caminhão passou com alguns caras na cabine, acenei e estacionei ao lado do novo Cadillac de mamãe.

Todos os anos, papai comprava para ela o modelo mais recente. Desta vez, ele lhe deu um Escalade porque ela

insistiu em muito espaço para manter cadeirinhas para seus netos.

— Talia. — Griffin estava atravessando a varanda de mamãe e papai enquanto eu saltava do meu jipe.

— Oi. — Sorri, encontrando-o na base dos degraus.

Em uma mão, Griff tinha uma caneca de viagem. A outra estava levantada, abrindo espaço para um abraço de lado. Ele cheirava a vento e sabão com um toque de fumaça, provavelmente do aquecedor em sua casa. A cada dia que passava, ele me lembrava mais e mais papai.

— Você parece cansada. Você está bem? — ele perguntou. Griff assumiu a responsabilidade de ser o irmão mais velho para se certificar de que estávamos todos bem. Novamente, muito parecido com papai.

— Bem, — eu menti. As olheiras sob meus olhos eram de duas noites sem dormir inquieta por Foster. — O que você está fazendo?

— Acabei de deixar as crianças. — Ele me soltou e colocou o polegar sobre o ombro. — Mamãe está tomando conta hoje enquanto eu saio e pego um pouco de lenha. E você? Não está trabalhando hoje?

— Não. Estou de plantão durante todo o fim de semana, então tenho hoje de folga. — Minha agenda era errática na melhor das hipóteses. Os turnos padrão foram reservados para o Dr. Anderson, e o resto de nós preenchíamos lacunas. — Pensei em sair e levar Neptune para um passeio. Papai

disse que você tinha a maioria dos cavalos ainda reunidos depois que trocaram as ferraduras.

— Sim, eles estão todos no pasto de pós-parto. Vou pedir a um dos caras que a leve para os estábulos e a sele para você.

— Eu posso fazer isso.

— Isso vai te poupar o problema. Entre. Pegue um café e um dos muffins da mamãe. Neptune estará pronto em trinta.

— Ok. — Eu sorrio. — Isso me dará tempo com as crianças.

— Até logo. — Griffin partiu para o celeiro.

O Eden Ranch era um dos maiores do estado, foi construído por gerações de nossa família. O coração de Griffin pertencia a Winslow e seus dois bebês. Mas além de sua família, meu irmão amava esta terra.

Eu não conseguia imaginá-lo de terno e gravata, trabalhando em um escritório. Ele pertencia a um par de Wranglers desbotados e botas de cowboy gastas com um casaco Carhartt de lona nas costas e um Stetson empoeirado na cabeça.

O cheiro de feno e gado flutuava na brisa suave enquanto eu subia os degraus da varanda da minha casa de infância. Meus pais haviam se aposentado nos últimos anos, mas esta casa sempre pareceria a sede do rancho. Depois de sua casa de madeiras estava o celeiro que meu avô havia

construído. Ao lado estavam os estábulos e o escritório, acréscimos que papai havia feito quando estava no comando.

Abri a porta da frente e inalei açúcar, mirtilos e limão. Cheira melhor dentro ou fora?— Olá!

— Talia, você pode me trazer aquele balde de cinco quilos de farinha ao lado da porta? — Mamãe gritou.

— Claro. — Tirei meu casaco e o pendurei em um gancho de ferro na entrada, depois levantei o balde pela alça e o arrastei pelo corredor. — Onde deixo?

— Na despensa, por favor. — Ela apontou com um dedo coberto de massa.

Eu o coloquei no chão, então me movi ao redor da ilha para inspecionar o que quer que ela estivesse fazendo. — Torta? Cheira bem.

— Estou adiantando a preparação de Natal. Isso vai para o congelador. — Ela beijou minha bochecha, então foi até a pia para lavar as mãos. — O que você está fazendo hoje?

— Pensei em sair e dar uma volta.

O que eu mais amava na casa dos meus pais era que a fechadura da porta da frente estava sempre aberta. Eles não esperavam telefonemas antes de aparecermos. Eles estavam acostumados a visitantes não anunciados e nem uma vez eles me fizeram sentir como se eu estivesse interrompendo.

Esta era a nossa casa, não importa quantos anos tivéssemos.

Fui até o armário onde ela guardava as xícaras de café e tirei uma caneca.

— Adivinha com quem eu esbarrei na loja ontem, — mamãe disse, pegando sua própria caneca.

— Quem? — Eu perguntei enquanto preenchia sua caneca, depois a minha.

— Bonnie Haskins.

— Sério? — Eu rio. — Eu estava pensando nela no caminho.

— Ela estava com Marie. Essa garota está crescendo como uma erva daninha.

Marie, o bebê que eu dei à luz durante aquela tempestade de neve. Nomeada com o meu nome do meio.

A última vez que vi Marie foi no hospital. Ela veio para seu exame físico esportivo anual. — Ela é tão fofa.

— Ela vai dar aos garotos do ensino médio uma corrida pelo dinheiro deles.

— Você não está errada. — Eu sorrio e bebo meu café.

Era por isso que eu morava em Quincy. Para que Marie Haskins crescesse diante dos meus olhos. Para que Hudson, Emma e Drake fossem mimados por sua tia Talia.

Uma pequena risadinha soou da sala de estar. — Ouvi dizer que você está tomando conta deles hoje.

— Seu pai está de plantão até eu colocar essa torta no forno. Mas vamos ter um dia divertido. Comprei tinta e pincéis.

— Você os mima.

— Inferno sim, eu faço.

— Eu vou dizer oi. — Deixei meu café no balcão e fui para a sala, onde papai estava no chão com três bebês. Emma, sete meses de idade, estava deitada em um cobertor com os dedos dos pés nas mãos, tentando enfiar um pé na boca.

Seu irmão de um ano e meio, Hudson, estava batendo dois quadrados juntos. Drake, filho do meu irmão Knox, estava brincando com papai, rindo enquanto tentava fazer cócegas nele.

— Isso parece divertido.

Hudson deu uma olhada em mim e os blocos foram esquecidos. Ele se levantou e ergueu as mãos. — Uh. Uh.

Acima. Acima.

— Ei amigo. — Eu o peguei em meus braços e beijei sua bochecha. Então outro garotinho bateu na minha perna, eu me abaixei e levantei Drake também. Meus irmãos sempre me provocavam por ter febre de bebês. Eu queria filhos. Algum dia. E até esse dia chegar, esses bebês eram minha solução. — Como estão meus homens hoje?

Drake respondeu com uma série resmungos.

— Ah. Bem, isso soa excelente. — Coloquei os dois no chão e sentei com eles. — Olá pai.

— Oi, querida. O que você está fazendo hoje?

— Eu saí para levar Netuno para um passeio. — Brinquei com os blocos de Hudson, ajudando-o a fazer uma pilha.

— É um dia bonito. O sol está brilhando. — Não importa a temperatura, quente ou fria, papai considerava qualquer dia com sol dourado.

— Pensei em passar pelo hotel esta tarde, — eu disse. — Ver se Eloise precisa de ajuda antes da correria do Natal. Falei com Lyla esta manhã e ela estava estranhamente calma, considerando como está ocupada.

Papai riu. — Pensei a mesma coisa quando falei com ela ontem. Mas você sabe que não vai durar. Ela estará morta de pé quando o Natal chegar na próxima semana.

A cidade inteira estava enfeitada para os feriados com guirlandas, luzes e árvores aparadas. Lyla era dona do café em Quincy e passou três horas na outra noite pintando a vitrine do Eden Coffee com flocos de neve.

Ela tinha clientes entrando em sua porta desde o momento em que abria às seis da manhã até o fechamento às sete da noite. Metade eram moradores locais que fizeram pedidos especiais de doces de Natal. Metade eram turistas na cidade para curtir as festividades.

Lyla estaria exausta quando o Ano Novo terminasse. Assim como Eloise e Knox. Mas eles teriam ajuda. Os Edens ajudam uns aos outros, sem hesitação.

— O que há de novo no hospital? — papai perguntou.

— Nada realmente. — Não havia muito que eu pudesse dizer a ele, mas de vez em quando, eu reclamava de Rachel.

Hudson deu um soco na minha pilha de blocos, então deu uma risadinha, e os empilhei novamente.

— Você está bem? — Os olhos de papai se estreitaram no meu rosto. — Algo está incomodando você.

Não havia sentido em negar isso ao papai. Ele sempre foi capaz de ler meu humor. E eu prefiro que ele ouça isso de mim do que o boato em Quincy. Knox não mencionou ter encontrado Foster no hospital no início desta semana, mas as chances eram de que isso aconteceria mais cedo ou mais tarde. Não tivemos muitos lutadores famosos do UFC em Montana.

— Foster Madden está na cidade.

— O que? — Ele se endireitou, baixando a voz. — Por que? O que ele quer?

Não conversávamos sobre Foster há anos. Knox me provocou por ser muito reservada para o meu próprio bem. Mas eu estava feliz por não ter que explicar a situação de Foster para todos. Foi uma história que não tive coragem de compartilhar.

Lyla sabia que eu estava namorando alguém e que tínhamos terminado quando fui para a faculdade de medicina. Eloise sabia o mesmo. E meus irmãos, bem... eles evitavam a vida amorosa de suas irmãs.

— Ele afirma que está se mudando para cá, — eu disse. — Ele comprou aquela academia vazia na Lower Clark Fork Road.

O dono anterior tinha falido quando eu estava no ensino médio, e a academia estava vazia há anos. Simplesmente não havia pessoas suficientes em Quincy para sustentar duas academias, especialmente quando a Firehouse tinha novos equipamentos e aulas de ginástica.

— Você falou com ele? Papai perguntou.

— Sim.

— E?

Dei de ombros. — Eu não quero que ele more aqui. Mas acho que não tenho muita escolha.

A boca do papai era uma linha reta. — Sabe, pensei em comprar aquele prédio como investimento. Caramba.

—É... estranho. — Tenho a sensação de que, mesmo que não houvesse prédio, Foster teria vindo de qualquer maneira. Forcei um sorriso e corri meus dedos pelo cabelo loiro de Drake. — Eu vou ficar bem. Foi há muito tempo. Apenas um choque. Mas vou cavalgar. Tomar um pouco de ar. Então estarei como nova.

— Quer companhia? — ele perguntou.

— Eu diria que você está com as mãos cheias. — Eu me abaixei para beijar a testa de Emma, então me levantei. — Vejo você daqui a pouco.

Depois de uma rápida parada na cozinha para me despedir de mamãe, fui para fora, pegando um par de luvas e um gorro do meu carro. Então, fechei meu casaco até meu pescoço e e fui para os estábulos.

— Seu cavalo está pronto, doutora. — Um empregado me saudou tocando a aba de seu chapéu enquanto caminhava para fora do estábulo.

— Obrigada. — Eu sorri, então entrei. Neptune estava na baia mais próxima. — Ei, garota.

Ela bufou, batendo contra a minha mão enquanto eu acariciava sua cara cinza manchada.

Neptune era um dos oito cavalos que papai havia comprado anos atrás. Eloise insistiu em nomeá-los todos e, na época, estava fazendo um trabalho escolar sobre o sistema solar. Então cada um de nós irmãos, além de mamãe e papai, tínhamos um cavalo com o nome de um planeta.

— Como está minha linda garota? — Eu murmurei, abrindo a porta para levá-la para fora.

Caminhamos um pouco, saindo dos estábulos dando uma volta no curral antes de eu fazer alguns ajustes na minha sela. Então coloquei meu pé esquerdo em um estribo e

me ergui, acomodando-me no assento antes de passarmos por um portão – o empregado o havia aberto para mim – e fui para o campo.

Papai estava certo. Era um dia bonito. O sol cortava o frio do ar. Os raios refletiam na neve e, no dorso do meu cavalo, meu humor melhorando instantaneamente.

— Foster está aqui, — eu disse a Neptune porque meu cavalo era o melhor ouvinte. — Eu não tenho ideia do que ele espera de mim, além de querer sair para jantar e conversar.

Neptune bufou.

— Sim. É o que eu acho também. É tudo uma merda. Sem ofensa. — Afrouxei as rédeas, deixando Neptune ganhar velocidade a um trote. — O que poderia dizer depois de tanto tempo?

Neptune não teve uma resposta desta vez.

Nem eu.

Cavalgamos em silêncio por horas,fazendo uma trilha errante na neve até que o ar fresco limpou a neblina da minha mente.

Peguei o caminho longo e familiar para o meu lugar favorito no rancho.

Garnet Flats.

Na primavera, os prados seriam de um verde exuberante pontilhado de flores silvestres em vermelho, amarelo, branco e roxo. No verão, a seiva quente dos pinheiros infundia no ar o

cheiro de pinho. No outono, as folhas mudavam, colorindo o sopé das montanhas antes de dormirem em um inverno branco. Cem hectares de pura beleza.

Meu sonho sempre foi construir uma casa aqui. Para experimentar as estações através de cada nascer e pôr do sol. Enquanto eu olhava através da neve, meus olhos inundaram.

Esse sonho incluiu Foster uma vez.

Pela primeira vez na minha vida, doeu estar aqui.

Com um toque na perna e um puxão nas rédeas, me afastei do prado. Neptune e eu voltamos aos estábulos a galope e, quando chegamos, estávamos ambos sem fôlego.

Depois de guardar minha sela, cuidar de Neptune e levá-la de volta ao pasto para se juntar aos outros cavalos, voltei para a casa de mamãe e papai. Eu não queria ir para casa, então não fui. Amanhã, o trabalho seria uma distração bem-vinda, mas por hoje, eu ficaria com minha família.

Pintei com minha sobrinha e sobrinhos. Mamãe me fez um sanduíche de presunto e queijo grelhado para o almoço antes de eu ajudá-la a colocar as crianças para dormir. E toda vez que papai fazia contato visual, eu sorria, fazendo o meu melhor para tranquilizá-lo de que estava bem.

Não foi até que o sol estava abaixando no horizonte que eu, finalmente disse adeus e subi no jipe. Então peguei o caminho mais longo para casa saboreando o pôr do sol rosa e laranja atrás das montanhas irregulares, que cercavam o vale

de Quincy. E quando virei na minha rua, estava quase escuro.

Só não tão escuro que não visse, a caminhonete preta com placas de Nevada estacionada na frente da minha casa.

— Homem irritante e obstinado. — Cerrei os dentes e virei no beco para estacionar na minha garagem. Depois de entrar, caminhei pela casa e abri a porta da frente para encontrar Foster na minha varanda. — Por que você está aqui?

— Jantar. — Ele ergueu um saco plástico do nosso restaurante mexicano local. Por outro lado, ele tinha uma garrafa de vinho branco.

— Deus, você é teimoso.

— Está um pouco frio para um piquenique. Vai me deixar entrar?

— Não. — Cruzei os braços sobre o peito.

— Você está saindo com alguém?

— Eu não consigo ver como isso é da sua conta.

— Isso é um não. Vamos, Tally-Talia, — ele corrigiu. — É apenas um jantar.

Nunca seria apenas um jantar. Não com Foster. — Não.

— Bem. — Ele enfiou o vinho debaixo do braço e usou a mão para pegar no bolso, tirando aquela maldita bolsa azul. — Você deixou isso na academia.

— Sério? Pare com o anel. — Ele não percebeu o quão difícil era para mim ver isso?

— É seu.

— Quando você comprou?

Ele segurou meu olhar. — Logo depois que você saiu.

— Por que? Você se casou com outra mulher. — Antes que ele pudesse responder, acenei com as duas mãos. — Deixa para lá. Não quero saber. Esse anel nunca foi meu e não o quero.

— Tally.

— Não! — Minha voz passou por ele e entrou na noite. — Não me chame de Tally como se você soubesse alguma coisa sobre mim. Não me chame de Tally como se fôssemos velhos amigos. Não me chame de Tally, como se você não tivesse mentido para mim todos os dias em que estávamos juntos.

— Ok. — Ele suspirou. — Eu só... Eu quero explicar. Por favor.

— Por que? Eu não posso acreditar em uma palavra que você diz.

— Sim, você pode.

— Não, não posso. E não vou. Sou uma mulher inteligente, Foster. Eu tenho confiança. Eu sou leal. E você me fez questionar *tudo* sobre mim. Você me fez duvidar da minha intuição. Meu coração. De mim *mesma*. Então não, eu

não quero jantar. Não quero ouvir sua explicação. Eu não quero você aqui. Vá embora.

Há quanto tempo essas palavras estavam presas? Esperei por aquele doce alívio, pela sensação boa que deveria ter vindo depois de gritar com Foster. Mas meu coração... doía. Doía. Não deveria estar curado agora? Por quantos anos eu mantive essa raiva dentro de mim? Por que não era catártico libertá-la?

— Eu sinto muito. — Foster engole em seco. — Eu sinto muito.

— Não é o suficiente, — eu sussurro. — Não basta lamentar.

— Você tem razão. — Ele assentiu. — Eu só... você sempre foi a minha Tally. É como eu penso em você. É como eu chamo -a na minha cabeça.

Ele pensou em mim. Ele disse meu nome em sua cabeça. A dor dobrou. Então triplicou com o pedido de desculpas escrito em seu rosto e o arrependimento transbordando em seus olhos.

Isso tinha que acabar. Eu tinha que ser a única a acabar com isso desta vez. Então dei um passo para longe, segurando a porta. — Eu deixei de ser sua Tally no dia em que você se casou com minha melhor amiga. Você quer dar esse anel para alguém? Dê para Vivienne.

Deveria ter sido bom bater a porta na cara dele.

Não foi.

CAPÍTULO QUATRO

Foster

O suor escorria pelo meu rosto enquanto eu carregava a última telha para fora da academia jogando-a na lixeira que aluguei na semana passada. O ar frio era uma pausa bem-vinda do calor lá dentro.

Cada músculo do meu corpo estava em chamas. Jasper não teria que se preocupar comigo perdendo sessões de treinamento ou cardio. Renovar este edifício foi um dos trabalhos físicos mais difíceis que fiz em anos.

Eu levei um momento para esfriar, meu corpo fumegando enquanto meu peito arfava. Mas pausas longas não eram uma opção, então voltei, avaliando meu progresso. Por sorte, essa limpeza exigiu apenas energia. Eu não tinha encontrado grandes problemas estruturais que exigiriam reconstrução.

Na semana passada, a academia se tornou, bem... uma academia. Ou a criação de uma.

O piso de cimento não estava em mau estado depois que passei horas de quatro, esfregando a poeira e a sujeira. Quem quer que tenha sido dono deste lugar antes de mim colocou tapetes com algum tipo de fita adesiva. Idiota. Tirar o adesivo levara horas.

O teto rebaixado fez o espaço parecer apertado, provavelmente parte do motivo pelo qual aquele dono anterior

idiota não conseguiu manter os membros, então arranquei os azulejos e a grade suspensa. Agora tinha uma vibe industrial, com os dutos de ar expostos. Os fios elétricos que escondi com alguns revestimentos que comprei ontem. Então começaria na pintura. Dois baldes de cinco litros estavam em um canto ao lado da minha escada, rolos e pincéis.

A maioria das ferramentas que comprei eram da loja de ferragens Quincy. Se eu fosse morar aqui, queria apoiar os negócios locais. Mas havia alguns itens especiais que eles não mantinham em estoque, então, além de comprar aqui, passei muitas horas atrás do volante da minha caminhonete, dirigindo até Missoula para ir até a Home Depot.

A viagem de ida e volta de quatro horas não se encaixava exatamente na minha linha do tempo, mas eu não tinha muita escolha. Então peguei a estrada às cinco da manhã, e quando as portas deles abriram às sete, era o primeiro cliente deles.

O tempo extra na caminhonete não foi de todo ruim. A viagem me deu tempo para pensar. Assim como minhas longas horas de trabalho aqui.

Fazia uma semana desde que eu tinha ido à casa de Talia com comida mexicana e vinho. Uma semana desde que ela gritou e bateu a porta na minha cara.

Uma semana desde que eu tinha visto quanta dor havia causado a ela.

Eu não queria recuar, não era meu estilo, mas ela precisava de tempo. Então, dei-lhe tempo.

O Natal tinha chegado e passado. Foi um dia muito solitário, então, em vez de me debruçar sobre minha situação atual, passei o feriado terminando o apartamento. Tornando-o um lar.

Tirei o carpete do quarto e da sala de estar. Então eu vasculhei o contrapiso de cimento. Eu tive que usar uma navalha para raspar toda a cola. Minha primeira viagem a Missoula foi para um produto anti manchas e piso laminado. Depois que o espaço vazio foi preparado, puxei os móveis. Sozinho.

Minhas mãos tinham bolhas do rolo de pintura. Meu pescoço tinha uma torção permanente de trabalhar no teto. Minha parte inferior das costas estava gritando comigo por muitas horas em minhas mãos e joelhos.

Este projeto era parte da minha penitência.

Por Talia, eu suportaria cada dor.

Não ajudou meu corpo o fato de eu estar dormindo no meu sofá novo desde que saí do hotel antes do Natal. A roupa de cama ainda estava em sua embalagem. O colchão estava envolto em plástico e a estrutura precisava ser montada. Estava na lista, apenas mais no final do que do topo.

A lavadora e secadora de reposição, junto com uma geladeira nova, não estariam aqui até sexta-feira, então, até que eles chegassem, eu estava vivendo da minha mala e

prosperando com comida para viagem. Além disso, tinha que me acostumar a dormir no sofá. Minhas costas também.

A dor era apenas outra parte da minha luta. Tudo estava em jogo. Minha vida. Meu futuro.

Talia.

Será que ela me ouviria? Ela me perdoaria quando descobrisse a verdade? Ou era tarde demais?

O medo estava me mantendo acordado à noite. Me empurrando para continuar. Medo de que a tivesse perdido sete anos atrás e não houvesse como reconquistá-la.

Sete anos era muito tempo.

E se tivéssemos mudado muito?

Aquele pânico familiar invadiu minha mente, fazendo meu estômago se revirarem. Eu cerrei meus punhos e empurrei a preocupação de lado. Eu não ia perdê-la. De novo não. Eu não perderia, ponto.

Eu era Foster Madden, o Punho de Ferro, campeão mundial dos pesos médios.

Esse título, algo que trabalhei toda a minha vida, era uma piada do caralho. Eu desistiria em um piscar de olhos para voltar no tempo. Para tomar melhores decisões.

Exceto, que eu não podia desistir. Ainda não. Essa luta de março seria a última do meu contrato com o UFC. Meu agente estava em negociações para me conseguir outro contrato de duas lutas, mas deveria ser meu próximo passo?

Muito dependia dessa mudança para Montana.

Além disso, meu corpo pagava as contas. Eu daria mais alguns socos e chutes para ter certeza de que, quando chegasse a hora de me aposentar, eu estaria financeiramente seguro.

Entrei no apartamento, indo para a pia da cozinha para lavar as mãos. Uma vez que estavam secas, fui até o cooler de acampamento que eu comprei na semana passada e peguei uma bebida esportiva, engolindo até que a garrafa estivesse vazia.

Então, como eu tinha feito na academia, examinei o espaço quase vazio. Do outro lado do sofá havia uma TV em um suporte. Eu nem me preocupei em conectá-la. O wireless ainda não estava configurado – outro item da minha lista. A mesa de café estava cheia de garrafas vazias de bebidas e embalagens de barras de proteína.

Se eu não montasse essa cozinha logo para poder cozinhar algumas refeições decentes, e se continuasse trabalhando tanto, perderia muito peso antes de março. *Que seja*. Eu me preocuparia com a balança outro dia.

Peguei outra garrafa de Gatorade e uma barra de granola de chocolate de uma mercearia, depois caminhei para a academia, o calor explodindo em uma onda. A janela estava fechada , mas a fornalha parecia estar a todo vapor com mais força do que nunca. Talvez fosse apenas eu, meu corpo produzindo esse calor, mas fui até o termostato e baixei cinco graus. Novamente.

A maldita coisa provavelmente estava quebrada. Outro item a ser corrigido. Outro dia.

Enfiei quase toda a barra de granola na boca, mastigando enquanto apontava para aquela parede laranja feia. — Você e eu. Hoje vamos dançar. —

Eu comi o resto da minha barra, amassando a embalagem e enfiando-a em um saco de lixo aberto, então coloquei minha bebida no chão e fui para a tinta.

O cinza claro não era exatamente original para uma cor de parede, mas iluminaria o espaço do tom atual e seria fácil de manter limpo. Em algum momento, talvez eu pendurasse fotos e a bandeira americana. Eu compraria alguns racks para armazenamento de equipamentos. Mas meus cinturões de campeão ficariam em uma caixa.

Quando se trata de uma academia, não há muitas opções de estilo. Os ringues de boxe e equipamentos de ginástica pareciam todos iguais. Sacos e tapetes só vinham em algumas cores. Mas eu faria o meu melhor para diferenciar este espaço do Angel's em Vegas. Começando com a parede de troféus. Isso, eu deixaria sem.

Talvez se eu estivesse menos preocupado com esses troféus, com o dinheiro que eles representavam, eu não teria ficado tão ganancioso.

Por que eu não tinha ficado pobre? Pelo menos sem o dinheiro, eu teria sido meu próprio eu.

A culpa estava me atormentando por sete malditos anos e suas garras tão afiadas como sempre.

Eu tinha acabado de pegar um galão de Kilz, pronto para pintar a parede laranja, quando a porta se abriu nas minhas costas. Havia apenas uma pessoa que sabia sobre mim e esta academia, então eu me virei, meu coração pulando.

Exceto que não era Talia entrando pela porta. Era um homem mais velho com cabelos grisalhos.

— Posso ajudar? — Eu perguntei, colocando a tinta para baixo e atravessando a sala.

Ele assentiu. — Você pode me vender este prédio e deixar Quincy.

Huh? — Diga isso de novo? — Poucas calorias, muito exercício e pouco sono. Eu devia ter ouvido errado.

— Você pode me ajudar dando o fora da minha cidade.

Droga. Acho que eu tinha ouvido direito. Dei um passo à frente, pronto para jogar esse cara de bunda, mas então fixei meus olhos com os seus azuis.

Os de Talia são azuis.

Nós nunca nos conhecemos pessoalmente, mas eu tinha visto fotos de seu pai. Levei um momento para combinar fotos antigas com o homem parado diante de mim.

— Harrison Éden. — Fechei a distância entre nós e estendi a mão. — Prazer em finalmente conhecê-lo, senhor.

Ele olhou para minha mão, sobrancelhas arqueadas. Talia deve ter aprendido aquele olhar de seu pai.

Eu deixei minha mão cair do lado do meu corpo. — Agradeço a sua visita hoje. Aprecio você defendendo Talia. Mas não vou deixar Quincy.

O queixo de Harrison se contraiu. — Mesmo que minha filha não queira você aqui?

— Talia e eu temos muito o que conversar.

— Como você partiu o coração dela? Eu estava lá. Depois. Eu fui a Vegas para ajudá-la a se mudar. Você a esmagou. Ela não é do tipo que vai esquecer.

— Não, ela não é. Mas eu a amo desde que eu tinha vinte e três anos. — Não havia nenhum ponto em meias palavras. Eu estava mudando minha vida inteira para Montana por Talia, e seu pai poderia muito bem saber por quê.

— Amor? — Ele zombou. — Você teve uma maneira engraçada de mostrar isso. De onde eu venho, o que você fez com ela não foi amor.

— Sem ofensa, Harrison, mas você não sabe nada sobre mim ou sobre o passado.

— Então me esclareça. — Ele cruzou os braços sobre o peito largo. Ele era mais velho, mas o homem era forte.

— Talia ouve primeiro. Se ela decidir compartilhar, a escolha é dela. Até lá, você terá que lidar comigo em sua cidade.

— Ela tem uma vida boa aqui. Você vai arruiná-la.

— Uma boa vida? Ela está sozinha. — Duas noites seguidas, fui à casa dela e a encontrei sozinha. Sem marido. Nenhum noivo. Sem namorado.

— Ela tem sua família.

Eu balancei minha cabeça. — Isso não é o mesmo.

Ter pais, irmãos, irmãs não era o mesmo que ter um parceiro na vida. Um confidente. Um amigo. Meu maior arrependimento era que a pessoa que tinha sido minha parceira por tanto tempo fosse Vivienne. Deveria ter sido Talia.

— Talia tem uma carreira exigente, — disse Harrison. — Ela vai sossegar quando estiver pronta.

Desculpas. Nós dois sabíamos que ele estava dando desculpas.

— Eu sei que a machuquei. — Eu levantei minhas mãos, então roubei as palavras de Talia da semana passada. — Desculpas não são suficientes. Mas eu vou pedir. De novo e de novo e de novo. Até que ela saiba que estou falando sério.

Harrison estudou meu rosto, como se estivesse procurando uma mentira. Mas eu menti o suficiente por duas vidas. Tudo o que ele encontraria aqui eram verdades.

Sem outra palavra, ele se virou e saiu pela porta.

Esperei até que a porta do carro batesse e o som do motor desaparecesse antes de entrar no apartamento e pegar

minhas chaves do balcão.

A parede laranja teria que esperar.

A visita de Harrison tinha sido para me expulsar da cidade. Mas Talia não deve ter contado a ele sobre minha teimosia.

Eu dei a ela uma semana. O tempo acabou.

A viagem até a cidade levou dez minutos. Além das lanternas traseiras de Harrison à distância, não vi outro veículo. Outra razão pela qual o ginásio provavelmente falhou. Estava muito longe da estrada principal.

Passei minha vida adulta em academias e centros de fitness. Os melhores eram aqueles que você não podia ignorar. Aqueles que você passava diariamente no caminho para comprar um Latte de alto teor calórico ou uma refeição do McDonald's.

A estrada seguia a curva do rio Clark Fork. O sol brilhava no alto, refletindo na água e nas margens cobertas de neve de cada lado. Minha viagem para Quincy foi muito mais cênica do que ficar preso no trânsito de Las Vegas.

Harrison alcançou o sinal de pare à frente e virou à direita no cruzamento, descendo a Main Street. Virei à esquerda, indo e direção de uma pequena fila de carros que estavam indo para o lado oposto da cidade.

Em direção ao hospital.

Estacionei no estacionamento dos visitantes. O jipe de Talia estava em uma seção reservada para funcionários. Ela tinha um modelo semelhante de Jeep em Las Vegas, um que não fiquei surpreso ao ver na outra noite, quando eu estava esperando em sua casa.

Talvez não tivéssemos mudado tanto, afinal.

Corri para dentro, verificando a hora no relógio acima do balcão da recepcionista. — Oi.

— O-oi. — A jovem deu uma segunda olhada, seu rosto corando enquanto ela enfiava uma mecha de cabelo atrás da orelha.

Eu estava uma bagunça quente no momento, mas eu não estava muito orgulhoso do jeito que esta camiseta se agarrava ao meu peito e braços mas se isso me valesse o paradeiro de Talia. — Eu estava pensando se você poderia me ajudar. Procuro uma médica Talia Éden? Ela é uma velha amiga e eu estava de passagem pela cidade, então queria surpreendê-la e dizer olá.

— Ok. Sim. Claro. — Ela se sentou um pouco mais reta em sua cadeira. — Eu a vi entrar apenas alguns minutos atrás. Acho que ela estava indo almoçar no refeitório.

— Você é um doce. — Apontei para o corredor. — Deste lado?

— Dirija-se pelo corredor e estará à sua esquerda. Você logo encontrará.

— Obrigado. — Eu pisquei, então me afastei do balcão da recepção, limpando a frente da minha camisa. Levantei um braço, sentindo o cheiro da minha axila. — Ah, droga.

Deveria ter tomado banho primeiro. Eu não tinha pensado em impressionar uma mulher, bem... anos.

O som de garfos e conversas me cumprimentou quando entrei no refeitório. À minha esquerda havia uma cozinha aberta com churrasqueira e fritadeira. Sob uma lâmpada de aquecimento, havia um punhado de pratos de papel cheios de filés de frango e batatas fritas. À minha direita havia uma máquina de refrigerantes e prateleiras de batatas fritas. Atrás da porta de vidro de um refrigerador havia uma variedade de sanduíches pré-fabricados, iogurtes e copos de frutas.

— Vou pegar um desses, — eu disse ao cozinheiro na cozinha, acenando para os pedaços de frango.

— Ranch ou ketchup?

— Ketchup. — Talia sempre foi parcial ao molho ranch. — Obrigado.

Peguei minha comida, pegando uma garrafa de água de uma geladeira de bebidas, então fui até o funcionário do caixa. Sua cabeça estava coberta por uma rede de cabelo azul quase do mesmo tom de seu uniforme. Tirei minha carteira do bolso, paguei minha refeição e passei por ele para ir às mesas da pequena área de jantar adjacente.

Talia estava sentada sozinha em uma mesa. Ela estava em seu uniforme azul com um jaleco branco por cima. Em

uma mão, ela segurava uma batata frita. Na outra, um filé de frango.

Eu rio. Nunca na minha vida eu conheci uma mulher que comia como Talia. Ela inalava sua comida. Ela mastigava com fúria e não passava as refeições conversando. Quando ela se sentava com seu prato, era para consumir. Veloz.

Havia duas cadeiras em sua mesa, então eu peguei o assento vazio, abrindo o plástico com meu ketchup dentro.

Os olhos de Talia se arregalaram. Sua boca parou de se mover. Ela se endireitou, mastigando mais algumas vezes antes de engolir. Então jogou a batata frita e a tira de frango em seu próprio prato de papel. — Isso tem que parar.

— Sim. Depois que você me ouvir. — Mergulhei uma das minhas próprias batatas fritas no ketchup, enfiando-a na boca.

— Este é o meu local de trabalho. Eu não estou falando com você aqui.

— Então eu acho que você vai ter que me deixar entrar esta noite quando eu for com o jantar.

Suas narinas se dilataram e ela estendeu as mãos sobre a mesa. — Não.

— Seis horas?

— Foster.

Deus, eu adorava ouvi-la dizer meu nome. Mesmo quando ela estava chateada. — Na verdade, é melhor

combinar seis e meia. Tenho algumas pinturas para fazer. Pode me levar o resto da tarde.

— Lembro que sua audição costumava ser muito melhor.

Eu sorrio e como outra batata frita. — Ainda gosta de pizza?

— Grr. — Ela rosnou e fica de pé com tanta força que a cadeira atrás dela quase tombou. Talia a pega , então pega sua sua comida. — Seu burro teimoso. Se você aparecer na minha porta, planeje congelar porque eu não vou deixar você entrar.

— Então venha para a academia.

— Por que? — A voz dela estava muito alta. Ela percebeu e olhou ao redor, fazendo uma careta quando uma mesa de enfermeiras lhe deu um olhar estranho. — Por que você quer tanto falar? Nada que você possa dizer vai mudar o passado.

— Eu não posso mudar isso. Mas eu gostaria de explicar.

— Então o que? Digamos que eu vá jantar. Então o que?

— Então... se você ainda quiser que eu deixe Quincy, vou embora.

Talia estudou meu rosto por alguns longos momentos, muito parecido com o que seu pai tinha feito antes. Avaliando. Dissecando. Procurando a mentira. — Você vai sair se eu pedir para você ir.

— Eu vou. — Se depois de conversarmos, se morar em Quincy fosse causar muita dor a ela, então eu iria.

Mudar de novo não era o plano. Mas eu descobriria. Depois desta noite, se eu realmente sentisse que terminamos e não havia chance, eu iria embora.

— Bem. Seis e meia. — Ela girou, seu rabo de cavalo chicoteando pelo ar.

Coloquei outra batata frita na boca.

E sorri para a bela mulher saindo do refeitório.

CAPÍTULO CINCO

Foster

— É Vivi. Deixe um recado. Bip. Espere. Você achou que era o bip real? Peguei você.

Eu rio. — Ei, sou eu. Esperava pegar você. Tenho planos para o jantar hoje à noite, então não vou ligar no horário normal. Não tenho certeza de quando estarei livre. Então, se não conseguir falar com você, tenha uma boa noite. Eu te ligo amanhã de manhã.

Desliguei e coloquei o telefone na mesa de centro. O cheiro de limpador de vidro e qualquer solução que vem com o Swiffer WetJet encheu o apartamento. Desde o momento em que sai pela porta do hospital, passei cada minuto limpando.

A pintura foi colocada em pausa.

— O que mais? — Jesus, este lugar estava vazio. Amanhã de manhã, eu estaria pedindo um jogo de jantar. Comer na mesa de café não era uma opção de longo prazo. E eu precisava de persianas.

Concedido, a vista além da janela era linda. A escuridão já havia caído, os dias eram curtos nesta época do ano, mas o pôr do sol desta noite era de tirar o fôlego. O céu amarelo e laranja me lembrou do meu sorvete favorito de limão e tangerina. Eu parei de limpar tempo suficiente para tirar uma foto e enviá-la para Kadence e Jasper.

Ainda assim, mesmo com o pôr do sol, talvez cortinas ou persianas o tornasse mais aconchegante. Decorar não era meu forte. Vivienne havia se encarregado de nossa casa em Las Vegas, e não tinha dúvidas de que, quando ela viesse nos visitar, ela reviraria os olhos e exigiria meu cartão de crédito para poder fazer compras.

Caminhei até a academia, indo a uma janela que dava uma visão melhor da estrada. Eram seis e quarenta e cinco e ainda não havia sinal de Talia. Eu corri para a cidade para pegar pizza mais cedo. Ela não tinha vindo enquanto eu estive fora, tinha?

Ou talvez ela não estaria vindo.

Não, ela viria. Ela me queria fora da cidade o suficiente para me visitar esta noite.

O que diabos eu ia dizer? Passei anos sonhando com essa oportunidade. Alguém poderia pensar que eu teria meu discurso preparado.

— Merda. — Eu esfreguei a mão na minha barba. Meu corpo parecia que estava se desfazendo e meu coração estava batendo muito rápido.

Como eu diria a ela a verdade? Como começaria? Não havia maneira gentil de fazer isso. Talvez eu pudesse começar com o motivo de tudo.

Que eu era um idiota.

O que eu não daria por alguns equipamentos agora. Apenas algo para socar. Era quando eu me centrava. Quando eu tinha um alvo.

Caminhei para o meio da sala, para o espaço onde eu tinha colocado o anel para quando ela chegasse. Fechei os olhos e levantei as mãos, fechando-as em punhos. Então eu mudei meus pés, ficando em uma postura de luta, antes de deixar meu pensamento voar.

Pop. Pop. Eu segui os dois socos com um gancho de direita.

Dobrei os joelhos, afundando nas pontas dos pés e fiz de novo. Jab. Jab. Gancho. Então eu adicionei um uppercut e estremeci quando um beliscão veio abaixo do me ombro.

— Ah. — Girei meu braço esquerdo em um amplo círculo, relaxan os músculos.

Jasper teria minha bunda se me machucasse enquanto estava reformando este lugar.

Eu saltei na ponta dos pés algumas vezes, não exatamente ágil com minhas botas, mas havia familiaridade nos movimentos. Então, fiz a mesma combinação novamente. Jab. Jab. Gancho. Gancho. Sem beliscar desta vez.

— Obrigado porra.

Eu me movi em um círculo, fazendo shadowboxing até que um pouco do nervosismo diminuiu. Então respirei fundo, enchendo meus pulmões até queimarem.

Basta colocar para fora.

O que for preciso.

Meu único trabalho esta noite era compartilhar com Talia o que eu deveria ter dito a ela anos atrás.

A verdade.

Faróis ilumina a parede e eu corro para fora da porta, esperando no patamar enquanto Talia estacionava ao lado da minha caminhonete.

— Desculpe o atraso, — disse ela enquanto contornava o capô. — Um cara cortou a mão enquanto trabalhava em sua loja esta tarde, e fui pega no pronto-socorro.

— Está bem. Ele está bem?

Ela assentiu. — Foi um corte bem profundo. Eu fiz o meu melhor para costurá-lo. Ele terá uma cicatriz.

— Mas ele ainda tem uma mão.

— Sim.

Eu segurei a porta aberta para ela. — Então eu diria que foi uma vitória.

Ela olhou para mim e, pela primeira vez desde que cheguei a Quincy, não havia raiva ou ressentimento em seus olhos. Talia apenas olhou... Exausta.

Ela passou por mim, entrando no ginásio e tomando o mesmo caminho que ela tinha feito antes, dando voltas na sala. — Você esteve ocupado.

— Foi um trabalho. — Fechei a porta, recuando e dando a ela bastante espaço.

Ela foi até a parede laranja, arrastando os dedos pela superfície. Seus ombros estavam tensos, seu rabo de cavalo solto.

— Você está cansada, — eu disse.

— Tive dificuldade para dormir esta semana. — Ela foi até os baldes de tinta, examinando o ponto de cor nas tampas. — Não queria ficar com a laranja, né?

— É horrível. — Eu fiz uma careta. — Devemos fazer isso outra noite?

— Não. — Ela ficou de pé e se virou, sua coluna endurecendo. — Você realmente vai embora se eu pedir para você ir?

— Sim. — Eu levantei meu queixo em direção ao apartamento, liderando o caminho. — Se importa se comermos no sofá? É isso ou ficar no balcão da cozinha.

— O sofá está bom. — Lá dentro, ela tirou o casaco, colocando-o sobre um braço. — Não tive tempo de ir para casa e me trocar.

Fui até a cozinha, abrindo a caixa de pizza. — Seus uniformes estão bem.

— Eu não uso muito mais hoje em dia. — Ela se sentou, desfazendo o laço em seu cabelo. — Ainda bem que eu pareço decente de azul.

Decente? Ela está fodidamente deslumbrante.

Fiquei paralisado , com medo de piscar porque sentiria falta enquanto ela arrumava o rabo de cavalo.

Ela estava aqui, na minha casa. Ela era real, vestindo um uniforme depois de um longo dia de trabalho. Suas unhas estavam curtas porque ela não era uma mulher de se preocupar com manicure. Nada de joias porque ela não precisava delas para fazê-la brilhar.

Ela virou e me pegou olhando-a.

Eu virei meu olhar para longe, alcançando os pratos de papel que eu peguei com a pizza. — Eu não tenho nada extravagante.

— Eu não preciso disso.

Não, ela não precisava.

Exceto, que eu pensei que ela precisava de fantasia. Ou talvez fosse só eu. Foi o meu próprio desejo oculto por uma vida cara, que me levou ao limite.

Coloquei um par de fatias de pizza, em seguida, as peguei, colocando-as na mesa de café. — Água? Ou Gatorade?

— Água, por favor.

Peguei duas garrafas do cooler , depois algumas toalhas de papel para guardanapos, juntando-me a ela no sofá.

— Você não usa a geladeira? — ela perguntou.

— Abri-a só na semana passada. Levou um dia inteiro com as janelas abertas para limpar o fedor. Então, em vez de tentar descobrir o que morreu dentro, comprei uma nova. Deve chegar na sexta.

— Ah. — Ela assentiu, dando uma mordida.

Eu fiz o mesmo.

Ela mastigou.

eu mastiguei.

Ela deu outra mordida.

Eu também.

Ela não olhou para mim.

Mas tudo que eu podia olhar era seu perfil.

Uma memória veio correndo de volta, de nós dois na pequena pizzaria em Las Vegas. Não demorou muito para começarmos a namorar. Antes daquele dia, eu não tinha percebido que uma mulher poderia ter uma mastigação sexy.

Mas a forma como seus lábios se moviam, a flexão em seu queixo e bochechas. Outra lembrança, dela estar me levando em sua boca. Meu pau se contorce atrás do meu jeans e me mexo para esconder a protuberância crescente.

— Como foi Seattle? — Eu perguntei.

Ela olha , com as sobrancelhas levantadas. — Eu não estou aqui para uma conversa casual, Foster.

— Fale enquanto comemos.

Ela suspira. — Seattle era chuvosa. A escola consumia muito tempo, então eu não saía muito, mas lutei com os dias cinzentos do inverno.

— Você sempre gostou do sol. — Foi a razão pela qual ela se mudou para Vegas para a graduação. — Lembra daquela vez que fomos caminhar e, na descida, encontramos aquela cascavel no caminho?

— Ah, não me lembre. — Ela estremeceu. — Eu odeio cobras.

— Você nos fez esperar até que ele fugiu. Quando chegamos ao carro, eu estava completamente queimado.

— Eu disse para você usar protetor solar.

— Há sempre um protetor na caminhonete. Aprendi minha lição.

O canto de sua boca virou para cima enquanto ela mastigava. Não um sorriso, mas o começo de um. Aí *está ela. Aí está minha garota.*

Talvez se eu pudesse falar sobre os bons tempos, ajudaria a aliviar a dor dos maus.

— Fiquei no The Eloise na semana passada. Lugar legal. Vi sua irmã no café.

Seus olhos se arregalaram, e quando ela falou, suas palavras estavam abafadas com comida. — Lyla?

— Ela tinha outra garota no balcão, então não falei com ela. Você não é tão parecida quanto pensei que seria. —

Tendo visto apenas a gêmea de Talia em fotos, pensei que seriam mais semelhantes.

— O que você quer dizer?

— Ela estava realmente sorrindo. Sorrindo. Ela não tinha uma carranca assassina no rosto.

— Minha carranca assassina está reservada para você. Outras pessoas me consideram bastante agradável. E me disseram que meus modos são incomparáveis.

Eu rio, alguns dos meus nervos se acalmando. Talvez isso não fosse tão difícil, não se pudéssemos provocar um ao outro.

— Quer outra fatia? — Levantei-me e peguei a caixa, trazendo-a para a mesa de café. Então eu peguei outra fatia enquanto ela fazia o mesmo. — Você gosta do hospital aqui?

— Eu gosto. Mas ainda estou tentando provar aos outros.

— Para quem?

— Todos. Eu sou uma Éden. Minha família fundou esta cidade gerações atrás. A maioria das pessoas me conhece desde que era criança, incluindo minha chefe e a maioria das enfermeiras. Nem todo mundo olha para mim e vê a adulta que me tornei.

A derrota em sua voz foi o suficiente para me dar uma carranca. Como alguém poderia não olhar para ela e ver uma mulher brilhante e capaz?

— Eu costumava tomar conta dos filhos do Dr. Herrera quando estava no ensino médio, — disse ela. — De vez em quando, ele me chama de criança. O paciente hoje à noite, o cara que cortou a mão, perguntou se havia mais alguém para suturar. Quando eu disse não, disse que não quis ofender, mas ele se lembra de mim como uma líder de torcida quando seu filho estava no time de futebol.

Idiota. Era por isso que ela parecia tão cansada? — Desculpe.

— Essa é a vida em uma cidade pequena. Mas é uma boa cidade. Um ótimo lugar para as crianças crescerem.

Eu estava contando com isso.

Talia terminou de comer antes de mim. Ela colocou o prato de lado, enrolou o guardanapo e, quando me encarou, a parte da conversa casual da nossa noite acabou. — Por que você comprou o anel?

Eu coloquei meu próprio prato de lado. — Porque eu não suportava a ideia de estar na mão de qualquer outra mulher. Esse anel é seu. Sempre foi. Então eu comprei. Prometi a mim mesmo que se a visse novamente, eu daria a você.

— Você gastou milhares de dólares para o caso de nos vermos novamente?

— Sim. — Aquele anel foi a compra mais cara que já fiz até aquele momento da minha vida. — Eu gostaria que você tivesse.

— Não posso. — Ela balançou a cabeça. — Eu acabei de... Não posso. Venda. Doe o dinheiro para caridade.

Nunca.

Ou ela guarda.

Ou eu faria.

— Então. — Ela se mexeu novamente, endireitando-se. Passei minha vida lendo linguagem corporal. Na luta. Procurando a dica do meu oponente. Talia estava rígida, como se estivesse pronta para levar um golpe. — Sua explicação.

Basta colocá-lo para fora.

O que for preciso.

Abri a boca, pronto para mergulhar no passado, mas meu telefone tocou na mesa de centro, a o toque no volume máximo porque eu não queria perder nenhuma chamada enquanto trabalhava neste lugar. — Merda. Desculpe.

O rosto de Vivienne brilhou na tela. Ela estava com a língua de fora e os olhos vesgos. Ela chamou isso de sua cara de pateta.

Eu recusei, então encarei Talia novamente. Mas seus olhos não estavam esperando pelos meus. Eles estavam bloqueados na tela. Na foto da Vivi.

— Você fala com ela com frequência?

Merda. A resposta honesta não era uma que ela gostaria. — Sim. Todos os dias.

— Mas você está divorciado.

— Vivienne é minha amiga. Não somos mais casados, mas ela faz parte da minha vida. — Ela tinha sido minha aliada durante anos de inferno.

Uma ruga se formou entre as sobrancelhas de Talia.

— Ei. — Eu me aproximei, alcançando seu ombro, mas antes que eu pudesse tocá-la, ela saltou de seu assento e agarrou seu casaco.

— Eu não posso fazer isso, — disse ela enquanto corria pela porta do apartamento.

Porra. — Talia, espere. — Eu sai para segui-la, correndo para pegá-la no ginásio. Quando tentei tocar seu cotovelo, ela o puxou. Então eu alonguei meus passos, passando por ela para bloquear a porta.

— Mova-se. — Ela desviou para a direita.

Eu mudei também. — Você disse que me deixaria explicar.

— Saia do caminho. — Ela desviou novamente, e eu a segui. — Gahhh. Apenas me deixe ir, Foster.

— Eu não deixei você ir em sete anos. Não vou começar esta noite.

Ela balançou para trás em seus calcanhares.

— Por favor, Tally. Fique. Vamos conversar. — Eu tomei seu choque como minha abertura, me aproximando. Então eu

levantei minha mão, traçando meus dedos em sua bochecha. Uma corrente correu pelo meu braço enquanto ela suspirava.

Seus olhos se encontraram com os meus, as piscinas azuis girando.

Sim, ela sentiu isso também. Claro que ela sentiria.

O que tínhamos não era o tipo de conexão que desaparecia com o tempo. Esta foi a faísca que durou uma vida. Isso foi um raio. Bateu em sua bunda para ter certeza de que percebeu o quão raro era.

Inclinei-me para mais perto, curvando-me até que nossas respirações se misturassem. Meus dedos deslizaram em seu cabelo. Ela não me afastou. Ela não recuou. Seus olhos ficaram presos nos meus enquanto eu fechava a distância entre nós.

Mais um centímetro e aquela boca seria minha. Mais um centímetro e eu conseguiria o beijo que desejava com cada fibra do meu ser.

Apenas mais um centímetro e...

O toque do meu telefone ecoou do apartamento. Minha reação foi o hábito. Eu levantei meu olhar.

E porque eu perdi o foco, Talia encontrou sua abertura. Ela se abaixou sob meu braço e saiu pela porta.

— Inferno. — Eu a deixei sair. Deixei que ela saísse na frente enquanto atendia a ligação de Vivienne e guardava a pizza. Então eu dirigi por Quincy.

Essa rodada ainda não acabou.

CAPÍTULO SEIS

Talia

A neve no jipe estava derretendo. Gotejava no chão da garagem em plops.

Eu estava sentada no banco do motorista, ouvindo o plop, plop, plop por tanto tempo que as luzes do painel se apagaram. O calor da minha volta para casa estava quase no fim. Meus dedos estavam frios, mas eu não conseguia tirá – lo do volante para entrar.

Havia muito espaço na casa. Muita luz. Muitas distrações.

Mas aqui, na escuridão com os plops, talvez eu pudesse resolver meus sentimentos.

O jipe, estacionado na garagem, tornou-se uma espécie de santuário. Um casulo onde eu poderia bloquear tudo, exceto o furacão emocional em fúria dentro do meu peito.

A última vez que eu tinha sentado aqui assim, tinha sido seis meses atrás.

Houve um grave acidente de carro na estrada fora da cidade. Ambos os motoristas foram levados às pressas para a sala de emergência, e estive lá com o Dr. Herrera. Ele pegou o paciente mais gravemente ferido, uma mulher grávida, e me deixou com o outro.

Era um homem que havia perdido uma perna no acidente. Fiz exatamente como Herrera instruiu — estanquei o sangramento, limpei o membro e o enfaixei.

O homem chorou o tempo todo, com tanta força que sacudia a cama e dificultava o trabalho. Mas suas lágrimas não eram por sua perna perdida. Suas lágrimas eram pela mulher no outro carro.

Ele soluçou, dizendo que nunca se perdoaria pelo excesso de velocidade. Pelas mensagens de texto. Ele orou em meio às lágrimas, pedindo a Deus que tomasse suas pernas e seus braços — sua vida, se necessário — para salvar a dela.

Ele chorou até que o remédio finalmente fez efeito e ele adormeceu. Acordei-o na manhã seguinte para lhe dizer que a mulher e seu bebê ficariam bem. O Dr. Herrera salvou os dois.

Eu nunca esqueceria o rosto daquele homem naquele momento. O alívio. A gratidão. As lágrimas, silenciosas desta vez, que escorriam por seu rosto. Três horas depois, ele teve um ataque cardíaco fulminante e morreu.

O Dr. Herrera me garantiu que não havia nada que eu pudesse fazer. No entanto, eu me senti um fracasso.

Eu não tinha perdido muitos pacientes em meu curto período como médica. Em uma cidade do tamanho de Quincy, não temos muitos traumas, não como os hospitais das grandes cidades. Aquele homem tinha sido o terceiro paciente meu a morrer.

Havia três marcas de registro na parte inferior da porta do meu armário, não escritas em rascunho, mas com uma caneta Sharpei.

Naquele dia, depois de voltar para casa, sentei-me na garagem, neste jipe, e foi a minha vez de chorar.

Não houve lágrimas esta noite. Talvez eles viessem depois que o choque passasse.

Foster quase me beijou.

Eu quase deixei ele me beijar.

Levou anos para eu juntar os pedaços do meu coração partido. Mas eu juntei todos eles, meticulosamente costurando-os novamente. Meus instrutores sempre me elogiaram pela minha técnica de sutura.

Sim, houve momentos em que sentia a dor daquelas velhas feridas. Mas o tempo havia curado. Assim como a distração. A faculdade de medicina tinha sido minha salvadora, seguida pela minha residência.

Exceto que aqui estava eu, estupefata, porque um quase beijo me deixou sem chão.

Essa atração não deveria ter desaparecido? Se alguma coisa, parecia mais poderoso. Mais urgente. Mais desesperado. O magnetismo entre nós era tão potente como sempre.

Ele quase me beijou.

E eu quase o deixei.

O que estava errado comigo? O que aconteceu com Vivienne? Por que ele não tinha me esquecido ?

A curiosidade estava me atormentando. Estava ficando cada vez mais difícil não digitar o nome dele no meu telefone para ver os resultados da pesquisa. Mas eu aguentei por sete anos. eu não cederia. Ainda.

Foster veio ao hospital hoje e prometeu respostas. Deus, eu queria essas respostas. Não saber estava me comendo viva. E, no entanto, quando tive a chance esta noite, fugi. Um olhar para o rosto de Vivienne, e a dor me fez sair correndo daquele ginásio.

Meu telefone tocou e eu pulei, batendo minha perna no volante. Peguei no porta-copos do console, o nome de Lyla na tela. — Ei, — eu respondi.

— Oi. O que você está fazendo?

— Oh nada.

Eu ainda não tinha contado a ela sobre Foster. Talvez eu devesse ter encontrado tempo no Natal, mas ela estava inundada no café e eu estava evitando a conversa. Com todos.

Lyla sabia que eu tinha namorado um homem chamado Foster. Ela sabia que tínhamos terminado no meu último ano de graduação, mas a levei a acreditar que era por causa da minha mudança para Seattle.

Ela ficaria chateada quando soubesse toda a história. Ela ficaria brava por eu não ter me apoiado nela depois que ele

partiu meu coração.

Mas eu não era como Lyla.

Chorei sozinha em garagens escuras. Ela não tinha medo de derramar cem lágrimas em seu café, mesmo que houvesse funcionários ou clientes por perto para testemunhar seu choro. Lyla compartilhou sua vida diariamente no Instagram. A última selfie que eu tinha tirado tinha sido meses atrás.

Se ela tinha uma queda por um cara, a maioria de Quincy saberia disso antes mesmo de terem seu primeiro encontro. A última vez que fui a um encontro, foi durante meu último ano de faculdade de medicina, quando outro cara do programa me convidou para sair. Eu fingi um problema no estômago no meio do jantar quando ele deu a entender que voltaríamos para sua casa depois da sobremesa.

Eu contaria a Lyla sobre Foster. Eventualmente. Só não esta noite.

— O que você está fazendo? — Eu perguntei a ela.

— Acabei de chegar da loja. — Lyla bocejou. — Eu queria dizer oi.

— Oi. — Sorri com a voz da minha irmã. — Quer fazer algo neste fim de semana? Não estou trabalhando ou de plantão para variar.

— Claro. Contanto que eu possa estar na cama às nove.

— Vou à loja no sábado à tarde. Podemos sair até você fechar e depois ir jantar no Knuckles. Eu compro o vinho.

— Perfeito. Vejo você então.

— Tchau. — Sábado, eu contaria a ela sobre Foster. Provavelmente.

Fechei meus olhos. *Um. Dois. Três. Quatro. Cinco*. Tempo de garagem acabou.

Com um longo suspiro, saí do jipe e me arrastei para dentro. Acendi as luzes enquanto me movia pela casa, tirando meu casaco e sapatos antes de ir para o meu quarto.

Mas não tirei meu uniforme e joguei na lavanderia para tomar banho. Em vez disso, entrei no meu armário, peguei o banquinho do canto e baixei a caixa que não tocava desde que me mudei, três anos atrás.

Eu a coloquei no chão do meu quarto, sentando ao lado enquanto abria a tampa. O cheiro de plástico, papel e ar viciado encheu meu nariz enquanto eu pegava meus anuários do ensino médio. Abaixo deles havia uma bagunça desorganizada de fotos e lembranças.

No topo da pilha estava um programa Wicked de quando levei mamãe ao show, em um fim de semana em Seattle. Ela voou para me visitar enquanto o musical estava viajando pela cidade. Abaixo do programa havia um colar de conchas da minha viagem de formatura a Cabo. Havia um dólar de prata que meu tio-avô me deu antes de morrer.

Eu levantei a bagunça desorganizada de fotos. A maioria das fotos eram antigas, tiradas por mamãe ou papai quando eu era criança.

Havia um envelope da loja de fotos que havia fechado anos atrás na Main. Era um estúdio de fotografia agora, a proprietária especializada em retratos de idosos e sessões de fotos de recém-nascidos. Ela veio ao hospital alguns meses atrás porque estava com enxaqueca, então eu prescrevi uma receita para ela.

Tudo nesta caixa, as fotos ou bugigangas, estava ligado a uma pessoa em Quincy.

Exceto por uma única foto, enterrada no fundo da caixa.

Uma foto que eu deveria ter jogado fora sete anos atrás, mas não consegui.

Era uma foto minha e de Foster no Lago Mead. Vivienne os tirou com a câmera à prova d'água descartável que levou - ela não queria arriscar deixar o telefone cair na água.

Alugamos pedalinhos e passamos uma tarde na água. Foster estava sentado em sua prancha, as pernas balançando na água. Eu estava de pé na minha, segurando meu remo na água. Meu biquíni vermelho era quase da mesma cor que o short dele. Vivi tinha nos provocado por combinar roupas.

Foster e eu estávamos sorrindo um para o outro. Falando. Eu não tinha percebido que Vivi tinha tirado a foto até que ela foi a um CVS e voltou para casa com uma pilha de fotos. A maioria tinha sido fotos de paisagens. Havia alguns de Vivi e eu que Foster tinha tirado. Outra foto tinha sido de Foster e eu nos beijando.

Aquelas que deixei em uma pilha espalhada no chão de Vivi, no dia em que me mudei. Eu queria que ela tivesse que jogá-las fora. Eu queria que ela tivesse que limpar a bagunça que ela fez.

Mas esta não estava com as outras. Estava presa em um caderno na minha mochila, escondida para eu encontrar um dia antes de começar na Universidade de Washington.

Talvez eu devesse ter rasgado. Mas eu estava tão aliviada que esse pedacinho dele tinha sobrevivido. Então o guardei, o enterrei sob as lembranças da minha infância e não me permiti olhar para ele novamente.

Saber que estava aqui tinha sido suficiente.

Eu pressionei a mão no meu peito , esfregando a dor.

Estávamos tão ligados um ao outro. Tão *viciados*.

Foster estava treinando para uma luta e seu corpo estava musculoso. Passamos muito daquele verão caminhando, aproveitando o sol e um ao outro antes de me mudar para Seattle.

Ele planejou me ajudar a me mudar. Foster insistiu que ele dirigiria o U-Haul, depois voaria de volta para Vegas após eu ter desempacotado.

Nós realmente não tínhamos falado sobre ele se mudar permanentemente. Eu assumi que isso aconteceria quando ele estivesse pronto. Depois de me instalar na faculdade. Longa distância por alguns meses não me preocupou nem um

pouco. Sempre que o assunto surgia, ele sempre dizia: *Não se preocupe, amor. Nós vamos descobrir.*

Então eu não me preocupei. Eu tinha tanta confiança em nós.

Até que ele veio ao apartamento uma noite, ficou no meu quarto com as caixas que eu já tinha embalado e soltou a bomba.

Ele não podia mais ficar comigo, não quando tinha sentimentos por Vivienne.

Não quando ele ia se casar com ela.

Às vezes, eu ainda não conseguia acreditar que foi real. Mesmo depois de todo esse tempo. Mesmo depois que ele se casou com ela.

Era por isso que eu tinha ido à academia hoje à noite? Porque no fundo, eu queria – precisava – que fosse mentira?

Foi por causa de Vivienne que eu conheci Foster. Ela cresceu em Vegas. Conhecemo-nos no nosso primeiro ano na UNLV porque morávamos no mesmo dormitório e ambas nos formamos em biologia.

Seu plano era ensinar. A minha, faculdade de medicina.

No meu segundo ano, me mudei para um condomínio com duas mulheres dos dormitórios, mas sempre me senti como a terceira roda. Vivienne estava em uma situação semelhante, então no próximo ano, fomos morar juntas.

Seu pai era dono de uma academia em Las Vegas, do tipo onde treinavam boxeadores e lutadores de artes marciais mistas. Um dia Vivienne me convenceu a acompanhá-la para um treino.

Atravessei a porta e Foster estava em um ringue. Ele estava treinando com outro cara, ambos molhados d suor. Eu não o notei a princípio, muito ocupada observando o lugar.

Vivi e eu éramos as únicas mulheres no prédio.

Então um cronômetro soou e a luta no ringue parou. Foster tirou o protetor bucal de seus dentes e riu. Então seu sorriso derivou em minha direção e esse foi o começo.

Demorou para nos ficarmos juntos. Foram meses de flerte na academia antes de ele me convidar para sair. Mas depois daquele primeiro beijo, ele era meu. Por mais de um ano, ele foi meu.

Por que diabos eu tinha essa foto? Eu posicionei meus dedos na borda superior, pronta para rasgá-la ao meio, quando a campainha ecoou pela casa.

Deixei cair a foto como se estivesse pegando fogo.

Eu me levantei, me afastando daquela caixa quando a campainha tocou novamente.

Era Foster. E, no momento, parecia mais seguro abrir a porta, encará-lo, do que segurar aquela foto. Saber que eu não tinha forças para rasgá-lo ao meio.

Então desci as escadas e fui até a porta da frente.

Ele estava com os braços cruzados e seu queixo definido naquela linha inflexível. Quando abri a fechadura e girei a maçaneta, ele entrou antes que eu pudesse objetar, forçando-me a recuar enquanto ele chutava a porta atrás dele.

— Foster —

Ele me silenciou ao se aproximar. Tão perto que tive que esticar o pescoço para manter seu olhar.

— O-o que você está fazendo?

— Você sentiu isso? Na Academia?

— Não.

— Você ainda é uma mentirosa horrível. — Ele se inclinou, tão perto que sua respiração acariciou minha bochecha.

Sua mão desceu pelo meu braço, e mesmo através do algodão da minha blusa e da minha camisa de manga comprida por baixo, senti um formigamento. Era como uma faísca correndo ao longo de um fusível, movendo-se cada vez mais rápido, até atingir o fogo e o estrondo.

Foster se inclinou para mais perto, sua boca um sussurro da minha.

Por que não consegui afastá-lo?

— Sente isso? — ele sussurrou.

Sinto? Estava me queimando viva.

— Vim aqui para conversar. — Ele pegou meu cabelo, tocando no mesmo lugar que tinha feito na academia.

Meu olhar caiu para seus lábios.

— Foda-se, — ele rosnou, então sua boca estava na minha, macia e flexível, exatamente como eu me lembrava.

Ele me envolveu em seus braços, segurando-me com força enquanto sua língua acariciava meu lábio inferior antes de deslizar para dentro. O roçar de sua barba acumulou desejo em meu núcleo.

O aroma de sua colônia espalhou ao meu redor, rico e masculino. Como cedro e couro fresco. Seu gosto era outra lembrança, Foster com um toque de chiclete de canela.

Seus lábios se moveram sobre os meus enquanto nossas línguas se entrelaçavam em perfeita harmonia. Ele gemeu contra minha boca, a vibração sexy e profunda em seu peito. Seu abraço ficou mais apertado.

Foster me beijou como se nossas vidas dependessem disso.

Eu o beijei com cada pedaço de frustração, desejo, desgosto e esperança de ter mantido trancado.

Deus, o que estávamos fazendo? Por que eu era tão fraca quando se tratava desse homem? Mas não parei. Não, até que senti sua excitação dele em meu quadril.

Foi o ponto de virada. Ou terminamos esse beijo. Ou as roupas cairiam no chão.

Eu afastei minha boca e me esquivei para sair de seus braços. Nós dois estávamos ofegantes, nossos olhos fixos. Seu olhar procurou o meu, talvez por perdão. Então ele estendeu a mão para mim, mas afastei sua mão.

— Não.

Ele congelou.

Eu dei um passo para longe. — Não me beije de novo.

— Talia—

— Você precisa sair. Por favor. — Minha voz falhou. — Você precisa deixar Quincy.

Seu queixo apertou. — Não.

— Você prometeu que iria embora se eu pedisse.

— Você prometeu me ouvir.

Eu levantei meu queixo. — E se eu disser que não importa? Acabou, Foster. Acabou.

Ele arrastou o polegar sobre o lábio inferior molhado. — Aquele beijo não foi de duas pessoas que acabaram.

Não, não foi. Mas era apenas química. Atração. Aquele vício tóxico que me arruinou uma vez. — Você me traiu com Vivienne?

Fiz essa pergunta anos atrás, na noite em que ele me largou.

— Nunca.

Eu queria tanto acreditar nele na época. Eu queria tanto acreditar nele agora. Estudei seu rosto, procurando a mentira. Exceto, que não podia vê-la. Eu também não tinha visto anos atrás.

— Você não acredita em mim, acredita? ele perguntou.

— Eu acreditei em tudo sobre você uma vez. Isso mudou quando você se casou com minha melhor amiga.

O queixo de Foster apertou quando ele balançou a cabeça. — Você não sabe o que aconteceu.

— Eu estava lá. — Eu joguei uma mão. — Eu vivi isso. Nada do que você disser vai mudar o passado. Nada do que você disser me fará perdoá-lo.

Ele cerrou os dentes. — Nada? E você me chama de teimoso. Esqueci o quão irritante você pode ser.

Meu queixo caiu. — Você está virando isso contra mim?

— Eu estou pedindo para você apenas ouvir, porra.

— E eu estou pedindo para você ir embora. Acho que nenhum de nós vai conseguir o que queremos.

— Você quer que eu vá embora ? Tudo bem. Eu vou embora. — Antes que eu pudesse falar, ele se virou e abriu a porta.

Meu coração se partiu quando ela se fechou atrás dele. O silêncio que se seguiu foi ensurdecedor.

Eu pedi para ele ir. Eu queria isso, certo?

Então, por que eu senti vontade de ir para a garagem chorar?

ROUND 3

CAPÍTULO SETE

Foster

Eu estava de mau humor.

— Você está de mau humor. — A voz de Jasper encheu a cabine da minha caminhonete.

— Sou um raio de sol em comparação a ontem. — Ou no dia anterior. Ou no dia anterior.

Nos três dias desde que eu saí da casa de Talia, eu usava uma carranca permanente.

—Suponho que as coisas com sua garota não estão indo bem, — disse Jasper.

— Algo assim, — eu murmurei.

Eu disse a ela que estava indo embora, mas essa foi uma declaração de raiva no calor do momento. De jeito nenhum eu deixaria Quincy. Não, depois de tudo que passei só para chegar aqui.

Não, depois daquele beijo.

— Eu pressionei demais. — Minhas mãos relaxaram no volante enquanto eu dirigia para a cidade.

Foi a percepção a que cheguei depois de fumegar nos últimos três dias. Eu tinha esmagado a vida de Talia e, em vez de dar a ela tempo para absorver o choque, apenas exerci mais pressão.

Eu estava me esforçando tanto por causa do que estava por vir – de quem estava por vir. O calendário estava avançando muito rápido.

— Ela está com raiva, — eu disse a Jasper.

— Não posso culpá-la por isso.

Não, eu não podia culpar Talia. — Eu tenho que fazê-la lembrar o que tínhamos.

— Como você irá fazer isso?

— Inferno se eu sei. — Eu zombei. — Alguma ideia?

— Você deve estar realmente desesperado se está me pedindo conselhos com mulheres.

Eu rio. — Isso é verdade.

Jasper e eu nos conhecíamos há anos. Ele começou a frequentar a academia cerca de um ano depois que Talia saiu. Ele era um bom lutador e parceiro de treino , mas onde ele se destacou foi nos treinos. Nenhuma pessoa na terra me empurrou do jeito que Jasper empurrou. Contratá-lo tinha sido ótimo.

Mas quando se tratava de mulheres, Jasper era mais do tipo ame-as e deixe-as. Ele foi casado por um curto período em seus vinte e poucos anos, antes de nos conhecermos. Ele não falava sobre sua ex. Ele não falava sobre porque se divorciaram. Mas o quer que tenha acontecido o fez se afastar de qualquer coisa que se assemelhasse a um relacionamento.

O maior compromisso de Jasper era com minha carreira.

— Como está a academia? — Jasper perguntou.

— Está indo. O ringue chegou esta manhã. A equipe de entrega o levou para o espaço aberto do ginásio e o montou. Encomendei no dia em que comprei o prédio e paguei uma pequena fortuna para agilizar, considerando que o tempo normal de entrega era de três meses.

O espaço aberto no ginásio estava agora preenchido. Os tapetes tinham vindo ontem, junto com os sacos. A esteira chegaria amanhã. Minha lista de coisas para fazer estava diminuindo.

Em breve, eu poderia me concentrar na preparação para essa luta em março.

— Faz apenas onze dias, — disse Jasper.

— Sério? — Onze? Eu fiz as contas na minha cabeça. — Parece mais.

— Provavelmente porque você não tem dormido. Estou certo?

— Pode ser.

Dormir tinha sido um luxo. Simplesmente, havia muito trabalho a ser feito. Mas o interior do ginásio estava agora pintado. Adeus parede laranja. Eu tinha tirado o resto do lixo e a caçamba não estava mais na frente. O apartamento estava limpo e serviria de lar por um tempo.

Eu me esforcei para fazer isso a tempo.

— Qual é o próximo? — ele perguntou.

Suspirei, parando no cruzamento antes de virar na Main Street. — Mais alguns dias para terminar. Preciso limpar novamente. Estocar a geladeira.

Uma nova lavadora e secadora foram instaladas junto com a geladeira. A falta de sono, os dias extenuantes, valeram a pena.

— O exterior precisa ser repintado e a maioria das janelas terá que ser substituída mais cedo ou mais tarde. Mas está bem o suficiente até a primavera. — Eu bocejei.

— Descanse um pouco, — disse Jasper. — Você não será bom para mim se estiver morto em seus pés.

— Vou fazer, chefe. Vejo você em breve.

— Tchau.

Jasper estaria aqui na próxima semana, pronto para colocar minha bunda em forma para a luta.

Joguei meu telefone no banco do passageiro e parei em uma vaga de estacionamento do lado de fora do café.

O céu era de um azul brilhante e sem nuvens. O sol da tarde refletia nas guirlandas de Natal penduradas acima da estrada. Dois homens, cada um em uma escada, desembrulhavam as guirlandas de pinho enroladas em torno dos postes de luz.

Restaurantes, escritórios e lojas de varejo se alinhavam em ambos os lados do Main. O Eloise Inn, o edifício mais alto da cidade, tinha uma grande coroa de flores na fachada de

tijolos que provavelmente sairia em breve. E na joalheria ao lado do café, uma mulher estava removendo os enfeites vermelhos e verdes da cena do país das maravilhas do inverno, em sua vitrine.

Eu sentiria falta das decorações do feriado. Espero estar aqui no próximo ano para vê-las novamente.

Depois de desligar a caminhonete, fui para fora sendo atingido por uma rajada de ar frio da montanha com toque de pinheiro. Meu humor melhorou instantaneamente.

— Bom dia, não é? — O homem estacionado ao lado da minha caminhonete abaixou o queixo enquanto destrancava a porta do seu SUV.

— Claro que está. — Eu balancei a cabeça de volta, então pisei na calçada, enchendo meus pulmões com aquele ar fresco enquanto eu fechava meu casaco mais alto.

Por mais ensolarado que estivesse, ainda estava muito frio. Mas pelo menos a vista não decepcionou. Se eu tivesse que desistir das montanhas rochosas e áridas do Mojave, não poderia pensar em um substituto melhor do que os altos picos índigo com cumes brancos, que cercavam Quincy.

A neve havia sido removida das calçadas, mas todos os telhado estavam cobertas de branco. Isso só fazia a tarde mais brilhante.

Era difícil ficar mal-humorado no centro de Quincy.

O riso de uma criança chamou minha atenção. Segui o som até um rosto familiar.

Era o homem que eu tinha visto no hospital quando vim procurar Talia. Ele estava no saguão com uma mulher grávida, provavelmente sua esposa.

Ele carregava um garotinho com bochechas rosadas. Ambos estavam usando gorros pretos combinando.

O garoto estava com um par de botas, calças de snowboard e um casaco verde brilhante. Ele se contorceu para ser colocado no chão e, no momento em que aquelas botas atingiram o pavimento, ele partiu, correndo para o mesmo destino que o meu.

Café Éden.

Fiquei sem café na academia e, depois de bocejar pela décima vez consecutiva, decidi ir para a cidade. Mas em vez do supermercado , eu vim aqui. A irmã de Talia tinha uma vitrine incrível de doces e meu estômago roncou.

O homem sorriu para seu filho, abrindo a porta para que ambos pudessem entrar.

Quem era ele? Havia algo mais familiar sobre ele, do que apenas o encontro no hospital.

Caminhei em direção ao prédio verde.

Eden Coffee estava escrito em letras douradas na porta da loja. Havia um pouco de umidade e vapor ao redor das bordas das janelas de vidro preto. Uma placa de sanduíche no

quadro-negro estava na frente e alguém havia escrito as sugestões do dia — café com leite e bagel de cranberry — em letras maiúsculas brancas.

Café aromático e baunilha doce me cumprimentaram quando entrei, um sino tilintando sobre minha cabeça.

A primeira vez que vim aqui, enquanto estava hospedado no The Eloise, esperava algo ocidental. Rústico. Mas as paredes foram pintadas do mesmo verde que o exterior do edifício. Tinha uma vibe moderna, não muito diferente de um café que você encontraria em uma grande cidade. Mesas e cadeiras de madeira cobriam as paredes, algumas ocupadas esta tarde.

O homem e o garoto estavam no balcão. O garoto estava pressionado contra a vitrine de vidro, suas luvas impedindo-o de deixar impressões digitais enquanto o gorro foi tirado de sua cabeça, revelando uma bagunça estática de cabelo loiro.

Garoto bonito.

— Ei. — Lyla saiu correndo pelos fundos, dobrando o corredor. Ela usava um avental verde com uma camada de farinha na frente. A mesma farinha estava em seu nariz.

Mesmo sendo gêmeas, qualquer idiota poderia distingui-la de Talia.

Ou talvez eu tenha sido um idiota por Talia por muito tempo.

— Como está meu pequeno Drake hoje? — Lyla pegou o garoto e beijou sua bochecha. — Quer que a tia faça algo especial para você?

Espere. Tia? Então aquele homem tinha que ser...

Inferno. Como eu poderia ter perdido isso? Esse tinha que ser o irmão de Talia. Griffin ou Knox. Eu nunca conheci nenhum deles antes, mas Talia me mostrou fotos há muito tempo. Só que ele não tinha barba nas fotos. Todos eles eram mais jovens.

Mas ele tinha o mesmo cabelo castanho escuro de Talia. E enquanto ele sorria para seu filho, os mesmos olhos azuis brilhantes se enrugaram. Ele se parecia com Harrison também.

Talvez eu devesse ter ido ao supermercado. Eu não tinha certeza se tinha energia para lidar com um irmão mais velho zangado.

Exceto que eventualmente aconteceria, então eu endireito meus ombros e me afastei da porta. A última vez que estive aqui, Lyla estava ocupada. Eu só falei com o cara por um curto minuto no hospital.

Acho que tive que me considerar sortudo por ele não ter me interrogado naquele dia. Ou me dado um soco na cara. Pelo que fiz com Talia, eu merecia dois olhos roxos.

Mas isso era inevitável. Eu a queria, e teria que provar a todos que eu era digno. Que desta vez era diferente. E que os

últimos três dias foram uma droga, eu poderia acrescentar isso.

Meu humor não poderia ficar muito pior.

Minhas botas bateram no chão, chamando a atenção dos Éden.

Lyla sorriu e entregou o garoto – Drake – para seu pai. — Oi. Bem-vindo. O que posso fazer para você?

Não havia nada além de uma pergunta honesta em seu olhar. Sem brilho ou desprezo. Nada que dissesse que ela estaria cuspindo no meu café.

OK. — Americano, por favor. Duplo.

— Para tomar aqui ou para viagem?

Dei-lhe um olhar de soslaio. Foi isso? Ela só aceitaria meu pedido? — Uh… viagem.

— Certo. — Ela assentiu e contornou o balcão, imediatamente começando a trabalhar.

— Você é Foster Madden. — O homem deslocou o garoto para um lado para que ele pudesse estender a mão. — Eu vi você no hospital outro dia.

— Sim. — Eu me preparei quando apertei sua mão. Aqui vamos nós.

— Knox Éden. Prazer em conhecê-lo. Eu sou um fã.

Um fã? — Ah, hum, obrigado?

— Assisti a sua luta no verão passado. — Knox riu. — Fiquei muito feliz quando você ganhou. Não suportava o outro cara.

A luta em que nocauteei meu oponente, um babaca barulhento de Los Angeles, no primeiro round. — Sim, ele é alguma coisa.

— Não pareceu aprender muito. Eu o vi em uma entrevista um tempo atrás, ainda falando sobre uma revanche. —

Ele queria falar sobre a luta? Seriamente?

— O que o traz a Quincy? — ele perguntou. — Você está na antiga academia na Lower Clark Fork Road, certo?

Espere. O que estava acontecendo?

— Desculpe. — Knox entendeu minha confusão. — Fofoca de cidade pequena. Alguém novo se muda para a cidade, todo mundo fala sobre isso. Você estava procurando minha irmã. Talia.

OK. Agora estávamos entrando nisso. — Sim, eu estava.

— Não sabia que vocês se conheciam.

O que. O. Porra?

Ele tinha ouvido falar de mim através de fofocas? Não Talia. Fofoca de cidade pequena. Ele não percebeu que eu conhecia sua irmã? Sim, eu conhecia a irmã dele. Ela era o amor da minha maldita vida.

Minha cabeça girou como se eu tivesse sido pego de surpresa com um cruzamento de direita. Knox, seu irmão, não fazia ideia de quem eu era, além de um lutador profissional de MMA.

— Faculdade, — eu disse, reunindo cada grama de calma para não fervilhar.

— Aqui está o seu café. — Lyla colocou um copo de papel com uma proteção no balcão. — Algo mais?

— Não, obrigado. — Tirei minha carteira do bolso e entreguei a ela uma nota de vinte.

Como Talia não contou a sua família sobre mim? Estávamos juntos há mais de um ano. Ela tinha sido a pessoa mais importante da minha vida. Todos na minha vida sabiam sobre Talia. Amigos. Meus pais. Arlo.

Mas ela não contou ao irmão? Sua irmã gêmea?

Eles não estavam se fazendo de bobos, estavam?

Talia tinha me irritado na outra noite. Ela me deixou tão louco depois daquele beijo. Mas isso? Isso era fúria. Essa porra doeu.

Eu realmente significava tão pouco para ela que me manteve em segredo de seus irmãos?

— Aqui está. — Lyla estendeu meu troco.

A porta tilintou atrás de mim enquanto eu pegava as notas. Eu precisava dar o fora dessa loja. Afaste-se de qualquer um com o sobrenome Eden.

Não confiando em mim para falar, deixei cair alguns dólares em seu pote de gorjetas. Então peguei meu café, acenando para Knox como uma despedida.

— Vejo você por aí, — disse ele.

Eu me virei, pronto para escapar, quando um rosto bonito me parou.

Talia olhou, aqueles olhos azuis arregalados, enquanto eles disparavam entre mim, seu irmão e sua irmã. Sem uniforme hoje. Ela estava de jeans e um casaco cinza com um detalhe de pelo no capuz. Suas botas batiam no tornozelo e ela tinha um par de meias creme grossas amontoadas acima delas.

Ela estava vestida para o inverno. Seu cabelo caia em ondas sobre seus ombros. Suas bochechas eram do mesmo tom rosado de seus lábios.

A mulher que segura meu coração em suas mãos.

Todo esse tempo, eu pensei que a razão pela qual ela não tinha casado era porque talvez, apenas talvez, eu tivesse significado o suficiente. O suficiente para que ela se lembrasse de mim. O suficiente para que nenhum outro se comparasse.

Exceto, que ela não se importava o suficiente para dizer ao irmão meu nome.

Um lamento feliz irrompeu de Drake e ele se contorceu para ser colocado no chão, então correu direto para as pernas

de Talia.

Ela o pegou, beijando sua bochecha. — Oi amigo.

Outro dia, outra hora, a imagem deles juntos me faria sorrir. Era o que eu esperei uma vez. Uma família com ela.

Exceto que hoje, eu estava de mau humor.

E Talia era o motivo.

Então, eu não me incomodei com um olá ou mesmo um sorriso. Eu andei ao redor dela, direto para a porta.

O ar frio queimou meu nariz enquanto eu caminhava para minha caminhonete. Eu estava com as chaves na mão quando uma voz chamou meu nome.

— Foster.

Eu desacelerei, cerrei os dentes e a encarei. Maldita seja essa mulher. Mesmo que eu estivesse chateado, apenas a visão dela fez meu coração acelerar.

Suas mãos estavam enfiadas nos bolsos do casaco quando ela parou na calçada. — Pensei que você fosse embora.

— Eu não vou. — Levei meu café à boca e tomei um gole.

— Oh. — Talia baixou o olhar para suas botas. — O que você disse a eles?

— Quem? Seu irmão? Não muito. Mas acho que isso é tudo o que você disse a ele também. Não havia como esconder a frustração na minha voz. Meu sangue estava tão quente

quanto o café na minha mão. — Ele não tem ideia de que estávamos juntos, não é? Lyla?

Ela engoliu em seco. — Knox sabe que eu estava namorando alguém na faculdade e que não deu certo.

— Alguém. — Eu era apenas um alguém. Eu tive que me forçar a relaxar minha mão antes de esmagar o copo em meu punho. — Você nem mesmo disse a ele a porra do meu nome.

— Eu disse a Lyla. E meus pais.

— Certo. Esqueci do seu pai. Pelo menos ele sabe o suficiente para ir à academia e me dar uma surra por aparecer em Quincy.

— O que? Quando?

— Isso importa? Você fez questão de falar mal de mim a ele. Mas você não se incomodou em compartilhar as coisas boas.

O ano em que estivemos juntos foi o melhor momento da minha vida. Eu apreciei cada memória. Eu repassei incontáveis momentos. Apenas para mantê-la perto. Para ter certeza de que ela estava sempre na frente na minha mente.

Talvez ela tenha passado esses anos apenas repetindo o final.

Minha culpa. Foi minha culpa. Mas foda-se, dói.

— Você tinha vergonha de mim? — Porque eu era pobre. Sem instrução. Porque usava meus punhos para ganhar a vida.

— O que? Não.

Eu queria acreditar nela. — Então por que?

Ela hesitou. — É complicado.

— Sim, — eu murmurei. — Eu acho que é.

Deixei Talia na calçada e subi na minha caminhonete. Levou esforço para não olhar para ela, enquanto eu dirigia.

— Porra. — Eu dei um soco no volante quando retornei a Main.

Droga, eu queria que Jasper estivesse aqui. Porque hoje, o que eu mais precisava era de uma luta. Qualquer coisa para anestesiar a dor e me distrair da realidade.

Eu a estava perdendo. Eu a estava perdendo de novo.

Ou talvez, ela não tivesse sido minha para começar.

CAPÍTULO OITO

Talia

Foster estava furioso. Quando comparei nossos erros um contra o outro, o dele superou os meus dez vezes. Ele não chegou a ficar bravo. Então, por que essa culpa não ia embora? Isso estava me atormentando por três dias.

— Ok, desabafe, — disse Lyla no momento em que ela fechou a porta da frente do café. — Quem era aquele cara gostoso furioso mais cedo?

— Alguém do passado. — Suspirei, brincando com o pano que estava usando para limpar as mesas. — É complicado.

A mesma explicação que dei a Foster na calçada mais cedo. Parecia tão banal e patético quanto da primeira vez.

— Você não quer falar sobre isso, quer? Ela caminhou até a mesa, pegando uma das cadeiras e virando-a sobre a mesa.

— Na verdade, não.

Ela franziu a testa, mas não me pressionou por detalhes enquanto trabalhávamos em silêncio para fechar a loja.

Terminei de limpar as mesas e virar as cadeiras enquanto ela trabalhava atrás do balcão, limpando a máquina de café expresso e transportando os doces não vendidos para as geladeiras.

A luz atrás das janelas desapareceu rapidamente até que a escuridão se instalou e o brilho através do vidro eram das luzes da rua do centro.

Lyla limpou a cozinha enquanto eu varria e lavava o chão, as duas fazendo o trabalho na rotina de fechamento.

Parte de mim invejava Lyla por ser dona desta loja. Ela estabeleceu seus próprios horários. Suas escolhas eram suas. Havia liberdade aqui que eu nunca teria como médica. Não que eu pudesse imaginar fazer outra coisa com a minha vida. Mas tornava momentos como este especiais. Eu nunca reclamei de limpar o café ou dobrar lençóis no The Eloise ou lavar pratos no Knuckles ou mover vacas no rancho.

Minha família era cheia de empreendedores e tinha sido por gerações. O rancho era o maior empreendimento, mas o nome Eden estava espalhado por toda a cidade. Se não possuíamos atualmente um determinado negócio, as chances eram de que um de nossos parentes o tivesse no passado.

Nos últimos anos, mamãe e papai se esforçaram muito para se aposentar, vendendo alguns de seus investimentos. Dando a cada um de nós, crianças, a opção de intervir.

Só Mateo e eu não tínhamos assumido um negócio. Meu irmão mais novo estava pilotando aviões no momento, mas eu esperava que ele encontrasse o caminho de volta.

Montana tinha um jeito de nos puxar para casa.

Tomei a decisão de viver minha vida aqui, ao lado de meus pais, irmãos, avós, tias, tios e primos.

E agora Foster.

Ele estava morando em Quincy. Recusei-me a reconhecer o alívio que senti quando ele me disse que não iria embora. Eu também estava tentando esquecer a dor em seu rosto quando me perguntou se eu tinha vergonha dele.

Nunca. Eu jamais senti vergonha de amar Foster. Mas eu deveria ter contado a todos sobre ele. Eu deveria ter sido honesta sobre o nosso rompimento.

Lyla saiu da cozinha com uma toalha na mão. — Terminei na cozinha. O que mais precisa ser terminado aqui?

— Nada. — Mas em vez de pegar meu casaco para que pudéssemos jantar, virei uma das cadeiras e sentei nela. — Aquele cara? Este é Foster. O homem com quem namorei no último ano da faculdade.

— Sério? — Lyla contornou o balcão, pegando outra cadeira para sentar ao meu lado. — Eu estava ocupada e não peguei o nome dele quando ele estava falando com Knox. Ele é maravilhoso.

— Eu sei. — Eu gemi. Foster só ficou mais sexy com a idade. Isso seria muito mais fácil se ele ainda não fosse o homem mais bonito que eu já tinha visto.

— Por que ele está aqui? Acha que ele quer reacender as coisas?

— Ele está aqui... — Por mim. Para fazer as pazes. Falar. Talvez para pedir perdão. Ele não disse que queria tentar de

novo, mas aquele beijo na outra noite era impossível de ignorar. — É uma bagunça.

— Você se separou por que se mudou, certo? — ela perguntou. — Se ele está morando aqui, talvez seja o momento certo desta vez.

— Ele me quebrou, — eu sussurrei.

— O que você quer dizer com ele quebrou você? — Ela sentou-se mais reta. — O que aconteceu?

A história do nosso relacionamento saiu da minha boca, como se estivesse esperando anos para ser libertada. Quando terminei, havia tanta mágoa no rosto de Lyla quanto havia no de Foster antes.

— Você nunca me disse nada disso, — disse ela.

— Não é exatamente fácil discutir como seu namorado se casou com sua melhor amiga.

— Companheira de faculdade, — ela corrigiu. Lyla sempre se referiu a Vivienne como minha colega de quarto, não minha melhor amiga, porque esse título ela reivindicou no útero. — Eu entendo que não é fácil falar sobre isso, mas você deveria ter me contado.

— Eu sinto muito.

— Knox também não sabia sobre Foster. Alguém?

— Papai sim. Foster deveria me ajudar a me mudar, mas depois do rompimento, os planos mudaram. Papai veio me ajudar com o U-Haul. Eu estava bem chateada. Ele sabe o

que aconteceu e você sabe que ele não guarda segredos da mamãe.

— Diferente de você. — Lyla zombou. — Estou brava com você.

— Você não está sozinha, — eu murmurei.

— Nós não escondemos coisas assim uma da outra. — Ela saiu da cadeira, pegando uma embalagem de limpa-vidros e um pano do balcão. Ela começou a trabalhar na vitrine - a vitrine que eu já tinha limpado - apagando impressões digitais invisíveis e manchas até o vidro ranger.

— Desculpe, Lyla.

Ela girou, os olhos em chamas. — Eu te conto tudo. Você não é apenas minha irmã, você é minha melhor amiga. Você me ajuda nos dias ruins. Você nem me deu a chance de estar lá durante o seu.

— Eu estou-

— Cale-se. Estou chateada. — Ela começou a andar. — Você é brilhante. Você é uma médica incrível e ajuda muitas pessoas. Mas você é péssima em deixar alguém te ajudar. Seria tão difícil não ser perfeita?

Ai. — Eu não sou perfeita. Longe disso.

— Eu sei que você não é perfeita. Você não pode cozinhar algo que valha a pena. Não que você fosse admitir isso. Não que você vá admitir como está realmente se sentindo. Aqui

está você, depois de trabalhar a semana toda no hospital, limpando minha cafeteria.

— Eu não me importo.

— Esse não é o ponto e pare de me interromper. — Ela levantou um dedo. — Eu não preciso de você para me ajudar a limpar. Mas eu sei que você quer, então eu deixo. Consegue ver a diferença?

Eu mantive minha boca fechada.

— Essa foi uma pergunta real que você tem que responder.

— Sim. — Um sorriso puxou minha boca. — Eu deveria ter te contado sobre Foster há muito tempo. Prometo contar a você na próxima vez que um homem partir meu coração. Não só porque eu deveria me apoiar na minha irmã, mas porque era importante para Lyla que ela tivesse a chance de aparecer nos meus dias ruins.

— Obrigada. — Ela deu um único aceno de cabeça. — Então, o que você vai fazer sobre Foster?

— Ignorar ?

Ela riu. — Uma mulher solteira não ignora um homem assim.

— Deus. — Deixei cair meu rosto em minhas mãos. — Não sei. Não sei. Ele me beijou três dias atrás, e não consigo parar de pensar nisso.

— Bom?

— Lembra quando tínhamos quinze anos e você deu seu primeiro beijo?

Lyla caminhou até sua cadeira, sentando-se com um sorriso sonhador. — Jason Palmer.

— Eu fiz você me contar cada detalhe naquela noite. — Nós fugimos para o celeiro para que ninguém nos ouvisse falar. Eu estava curiosa, animada e um pouco ciumenta. Lyla sempre foi mais ousada com garotos. — Você me disse que era melhor do que arco-íris.

— Eu amo arco-íris. — Ela me deu um sorriso triste. — Esse beijo com Foster não foi apenas bom.

— Era melhor do que arco-íris.

— Oh garoto. Como sua irmã, sou obrigada a odiá-lo pelo que ele fez com você. Mas como sua melhor amiga, vou apoiá-la no que você decidir. O que você vai fazer?

— Pedir para ele ir embora? — Dei de ombros. — Não posso. É tarde demais.

Lyla estendeu a mão, colocando-a sobre a minha. — Tarde demais para arco-íris?

— Os arco-íris desapareceram na tempestade. — A tempestade de Foster e Vivienne.

— Então talvez você consiga algum fechamento. Ele quer explicar. Qual é o mal em deixá-lo tentar?

O dano? Que me apaixonasse por ele. E ele me quebrasse novamente.

Ficamos sentadas em silêncio por alguns momentos, até que me levantei e coloquei minha cadeira na mesa. Então, juntas, caminhamos até Knuckles e comemos um jantar tranquilo. Quando Lyla começou a bocejar com a sobremesa, fiz sinal para a conta.

— Eu te amo, — eu disse, dando-lhe um abraço quando estávamos entre meu Jeep e seu carro no beco atrás do café.

— Eu também te amo. Boa noite.

— Noite.

Lyla dirigiu em uma direção na Main enquanto eu virava na outra. Exceto quando cheguei à rua que levava ao meu bairro, continuei em frente até me encontrar na Lower Clark Fork Road, seguindo a curva escura do rio fora da cidade.

Talvez Lyla estivesse certa. Talvez eu precisasse encerrar com Foster. Talvez então, a dor e a frustração fossem embora. Talvez então, eu pudesse realmente esquecer.

E caramba, eu mesma tinha algumas coisas para dizer.

Foster estava bravo comigo. Mas ele não chegou a ficar bravo antes.

A cada quilômetro, meu coração disparava. Minha própria raiva floresceu até que meu aperto no volante era punitivo. As luzes dentro do ginásio fluíam pelas janelas para a noite. Estacionei, saí do jipe e corri para dentro, sem me dar a chance de desistir dessa visita. Para esfriar minhas emoções.

O calor me atingiu no rosto quando entrei.

A academia não era nada como estava no início da semana. No centro do espaço havia um ringue de boxe. As esteiras saiam ao redor da base eram de um azul brilhante. Cordas pretas esticadas de canto a canto. E no centro, vestindo apenas um short, estava Foster.

Seu corpo, aqueles músculos definido , brilhavam de suor. Seu peito arfava com respirações difíceis.

O desejo se acumulou entre minhas pernas. Meu núcleo se apertou. Porra. Vir aqui esta noite foi um erro. Ele era muito tentador.

Vê-lo treinar sempre foi tão excitante. Durante suas lutas, eu me sentava na beirada do meu assento, esperando que ele vencesse. Em pânico que ele pudesse perder.

Mas nas noites em que ele ganhava – o que era na maioria das vezes – não conseguíamos sair do estacionamento antes de arrasta-lo para o banco de trás de sua caminhonete e rasgar suas roupas.

— O que você quer, Talia? — A voz de Foster tinha um tom afiado.

Eu queria olhar para ele e não sentir nada. Eu queria ser capaz de rasgar aquela foto nossa em cem pedaços. Eu queria dormir à noite e não ter seu rosto assombrando meus sonhos.

Eu queria que ele parasse de ficar bravo comigo, porque caramba, ele não poderia ficar bravo comigo.

Indo para o ringue, subi em sua borda. Então me inclinei e escorreguei entre as cordas, marchando direto para o seu espaço.

— Você não pode ficar com raiva de mim. — Enfiei um dedo em seu peito nu e encontrei nada além de músculos sólidos.

Ele olhou para minhas botas e para os flocos de neve que haviam grudado. Seu queixo apertou. — Tire seus sapatos. Este é um maldito ringue novinho em folha.

Minhas narinas se dilataram, mas me inclinei, tirando uma bota para jogar por cima das cordas seguida pela outra. Cada uma aterrissou com um baque no chão de concreto. Eu era um pouco mais baixa sem as botas, então fiquei na ponta dos pés e o cutuquei novamente. — Você fez isso. Eu não. Então você não pode ficar com raiva de mim.

— Você não se incomodou em contar à sua família sobre mim. — Ele plantou as mãos em seus quadris estreitos. — Ficamos juntos por um ano. Admita. Você estava preocupada com o que papai diria quando trouxesse para casa um cara como eu.

— Ah, foda-se. — Eu bati ambas as mãos em seu peitoral, empurrando o mais forte que pude. Ele nem balançou nos calcanhares. — Como você pode dizer isso para mim? Como você pode pensar que eu teria vergonha? Foda-se, por pensar que sempre me importei com dinheiro.

— Porque você estava! — Ele jogou os braços. — Você me escondeu porra, Talia. Você me escondeu.

— Eu te amei. — Empurrei-o novamente, dando-lhe todo o meu peso. — Eu tinha 21 anos, morava em Las Vegas, a mil milhas de casa. Meus pais sabiam seu nome. Todo mundo sabia que eu estava namorando um cara. Mas não, eu não entrei nos detalhes da minha vida amorosa com meus irmãos.

— Desculpas, Talia. E a sua irmã?

— Ela sabia o suficiente. Eu não sabia o que ia acontecer conosco. Não sei por que não contei a ela, ok? Não era para te machucar. Ou para escondê-lo. Eu estava saindo e nunca conversamos sobre isso.

— Nós conversamos sobre isso.

— Oh sério? Quando? Eu estava me mudando para Seattle e tudo o que você disse foi *'Nós vamos descobrir'*. — Eu joguei aquelas aspas na cara dele.

— Nós teríamos descoberto isso.

— Isso foi antes ou depois de você se casar com Vivienne? — Desta vez, quando empurrei, dei todo o meu peso. Eu empurrei sete anos de raiva e mágoa. E desta vez, ele teve que dar um passo para trás para manter o equilíbrio.

— Eu te amei por 437 dias. — Não lhe dei espaço. Eu o agarrei, fechando o punho. — Um ano, dois meses e onze dias.

Fazia muito tempo desde que eu tinha dado um soco. Mas estávamos em um ringue de luta. E caramba, eu queria essa luta. Então eu dei um soco no nariz dele.

Ele o bloqueou com um movimento do pulso. — Que porra é essa?

— Eu pensei que você disse que tinha uma briga chegando. — Dei outro soco , os músculos do meu braço ficaram tensos. — Você queria minha ajuda, certo? Bem, aqui está.

— Talia, pare com essa merda.

— Não. — Dessa vez dei um soco com o braço direito, mirando no rim dele.

Ele a afastou com o cotovelo, recuando e contornando o ringue.

Mas eu continuei seguindo, jogando socos inúteis que nunca atingiram sua pele.

— Eu te odeio por escolher Vivienne. — Outro soco.

— Eu te odeio por não me amar do jeito que te amei. — Em seguida, outro soco.

— Eu te odeio por ser tão difícil de esquecer. — Uma lágrima escorreu pelo meu rosto quando eu dei o próximo soco. Meus olhos inundaram e Foster estava embaçado, mas eu continuei golpeando. — Vergonha de você? Eu teria feito qualquer coisa por você.

— Talia, pare. — Ele agarrou minha mão, mas a puxei, e desta vez quando dei meu soco, descontrolado e cruel e com todas as minhas forças, ele deixou colidir com seu peito.

A dor explodiu através da minha mão, meus dedos doendo. — Filho da puta.

— Merda. — Foster a agarrou, completamente imperturbável por eu ter batido nele o mais forte possível, e coloquei meus dedos para trás, inspecionando minha mão.

— Está bem. — Eu o afastei, recuando para o outro lado do ringue e virando as costas para ele, enquanto sacudia meus dedos. Uma vez que a dor desapareceu, eu funguei e sequei meus olhos.

Legal, Talia. Eu tinha acabado de perder completamente a cabeça.

Eu puxei as cordas, pronta para fugir, mas a mão de Foster se fechou em volta do meu cotovelo, me parando.

—Tally, me desculpe. Era tão sincero quanto suas outras desculpas. Pouco a pouco, foram entrando sorrateiramente.

— Eu nunca tive vergonha de você, — eu sussurrei. — Nunca.

Foster não tinha falado muito sobre sua infância enquanto estávamos juntos. Ele me levou para conhecer seus pais no almoço uma vez e ambos pareciam legais. Mas não tínhamos ido à casa deles. Não passamos muito tempo no apartamento de Foster porque ficava em um bairro perigoso.

— Você vai olhar para mim? — ele perguntou.

Soltei um suspiro trêmula e me virei. Um pequeno traços de letras pretas estava em uma linha vertical ao longo de suas costelas. Mais cedo, eu estava muito ocupada para observá-las. Depois, estava muito ocupada socando.

Mas agora, não havia como perdê-las.

GARNET FLATS

— O que é isso? — Apontei para as palavras, encontrando seu olhar. — Por que você tem essa tatuagem?

Era a única tinta em seu corpo.

Ele fechou os olhos por um longo momento, seus ombros caindo. — Você me disse uma vez que sua bisavó adorava caçar garnets [1].

— Tataravó, — corrigi.

Ela, junto com meu tataravô, fundou Quincy. Nossa família vivia aqui desde então. As pessoas brincavam que você não poderia jogar uma pedra no Main sem bater em um Éden.

Não era totalmente incorreto.

As pessoas chamavam nossa família imediata de realeza Quincy — por brincadeira ou ciúme. Eu realmente odiava esse termo. Éramos apenas pessoas que amavam esta cidade o suficiente para ficar e construir nossas vidas na comunidade. Éramos uma família que prezava nossas raízes e nossas histórias, como a da minha tataravó.

Ela adorava caçar garnets. No momento em que morreu, ela acumulou uma boa coleção. A maioria foi transformada em joias, transmitidas por gerações. Eu tinha um par de brincos de garnets. Lyla e Eloise tinham colares, cada.

Garnet Flats era a área do rancho onde ela encontrou a maioria de suas garnets – daí o nome. Papai costumava me levar lá para caçar no verão. Mamãe preparava um almoço de piquenique e teríamos um encontro entre pai e filha. Eu nunca encontrei uma pedra preciosa minha, mas aquele lugar se tornou meu lugar especial.

Foi uma das muitas histórias que contei a Foster sobre Quincy. Sobre o rancho. Ele sempre pareceu fascinado pela minha casa em Montana, dizendo que mal podia esperar para ver por si mesmo.

Ele está aqui agora.

E meu lugar especial foi tatuado em sua pele.

— Eu nunca ouvi ninguém descrever um lugar do jeito que você falou sobre ele, — disse ele. — Eu poderia fechar meus olhos e estar lá, de pé com você nos prados. Eu podia ver as montanhas e sentir o cheiro das árvores. Eu poderia imaginar a casa que você queria construir. A vida que você queria viver.

— Por que está tatuado em seu corpo?

— Como um lembrete.

— Sobre o que?

Ele me deu um sorriso triste. — Do que eu perdi.

As lágrimas voltaram.

— Seus sonhos eram meus sonhos, Tally. Eu os perdi quando perdi você. — Ele enganchou um dedo sob meu queixo. — Eu perdi você?

Sim. Deveria ser uma resposta fácil. Ele escolheu Vivienne. Então, por que não posso dizer isso? Por que não pude ir embora?

Seus olhos procuram os meus enquanto ele se eleva sobre mim, inclinando-se cada vez mais perto. E assim como na outra noite, não o afastei.

Eu queria arco-íris.

Os lábios de Foster roçaram os meus. Um sussurro de um toque que acendeu um fogo em minhas veias.

Fiquei na ponta dos pés, jogando uma mão em volta do pescoço para puxá-lo para frente.

Ele não hesitou. Seus braços me envolveram enquanto ele me puxava do chão, prendendo-me em seu peito.

Um movimento de sua língua e o mundo fora deste ringue desapareceu. O mundo não existia. O passado era uma névoa. Minhas pernas envolveram sua cintura, nos prendendo.

Ele inclinou sua boca sobre a minha, sua língua mergulhando fundo para emaranhar com a minha, e derreti no esquecimento. Era arco-íris e estrelas e uma sinfonia de

desejo. Seus lábios eram o paraíso, macios, mas firmes. Seus dentes beliscaram e ele chupou com a quantidade certa de pressão para me fazer choramingar.

Suas mãos foram para minha bunda, me levantando mais alto até que meu rosto estava acima do dele e meu cabelo caiu em torno de nós. Então descemos , Foster de joelhos. Seu controle não diminuiu. Seus lábios não se separaram dos meus até que ele estava apoiado em seus calcanhares e eu estava sentada em suas coxas.

— Porra, Tally. — Ele puxou meu casaco, tirando-o dos meus ombros.

Eu balanço meus braços, frenética para tirá-lo. Em seguida ele puxa a bainha do meu suéter, puxando-o para cima até que foi arrancado da minha cabeça e voasse pelo espaço.

O calor de sua pele pressionou a minha quando sua boca se uniu ao meu pescoço, chupando e beijando enquanto minhas mãos percorriam sua pele, traçando os músculos definidos de seus ombros e peito. Suas mãos espalhadas sobre minha coluna, a força de seu corpo envolvendo o meu.

Ele havia mudado ao longo dos anos. Ele ficou mais forte, mais volumoso, transformando-se de um jovem forte para este Adonis. O corpo de Foster foi aperfeiçoado para o pecado e o sexo.

— Mais, — eu engasguei quando seus dedos puxaram as alças do meu sutiã.

Foster se inclinou para frente, me empurrando até que minhas costas estivessem contra os tapetes. Ele pairou sobre mim, seus lábios deixando um rastro em minha pele enquanto apimentava beijos ao longo do meu queixo e pescoço.

Meus dedos se enroscaram em seu cabelo enquanto ele se movia para meus seios. O calor úmido de sua boca se infiltrou através dos bojos de renda do meu sutiã enquanto ele chupava um mamilo em sua boca.

— Oh Deus. — O que diabos eu estava fazendo? Quem porra se importava?

Lyla poderia manter seus arco-íris. Eu queria isso.

Fogos de artifício.

Meu corpo inteiro estava pronto para entrar em combustão.

— Diga meu nome, — ele rosnou contra a minha pele enquanto beijava meu estômago até a barra da minha calça.

— Foster, — eu respirei.

— Boa garota.

Eu levantei meus quadris enquanto ele abria o botão e puxava para baixo o zíper. Então ele arrastou o jeans pelas minhas pernas, tirando-o com as meias, me deixando em nada além de meu sutiã e calcinha.

Estávamos em frenesi, desesperados para tirar as peças restantes. Eu tirava meu sutiã enquanto ele abaixava seu

short e a cueca boxer tirando-as. Antes que eu pudesse tirar minha calcinha, ele a arrancou do meu corpo, jogando a renda rasgada por cima do ombro.

Então, reivindicou minha boca mais uma vez enquanto sua excitação latejava contra meu núcleo excitada. Sem preliminares. Nenhum de nós precisava de nada mais do que nossas bocas fundidas, línguas contorcendo.

Foster estendeu a mão entre nós, arrastando a ponta de seu pau contra meu clitóris e enviando um estremecimento pelo meu corpo antes de se posicionar na minha boceta e empurrar para dentro.

Eu gemi em sua boca, saboreando o alongamento. O estremecimento de dor do seu tamanho. O prazer que veio quando ele penetrou seu pau enorme mais fundo.

— Foda-se, Talia, — ele gemeu contra meus lábios.

— Mova-se. — Envolvi minhas pernas ao redor dele, agarrando-me aos seus ombros.

Ele se afasta e nos movimentamos juntos, encontrando um ritmo que roubou meu fôlego. A batida constante de seus quadris contra os meus me enviou em direção à borda. O som de nossos batimentos cardíacos e respirações irregulares preenchendo o espaço vazio.

Foster aproveitou o poder de seu corpo, não segurando nada enquanto se movia dentro de mim, porque nós dois sempre gostamos de foder duro. Sua mão acariciou minha bunda, deslizando ao longo da curva da minha coxa até

chegar ao meu joelho. Então ele se afastou de onde eu a tinha enrolado em seu quadril. Ele a ergueu mais alto, quase no meu ombro. O ângulo o enviou tão profundo que ofeguei.

Foster havia aprendido os segredos do meu corpo há muito tempo e o homem tinha uma ótima memória.

— Você está sentindo isso? — Ele impulsionou para frente e parou, a ponta de seu pau pressionando contra meu clitóris.

— Foster. — Eu agarrei seus ombros, minhas costas arqueando para fora do tapete.

Ele retirou apenas para penetrar dentro de mim novamente. — Você sente isso, Talia?

Minhas pernas começaram a tremer. O orgasmo estava chegando, minha respiração ofegante.

— Responda-me. — Ele mudou seu ritmo, nos unindo em um impulso lento. Agonizantemente lento. — Você sente isso?

Não a química. Não a luxúria. Não os fogos de artifício.

A emoção impossível, enterrada sob tudo isso, que me recusei a nomear.

— Você-

— Sim, — eu sussurrei. Sim, eu sinto.

Os lábios de Foster encontraram os meus para outro beijo, sua língua invadindo minha boca , seu pau atingindo

aquele ponto, até que estrelas surgiram em meus olhos e desmoronei, quebrando em mil pedaços, gritando seu nome. Meu orgasmo desencadeou o dele e ele gozou em um rugido enquanto eu pulsava e apertava em torno de seu pau.

Levou minutos, horas, para flutuar de volta à terra. Talvez porque eu me agarrasse à neblina e ao prazer, sabendo que a realidade ia doer. Foster me abraçou forte até que o suor de nossos corpos esfriou e ele rolou de cima de mim, desmoronando em uma massa inerte ao meu lado.

A luz dos fogos de artifício desapareceu.

O arco-íris desapareceu.

Apertei os olhos fechados, não querendo ver minhas roupas espalhadas ou a calcinha rasgada do outro lado do ringue. Eram a evidência da minha fraqueza.

Mas eu não podia ficar neste tapete para sempre, então me levantei e peguei meu jeans, arrastando-o pelas minhas pernas. Enfiei minhas meias e sutiã em um bolso e puxei meu suéter. Então saí do ringue para colocar minhas botas e casaco.

— Talia. — Foster não se moveu de onde estava no ringue, nu. Ele abriu os olhos, virando a cabeça para me parar com aquele olhar azul tempestuoso. — Eu perdi você?

— Você perdeu a mulher que eu era.

— E a mulher que você é agora?

Eu gostaria de ter uma resposta. Mas não tinha. Então eu o deixei no ringue e dirigi para casa. E ao invés de chorar na minha garagem, eu deixei as lágrimas caírem no chuveiro.

CAPÍTULO NOVE

Foster

Primeiro de Janeiro. Um novo ano. Um novo começo.

E pela primeira vez em muito tempo, eu estava começando um ano como dono de mim mesmo.

A menos que Talia me aceitasse. Então eu seria dela até o fim dos meus dias.

Eu dei-lhe ontem para pensar sobre sábado à noite. Aproveitei esse tempo para pensar sobre isso também. Sempre fomos combustíveis juntos. E foda-se, foi bom me perder em seu corpo. Para sentir sua pulsação ao meu redor. Para ver o desejo em seus olhos. Ouvi-la dizer meu nome enquanto gozava.

Minhas esperanças aumentaram. As chances de perdão eram pequenas, mas ainda assim...

Eu esperava com abandono.

Talia tinha dito que eu tinha perdido a mulher que ela tinha sido. Bem, eu com certeza não iria perdê-la novamente. Não, se eu pudesse evitar.

Portanto , eu começaria este ano com honestidade. Com uma confissão que há muito tempo já deveria ter sido feita.

Eu passei a maior parte do meu dia na academia, limpando e me esforçando para dar os últimos toques finais

no lugar. O último equipamento foi montado e consegui fazer um treino decente.

Então, eu irei à cidade esta tarde para fazer compras, passando pelo hospital a caminho de casa para ver se Talia estaria trabalhando. Seu jipe estava em sua vaga regular no estacionamento, o que significava que eu tinha mais tempo para gastar. Foi a primeira vez na minha vida que fiquei feliz pela lavanderia.

O sol havia se posto horas atrás. A espera tinha sido uma agonia e finalmente me levou para fora de minha casa e para a cidade. Para Talia.

Meu estômago deu um nó quando estacionei do lado de fora de sua casa. As luzes estavam acesas lá dentro, lançando um brilho em seu gramado coberto de neve. Tivemos neve esta manhã e sua calçada estava coberta de branco.

No canto de sua varanda havia uma pá azul, então eu saí da minha caminhonete, fechei meu casaco mais alto e comecei a trabalhar. O barulho da pá preencheu a noite fria e escura enquanto eu demorava mais alguns minutos.

Dei a mim mesmo apenas mais um pouco de esperança.

Eu estava no último degrau da varanda quando a porta se abriu. Talia estava na soleira da porta , sem maquiagem, seu cabelo úmido – impecável – e vestida como na minha primeira noite em Quincy. Legging. E um moletom grande demais.

Um moletom UNLV (Universidade de Nevada Las Vegas).

Eu tinha um para combinar.

— O que você está fazendo? — Ela coloca os braços em volta da cintura.

— Limpando sua calçada. — Deixei a pá de lado e examinei meu trabalho. — Provavelmente levei o dobro do tempo que você levaria.

— Está ótimo. Obrigada por fazer isso por mim.

— De nada. Suponha que eu tenha mais prática morando em Montana.

Esperei que ela me contradissesse ou discutisse e exigisse que eu deixasse Quincy. Mas ela ficou quieta. Talvez depois da noite de sábado, ela percebeu que eu não iria embora.

Minha respiração ficou ofegante enquanto nos encarávamos. Havia mil palavras não ditas entre nós, tão densas que eram uma nuvem por si só.

— Sobre a outra noite—

Ela ignorou o assunto. — Não precisamos falar sobre isso.

— Nós precisamos. Eu não usei preservativo. — Não que eu tivesse uma para encontrar. Eu não precisava de preservativos há muito tempo.

— Estou tomando anticoncepcional.

— Ok. — Havia uma pitada de decepção em minha voz. Um bebê com Talia não teria sido uma surpresa indesejada. — Eu, hum... faz tempo que não estou com ninguém. — O fato de eu ter conseguido durar mais de cinco segundos foi um maldito milagre. Estar dentro do corpo de Talia era o paraíso na terra.

— Por causa do seu divórcio. Certo.

— Algo assim, — eu murmurei. Não, não foi por causa do divórcio. Mas esse esclarecimento viria mais tarde. — Vai me fazer ficar aqui fora a noite toda? Não está exatamente quente.

— Você pode entrar, mas só porque se você ficar com hipotermia, serei a única a tratá-lo. Passei bastante tempo no hospital hoje e tenho um turno de doze horas amanhã.

Eu rio, esperando ver um sorriso em seu rosto também. Mas parecia que ela tinha acabado de bater o dedo do pé. — O que?

— Não ria.

Meu sorriso diminuiu. — Por que?

— Porque eu gosto. — Talia se moveu para o lado e fez sinal para que eu entrasse.

Quando ela fechou a porta, tirei minhas botas e meu casaco, pendurando-o em um gancho na entrada. Então a segui para dentro da casa, inspirando longamente seu cheiro. Coco e frutas cítricas.

Eu tinha ido dormir um homem feliz no sábado à noite porque eu tinha aquele cheiro na minha pele. Ainda bem que ela não tinha trocado de sabonete ao longo dos anos. Eu teria perdido esse cheiro.

— Ótimo lugar, — eu disse quando entramos na sala de estar.

— Obrigada.

Sua casa era charmosa e aconchegante. As paredes foram pintadas de um bronze suave que complementava o sofá de couro e a poltrona. A mesa de centro de nogueira tinha seis bases para apoio de copos , uma das quais continha uma jarra cheia de água gelada. Ela sempre se preocupou com os círculos de condensação arruinando móveis, então ela mantinha porta-copos em todos os lugares.

A lareira contra a parede era feita do mesmo tijolo que fora usado para as escadas da varanda. Os pisos de madeira pareciam originais, com algumas marcas e irregularidades ocasionais para adicionar personalidade. Um tapete grosso ocupava a maior parte da sala, os toques de verde escuro no padrão combinando com o vaso de planta no canto.

A casa era mais antiga, provavelmente construída antes que o conceito aberto se tornasse a moda, então cada cômodo era separado por paredes e portas em arco. E acima do sofá, em vez de pinturas ou gravuras, havia uma parede como galeria de fotos. A foto no centro era de sua família.

Era mais antiga, uma versão maior da cópia que ela tinha em seu apartamento em Las Vegas.

Talia caminhou até o sofá, sentando-se contra uma extremidade e dobrando as pernas na almofada como se estivesse se encolhendo. Como se estivesse se preparando para o que estava por vir.

Peguei a extremidade oposta do sofá, dando-lhe algum espaço enquanto apoiava os cotovelos nos joelhos. — Belo moletom.

Ela olhou para baixo, como se tivesse esquecido qual tinha vestido.

— Você me comprou o mesmo, lembra? Você achou que seria fofo se nós combinássemos.

— As mangas eram muito curtas, então você nunca usava.

— Não, as mangas estavam boas. — Foi uma das duas mentiras brancas que eu disse a ela. — Eu não usei porque não queria que as pessoas pensassem que eu tinha conquistado. Que eu ia para a faculdade.

— O que? — Ela inclinou a cabeça. — Por que?

— Eu mal terminei o ensino médio. Consegui meu ensino médio e sabia que nunca passaria em uma aula de matemática ou inglês. A ideia de faculdade... isso era para pessoas como você. Eu não. E quando coloquei aquele moletom, me lembrou de tudo que eu nunca teria. Tudo o que

eu não poderia te dar. Um garoto pobre de um bairro pobre cuja melhor habilidade eram os punhos. Um cara que tinha a sorte de ter vinte dólares no bolso e sabia que não seria capaz de lhe dar o mundo.

Ela puxa os joelhos contra o peito. — Eu nunca precisei do mundo.

— Mas eu queria dar a você de qualquer maneira.

Naquela época, eu estava envolvido em bens materiais. Defini sucesso como dinheiro e status. Tudo que fizeram meus pais amargos por não terem. O ressentimento que tinham um com o outro porque não o tinham.

Se pudesse voltar no tempo, chutaria minha própria bunda.

Talia não precisava de carros ou uma casa chique. Tudo o que ela precisava era adormecer em meus braços todas as noites e acordar com meu rosto todas as manhãs.

— Você não falava muito sobre sua infância, — disse ela.

— Não. — E eu só a apresentei à minha família uma vez. Em um almoço, não no jantar, em um esforço para mantê-lo o mais rápido possível.

Embora ela sempre falasse sobre sua família, eu evitava esse assunto a todo custo. Era como se nossas posições tivessem se invertido. Ela me contou tudo, mas não me compartilhou na direção oposta. E eu contei a todos sobre ela, mas não compartilhei nada sobre eles com ela.

— Nós não tínhamos muito dinheiro quando eu era criança, — eu disse. — Papai trabalhava em uma loja de pneus, trocando pneus e consertando buracos. Mamãe trabalhava como bartender em um bar de esportes na Strip. Juntos, eles faziam um salário decente, exceto que geralmente voltavam para casa com metade disso porque deixavam o resto em um cassino.

— Eles tiveram problema com jogo? Eu não fazia ideia.

— Não é algo que eu gostava de falar. Isso causou muitos problemas entre meus pais. Eles brigavam o tempo todo. Eles ficavam bravos quando um perdia demais. Da próxima vez, seria o outro.

— Eu sinto muito.

Dei de ombros. — É quem eles são.

Nenhum dos meus pais mudaria. Eu tinha aceitado isso. E hoje em dia, em vez de ficarem bravos um com o outro, muitas vezes eles também ficavam bravos comigo. Eles se ressentiam de minha riqueza porque eu não a compartilhava com eles, não do jeito que eles queriam.

Toda vez que eu lhes dava dinheiro, eles gastavam tudo em semanas. Os dois carros que comprei para papai foram vendidos por dinheiro. O mesmo aconteceu com as joias que dei para mamãe.

Eu trabalhei muito duro para eles jogarem fora meu dinheiro. Então, comprei para eles uma casa que estava em meu nome para que não pudesse ser vendida. Eles recebiam

belos presentes nos aniversários e no Natal, e não perguntei o que aconteceu com esses presentes.

— Crescendo, nossa casa não era pacífica, — eu disse a Talia. — O volume normal era o grito. Acho que foi por isso que comecei a lutar. Era uma saída. Uma forma de silenciar o barulho. Eu tinha um amigo no ensino médio que começou a lutar boxe e ele me levou ao Angel's um dia.

A academia do Angel, de propriedade de Arlo Angel. Ele tinha sido meu salvador naquele momento da minha vida. Ele me colocou sob sua asa e me treinou pessoalmente por anos. Provavelmente porque ele tinha visto o talento natural e uma porra de agressividade reprimida.

— Eu não respeitava meu pai, — eu disse a Talia. — Eu não escutava minha mãe. Mas Arlo... ele era meu herói. Ele pegou um garoto chateado e deu a ele um futuro. Ele me disse que eu poderia ser grande, então lutei para ser grande. Eu precisava disso. Eu precisava de alguém que acreditasse em mim. Eu precisava de algo pelo qual lutar. — E por muito tempo, a aprovação de Arlo foi a fonte da minha motivação.

— Compreensível, — disse ela. — Ele é um homem carismático.

— Era, — eu corrigi. — Ele morreu em novembro. Ataque cardíaco.

Talia suspirou. — Ah, eu não fazia ideia. Eu sinto muito.

— Eu não sinto. Muita coisa aconteceu com Arlo. Nenhuma delas foi boa.

— O que você quer dizer? Você o amava.

Soltei um longo suspiro. Contar essa parte da história nunca foi fácil. Provavelmente, porque só compartilhei com Jasper. — Eu parei de lutar pelo Arlo quando conheci você.

— Huh? — Suas sobrancelhas se uniram. — Não entendo. Você estava lutando na academia dele.

— Ele não foi a motivação. Não era mais. No começo, briguei porque precisava da saída. Então, eu lutei para deixá-lo orgulhoso. Então eu conheci você. Não era mais sobre mim, era sobre você. Eu não tive educação. Sem esperanças de ser advogado, banqueiro ou empresário. Meu talento estava no ringue. Eu lutei para vencer, porque vencer significava um sorriso mais brilhante em seu rosto. Significava ouvir você torcer pelo meu nome. E isso significava dinheiro.

Tudo se resumia a dinheiro. Tolo que fui, pensei que dinheiro importava.

— Você falou sobre sua família. Seus negócios. O rancho. O hotel. Eu sabia que você vinha do dinheiro. E prometi a mim mesmo que não faria você dar um passo para trás. Eu não te arrastaria para baixo.

Talia sentou-se mais reta, soltando os joelhos. — Você está dizendo que partiu meu coração porque estava agindo como uma espécie de mártir? Você me deixou ir para encontrar alguém 'melhor'?

— Não. — Eu cerrei os dentes. Só de pensar nela com outro homem, me enviou em espiral mais de uma vez nos

últimos sete anos. — Eu ia lutar em qualquer lugar que me deixassem. Eu ia lutar todas as vezes, ganhar cada centavo. Até que meu corpo quebrasse. Eu nunca deixaria você ir.

— Mas você fez. Você escolheu Vivienne.

Eu encontrei seus olhos azuis, cheios de dor e traição. Um milhão de desculpas não tirariam a culpa. Uma vida inteira não seria longa o suficiente para compensar a dor que eu causei a ela. — Eu nunca vou me perdoar pelo que aconteceu, Tally. Pelo que eu fiz com você.

— Mas... Por quê? — Sua voz soou baixa. — O que aconteceu conosco? Nós éramos felizes. Achei que estávamos felizes. Não estávamos? Você deveria ter me dito que tinha sentimentos por Vivienne.

— Eu não tinha.

Suas mãos se fecharam em punhos em cima de seus joelhos. — Você se *casou* com ela.

— Porque Arlo me chantageou para isso. Se eu não fizesse exatamente o que ele queria, inclusive casar com Vivienne, ele se voltaria contra mim.

— Por que?

— Por entregar uma luta para ganhar cinquenta mil dólares.

CAPÍTULO DEZ

Talia

— O-o quê? — Eu balanço minha cabeça. — Você entregou uma luta? Quando? Qual luta?

Eu fui a todas as suas lutas e ele perdeu duas vezes. Ambas as vezes, foi por decisão e uma decisão tão próxima que poderia ter sido qualquer resultado. Foster levou uma surra, mas fez o mesmos. Ele não se conteve. Ninguém poderia ter assistido a nenhuma das lutas e dito que deixaria o outro vencer.

Foster dava tudo de si quando estava no ringue. Sempre.

— Não foi uma luta que você assistiu. Cerca de seis meses antes de nós, hum... — Ele engoliu em seco.

— Antes de nos separarmos.

— Sim. Um dos caras da academia me abordou sobre uma luta clandestina. — Foster se encolheu na admissão.

— Não. — Ai meu Deus, não. — Você não fez.

Mesmo sendo alguém que não estava enraizado no mundo da luta, eu sabia que as lutas clandestinas não passavam de problemas. Não acontecia com frequência, mas de vez em quando eu ouvia um sussurro na academia de Arlo sobre um ringue de luta subterrâneo. Principalmente, a conversa acontecia depois que um lutador era gravemente ferido.

Perguntei a Vivienne sobre isso uma vez. Ela me disse que aquelas lutas eram perigosas, mas os caras as faziam pelo dinheiro.

Não só era ilegal – se pegos, os participantes poderiam ser presos por agressão – mas eles arriscavam sua posição no UFC. Se Foster tivesse feito isso, ele colocaria sua carreira em risco. E sua vida. As regras em lutas ilegais eram... flexíveis.

Vivienne tinha me dito que um dos caras do ginásio tinha ido para uma luta clandestina e seu oponente tinha feito um corte no olho. O homem então perdeu seu olho.

— Não estou orgulhoso. — Sua voz estava rouca, áspera devido à brutalidade da honestidade. — Foi, sem dúvida, o maior erro da minha vida. Tenho me arrependido todos os dias desde então.

Foster usava uma expressão estóica na maior parte do tempo. Encarava o mundo com os ombros erguidos e a guarda a postos. Mas quando baixou as mãos, lhe mostrou sua vulnerabilidade, você estava dentro.

— Você fez isso pelo dinheiro, — eu disse.

— Eu fiz isso pelo dinheiro.

— Porque você achou que eu precisava? — Eu saí voando para fora do sofá, a raiva crescendo em meu peito. Toda aquela dor, todas as lágrimas e angústia, porque ele pensou que eu precisava de dinheiro? — Fique de pé. Eu preciso socar você de novo.

Foster obedeceu imediatamente.

— Isso é um insulto, — eu disse. Mas quando encontrei seu olhar, obscurecido pela humilhação, minha raiva se dissipou.

Ele me deixaria socá-lo, uma e outra vez. Mas isso não me faria sentir melhor. Não preencheria o buraco no meu coração.

— Eu precisava de você. Não de dinheiro.

— Tive que perder você para descobrir isso.

Engoli o nó na garganta, recusando-me a chorar. Não essa noite. — Como Arlo se envolveu?

— Arlo sempre esteve envolvido. — Foster suspirou, afundando de volta em seu assento. Ele esperou para continuar até que eu estivesse sentada também, minhas mãos dobradas sob meus joelhos para evitar que se mexesse inqueta. — A primeira luta que concordei era pequena. Não era um pagamento enorme, mil dólares, mas mais do que eu ganhava na academia trabalhando o dia todo. E um complemento decente para o que eu ganhava com as lutas do UFC que estavam me dando na época.

Ele era um talento novo e promissor, mas precisava de experiência para que o UFC lhe desse lutas mais bem pagas. Ele estava dedicando seu tempo à liga e, para pagar suas contas, Foster trabalhava como instrutor no Angel's. Naqueles dias, Foster estava em um dos dois lugares. Na academia ou comigo.

Exceto que isso não era realmente verdade, era? Porque ele também estava se esgueirando nessas brigas ilegais.

Briga de galos. Foi assim que Vivienne a chamou.

— A segunda luta foi maior, — disse ele. — Melhor pagamento. Achei que faria isso, talvez mais duas, e iria embora. A luta era em um armazém e montaram um vestiário improvisado. Eu estava sentado em uma mesa, esperando minha vez e enfaixando minhas mãos, quando a porta se abriu. E entrou Arlo. Eu pensei que ele tinha ouvido falar e estava vindo para me arrebentar, me tirar de lá. Mas ele apenas sorriu. Disse que já era hora de eu decidir ganhar algum dinheiro.

— O que? — Eu pisquei. — Ele sabia.

Arlo sempre parecera tão íntegro ,respeitando as regras. Ele criticava os lutadores quando eles davam golpes baixo durante as lutas. E quando perguntei a Vivienne sobre essas lutas clandestinas, ela me disse que seu pai as odiava.

Ele tinha sido um cara gentil, uma besta de homem, com uma grande gargalhada. Quantos, inclusive a mim, enganou com seu sorriso fácil?

— Ah, Arlo sabia. — Foster zombou. — Ele era muito experiente nesse mundo. Conhecia todos os organizadores. Conhecia os lutadores. Sabia como fazer suas apostas e sair com uma pilha de dinheiro.

— Mas, a academia? Se ele fosse pego—

— Ele teria sido cortado da liga. Assim como todos os seus lutadores. É por isso que nunca convidou nenhum de nós para as lutas clandestinas. Nós encontramos nosso caminho até lá sem ele. E uma vez que entrássemos nesse mundo, não éramos autorizados a entrar no Angel's. Ele não queria correr o risco de ter um lutador preso e isso vazar para o ginásio. Inferno, nenhum dos caras da academia sabia que ele estava envolvido ou ganhando dinheiro com isso. Arlo ficava escondido nos bastidores, observando e apostando. Na próxima vez que aquele lutador aparecesse no Angel's, Arlo os baniria.

— Mas não você.

— Eu era a exceção.

— Por que?

Foster deu de ombros. — Não sei. Talvez porque éramos próximos. Talvez, porque acreditasse que eu chegaria ao topo do UFC. As lutas clandestinas renderam dinheiro, mas nada como meu contrato agora.

Milhões. Ele tinha que estar ganhando milhões com suas lutas e acordos de patrocínio.

— E Arlo queria um pedaço disso, — eu disse.

Foster assentiu. — Ele queria essa glória. Para chamar a si mesmo de mentor de Foster Madden.

— Não apenas um mentor. Você se casou com a filha dele.

— Divorciado da filha.

— Quando?

— Quando Vivienne e eu nos divorciamos? — Ele esperou pelo meu aceno. — Exatamente três semanas depois que Arlo morreu.

O que significava que eles pediram o divórcio logo após a morte de Arlo. Aparentemente, nos últimos sete anos, seu casamento desmoronou. Que papel Vivienne desempenhou nesse esquema?

— Então Arlo estava chantageando você esse tempo todo? — Eu perguntei.

— Ele nunca me deixou esquecer meu erro. No dia em que aquele filho da puta morreu, eu comemorei com bolo e minha vodka favorita.

— E a luta? Aquela que você fez?

Foster passou a mão pela barba. — Foi a única que perdi intencionalmente. Sete anos e não tem um dia, que não me sinta mal por isso.

Por cinquenta mil dólares. Não era uma quantia pequena, mas parecia um preço baixo por sua moral.

— Se eu tivesse esperado—— Ele balançou a cabeça. — Se eu tivesse ficado no caminho, eu teria feito isso em etapas. Mas caramba, eu era jovem e Arlo lançou exatamente na hora certa. Você estava começando a planejar sua mudança, e ele plantou essas sementes de dúvida. Como seria difícil

estarmos separados. Como você faria novos amigos. Conhecer outros homens. Quantas passagens de avião um pagamento decente compraria para visitá-la em Seattle.

Eu temia o mesmo, deixando Foster para trás, me preocupando que a distância criaria uma fenda entre nós. Preocupando-me que iríamos nos separar.

— Por favor, não tome isso como se eu estivesse colocando a culpa em você por ir para a faculdade, — disse ele. — Arlo jogou na minha maior fraqueza.

Eu.

— Por que você não me contou? Eu perguntei.

— Como eu disse. Não estou orgulhoso.

Ele manteve esses medos em segredo. Por seis meses. Quase metade do tempo que estivemos juntos.

Fechei os olhos, deixando tudo afundar. Repetindo momentos sob uma nova luz. — Havia noites em que você vinha à minha casa depois da academia com cortes. Aquela vez que suas costelas estavam todas machucadas. Você me disse que era de sparring. Mas não foi, foi?

— Não.

— Você mentiu para mim.

— Sim, eu fiz. Eu sinto muito.

Tantas desculpas. Elas estavam ficando difíceis.

— Eu estava pegando lutas clandestinas uma vez por mês, — disse Foster. — Ganhando mil dólares, talvez dois, em cada uma. Você tinha acabado de levar caixas para o apartamento para começar a fazer as malas. Foi quando Arlo se aproximou de mim. Ele disse que havia um pagamento maior. Cinquenta mil por uma única luta. Isso era mais de três vezes o que eu poderia fazer no meu nível com o UFC. Adicione isso ao que eu já tinha feito, seria a última. Mas para eu conseguir os cinquenta, não era com uma vitória. O organizador da luta estava trazendo um competidor e se eu ganhasse...

— O organizador perderia mais do que se lhe pagasse cinquenta à parte.

— Sim. Então eu lutei com o bastardo. Dei tudo o que tinha até o último round, quando fingi cansaço e deixei ele me bater contra as cordas. Então recebi um gancho na têmpora e acordei em um pesadelo.

Engoli em seco, um arrepio rolando pela minha coluna com a ideia dele ser nocauteado. — E onde eu estava durante isso?

— Com Vivienne. Eu sabia que não seria capaz de enfrentá-la depois, então pedi a ela para planejar uma noite de garotas.

Lembrei-me daquela noite das garotas. Ele foi convidado para uma despedida de solteiro e sabia que seria até tarde,por isso ele iria dormir em sua casa depois. Outra mentira. Mas eu acreditei nele. Eu não temia que ele me traísse. Eu não

pensava que ele iria a um clube de strip. Eu confiei nele inteiramente, o suficiente para acreditar que realmente tinha saído com amigos.

Em vez disso, ele estava lidando com uma concussão.

Meu pulso acelerou, meu estômago se revirou em um nó. Foi difícil ouvir a verdade. Por saber que tinha sido ingênua em minha confiança. Por perceber que fui enganada. Levantei-me do sofá, incapaz de ficar quieta quando senti vontade de chorar, gritar e rastejar para fora da minha própria pele.

— Por que Arlo precisaria chantageá-lo? — Eu perguntei. — Você lutou a luta dele. Ele estava tentando conseguir mais dinheiro?

— Ele estava tentando me fazer ficar. Depois da luta, eu disse a ele que tinha acabado. Com tudo isso. Até o UFC. Eu me sentia tão sujo e barato que não queria lutar novamente. Então eu disse a Arlo que estava saindo e me mudando para Seattle.

— Você ia se mudar comigo?

— Bem, sim. — Ele falou como se estivesse afirmando o óbvio. — Eu disse que íamos descobrir. Eu não tinha certeza do momento, mas estava indo para Seattle. Você realmente achou que eu seria capaz de ficar longe de você por tanto tempo?

Sim. Não. Talvez. — Era um tópico que nós dois evitávamos com muita frequência.

— Eu não gostava de falar sobre nós estarmos separados. — Ele suspirou, esfregando a barba novamente. Esse era seu hábito nervoso agora? Ou apenas algo que ele fazia enquanto pensava no que dizer? — Arlo não queria que eu fosse embora. Pela razão óbvia.

— Dinheiro.

— Por cada centavo ganho, ele pegava uma parte. Aquela luta que fiz? Ele não ganhou um centavo naquela noite. Porque o objetivo dele era me prender. Daquele ponto em diante, toda vez que eu era pago, ele levantaria a mão. Patrocínios e endossos, eu daria uma parte a ele. Tudo o que ele queria, ele pegava, porque tinha a informação para destruir minha carreira.

— Você tinha informações sobre ele também, no entanto.

— Que ele apostou nas lutas? Sim. Eu poderia ter fodido com ele. Mas as pessoas não falam sobre essas lutas por uma razão. É uma boa maneira de ser espancado até a morte.

Eu vacilei. — Eles teriam matado você?

— Pior. Eles podem ter vindo atrás de você. Arlo sabia que você era importante. Quando disse a ele que estava fora, ele não discutiu. Ele apenas me disse calmamente para reconsiderar. Ele falou sobre o quão perigoso poderia ser em Seattle para uma mulher. Como não há qualquer garantia de que as pessoas estejam seguras.

— Ele me ameaçou? — Aquele filho da puta.

— Eu não sei o que ele teria feito, mas eu não estava correndo esse risco. Não, onde você estava em questão. Então eu fiquei. Dancei a música do Arlo.

— Até que ele morreu.

— Até que ele morreu, — ele repetiu.

— E os outros lutadores? Você não está preocupado que alguém traga à tona? Tomando o lugar de Arlo e chantageá-lo por dinheiro?

Ele balançou sua cabeça. — Na verdade, não. Como eu disse, as pessoas ficam de boca fechada. A maioria dos lutadores está ligada a famílias que você não trai. E não usei meu nome verdadeiro. Eu fui apenas uma parte por um curto período de tempo. Apenas um punhado de lutas. Essa luta que eu fiz foi a minha última. Não há fotos. Nenhuma câmera é permitida. Se alguém fosse me chantagear além de Arlo, já teriam se apresentado.

Foster parecia tão certo. Talvez minhas dúvidas fossem porque eu tinha acabado de aprender tudo isso, mas parecia o tipo de esqueleto que nunca saía do seu armário.

— Desculpe, Tally. — Ele olhou para mim com lágrimas nos olhos. Com um arrependimento tão profundo como olhar para um buraco negro. — Eu sinto muito. Eu fiz a escolha errada. Se eu pudesse voltar atrás, fazer tudo diferente, eu faria. Por favor, saiba disso.

Mais honestidade brutal. Meu coração parecia ter sido virado do avesso, depois de fora para dentro. Minha cabeça

estava uma bagunça. Caminhei até a janela, olhando para a noite escura. O que sentir? O que pensar? — Você deveria ter me contado a verdade.

— Eu não queria que você se envolvesse nisso.

— Não. — Eu me afasto da janela. — Não se atreva, porra. Você realmente pensou tão pouco da minha capacidade de lidar com a verdade? E se alguém tivesse vindo atrás de mim em Seattle? Eu não teria ideia. Você me fez ser parte daquela chantagem e me deixou no escuro. Você foi um covarde. *Não* diga que você estava me protegendo.

Foster se levantou do sofá. — Você realmente acha que eu queria você misturada com aquele lixo? Claro que eu estava protegendo você disso, Talia. Eu protegeria você de qualquer coisa que pudesse lhe causar dor.

— Exceto você mesmo.

Ele recuou, seu corpo ficou tenso como se eu o tivesse esbofeteado.

— Porra. — Eu aperto a ponte do meu nariz.

— Você tem razão. A única pessoa que acabou te machucando fui eu. Mas eu estava com medo. Quando digo que era perigoso, não estou minimizando isso. Não são homens que obedecem às regras da sociedade. Se você cruzar, eles levam sua vingança ao extremo. Você acha que eu seria capaz de viver comigo mesmo, se alguém tivesse vindo atrás de você? Bater em você? Estuprar... Ele balançou a cabeça. — Não consigo nem pensar nisso.

Estremeço, não querendo pensar nisso também. — E Vivienne? Ela estava segura porque era filha de Arlo?

Foster zombou. — Ela nem percebeu que estava nadando com tubarões a vida toda.

— É por isso que você se casou com ela? Por causa de Arlo?

Ele abaixou a cabeça, dando-me um aceno de cabeça. — Sim.

— E Vivienne concordou com isso?

Ela sempre o amou em segredo? Ela estava apenas esperando por nós terminarmos antes de fazer sua jogada? Ela tinha sido minha amiga? Ou sempre foi sobre Foster?

Embora Foster tenha partido meu coração, ter minha melhor amiga pisando em meus cacos o transformou em pó. Sua traição era algo que eu nunca esqueceria.

E ela ganhou. Eu a odiava por ganhar. Por ser capaz de chamar a si mesma de sua esposa.

Foster passou a mão pelo cabelo. — Ela... é complicado.

Eu estava realmente começando a odiar essa frase, mesmo tendo sido a primeira a usá-la.

— Arlo nos queria juntos, — disse ele. — O casamento foi ideia dele.

— Ah e tenho certeza que ela lutou, — eu brinquei. Vivienne teria concordado com isso porque ela pegou Foster.

Talvez ela também estivesse atrás do dinheiro.

— Ela também não queria nosso casamento.

— Certo. — Eu zombei. — E tenho certeza de que ela lutou muito no caminho para o altar.

— Ela se sente horrível com o que aconteceu.

Vivienne se sentiu mal por ter casado com ele de qualquer maneira. Ela dormiu com ele de qualquer maneira. Ela usava o anel dele de qualquer maneira. Ela pegou o nome dele de qualquer maneira. Sim, ela deve ter se sentindo horrível.

Por que ele a estava defendendo? Por que ele era tão leal a ela? A maioria das pessoas não rompe os laços com o ex?

Eles falavam sobre mim durante seus telefonemas? Ele tinha contado a ela como eu transei com ele na academia no sábado?

Meu corpo ficou tenso, minhas mãos se fechando. Meus sentimentos por Foster eram uma bagunça confusa, mas quando se tratava de Vivienne, uma emoção soava clara.

Fúria.

— Acabei com essa conversa.

— Há mais para conversar—

— Boa noite. — Com isso, atravessei a sala e subi as escadas para o meu quarto.

E deixou Foster para sair sozinho.

CAPÍTULO ONZE

Foster

As confissões não deveriam fazer você se sentir melhor? Eu esperava me sentir mais leve depois de confiar em Talia. Mas não houve alívio. Eu estava fodidamente miserável.

O buraco no meu estômago parecia ter quilômetros de profundidade. Minha cabeça latejava e eu não conseguia me concentrar. O café desta manhã tinha chegado dez minutos depois de ter sido servido.

Isso me lembrou muito os dias após o nosso rompimento. Os dias em que eu mal conseguia sair da cama. Mentir para ela, dizer-lhe que estava me casando com Vivienne, tinha sido insuportável. Mas a verdadeira agonia veio depois, quando fui ao apartamento de Vivienne e encontrei o quarto de Talia vazio.

As paredes estavam limpas. O tapete limpo com rastro do aspirador de pó. O cheiro de coco e cítrico já desaparecendo.

Vivienne me encontrou no quarto, parado no meio do espaço. Perdido e com o coração partido, sabendo que nunca veria Talia novamente. Sabendo que a culpa era minha.

Fiquei naquela sala vazia por horas, revivendo o rompimento. Lembrando as mentiras que saíram da minha boca. Imaginando como ela poderia ter acreditado nelas tão facilmente.

Tenho sentimentos por Vivienne que não posso continuar ignorando.

Ela é a única.

Estou pedindo que ela se case comigo.

Uma sujeira total para afastar Talia.

Eu nunca me perdoaria por essas palavras. Por essas mentiras. Mas de pé naquele quarto vazio, eu prometi a mim mesmo que se tivesse a chance de fazer isso direito, eu diria a verdade a Talia.

Depois que ela basicamente me expulsou de sua casa na noite passada, eu passei metade da noite treinando e virando no sofá. Repetindo a conversa. Revivendo a vergonha. Percebendo como ela estava com raiva de Vivienne.

Quando finalmente desisti de dormir, passei a manhã arrumando o apartamento e limpando a academia já limpa. Dez quilômetros na esteira não ajudaram a clarear minha cabeça. Não tomei banho e nem almocei antes de subir na minha caminhonete para ir para a cidade.

O sol brilhava pelo céu claro. O rio corria sobre as rochas lisas além da estrada. Um lindo dia de janeiro em Montana.

Vir aqui foi o sonho de um tolo? Será que tudo foi em vão? Sete anos eu passei desejando por essa chance.

Estava condenado desde o início?

Talia estava certa. Ela merecia a verdade sete anos atrás. Mas as ameaças que Arlo fizera, ainda ecoavam em minha

mente. A segurança de Talia era tudo. Foi por isso que menti, não porque não acreditava que ela poderia lidar com a situação. Mas em vez de compartilhar o fardo, eu o carreguei.

Outro erro.

Havia mais a dizer a Talia. Mais para explicar. Mas Vivienne implorou pela chance de fazer ela mesma. Fazia parte desse acordo.

Vivienne queria contar seu lado da história, e prometi a ela a oportunidade de tentar.

Enquanto isso, eu manteria o segredo de Vivi – nosso segredo – a menos que isso significasse perder Talia. Então Vivienne teria que lidar com minha promessa não cumprida.

Meu telefone tocou, o nome de Vivienne piscando na tela central da caminhonete. — Oi. Onde você está?

— Quase lá. — Ela tinha um sorriso na voz. — Dez, quinze minutos.

— Dirija com cuidado. Ainda há neve e gelo nas estradas fora da cidade.

— Jasper está dirigindo e está sendo muito cuidadoso, — disse ela, então baixou a voz. — Você, hum, falou com Talia?

— Sim.

— E? Como foi?

— Nada bom.

Ela suspirou. — Ela nos odeia, não é?

Eu achava que Talia me odiava? Não. Ela estava com raiva, mas ódio? Eu duvidava que Talia teria feito sexo comigo na academia se me odiasse. Não que eu fosse compartilhar esse detalhe com minha ex-esposa. Mas Talia odiava Vivienne? Talvez.

— Ela precisa de tempo para absorver, — eu disse. — E ela precisa de toda a verdade.

— Você não contou a ela, não é? perguntou Vivienne. — Você prometeu.

— Eu sei. Eu não contei a ela.

— Obrigada. — Vivienne tinha seus próprios erros para corrigir. Eu não roubaria aquele momento dela, a menos que não tivesse outra escolha. — Ainda quer nos encontrar no hotel?

— Sim. Vou tomar um café, depois te vejo lá.

— Ok. Tchau.

Meus dedos bateram no volante pelo resto da viagem até a cidade, a energia nervosa precisando de uma válvula de escape.

Hoje foi mais um começo. Ficaria tudo bem, certo? Esta não foi uma decisão horrível. Eu estava fazendo a coisa inteligente nos mudando para cá.

Minha autoconfiança não deram em nada

Por favor, não deixe que isso seja um erro.

Cheguei à cidade e estacionei perto do hotel antes de atravessar a rua correndo e caminhar três portas até o Eden Coffee. Eu precisava de mais cafeína se quisesse aguentar o resto da tarde e da noite.

Um grupo de adolescentes se aglomerava no balcão quando entrei, crianças provavelmente aproveitando o último dia de férias de inverno antes do início das aulas amanhã.

Ela gostaria desta cidade? Ela gostaria da academia? Eu estava tão focado em deixar o lugar em boa forma que não me deixei me preocupar com essas questões. Mas ela estava quase aqui e agora nada que eu tinha feito parecia suficiente.

Os móveis que comprei eram bons, mas não eram super caros. O quarto tinha metade do tamanho do que ela tinha em Vegas. Havia um único cinema nesta cidade, e não era nada parecido com o cinema de dezoito telas perto do nosso bairro.

— O cinema aqui tem M&M's de amendoim? — Perguntei ao adolescente na minha frente na fila. Ela adorava pegar uma pipoca grande e despejar em uma caixa de M&M's de amendoim.

— Huh? — O adolescente me olhou de cima a baixo.

— Não importa, — eu murmurei.

Se necessário, levaríamos doces no teatro de Quincy. Teríamos uma vida boa. Uma vida simples.

E talvez, se eu pudesse ter apenas mais um milagre, essa vida incluiria Talia.

Os adolescentes saíram do caminho, com os braços carregados de doces e café com leite.

— Americano, por favor, — eu disse ao barista, olhando além dela. Lyla estava aqui? Mas se a irmã de Talia estava trabalhando hoje, ela não estava na frente.

Eu tinha acabado de pegar uma nota de vinte do meu bolso quando uma mão apertou meu ombro. Eu me virei, meu rosto se dividindo em um sorriso enorme quando vi Jasper ao meu lado.

— Ei. — Dei-lhe um abraço rápido e um tapinha nas costas dele. — Você foi rápido. Pensei em vê-lo no hotel.

— Deixei Vivi para que ela pudesse fazer o check-in e depois estacionei. Achei que te encontraria aqui e também preciso de um café. Esta foi uma viagem longa.

— Conte-me sobre isso. — Eu rio. — É bom te ver. Obrigado por ter vindo. E obrigado por vir com a Vivi. Eu me senti melhor sabendo que você estava no carro também.

— Você não precisa me agradecer.

Eu balancei a cabeça. — Sim, eu preciso.

— Nós estamos realmente fazendo isso?

— Estamos realmente fazendo isso. De volta ao básico. Em tudo. Vida. Treinamento.

Ele sorriu. — Você é muito velho e rico demais para o básico.

— Provavelmente. — Eu rio. — Mas vale a pena tentar.

— Posso pegar um café preto? — ele perguntou ao barista.

Olhei para a porta, pronto para chegar ao hotel. — Vivienne disse dez ou quinze minutos. Você foi rápido.

— Ansioso para sair daquele carro, — ele disse, pegando seu café do barista e me dando um aceno de agradecimento quando eu paguei. — Como está indo com Talia?

— Não muito bem, — eu admiti enquanto caminhávamos para fora e atravessávamos a rua. — Mas a luta ainda não acabou. Eu não estou desistindo.

— Foi aqui que ela cresceu? — Ele olhou ao redor, absorvendo toda a Main. — É pitoresco. Definitivamente não é como Vegas.

— O que aumenta o atrativo.

— Acha que vai ficar impaciente em uma cidade tão pequena? — ele perguntou.

— Não. — Eu nunca me importei com luzes de neon e multidões ostentosas. O trânsito era um saco e havia muitas lembranças ruins em Las Vegas. — O Parque Nacional Glacier está perto. Este verão teremos que fazer caminhadas. Há alguns bares na Main, uma em cada extremidade. Não é

exatamente uma boate na Strip, mas têm cerveja gelada. Talvez eu comece a pescar. — Eu nunca tinha pescado.

— Estou a fim de caminhadas e cerveja gelada. Não a pescaria, mas me pergunte novamente mais tarde.

— Vou fazer.

Jasper estaria em Quincy apenas temporariamente. Ele encontrou um aluguel de temporada para ficar enquanto me ajudaria a treinar, uma cabana em forma de A nos arredores da cidade. Depois que a luta acabasse em março, esperava que ele ficasse em Vegas enquanto eu voltaria para Montana. Não tenho certeza de como isso funcionaria para o treinamento futuro, mas eu o manteria como meu treinador enquanto ele quisesse o trabalho.

O Yukon de Jasper estava estacionado ao lado da minha caminhonete. Acelerei meus passos enquanto nos aproximávamos do hotel, ansioso para entrar.

Estávamos quase na porta da frente do hotel quando duas mulheres viraram a esquina do prédio de tijolos.

Cheguei a um ponto morto.

Merda. Lyla não estava no café, porque ela estava com Talia.

Por que Talia não estava no hospital? Ela disse ontem à noite que tinha um turno de doze horas hoje. Ela não deveria estar no centro. Ela não podia estar no centro, ainda não. Eu

não queria que ela esbarrasse em Vivienne, especialmente depois de como ela reagiu na noite passada.

— O que? — Jasper parou quando percebeu que eu não estava me movendo. Então ele seguiu meu olhar enquanto Lyla e Talia passavam pelas portas da frente do hotel, caminhando em nossa direção.

Talia olhou para cima, e no momento em que seus olhos azuis encontraram os meus, meu coração pulou. Tenho certeza que sempre aconteceria no que dizia respeito a essa mulher.

Ela estava vestida de uniforme e tênis. Seu casaco preto estava fechado e seu cabelo estava em um rabo de cavalo. Seu passo mudou, então ela diminuiu a distância entre nós. — Oi.

— Oi. — *Fique dentro, Vivi. Fique dentro do hotel. Por favor.*

Talia e eu nos encaramos, o resto do mundo se tornando um borrão, nebuloso nas bordas.

— Você está bem hoje? — Eu perguntei.

Ela levantou um ombro. — Não sei. Eu estou brava. Estou frustrada. É muita coisa para assimilar.

E havia mais. — Podemos falar? Esta noite? Por favor. — Eu queria pelo menos avisá-la que Vivienne estava na cidade.

— Ok. Estarei no hospital até as sete.

— Vou lá por volta das oito.

Jasper limpou a garganta, e tirei meus olhos dos de Talia. Ele e Lyla estavam estudando nós dois.

Lyla estava carrancuda. O olhar que ela me enviou foi o que eu esperava desde o início. Talia deve ter contado a ela sobre mim. Obrigado porra. Prefiro ser um inimigo do que um estranho sem nome.

— Talia Eden, conheça Jasper Vale, — eu disse. — Meu treinador e amigo.

Ele estendeu a mão, apertando a dela. Depois fez o mesmo com Lyla. — Jasper.

— Lyla. — Ela sorriu para ele, mas quando ela me encarou novamente, aquele olhar gelado estava de volta. Lyla poderia me jogar sobre as brasas mais tarde. Quando não estávamos a quinze metros de Vivienne.

— Esta noite? — Perguntei a Talia novamente.

Ela assentiu, então ela e Lyla deram um passo, prontas para passar por nós na calçada.

Exceto que uma voz soou atrás delas. A porta do hotel foi aberta por uma garotinha.

Minha garotinha.

— Papai!

Kadence desceu a calçada, seu cabelo castanho esvoaçando atrás dela enquanto corria em minha direção com um sorriso radiante que iluminou cada um dos meus dias sombrios.

Enfiei meu café na mão livre de Jasper bem a tempo de pegar minha filha quando ela se lançou em meus braços. — Oi, pequeno inseto. Ah, eu senti sua falta. Assim tanto.

— Senti sua falta também. — Ela me abraçou tão apertado em volta do meu pescoço que era um estrangulamento.

Havia olhos em nós, mas eu segurei Kadence, respirando-a. Nunca mais eu ficaria tanto tempo sem ela. As ligações diárias e FaceTimes não foram suficientes.

Beijei sua têmpora, depois a coloquei no chão, agachando-nos para que estivéssemos olho no olho. — Como foi a viagem?

— Realmente, muito longa.

— Onde está sua mãe?

Kadence enganchou um polegar sobre seu ombro. — Lado de dentro.

Olhei além dela, sem ver Vivienne. — Ela sabe que você veio aqui?

— Não, mas eu vi você de dentro das janelas, então achei que estava tudo bem.

— Kadence, você não pode sair de um prédio sem contar a ela.

— Foi um acidente.

Essa era sua desculpa para tudo nos dias de hoje. Foi um acidente. Estaríamos trabalhando na diferença entre acidentes e erros.

Toquei sua bochecha e me levantei, estendendo minha mão para a dela. Se Vivienne percebesse que Kaddie tinha ido embora, ela enlouqueceria.

— Vamos entrar. — Eu estava prestes a dar um passo, quando vi o rosto de Talia.

A cor tinha deixado suas bochechas. Seus olhos estavam arregalados e sua boca aberta, choque gravado em seu lindo rosto.

— O que há de errado? — Eu perguntei.

Talia olhou para Kadence como se minha filha fosse mais uma surpresa do que qualquer coisa que disse a ela na noite passada.

Espere. Ela não sabia sobre Kaddie? Eu tinha falado sobre minha filha, não tinha? Eu tinha certeza de que a havia mencionado. Nossas conversas fluíram pela minha mente muito rápido para analisar, mas o afundamento no meu estômago estava dizendo. Principalmente, nós conversamos sobre o passado. Eu estava focado em explicar o tempo antes de Kaddie nascer.

Eu apenas presumi que Talia sabia. Ela tinha que saber.

Quantas vezes eu tinha procurado Talia no Google ao longo dos anos? Quantas vezes eu tinha ido ao site do Quincy

Memorial Hospital só para ver a foto dela na lista de funcionários? Quantas vezes eu abri sua conta no Instagram para ver a foto do perfil?

Em algum momento em sete anos, ela fez o mesmo por mim, certo?

Minhas contas de mídia social eram públicas porque meu gerente e agente me incentivaram a ter seguidores. Ter presença. A maioria das minhas fotos eram minhas na academia, treinando, mas de vez em quando eu acrescentava algo pessoal.

E geralmente essas fotos ou histórias eram de Kadence.

Se Talia não sabia sobre minha filha, isso significava...

Ela me bloqueou completamente.

— Você não sabia, — eu murmurei.

Talia nem piscou.

Porra.

CAPÍTULO DOZE

Talia

Sua filha era adorável. Ela havia perdido os dentes de leite da frente e nunca houve um sorriso desdentado mais precioso.

Uma filha.

Ele tinha uma filha.

Eu coloquei minha mão sobre meu coração, pressionando com força porque doía. Oh, Deus, doía.

— Sinto muito, — disse Foster. — Pensei que você soubesse.

Sua filha puxou sua mão. — Papai, vamos?

— Sim. — Seus olhos estavam cheios de mais desculpas, mas ele não disse mais uma palavra enquanto a deixava arrastá-lo para o hotel. O treinador, Jasper, o seguiu.

Uma filha.

Foster e Vivienne tinham uma família.

— Talia. — Lyla tocou meu cotovelo.

Não consegui falar. Eu não conseguia respirar. Não consegui me mexer.

Quando isso iria parar? Isso era algum tipo de piada de mau gosto? Sua maneira de me torturar?

Lyla se moveu na minha frente, me forçando a fazer contato visual. — O que eu posso fazer?

Eu balancei minha cabeça e consegui respirar , — Trabalho. Preciso voltar ao trabalho.

— Ok. — Ela entrelaçou seu braço com o meu, dando um passo e puxando com tanta força que eu não tive escolha a não ser ir embora.

Eu fiz uma pausa para o almoço hoje e vim ao café para conversar com Lyla. Decidimos dar um passeio pelo centro da cidade porque sua barista, Crystal, era um doce, mas ela fofocava constantemente. Nem Lyla nem eu confiávamos que ela não escutaria.

Então, minha irmã e eu vagamos pelo centro da cidade, atrás do café e ao redor do hotel, enquanto eu contava a Lyla tudo o que Foster havia revelado na noite anterior.

As lutas subterrâneas. A chantagem de Arlo. O dinheiro. Minha suspeita de que Vivienne estava apaixonada por Foster desde o início, então ela concordou com o esquema de seu pai.

Ela ganhou Foster. E não só ela conseguiu reivindicar o título de esposa, ela também deu a ele uma linda filha.

Uma filha que eu uma vez sonhei em ter.

— Maldição. — Lágrimas inundaram meus olhos enquanto atravessávamos a rua, e pisquei furiosamente para afastá-las.

— Bem, vou dar crédito a Foster por algo, — disse Lyla enquanto contornamos seu prédio para o beco onde estacionei meu jipe. — Ele tirou você de sua concha emocional.

Diminuí meus passos, forçando-a a fazer o mesmo. — O que ? Eu não estou numa concha emocional.

— Você não tem? — Ela me deu um sorriso triste.

— Sério ? Você está dizendo isso para mim hoje?

— Você tem razão. Esqueça que eu disse qualquer coisa.

Improvável. — O fato de eu ser reservada não significa que eu tenha uma concha emocional, — eu rebati.

— Eu não disse isso para provocar uma briga. — Ela ergueu as mãos. — Não que nós brigamos. Não que você brigue com alguém. Ou chore com qualquer um. Somos irmãs gêmeas e a última vez que tivemos uma discussão decente foi no ensino médio.

Fiquei de queixo caído.

— Desculpe. Mau momento. Eu acabei de... Não posso deixar de pensar que desde que ele chegou à cidade, você tem sido mais aberta comigo em dias do que em anos.

— Você está elogiando ele por partir meu coração? — Eu balancei minha cabeça, enquanto a frustração borbulhava dentro do meu peito. — Você está tentando me deixar com raiva?

— Hum, não? Apenas fazendo uma observação.

— Inacreditável. — Eu pisei para longe, tirando minhas chaves do bolso do meu casaco.

— Você está apenas provando meu ponto de vista! — ela gritou nas minhas costas.

Eu levantei a mão e a afastei.

—Está vendo ?

Eu me virei, andando para trás por alguns passos. — Você queria uma boa luta. Você tem uma agora. Não me ligue por pelo menos dois dias.

Lyla deu de ombros enquanto um sorriso irritante se espalhava por seu rosto.

— Três dias, — eu gritei , então me virei na direção do meu Jeep. Bati a porta com muita força com a mão no volante. — Ai. Caramba.

Graças à minha irmã, pelo menos eu não estaria chorando quando chegasse ao hospital.

Uma concha emocional? Como ela poderia dizer isso? Eu ria, sorria e brincava o tempo todo. Eu estava feliz. Eu era uma pessoa feliz e contente.

Meus molares se juntaram enquanto eu dirigia para o trabalho. Eu invadi o vestiário para guardar meu casaco e chaves, então lavei minhas mãos antes de seguir pelo corredor, pronta para me afogar no trabalho pelas próximas horas.

— Oi, Rachel, — eu disse quando parei no posto das enfermeiras. — Só queria que você soubesse que estou de volta.

Ela estava sentada atrás do balcão, os olhos grudados na tela do computador. Seu olhar foi para mim antes que ela olhasse para o relógio de parede sobre seu ombro. — Almoço demorado?

Não a chame de puta. Não a chame de puta. Forcei um sorriso. — Apenas a hora. Como de costume. Por favor, deixe-me saber quando meu compromisso das duas horas chegar aqui.

— Eu não faço sempre? — Rachel voltou sua atenção para a tela e cantarolou minha dispensa.

A atitude dessa mulher havia me irritado até o último fio de meu cabelo. Mas o que eu deveria fazer? Denúnciá-la? Isso só iria piorar a situação.

Este não era o café de Lyla. Se minha irmã tivesse problemas com um funcionário, ela poderia demiti-la, colocar uma placa de e ter um novo barista dentro de duas semanas.

Rachel, apesar de todas as suas deficiências de personalidade, era uma boa enfermeira e diretora. Brigar com ela não faria nada por mim. Então eu me afastei.

— Porque eu sou um maldito profissional, — eu murmurei para mim mesma.

Dr. Anderson veio andando pelo corredor, vestido com sua habitual calça cáqui e jaleco branco da mesma cor de seu cabelo.

— Oi, Dr. Anderson.

— Oi, Talia.

Talia. Liguei para todos os médicos do Quincy Memorial Doctor. E eles me chamavam de Talia. As enfermeiras também. Não apenas Rachel, todos.

Ninguém me chamava de Dra. Eden. Por quê? Eu não era digno desse título? Eu não era digno do respeito? Foi por isso que Foster escondeu a verdade sobre as lutas clandestinas e a chantagem? Foi por isso que papai confrontou Foster na academia em vez de me deixar lidar com isso?

Todos me viam como fraca? Incapaz?

— Estou saindo por hoje, — disse ele. — Saindo cedo para poder levar minha esposa para jantar. É nosso aniversário, e eu gostaria de passar na joalheria para comprar uma coisinha e no supermercado para comprar flores.

— Feliz aniversário, — eu disse, fingindo mais sorrisos e conversas educadas, embora eu só quisesse me esconder no armário de suprimentos. — Onde você vai jantar?

— Knuckles.

— Boa escolha. Embora eu seja tendenciosa. — Na verdade, não. O restaurante de Knox era o melhor do estado.

E eu estava com vontade de lutar contra qualquer um que discordasse.

— Está tudo bem aqui?

— Sim. Tenho alguns exames de rotina esta tarde. Caso contrário, vou fazer as rondas e lidar com qualquer coisa que surja.

— Excelente. Dr. Murphy fica no pronto-socorro até as sete. Então o Dr. Herrera está de plantão esta noite se você precisar de ajuda.

Dr. Murphy. Dr. Herrera.

Médico. Médico. Médico.

— Você se importaria de verificar alguns pacientes para mim esta noite? — ele perguntou.

— De jeito nenhum.

Dr. Anderson me deu um resumo rápido, então com um movimento de queixo, partiu para o dia, deixando-me sozinha.

O hospital não tinha orçamento ou demanda para um médico no local vinte e quatro hora por dia, sete dias por semana.Alternávamos os turnos diurno e noturno, trabalhando em horários variados. Havia pelo menos um médico no prédio das sete da manhã às sete da noite. Em dias como hoje, quando tínhamos consultas agendada, um médico ficava nessa ala com salas de pacientes e exames enquanto o

outro ficava na sala de emergência para atender os pacientes que chegavam.

Quando comecei minha residência, todos os meus turnos coincidiam com os do Dr. Anderson para que ele pudesse supervisionar e observar. Como meu mentor e professor, trabalhamos em casos juntos. Mas à medida que progredi no primeiro ano, ele me deu mais liberdade.

Agora, três anos depois e tão perto de fazer meus exames e obter minha licença, muitas vezes eu trabalhava sozinha no final da tarde e à noite. Tornou-se meu momento favorito no hospital.

As manhãs eram agitadas. A hora do almoço era geralmente muito curta. Mas por volta das quatro ou cinco horas, depois que o rodízio das enfermeiras e o fechamento das consultas , ficava tranquilo.

Minha última consulta foi com uma mulher que veio para seu exame anual e uma mamografia. Depois de me despedir, deixei-a se trocar enquanto perambulava pelo corredor, afastando-me das salas de exames e passando pelas portas que leva aos quartos dos pacientes que passavam a noite.

O cheiro de alho, tomate e macarrão encheu meu nariz quando passei por uma auxiliar de enfermagem carregando uma bandeja de comida. O jantar esta noite deve ser espaguete.

Parei na terceira porta à esquerda, batendo antes de abri-la. — Oi, Dante.

O adolescente deitado na cama parecia tão miserável quanto ontem. — Ei.

Em sua mesa estava sua própria bandeja de comida. A placa estava fechada com tampa de inox e o copo de leite coberto com filme plástico. — O espaguete é o melhor jantar da semana. Precisa de ajuda com isso?

— Eu acho, — ele murmurou.

Fui até a pia lavar as mãos pela centésima vez hoje, então o ajudei a destampada a refeição. — Como você está se sentindo?

— Como se eu tivesse duas pernas quebradas e um braço quebrado.

Entreguei-lhe um garfo para o braço não quebrado. — Poderia ser pior. Você poderia ter um pescoço quebrado.

— Sim. — Dante cutucou seu macarrão.

— Como está sua dor?

Ele olhou para o quadro branco na parede onde a escala de dor estava representada na parte inferior. — Três.

— Ligue se ficar acima de cinco.

— Ok, — ele murmurou. — Minha mãe está chateada.

— É o trabalho dela como sua mãe ficar chateada.

Dante tinha chegado ao pronto-socorro ontem, com uma infinidade de ossos quebrados. Ele estava no segundo ano do ensino médio. Ele e um amigo passaram o dia de ano novo juntos e decidiram sair de trenó do telhado da casa de Dante para um monte de neve na calçada. Ele foi o pioneiro no passeio, que o colocou na traseira de uma ambulância, destino: Quincy Memorial.

Dr. Murphy estava no pronto-socorro ontem. As fraturas eram limpas, então recolocou os ossos e mais tarde talas. Então hoje, depois de outro conjunto de raios-X para ter certeza de que tudo estava alinhado, eles o engessaram.

Ele ficaria esta noite para observação, mas amanhã, estaria a caminho de casa.

O pai de Dante era bombeiro na cidade. A mãe era contabilista. Dante era o mais velho de cinco filhos e, de acordo com a recapitulação anterior do Dr. Anderson, seus pais estavam trocando de turno aqui no hospital. Sua mãe chegaria a qualquer minuto.

— Quer assistir um pouco de TV enquanto você come? — Eu perguntei, pegando o controle remoto.

— Minha mãe disse que não tenho permissão para fazer nada a não ser ficar deitado aqui e pensar sobre a idiotice dos meus atos.

Eu pressionei meus lábios para esconder um sorriso. — E você fez? Pensou na idiotice de seus atos?

— Oh sim. — Ele assentiu. — Eu sou um idiota.

— Todo mundo comete erros.

Ele acenou com a cabeça em direção às pernas. — Isso foi um grande erro.

Havia coisas muito piores em um corpo humano para quebrar do que ossos. — Você vai se curar. Não se preocupe. Estará novo em pouco tempo.

Os cantos de sua boca viraram para baixo. Seus olhos escuros inundaram. — Vou perder a temporada de basquete.

— Aposto que o treinador Payne vai deixar você sentar no banco e torcer pelo seu time. — O treinador de basquete do ensino médio era uma das pessoas mais legais de Quincy e adorava seus jogadores.

Dante suspirou. — Sim. Eu acho.

— Coma seu jantar, — eu disse, ligando a televisão. — Vou dizer à sua mãe que um pouco de tempo na TV foi prescrito pelo médico para aliviar o estresse e controlar a dor.

As lágrimas em seus olhos só pareceram se multiplicar enquanto ele girava um pouco de espaguete no garfo.

Pobre criança. Ele aprendeu uma dura lição esta semana.

— Se importa se eu sentar com você? — Eu perguntei, verificando meu relógio. Sempre havia trabalho a ser feito, mas eu ficaria até a mãe dele chegar aqui.

— Legal. — Ele deu de ombros e comeu outra mordida.

Puxei a cadeira de visita. — O que você sente vontade de assistir? ESPN? Disney? Cartoon Network?

— ESPN.

Percorri o controle e encontrei o canal certo.

A atenção de Dante foi instantaneamente absorta na telinha e na recapitulação do noticiário esportivo.

A ESPN não era um canal que eu assistia, principalmente porque não tinha vontade de acompanhar os esportes profissionais. Mas também porque vinha com um risco muito alto de ver Foster na televisão.

A mãe de Dante estava certa. Devíamos ter deixado a TV desligada.

Como o universo sabia que eu estava sintonizada, os locutores mudaram o assunto do futebol para o UFC. O programa cortou para uma entrevista em que um repórter estava segurando um microfone no rosto de um homem.

O homem estava vestindo um par de moletom e uma regata, seus braços musculosos cobertos de tatuagens. Entre os bipes que eles usavam para encobrir seus palavrões, ele estava falando sobre uma luta.

— Scott Savage vai chutar a bunda daquele garoto "*bipe*". Você "*bipe*" me ouve? Ele está velho. O homem precisa parar. Scott Aage estará mandando-o para a aposentadoria.

— Esse cara é um idiota, — Dante zombou. — Ele sempre fala de si mesmo na terceira pessoa. Com os dois

nomes. Quem faz isso? Espero que Foster Madden dê um chute na bunda dele.

Este - Scott Savage - era o oponente de Foster para sua próxima luta? Eu já o odiava. *Bastardo arrogante*. — Eu também.

O rosto de Foster apareceu na tela, por apenas um minuto, enquanto o locutor recapitulava a data da luta e as estatísticas de cada homem.

Foster, na ESPN.

Foi surreal vê-lo na tela. Sempre acreditei que ele conseguiria grandes coisas. Eu acreditei tanto nele que a perda dessa fé só multiplicou o vazio quando ele se foi.

Baixei o olhar para o chão e desliguei a televisão. Foi fácil, como colocar um par de protetores de ouvido sobre meus ouvidos.

Ele tinha uma filha.

Uma garota adorável que era um espelho de Vivienne, de seus olhos cor de chocolate ao tom de seu cabelo – castanho com mechas vermelhas que brilhavam como fios de cobre sob o sol.

Minha mão veio ao meu coração. Não importa o quanto eu pressionasse, a dor não ia embora. Lágrimas brotaram em meus olhos.

Kadence. Nome fofo para uma criança fofa.

Um nome que eu teria reconhecido se o tivesse procurado.

Talvez eu devesse tê-lo procurado anos atrás. Mas eu definitivamente, deveria ter feito minha pesquisa quando ele chegou em Quincy. Antes de deixá-lo entrar em minha casa. No meu corpo.

Oh meu Deus, eu era uma idiota. Uma idiota de merda.

Claro que eles tiveram uma filha. Crianças? Eles tiveram mais de um filho? Eles estavam casados há tempo suficiente para formar uma família.

Foster e Vivienne. E Kadence.

Os Maddens.

Meu coração contraiu novamente.

— Uh, você está bem? — Dante estava olhando para o meu perfil, o garfo pairando sobre seu prato.

— Tudo certo. — Eu levantei o controle remoto e aumentei o volume. Então, limpei o canto do meu olho e me sentei mais ereta, ficando até que sua mãe entrou no quarto, sem se importar que ele estivesse assistindo TV enquanto jantava.

A dor no meu peito permaneceu durante o restante do meu turno. Quando estava no vestiário, olhando para as contagem no interior do meu armário, a dor aumentou.

Qual era o ponto de manter o controle dos dias bons? Devo apagar as linhas? Devo jogar o marcador no lixo? Eu

estava determinada a conquistar as enfermeiras, meus colegas e nossos pacientes. Para provar a mim mesma.

Eles nem me chamavam de Dra. Eden. Talvez eu não merecesse.

Eu pressionei meus dedos nas marcas, hesitando por um momento, antes de afastá-los. Então vesti meu casaco, fechei o armário e saí para a noite fria e escura.

As ruas de Quincy estavam quietas. Pequenos flocos de neve flutuavam do céu, pegando os feixes dos meus faróis. Quando cheguei à saída da Main que me levaria para casa, hesitei, quase continuando em frente. Quase dirigindo para o rancho para passar a noite na casa da mamãe e do papai.

Mas me virei, sabendo que a caminhonete de Foster estaria estacionada na frente da minha casa.

Estava.

O próprio homem estava sentado no degrau mais alto da minha varanda.

Depois de levar o jipe para a garagem, me arrastei para dentro, meus passos tão pesados quanto meu coração. Acendendo as luzes enquanto fazia meu caminho para a porta da frente, escorreguei para fora e me juntei a ele na escada. Sentamos com os cotovelos nos joelhos, olhares voltados para frente.

Minha raiva da noite passada havia desaparecido. Ou talvez estivesse apenas mascarada por essa dormência.

Desligar parecia a única maneira de evitar sentir demais.

Poderia ser tranquila, sentada à noite, protegida da neve. Não havia postes de iluminação no meu bairro. A única luz vinha das casas,iluminadas ,animada e acolhedora. Eu era a única pessoa solteira que morava neste quarteirão. Todas as outras casas pertenciam a famílias.

Poderia ter sido tranquilo.

Exceto esta noite, nunca me senti tão sozinha.

— Onde está sua filha? — Eu perguntei.

— Com Vivienne no hotel. — Ele arrastou a palma da mão sobre a barba. — Pensei que você soubesse.

— Como eu iria saber?

— Achei que você tivesse me procurado em algum momento.

— Nunca.

A postura de Foster se esvaziou. — Nunca.

Nunca. A severidade, a magnitude daquela palavra parecia tão infinita quanto o céu noturno acima.

— Kadence começa a escola aqui amanhã.

Sentei-me mais reto. — O que?

— É por isso que estou aqui. Eu não quero que ela cresça em Vegas. Eu não quero que ela faça parte desse mundo.

— Então você veio para cá ? Para o *meu* mundo?

— Quincy está onde você está.

Foster veio a Montana por mim. Eu sabia disso há semanas, mas esta noite, foi diferente. Ele não tinha apenas se mudado. Ele trouxe sua filha. A família dele.

— Você me disse que se eu ouvisse você e ainda quisesse que você fosse embora, você iria. Você não ia sair, ia?

Ele encontrou meu olhar. — Nunca.

Nunca.

— Eu nunca estive e nunca estarei apaixonado por Vivienne, — disse ele. — Nunca deixei de te amar.

— Foster-

— E nunca irei.

Minha mão foi ao meu peito pelo que parecia ser a centésima vez hoje. Pressionei , pressionei e pressionei. Mas não fez nada para impedir que meu coração partisse. Linhas irregulares começaram a se dividir, bem no meu centro do meu peito.

Havia uma razão para eu não ter namorado. Havia uma razão pela qual eu não tinha seguido minha vida. Por que eu não tinha marido ou família. Por que eu era casada com a minha carreira.

Os nunca dele espelhavam o meu.

Por isso doeu tanto. Eu dei a ele meu coração e nunca o peguei de volta.

Levantei-me do degrau, fazendo meu caminho para a calçada, então pisei na neve no quintal, meus tênis afundando. O gelo escorregou sob a barra da minha calça, derretendo contra a minha pele.

Essa neve fresca havia adicionado uma camada perfeita de branco, como o açúcar em pó que Lyla polvilhava em seus doces.

Tomei cuidado com meus passos, fazendo o meu melhor para não deixar marcas desnecessárias na superfície imaculada, então deitei de costas, pernas retas com os braços ao lado do corpo.

Uniformes não eram exatamente equipamentos de neve. Minhas pernas ficaram instantaneamente frias, mas eu não me importei. Fiz um anjo de neve, levantando os braços e varrendo as pernas, enquanto mantinha meus olhos fixos nas poucas estrelas que ousaram brilhar além das nuvens.

Foster seguiu, juntando-se a mim na neve. Ele ficou imóvel por alguns momentos, com os olhos no céu, até que suas pernas se moveram. Então seus braços. Ele fez seu próprio anjo, então desistiu do céu para olhar meu rosto.

— Qual a idade dela? — Eu perguntei. — Sua filha?

— Há mais a dizer do que eu disse ontem à noite.

— Responda à pergunta.

No fundo, eu sabia a resposta, ou tinha uma ideia aproximada. Eu era médica em uma cidade pequena, o que significava que via muitas crianças nas salas de exames. Crianças que precisam de seus exames anuais. Crianças recebendo atestados para o jardim de infância. Crianças com inchaços e hematomas. Crianças que perderam os dentes da frente, geralmente por volta dos seis ou sete anos.

Foster soltou um longo suspiro, os tufos flutuando sobre a neve ao nosso redor. — Ela fez sete anos no mês passado.

Sete.

Estávamos separados há sete anos. O que significa que se o aniversário da garota fosse em dezembro, Vivienne estava grávida antes de eu partir.

— Eu nunca te traí, Talia.

Outro nunca.

Eu fui tola por acreditar neles?

— Você me deixa explicar? — Ele estendeu a mão para mim, seus dedos frios apertando os meus. — Por favor.

Eu não respondi. Puxei minha mão livre e me levantei, deixando Foster no quintal quando entrei.

Quando acordei na manhã seguinte e olhei pela janela, nossos anjos da neve haviam sumido. Apagados pela

tempestade e pelos centímetros de neve que caíram durante a noite.

Apagados, como se nunca tivessem existido.

Chorei por uma hora antes de ir trabalhar.

Eu queria os anjos de volta.

CAPÍTULO TREZE

Foster

Olhei para o relógio no micro-ondas. — Merda. Estou atrasado.

— Aqui. — Jasper abriu a geladeira, pegou uma garrafa de água, jogando na minha direção. — Amanhã.

— Amanhã. Você pode fechar antes de ir? Eu peguei a garrafa, acenei, então corri para a porta, sem esperar por sua resposta enquanto me apressava para fora e para a caminhonete.

Jasper estava aqui desde as nove da manhã, colocando minha bunda em forma. Em Vegas, começávamos nossos dias mais cedo, por volta das seis e terminávamos por volta do almoço. Mas em Quincy, nossas horas de treinamento seriam ditadas pelo horário escolar de Kadence.

Então Jasper viria às nove, depois que eu deixasse Kaddie na escola, e terminávamos às duas, dando-me tempo suficiente para tomar um banho rápido antes de ir para a cidade buscá-la.

Hoje foi o primeiro dia oficial de treinamento desde que me mudei, e Jasper não se conteve. Depois de uma intensa rotação de cardio e calistenia, passamos duas horas cansativas no ringue fazendo exercícios de combate. Tudo para me preparar para essa luta com a porra do Scott Savage.

Normalmente, só de pensar no nome daquele idiota me daria uma onda de adrenalina. Uma emoção com a ideia de colocar aquele pedaço de merda em seu lugar. Mas minha cabeça, meu coração, não estava nele. Algo que Jasper comentou várias vezes, sempre que ele me pegou olhando para longe, pensando em Talia.

Faz seis dias desde que fizemos anjos de neve em seu jardim da frente.

Eu dei a ela tempo, tolamente esperando que ela voltasse. Ela não tinha. A cada dia que passava, minhas esperanças se desvaneciam.

A única parte brilhante dos últimos seis dias, tinha sido Kadence.

Meu telefone tocou enquanto eu dirigia, o nome de Vivienne aparecendo na tela. — Ei.

— Oi. Como foi o treino?

— Dia longo, — eu disse. — Estou um pouco atrasado.

— Tudo bem. Vou apenas esperar. — Vivienne queria estar ao telefone quando eu pegasse Kadence. Se ela não pode estar aqui pessoalmente, esta é a melhor opção.

— Você está bem? — Eu perguntei.

— Eu odeio isso. Eu sinto falta dela. Telefonemas não são suficientes.

— Sei exatamente o que você quer dizer. É temporário.

Ela suspirou. — Eu sei, mas ainda é uma merda.

A semana passada tinha sido uma semana curta na escola. Vivienne ficou em Quincy, certificando-se de que Kaddie se instalasse no apartamento. Elas dormiram no quarto e desempacotaram as malas de Kaddie, enchendo seu armário e gavetas. Penduraram algumas fotos nas paredes e tentaram fazer com que o apartamento parecesse um lar.

Então Vivienne partiu no sábado. Nós a levamos de carro as duas horas até Missoula e o aeroporto, depois de um adeus choroso, ela voou para Las Vegas enquanto Kadence e eu fomos para casa em Quincy.

Ela chorou por quase uma hora daquela viagem. E eu tinha sido incapaz de distraí-la desde que eu precisava manter meus olhos na estrada.

Para a próxima viagem de Vivienne, eu alugaria um avião para que ela pudesse voar diretamente para Quincy e pousar no pequeno aeroporto local que não oferecia voos comerciais. Pelo menos, isso nos pouparia o tempo até Missoula.

— Estamos cometendo um erro? — ela perguntou.

— Espero que não. — Soltei um longo suspiro. Estávamos tentando ser bons pais. Estávamos tentando tomar as decisões certas para nossa filha. Quincy tinha a promessa de uma vida e uma infância maravilhosas.

— Ela está bem?

— Ela está bem, Vivi. Também sente sua falta.

— É temporário, — ela repetiu. — Eu estarei lá em breve.

Enquanto eu estava aqui com Kaddie para que ela pudesse começar a escola, Vivienne estava em Vegas. Ela estava arrumando a casa para que pudéssemos colocá-la no mercado. Ela venderia a Angel's e estava planejando um casamento.

Ela também estava se afastando da chantagem de Arlo.

— Olha, antes de pegar Kadence, preciso falar com você sobre uma coisa, — eu disse.

— Ok. E aí?

— Eu tenho que dizer a verdade a Talia. Toda a verdade. — Incluindo o lado da história de Vivienne. Se Talia tivesse me deixado explicar na outra noite, eu teria.

— Não. Você me prometeu.

Eu apertei meu queixo. — Estou perdendo ela, Vivi. Eu não posso perdê-la.

— Vou neste fim de semana. Você pode apenas esperar? Por favor?

Porra. — Bem.

— Obrigada.

— Sim, — eu murmurei.

O resto do caminho até a cidade foi em silêncio. Juntei-me à fila dos pais nos carros. Então veio minha garota,

correndo em direção à caminhonete, sua mochila balançando e seu casaco enrolado em um braço.

Estava vinte e três graus lá fora.

— Oi Papai. — Ela sorriu enquanto se sentava no banco de trás.

— Oi. Por que você não está vestindo seu casaco?

Ela gemeu. — Não está tão frio.

— Kadence Rose Madden, — disse Vivienne. — Vista seu casaco.

— Agora mesmo? — Seus olhos imploraram quando ela se acomodou em seu assento.

— Não, apenas aperte o cinto. — Eu aumentei o calor, mesmo que eu ainda estivesse queimando do ginásio.

— Conte-me tudo sobre o seu dia, querida, — disse Vivienne.

— Foi bom, eu acho. — Kadence tocou o lado de seu cabelo onde os fios eram mais curtos, escondidos principalmente a menos que você soubesse onde olhar.

O movimento se tornou um hábito dela, um que me fez estremecer.

— O que foi de almoço? — Eu perguntei quando me afastei da escola.

— Pizza.

— Eu gosto de pizza. Estava bom?

— Estava tudo bem.

— Você fez alguns amigos? — perguntou Vivi.

Kadence apenas deu de ombros. — Mas ou menos.

Eu a estudei pelo retrovisor. Seus olhos estavam em seu colo. Minha linda garota com um belo espírito que estava aprendendo muito jovem que as pessoas, especialmente outras crianças, podiam ser cruéis.

Havia apenas uma escola primária em Quincy. Um ensino médio. Uma escola secundária. Kadence se formaria com a maioria das crianças que conhecera na semana passada. Em uma comunidade menor, eu esperava que ela tivesse a chance de construir relacionamentos mais próximos com seus colegas de classe. Que Vivienne e eu poderíamos saber melhor sobre os pais. Que aprenderíamos em quem confiar.

E em quem não confiar.

— Ok, Vivi, é melhor deixar você ir, — eu disse, diminuindo a velocidade quando o hospital apareceu à distância.

— Você vai me ligar mais tarde, certo?

— Sim.

— Tchau, mamãe, — disse Kadence. — Eu te amo.

— Eu também te amo. — Vivienne fungou. Ela estaria chorando depois de desligarmos. E eu suspeitava que seu plano de ficar em Vegas até o verão mudaria em breve. Ela

não duraria seis meses tão longe de nossa filha, não importa quantas vezes ela visitasse.

Entrei no estacionamento do Quincy Memorial, avistando o jipe de Talia em seu lugar habitual. Não importa o que estava acontecendo entre nós, eu sempre queria vê-la. Eu tinha passado muito tempo sem ela na minha vida. Mas hoje, parte de mim esperava que não esbarrássemos um no outro. Por ela, não por mim.

Seria mais fácil para Talia ver Kadence depois que Vivienne se explicasse, neste fim de semana.

— Trabalho de casa hoje à noite? — Perguntei a Kadence enquanto estacionava a caminhonete em uma vaga de visitantes.

— Soletrando palavras. Mas eu conheço todas.

Eu me virei para lhe dar uma piscadela. — Tenho certeza que sim.

Ela piscou de volta.

Peguei seu casaco e segurei sua mão enquanto caminhávamos pela entrada do hospital. Um dia, Kaddie não queria que eu segurasse sua mão, então a segurava sempre que ela permitia.

Fizemos o check-in na recepção e esperamos no saguão até que uma enfermeira nos chamasse. Ela verificou o peso de Kaddie e mediu sua altura antes de nos colocar em uma sala de exames.

— Então isso é apenas um check up de boa filha? — a enfermeira perguntou enquanto tomava o pulso de Kaddie.

— Isso mesmo.

Um panfleto havia chegado em sua mochila na sexta-feira, indicando que o basquete da primeira e segunda séries começaria em breve. Kadence queria jogar e já que estávamos nos mudando para cá – nos mudamos para cá – ela precisaria de um médico. Então, liguei e marquei uma consulta com o Dr. Anderson.

Não Talia. Ainda não. Mas algum dia.

Este foi o início de mais um round na luta. Minhas táticas até agora tinham sido fúteis. Então era hora de recuar, tentar outra estratégia.

Dar-lhe espaço. Deixá-la contemplar o passado de um ângulo diferente.

Talia passou sete anos pensando em mim sob uma luz maculada. Ela precisava se ajustar a esse novo tom.

A verdade.

— Quaisquer preocupações? — a enfermeira perguntou.

— Não. — Eu balancei minha cabeça.

— Excelente. — A enfermeira digitou algumas coisas no computador e se levantou. — Dr. Anderson está terminando com outro paciente, então estará aqui em breve.

— Agradeço. — Eu balancei a cabeça quando ela saiu do quarto.

Kadence começou a balançar as pernas na mesa de exame, o papel sob sua bunda enrugando.

— Quer ler um livro enquanto esperamos? — Eu perguntei, apontando para a cesta de livros no chão.

— Não.

O papel de parede era um padrão de balão de ar quente. Havia uma vitrine de Hot Wheels pendurada em uma parede. Um pote de pirulitos estava ao lado na pia, do lado de um pote de abaixadores de língua.

— O que devemos comer para o jantar? — Eu perguntei a Kaddie.

Antes que ela pudesse responder, alguém bateu na porta.

Não foi o Dr. Anderson quem entrou na sala.

Talia. Meu coração pulou.

Ela estava vestindo seu uniforme e um jaleco branco com um estetoscópio pendurado no pescoço. Seu cabelo sedoso estava preso em um rabo de cavalo, as pontas caindo sobre um ombro.

— Oi. — Ela me deu um sorriso tenso. — Dr. Anderson foi retido e perguntou se eu poderia fazer o check-up de Kadence.

— É claro. — Prendi a respiração quando ela entrou na sala de exames, fechando a porta atrás dela.

— Oi, Kadence. — Ela estendeu a mão para minha filha. — Eu sou Talia.

— Oi. — Kaddie deu a ela um sorriso tímido, totalmente alheio ao flash de dor no rosto de Talia quando suas mãos se tocaram.

Felizmente, essa foi a única vez que Talia pareceu incomodada. Ela conduziu o exame, conversando com Kadence e fazendo perguntas sobre a escola. Profissional e solidária. Exatamente o tipo de médica que eu sempre soube que ela seria.

— Sra. Edwards é uma professora muito legal, — disse Talia. — Não conte a ninguém que eu te disse isso, mas ela é a melhor professora da primeira série. Você é sortuda.

Kadence sorriu, olhando em minha direção.

— Ok, estamos todos prontos. — Talia sentou-se no banquinho giratório, sacudindo o mouse no computador. — Você já tomou suas vacinas contra a gripe?

Eu balancei a cabeça. — Nós fizemos.

— Então você está pronta. — Talia não olhou para mim uma vez desde que começou o exame. Seu foco tinha sido inteiramente no seu paciente.

Por mim tudo bem. Eu poderia tê-la beijado por todos os sorrisos gentis que ela enviou para minha filha. Kaddie

merecia essa atenção.

— Diga obrigada , — eu disse a minha filha.

— Obrigada, Talia.

— Dra. Éden, — eu corrigi.

Talia ganhou esse título. Neste edifício, nós o usaríamos.

— Dra. Éden, — Kadence repetiu.

Talia olhou para mim pela primeira vez, e havia algo em sua expressão que eu não conseguia ler.

— O que é isso?

— Nada. — Ela acenou para fora. — A saída fica no corredor e à sua esquerda.

— Espere. — Eu me levantei antes que ela pudesse desaparecer. — Posso ter um minuto?

— Um—

— Ótimo, obrigado. — Fiz sinal para Kadence pular da mesa de exame. — Coloque seus sapatos, então fique no corredor por um minuto, ok, insetinho ? Eu só preciso falar com Dra. Eden por um segundo.

Assim que Kaddie saiu pela porta, eu a fechei. Então coloquei minhas mãos no rosto de Talia, antes que ela pudesse me impedir, coloquei meus lábios nos dela. Uma lambida da minha língua contra seu lábio inferior e ela choramingou, abrindo para mim.

Inclinei minha boca sobre a dela, empurrando para dentro. Deus, ela tinha um gosto bom. O melhor deste maldito mundo. O fogo correu pelas minhas veias enquanto sua língua se enroscava na minha. Suas mãos vieram para os meus braços, apertando com força.

Nós não poderíamos ter terminado. Ainda não. Não, se ela me beijasse assim.

Eu a beijei rápido e profundo, então a soltei.

Ok, então talvez eu não estivesse dando espaço a ela.

— O que foi isso? — ela perguntou, afastando-se. Sua mão flutuou para seus lábios, não para limpar meu beijo, mas para tocá-lo.

— Para agradecer.

— Por um exame?

— Por ser gentil com Kadence. Este foi um ano difícil para ela.

— Eu estava apenas fazendo o meu trabalho. — Ela fez um movimento para a porta, mas eu agarrei sua mão antes que pudesse escapar.

— Eu me lembro de tudo que você já me contou sobre Quincy. Como as pessoas saiam de suas casas sem trancar as portas. Como a cidade era enfeitada com as cores da escola sempre que um time chegava um campeonato. Eu vim aqui por você, Tally. Eu vou ficar por você. Mas eu vim por

Kadence também. Porque eu faria qualquer coisa para dar a ela sua infância em vez da minha.

Talia estudou meu rosto por um longo momento, então acenou com a cabeça, saindo fora do meu alcance para abrir a porta. Exceto que ela teve que recuar quando outra mulher, com a mão levantada para bater, quase colidiu com ela. — Ah, desculpe, Raquel.

— Talia. — Os lábios de Rachel franziram em uma linha fina. — Eu não sou babá.

— Nós estávamos apenas-

Antes que Talia pudesse terminar de explicar, Rachel zombou e foi embora.

Que porra?

Os ombros de Talia caíram em derrota. Ela mascarou rapidamente, sorrindo para Kaddie antes de ir embora.

Que diabos foi isso? Kadence estava de pé contra a parede, sem se mover, sem causar problemas, apenas esperando como eu pedi. Nenhuma babá era necessária para os dois minutos que levei para beijar Talia.

— Vamos lá. — Estendi minha mão e peguei a de Kaddie, levando-a para a saída. Mas antes de passarmos pela porta que nos levaria ao saguão, olhei por cima do ombro bem a tempo de ver Talia correndo para alcançar-me.

Ela estava com o casaco de Kaddie na mão.

Nós dois tínhamos esquecido.

— Aqui. — Ela o entregou, então deu um passo para trás. Então outro.

— Obrigado, Dra. Éden. — Eu abaixei meu queixo.

Havia aquela expressão estranha novamente. Quase confusão. — Ninguém, hum... me chama de Dra. Éden.

— Você não gosta?

— Não, eu não me importo. Acho que sou apenas Talia aqui. A maioria das pessoas em Quincy me conhece desde que eu era criança.

— Então? — Eles ainda poderiam tratá-la com o respeito que ela ganhou.

Ela levantou um ombro. — Tchau, Foster.

— Dra. Éden? — Eu a parei antes que pudesse se virar.

— Sim? — O canto de sua boca virou para cima. Se ela gostava de me ouvir chamá-la de Dra. Eden, eu gostava de dizer isso. Eu estava muito orgulhoso do que ela havia realizado.

— Você nunca será apenas *Talia*. Não para mim.

Aqueles olhos azuis brilhantes se iluminaram. E por mais que eu odiasse perder o sorriso em seu rosto, não me importei nem um pouco quando ela deu um para Kadence.

— Vejo você por aí, senhorita Madden.

Kaddie deu uma risadinha.

Talia riu.

E assim, eu estava de volta nesta luta.

ROUND 4

CAPÍTULO QUATORZE

Talia

Você nunca será apenas Talia. Não para mim.

Nos quatro dias desde que Foster e Kadence foram ao hospital, eu repeti suas palavras centenas de vezes. Mil. E cada vez, meu coração doía um pouco menos. Minha raiva diminuiu um pouco mais.

O tempo estava curando.

Assim eram as verdades.

— Boa noite, — eu disse à enfermeira no balcão da recepção no saguão do hospital enquanto passava por sua mesa. — Tenha um ótimo fim de semana.

— Você também, Talia, — ela disse com um aceno.

Devo corrigi-la? Devo pedir a todos para me chamarem de Dra. Eden? Não. Isso só tornaria as coisas estranhas. E para quê? Meu orgulho? Meu ego? Tudo o que eu queria era que as pessoas confiassem em mim como sua médica. A colega deles. Eu não precisava do título.

Mas também não me importaria.

Engraçado como a única pessoa que insistiu em me chamar de Dra. Eden foi Foster. Um homem que me conhecia intimamente. Um homem que sussurrou meu nome enquanto

estava dentro do meu corpo. Mas ele insistiu em me chamar de Dra. Eden. Ele insistiu que Kadence fizesse o mesmo.

Foi por isso que o beijei? Ou porque quando se tratava de Foster, eu não tinha controle?

Deus, aquele beijo. Uma mulher poderia sobreviver com um beijo desses todos os dias. Só de pensar nisso meu coração palpitava. Resistir a ele era impossível.

Foster Madden tinha uma presença tão poderosa quanto um trovão.

Eu era a mulher que sempre amou sua tempestade selvagem.

O que estávamos fazendo? Por tantos anos, meus passos foram planejados. O caminho se estendia diante de mim que não me preocupei com o que me esperava no final.

Graduação. Escola de Medicina. Residência. O fim da estrada estava à vista. Os anos se passaram em um borrão. Qual o próximo?

E Foster?

Repetidamente, repassei o que ele me contou sobre Arlo. Sobre Vegas e as lutas. Sobre estar preso. Ele disse que havia mais a discutir. Houve.

Kadence.

Foster prometeu que nunca me traiu com Vivienne. Foi tolice acreditar nele? Por uma semana, eu procurei em meu coração por dúvidas e não encontrei nada.

Quem era aquela garotinha? A melhor pergunta não era quem... mas de quem? Se não era de Foster, então quem era seu pai?

Saí do hospital e fui para o centro da cidade, estacionando atrás do hotel, ao lado da caminhonete do meu irmão.

Knox tinha me mandado uma mensagem mais cedo hoje à noite, para ver se eu queria comer no Knuckles. Talvez ele tenha ouvido que Lyla e eu não estávamos nos falando. Ou talvez Lyla tivesse contado a ele sobre Foster.

Eu estava evitando minha família por uma semana, porque não queria que eles bancassem os mediadores entre Lyla e eu. Mas era hora de mostrar meu rosto e, quando se tratava de meus irmãos, todos temos favoritos.

Mateo era o meu. Mas como ele estava atualmente pilotando aviões no Alasca e relativamente fora de contato, eu estava indo para o meu segundo favorito – Knox. Mesmo que sua favorita fosse Lyla.

Entrei no hotel, tendo trocado meu uniforme no vestiário por jeans e um suéter azul-marinho.

Eloise estava na recepção com o telefone entre o ombro e a orelha para poder digitar com as duas mãos.

Bati no balcão e acenei para que ela soubesse que eu estava aqui.

— Um minuto, — ela murmurou.

Deixando-a para terminar a ligação, caminhei até a área de estar ao lado da lareira do saguão e fiquei ao lado da lareira, absorvendo seu calor.

Este hotel esteve em nossa família por gerações. Mamãe tinha conseguido quando eu era mais jovem, trabalhando aqui enquanto papai cuidava do rancho. Mas nos últimos anos, Eloise havia reivindicado o Eloise como seu. Apropriado.

Havia uma vela de baunilha acesa na mesa de centro, o cheiro se misturando com o do fogo. Fumaça e doçura. A decoração do feriado foi retirada, mas ela manteve as pequenas luzes douradas em volta das janelas que davam para a Main.

Eloise provavelmente, tinha acendido o fogo para que o saguão ficasse aconchegante e acolhedor em uma noite fria de janeiro. Este era o hotel dela, mesmo que seu nome ainda não estivesse oficialmente na escritura. Minha irmã mais nova havia se tornado uma empresária infernal.

Passos soaram atrás de mim e me virei. Talvez Eloise pudesse se juntar a nós para jantar... Meu sorriso caiu.

Vivienne.

Vê-la era inevitável. Eu sabia que esse momento estava chegando. Isso não facilitou. O que ela estava fazendo aqui no hotel?

— Oi. — Sua voz estava trêmula quando ela parou atrás de um sofá.

Ela parecia mais adulta. Eu acho que eu provavelmente, parecia o mesmo. Seu cabelo castanho estava mais curto do que na faculdade, caindo sobre os ombros. Seu rosto era tão bonito, os traços mais definidos. Sua bolsa Chanel pendurada no ombro. Seu casaco era Prada. Ela parecia deslumbrante, rica e a esposa de um famoso lutador do UFC – ex-esposa.

Uma explosão de raiva, de amargura nascida da traição, fez meus músculos ficarem tensos. Fechei minhas mãos, minha coluna rígida.

Ela tocou o couro do sofá , então tirou as mãos, enfiando-as nos bolsos do casaco apenas para tirá-las novamente e colocá-las de volta. Ela deveria estar nervosa. — É bom ver você.

Eu arqueei uma sobrancelha.

Foster tinha sido chantageado para este casamento. Mas qual era a desculpa dela? Ela sabia o quanto eu o amava. Quantas noites passamos em nosso apartamento, rindo e fofocando? Quantas vezes ela me provocou por ter corações em meus olhos?

E ela o levou. Ela tomou meu lugar.

Vivienne abriu a boca, depois a fechou, lutando para encontrar as palavras. Ela parecia não tê-las, mas eu tinha.

— Você era minha melhor amiga. Contei para você mais do que à minha irmã gêmea. Eu te amei. Como você pode? — Sem esperar por sua resposta, saí de perto da lareira, mantendo meus olhos fixos em Eloise ainda na recepção.

— Talia, por favor. — Vivienne se aproximou, estendendo a mão.

Eu me afastei , não querendo que ela me tocasse.

— Eu sinto muito.

— Todo mundo está arrependido esses dias, — eu disse.

— Ninguém mais do que Foster. — Seus ombros caíram. — Ele sempre te amou. Sempre. Ele se arrependeu de tudo o que aconteceu. Odeie-me se precisar. Mas não a ele.

— Defendendo seu marido? — Eu odiava que ela pudesse reivindicar esse título.

— Por favor, deixe-me explicar.

— Todo mundo tem desculpas e explicações. Estou tão cansada de explicações que chegaram sete anos atrasadas. Foda-se.

Seu lindo rosto empalideceu.

Caramba. Uma sensação repugnante rastejou sob minha pele. eu não era má. Eu não gostava de ser má. Então era hora de ir, porque eu estava com raiva e diria coisas que só fariam nos sentirmos pior.

— Eu estava grávida, — Vivienne desabafou.

Tanto para a minha fuga. Eu a encarei, cruzando os braços sobre o peito. — Obviamente. Eu conheci sua filha.

Vivienne se aproximou, olhando por cima do ombro para a porta antes de baixar a voz. — Kadence não é... ela não é

filha biológica de Foster.

Alívio. Doce alívio que meu palpite não estava errado. Que Foster não tinha trapaceado. Mas quem? Se não Foster, então quem? Estava na ponta da minha língua para perguntar, mas mantive meus lábios fechados.

— Kadence não sabe, — disse Vivienne. — Ela não precisa saber. Foster é o pai dela. Ela o ama. Ele a ama. E ele te ama. Se você ainda tem sentimentos por ele, por favor, dê-lhe uma segunda chance.

A súplica em seus olhos me fez descruzar os braços.

— Ele costumava falar sobre você, — disse ela. — O tempo todo. Principalmente naqueles primeiros anos. Talia isso e Talia aquilo. Era como se ele quisesse dizer as coisas em voz alta para não esquecer o quanto você gostava de sorvete de morango ou ficar brava com o som alto enquanto estudava. Como você só usava as camisetas dele para dormir e cantarolava junto com o secador de cabelo.

Foster tinha falado sobre mim enquanto eu tentava ao máximo nem pensar em seu nome.

— Eu ficava com tanta inveja, — disse Vivienne.

— Porque você estava apaixonada por ele.

— Não. — Ela zombou. — Sem ofensa, mas é estranho. Foster é meu melhor amigo no mundo, como um irmão. Talvez, se eu não soubesse que ele já tinha lhe dado seu coração, isso seria diferente. Mas nunca foi. Eu não o amo.

— Então por que você estava com ciúmes?

— Porque ele vai te amar por toda a vida dele. Quer você o perdoe ou não. É por isso que tenho ciúmes.

Um nó se formou na minha garganta. — Ele me quebrou.

Vivienne assentiu. — Eu sinto muito. Sinto muito pelo que meu pai fez. Lamento não ter reconhecido antes o monstro que ele era. Sinto muito pelo meu papel nisso e por não me esforçar mais para mudar a situação. Sinto muito, Talia. Eu gostaria que pudéssemos voltar no tempo. Fazer melhor. Mas é por isso que ele está aqui. Para corrigir nossos erros.

Ela o amava. Talvez não um amor romântico, mas o amor de família. Ela defenderia o caso de Foster, cairia de joelhos e imploraria, porque o amava.

Ela teve anos para amá-lo. Para ter seu amigo. Vivienne o conhecia melhor do que eu. Ela não era a única que estava com ciúmes.

— Ei. — Eloise apareceu ao meu lado, um sorriso no rosto.

Afastei meu olhar de Vivienne e abracei minha irmã. — Oi.

— E aí? — Ela olhou entre Vivienne e eu , provavelmente tentando descobrir por que eu estava falando com ela. Talvez Vivi fosse uma convidada aqui novamente.

— Apenas conversando, — eu disse. — Estou jantando no Knuckles.

— Ah, divertido. — Eloise apontou para o balcão da recepção. — Estou cuidando da recepção por mais algumas horas, caso contrário, eu me juntaria a você.

— Vou trazer uma sobremesa para você, — eu disse a ela, então lancei um último olhar para Vivienne.

Ela tinha lágrimas nos olhos. Talvez, tenha pensado que um pedido de desculpas apagaria o passado. Talvez ela estivesse certa. Mas não esta noite.

Então dei um passo para longe, caminhando com Eloise até a recepção, onde a deixei para trabalhar enquanto seguia para o Knuckles.

O restaurante de Knox estava movimentado, como na maioria das noites de sexta-feira. Conversas e risadas enchiam a sala de parede a parede enquanto eu seguia a garçonete até uma cabine que Knox havia reservado para mim. A atmosfera sombria e melancólica combinava com a minha.

— Posso pegar alguma coisa além de água para beber? — ela perguntou.

— Vinho. Tinto. Qualquer tinto em uma taça grande.

Ela riu. — eu entendi, Talia.

— Obrigada. — Tirei meu casaco e deslizei para dentro da cabine, afundando no assento e fechando os olhos.

Muito dura. Eu tinha sido muito dura com Vivienne. Embora não fosse eu que se casou com o namorado de sua melhor amiga.

A mesa se mexeu e abri meus olhos, esperando ver meu irmão.

Mas foi Foster que estava do lado oposto da cabine. Meu coração deu um salto. Sempre pulava, o órgão traidor.

— O que você está fazendo?

Ele respondeu pegando a carta de vinhos de onde estava encostada na parede de tijolos.

— Foster, — eu falei lentamente.

— Talia.

Olhei por cima do ombro. Vivienne e Kadence estavam por perto?

— Elas saíram para jantar juntas. Vivienne está visitando no fim de semana antes de voltar para Las Vegas.

— E você não vai se juntar a elas?

— Não.

A garçonete voltou com meu vinho, assustada com a presença de Foster. — Oh, me desculpe. Knox disse que estava comendo com você esta noite.

— Ele está.

— Não. — Foster deu a ela seu sorriso mais encantador. — Mudança de planos. Também quero vinho tinto. O que

quer que Talia esteja tomando.

— Foster, — eu avisei, mas ele me ignorou.

— Qual é o especial desta noite ? — ele perguntou à garçonete.

Ela falou e Foster pediu um para nós dois, então ela nos deixou sozinhos, provavelmente para informar a Knox que eu tinha um encontro.

— Você é exaustivo. — Tomei um longo gole da minha taça de vinho.

Ele sorriu, estendendo a mão sobre a mesa para pegar minha mão livre na dele. — Vivienne disse que falou com você.

— Eu fui má com ela. — *Merda*. — E agora me sinto culpada.

— Ela vai ficar bem. — Seu polegar acariciou meus dedos. — O que ela te disse?

— Ela me contou sobre Kadence.

— Bom. — Ele suspirou, como se essa fosse a resposta que ele esperava que eu desse. — Era importante para ela que fosse a única a contar a você.

— Por que?

Ele entrelaçou os dedos deles nos meus, olhando para eles como se tivesse esquecido como era ter nossas mãos entrelaçadas. — Nós dois temos arrependimentos. Vivi

carrega muita culpa porque foi o pai dela que nos colocou nessa posição.

— O que aconteceu com ela e Arlo? — Vivi o chamou de monstro no saguão, mas quando eu morava em Vegas, ela o adorava. — Ela disse que estava grávida. Quem é-

— Eu. Eu sou o pai de Kadence. Ela é minha. — Houve uma pontada na voz de Foster antes que ele engolisse em seco, limpando a garganta. — E ela não é minha.

A garçonete apareceu naquele momento, entregando a taça de vinho de Foster. Ele assentiu em agradecimento, então tomou um gole. Tudo enquanto mantinha sua mão apertada na minha.

Eu não tentei tirar. No momento, parecia que ele precisava.

— Vivienne estava grávida de cinco meses quando você partiu. Quando Arlo me chantageou depois daquela luta.

— Cinco meses? — Procurei em minhas memórias algum sinal. Não estava aparecendo, o que era normal tão cedo em uma primeira gravidez. E Vivienne tinha tendência de estilo para o boho chic com tops fluidos e peças em camadas. Eu não conseguia me lembrar dela estar doente. Eu não conseguia me lembrar dela namorando alguém.

— Ela estava saindo com um cara. Eles se conheceram na academia, mas eu não o conhecia. Eu acho que ele entrou e saiu, ficou lá por um curto período de tempo. Provavelmente

porque era um fato bem conhecido que, se alguém tocasse na filha de Arlo, estaria morto.

— Era?

— Oh sim. — Foster bufou. — Apenas um cara com desejo de morte teria perseguido Vivi no Angel's. Arlo queria que aquele fosse seu lugar seguro. Se alguém olhasse para ela por muito tempo, um de nós expulsaria o cara.

— Mas não este.

Foster balançou a cabeça. — Ela ficou quieta e ele parou de ir à academia. Ela disse que era casual, na maioria das vezes eles se encontravam e ficavam. Então ela engravidou. Fiquei com medo. Ela não tinha certeza de como contar a alguém, incluindo o cara. Acho que ele fez alguns comentários sobre não querer filhos.

— Oh. — Vivienne estava passando por tudo isso enquanto morávamos juntas. Que tipo de amiga eu era que não tinha notado? — Ela não me disse nada.

— Ela manteve isso em segredo, para todos. Acho que ela estava criando coragem para contar a esse cara primeiro. Ela foi até a casa dele uma noite para contar a ele, mas entrou em uma situação. Esse cara tinha um colega de quarto. A garota do colega de quarto era tagarela. Vivi disse que ela era muito dramática. Vivienne ouviu uma comoção no apartamento, então ela espiou dentro. O cara dela e o colega de quarto dele estavam se revezando, socando e chutando essa mulher.

Eu suspirei. — Oh meu Deus.

— Vivienne foi direto para Arlo. Foi a semana da minha luta.

— Foi por causa do bebê que ela se casou com você, não foi? — Eu assumi que ela estava apaixonada por ele.

— O cara de Vivi estava em uma gangue.

— Que gangue?

— O tipo em que os membros acabam mortos na maioria das vezes. O tipo com conexões próximas aos cartéis de drogas.

Eu fiquei boquiaberta. — E Vivienne não sabia?

Foster balançou a cabeça. — Nenhum palpite. Não até depois que Arlo o colocou para fora, quando disse-lhe que estava grávida e contou o que viu naquele apartamento, Arlo enlouqueceu.

— E foi quando ele decidiu que você ia se casar.

— Sim. Ele me pegou pelas bolas. Então, ele continuou torcendo. Arlo queria Vivienne segura. Ele queria que ela tivesse dinheiro. Segurança. E sim, ela poderia ter ido morar com ele. Arlo poderia ter cuidado dela. Mas por que, quando eu era uma solução a longo prazo com potencial de ganhos suficiente para ela, o bebê e ele no topo? Ele queria sua filha casada com o homem de sua escolha. Ele viu o medo dela e a chance de assumir o controle, então se aproveitou disso.

— Por que Vivienne concordou? — Ela poderia ter dito a Arlo para ir para o inferno e não se casar com Foster.

— Ela estava apavorada. Ela queria ficar com o bebê. E Arlo, aquele filho da puta manipulador, pegou tudo o que sabia sobre aquela gangue e jogou na cara dela. Certificou-se de que ela não estivesse apenas assustada, mas petrificada. Disse a ela que se não casasse comigo, esse cara poderia descobrir. Poderia tentar machucá-la antes que pudesse ter o bebê. Que a melhor maneira de evitar isso era fazer o mundo pensar que esse garoto era meu.

A que custo ? Meu coração. — Você acha que era verdade? Você acha que esse cara a machucaria?

— Pode ser. Mais importante, Vivienne acreditou. Então ela foi com os desejos de seu pai. Arlo sabia que eu nunca machucaria Vivi. Ele sabia que eu poderia sustentá-la e, se eu fosse seu genro, seria apenas outra maneira de enfiar esses ganchos mais fundo na minha coluna.

— E o cara da gangue? E ele?

— Um mês antes de Kadence nascer, ele apareceu na academia procurando por Vivi. Ele estava chapado, fora de sua maldita mente. Cheirava a bebida. Eu disse a ele que havia me casado com ela. Menti e disse que estávamos namorando há anos.

— Ele acreditou em você?

Foster deu de ombros. — Nunca mais o vimos. Cerca de dois anos atrás, Arlo veio para a academia com um obituário.

— Ele morreu.

Foster assentiu. — Dois tiros no peito.

Eu fiquei tensa. — Quem sabe disso?

— Eu. Vivi. Jaspe. Arlo. — Ele soltou um longo suspiro. — E você. Eu gostaria de manter essa lista o mais curta possível.

Porque Kadence era sua filha e ele não a perderia.

— Algum dia Kaddie precisará saber, — disse ele. — Mas mesmo assim, isso não vai mudar o fato de que sou o pai dela. Ela é minha filha.

— Ela é sua filha. — Assim como Drake era filho de Knox, mesmo que não houvesse sangue dos Éden nas veias de Drake. Ele era nosso. Como Kadence era de Foster.

— Então Arlo convenceu Vivienne a se casar com você, — eu disse. — Mas se aquele cara acreditou em você e desapareceu, por que você não anulou seu casamento? Ou por que depois que seu ex morreu? Por que ela continuou casada com você?

— Arlo nunca deixou nenhum de nós esquecer as cartas que estava segurando. Ele lembrou a Vivienne que arruinaria minha carreira se nos divorciássemos. Ele me pintaria como um criminoso, e como Kadence não é minha, ele entraria com um processo de custódia para tirá-la de mim. Alegava que Vivienne era inadequada.

— Ele poderia fazer isso?

Foster deu de ombros. — Teria sido besteira, nós teríamos lutado contra isso. Mas teria sido uma bagunça do caralho, independentemente. E a pessoa que mais sofreria seria...

— Kadence.

— Sim. — Ele me deu um sorriso triste. — Vivienne e eu não estávamos dispostos a arriscar sua felicidade simplesmente para testar Arlo. Ele nunca soltou as cordas. A cada ano ele apenas as apertava com mais força.

— O que você quer dizer?

— Além de me arruinar, ele nunca me deixou esquecer o que poderia fazer com você.

Meus olhos se arregalaram. — Eu? Eu tinha ido embora.

— Talvez de Las Vegas. — Foster bateu em seu coração. — Mas não aqui. Arlo via isso claro como o dia. Eu não podia arriscar.

Então Foster e Vivienne fizeram o jogo de Arlo. Permaneceram quietos até o dia em que ele morreu.

Minha cabeça estava girando novamente. Girando em torno da verdade, tentando entender do que me convenci desde que deixei Vegas. Talvez houvesse uma maneira melhor. Um caminho que não teria sido tão difícil para todos nós.

Eu teria feito diferente no lugar de Vivienne? Ou de Foster?

Não havia como saber.

— Não sei o que dizer sobre tudo isso. — Talvez eu devesse estar aliviada. Mas caramba, eu estava cansada de ficar com raiva. Eu estava cansada de estar ferida e confusa. Eu não tinha energia para nada disso esta noite. — Eu gostaria que você tivesse me contado.

— E se esquecermos? — Foster perguntou, seu polegar acariciando minha mão. — E se esquecermos o passado? E se esquecermos o mundo, só por esta noite?

— Eu gostaria de esquecer. Só por esta noite. — As palavras saíram pelos meus lábios. O sorriso que se estendeu pelo rosto de Foster as fez valer a pena.

A garçonete apareceu, com dois pratos na mão com os famosos cheeseburgers e batatas fritas de Knox. Ela os colocou na mesa, forçando Foster a soltar minha mão. — Algo mais? — ela perguntou.

— Ranch, — disse Foster. — Por favor.

Ele não gostava de molho Ranch. Mas eu sim.

Peguei a garrafa de ketchup, abrindo a tampa, assim que Foster pegou os tomates de seu prato e os colocou no meu. — Você poderia ter pedido sem tomates.

— Mas você gosta deles. — Ele não. Mas eu sim — Você se lembra do nosso primeiro encontro?

Eu rio. — Você quer dizer a vez que você me emboscou no meu restaurante favorito? Suas táticas não mudaram.

— Funcionou para mim, então. — Ele riu, a luz dançando em seus olhos. — Percebi porém, por que não tentar de novo?

Estávamos flertando no Angel's há meses. Tinha passado tanto tempo, que comecei a pensar que tinha interpretado mal tudo entre nós, porque Foster não havia insinuado nem uma única vez um encontro.

Em vez disso, ele apenas pegou. No verdadeiro modo Foster.

Ele descobriu por Vivienne que eu gostava de estudar em um restaurante temático dos anos 50, não muito longe do nosso apartamento. As cabines eram espaçosas. Raramente estava ocupado. E mesmo que o cheiro de gordura ficasse tão forte no meu cabelo que eu teria que lavá-lo sempre que chegasse em casa, o odor me lembrava de casa. De voltar da escola e encontrar mamãe na cozinha, fritando hambúrgueres para o jantar, porque papai sempre dizia que poderia comer um cheeseburger em todas as refeições pelo resto da vida e morrer feliz.

Foster havia sentado na minha cabine naquela lanchonete uma noite, exatamente como esta noite, e nós conversamos por horas. Nos tornamos quase inseparáveis daquele momento em diante.

— Eu quero começar de novo, Tally.

Parecia tão fácil. Tão simples. Foster e eu, começando de novo. — Você realmente acha que isso é possível?

Ele encolheu os ombros. — Por que não? A menos que você tenha medo de tentar.

— Você está me provocando?

Foster sorriu, arrogante e seguro. — Está funcionando?

Lutei contra um sorriso e tomei um gole do meu vinho. Pode ser. Talvez.

CAPÍTULO QUINZE

Foster

— Porra, está frio. — Jasper esfrega as mãos, soprando nelas enquanto salta na ponta dos pés no ringue.

— Preciso comprar mais aquecedores. — Esfrego minhas têmporas. Se ao menos essa dor de cabeça fosse embora.

Mas não vai. Porque a dor de cabeça estava diretamente ligada ao meu aquecedor. — a que parou de funcionar cinco dias atrás. Eu voltei para casa do meu jantar com Talia para uma academia gelada.

Eu provavelmente deveria ter esperado com o quão duro a maldita coisa estava funcionando, desde que eu comprei este lugar. Eu deveria ter mandado alguém inspecionar antes.

O cara que veio ver no sábado riu, dizendo que eu tinha sorte de ter funcionado por tanto tempo.

Não havia conserto. Se fosse fosse Vegas, eu provavelmente teria uma nova no mesmo dia. Exceto, que era Quincy e eles precisavam pedir uma nova porque as duas que eles tinham em mãos eram velhas. Meu aquecedor não chegaria até sexta-feira.

Então, nos últimos cinco dias, eu estava aquecendo a academia e o apartamento com aquecedores elétricos.

— É claro que isso não acontece na primavera ou no verão, — eu disse a Jasper. — Tem que acontecer na maldita

semana mais fria do ano.

A máxima de hoje estava prevista para ser três. Três malditos graus abaixo de zero.

— Meus dedos estão dormentes, — ele resmungou.

— Meus também. — A maioria dos aquecedores estavam no apartamento, certificando-me de que ficasse quente o suficiente para Kadence. Os que estavam aqui mal estavam cortando o frio. A academia era simplesmente muito grande e a temperatura muito baixa.

— Eu não sou feito para Montana, — disse ele.

Eu zombei. — Eu também não tenho certeza.

Esta manhã, eu levei Kadence para a escola vestida como um marshmallow, casaco puffer, botas, chapéu e luvas. A neve era uma novidade para ela, parte da aventura. Mas até ela reclamou do frio, e no caminho para a escola, ela estava mal-humorada e quieta.

— Ok. — Revirei os ombros e pulei para cima e para baixo, me preparando para qualquer outra coisa que Jasper havia planejado para a sessão de treinamento de hoje. Estávamos nisso há horas, cada um de nós se esforçando muito simplesmente, porque se estivéssemos em movimento, não estávamos congelando. — Qual é o próximo?

— Quero praticar alguns golpes. Estive estudando vídeos das lutas anteriores de Savage e notei um padrão em seus últimos rounds. Quando ele fica cansado , ele desce em seus

calcanhares. Pode ser uma oportunidade de levá-lo em uma queda.

— Tudo bem. — Eu estalei meu pescoço e entrei em minha posição de luta, braços levantados.

Jasper refletiu minha posição, de frente para mim.

Parei de me preocupar com o frio. Parei de pensar em qualquer coisa fora deste ringue. Concentrei-me no meu oponente, pronto para dar um soco, fingir um chute levantando o joelho e, em seguida bater minha perna da frente contra a dele, na esperança de desequilibrá-lo.

Exceto que antes que eu pudesse me mover, o toque do meu telefone encheu o ar.

— Ah. Desculpe. — Corri para o lado do ringue. O nome da escola apareceu na tela. — Alô.

— É Foster? — uma mulher perguntou.

— Sim.

— É Denise, a enfermeira da escola. Eu tenho Kadence comigo e ela está com febre 38,3º.

Comecei a arrancar minhas caneleiras antes mesmo de ela terminar a frase. — Já estou indo para aí.

— O que está acontecendo? — Jasper perguntou quando desliguei, tirando a outra caneleira.

— Kadence está doente. Eu tenho que ir.

— O que eu posso fazer?

— Eu não tenho Tylenol. — Porra. — Ou um termômetro.

Por que não comprei nenhum remédio, só por precaução? Eu me abaixei entre as cordas, correndo para o apartamento para vestir um moletom e um par de calças por cima do meu short. Quando saí com as chaves, Jasper estava calçando os sapatos, vestido de forma semelhante a mim.

— Vou até a loja e pego suprimentos. Encontro você de volta aqui.

— Obrigado. — Eu balancei a cabeça e corri para a porta.

O clima lá fora era um golpe gelado no rosto, o vento cortando minha pele, então acelerei meus passos, explodindo o calor na caminhonete enquanto eu acelerava para a cidade e entrava no estacionamento da escola.

Kadence estava esperando na recepção com a enfermeira quando eu irrompi pela porta da frente.

— Oi, pequeno inseto. — Ajoelhei-me e pressionei uma palma da mão em sua testa enquanto a outra tirava a mochila de seus ombros e a pendurava sobre o meu. — Não se sente bem?

Ela balançou a cabeça.

Olho para a enfermeira. — Eu preciso checar com a professora ou algo assim?

— Nós cuidaremos disso.Melhoras, Kadence.

Ela forçou um sorriso, parecendo que estava prestes a chorar. Acho que seu humor esta manhã não era sobre o frio, mas sobre se sentir péssima.

Mas ela aguentou quase o dia inteiro. Por que não me disse que não estava se sentindo bem? Ou feito a escola me ligar mais cedo?

— Vamos para casa. — Eu a peguei no colo, agradeci à enfermeira e carreguei minha garota para a caminhonete. Quando ela estava afivelada em seu assento, dei um beijo em sua têmpora e corri para o lado do motorista.

— Papai? — ela perguntou enquanto eu entrava na estrada.

— Sim?

— Eu vou faltar à escola amanhã?

Olhei para ela pelo espelho retrovisor. — Não sei. Depende de como você estará se sentindo. Por que?

Os cantos de sua boca viraram para baixo. — Nós deveríamos ter uma festa da pipoca.

— É por isso que você não me disse que estava se sentindo mal esta manhã?

Seu queixo caiu. — É aniversário de Maggie hoje e ela trouxe cupcakes.

Minha doce garota.

Eu me senti horrível por ela estar perdendo a diversão e feliz pra caralho que ela queria estar na escola, que estava fazendo amigos. — Se você perder amanhã, eu vou pegar pipoca, ok? O mais importante é fazer você se sentir melhor.

Ela caiu contra a porta, e quando chegamos ao ginásio, ela estava dormindo.

Jasper ainda não tinha voltado da loja, então carreguei Kadence para dentro, tirando seu casaco e levando-a para a cama. Então tirei o telefone do bolso e liguei para a primeira pessoa que me veio à mente, torcendo para que ela não tivesse trocado o número.

— Olá? — Talia respondeu.

— Ei.

— Foster?

A surpresa em sua voz foi outro soco no estômago. — Você apagou meu número.

— Ah, hum... sim.

Ela apagou minhas informações de contato enquanto eu mantive as dela em segurança e memorizei seu número 406 vezes apenas por precaução. Isso foi por minha conta, não Talia. E no momento, eu não tinha tempo para me preocupar com os erros do passado.

— Kadence está doente. Ela está com febre. —

— Qual a temperatura?

— É 38,3.

— Você deu alguma coisa a ela?

— Ainda não. — Fui até uma janela, procurando na estrada pelo Yukon de Jasper. — Devo levá-la ao hospital? Estou começando a enlouquecer.

— Ela nunca esteve doente antes?

— Sim, ela esteve. Mas eu não me dou bem com essas coisas. Vivienne é a mãe calma.

Houve um barulho ao fundo, como se ela tivesse pegado um molho de chaves. — Vou estar aí em um minuto.

— Você não está trabalhando?

— Hoje não. Vejo você daqui a pouco.

O ar saiu dos meus pulmões quando terminei a ligação. Então eu andei pelo apartamento, chamando Vivienne em seguida, e quando ela não respondeu, deixei uma mensagem.

Toda vez que eu passava por um aquecedor , estava muito quente. Quando chegava perto de uma janela ou da porta, estava muito frio.

Kadence não se queixou uma vez do apartamento ou da academia. Minha garota era um soldado. Mas seu quarto era pequeno e, apesar dos esforços de Vivienne para pendurar fotos e decorar, não era seu lar. Este lugar não era uma casa.

— Oi. — Jasper entrou no apartamento com um saco plástico de supermercado em uma mão. Eu estava tão preso

na minha cabeça que não tinha notado ele chegando.

— O que diabos eu estava pensando vivendo aqui? — Eu joguei um braço no ar. — Eu deveria ter uma casa. Uma casa de verdade com dois quartos e um maldito aquecedor funcionando.

— Talvez você devesse ficar comigo por alguns dias até que eles façam o aquecimento funcionar.

— Vou ligar para o hotel. — O quarto que ele havia alugado era bom, mas era pequeno e não haveria espaço para nós três. Não era muito maior do que este apartamento. — Obrigado por oferecer. E por ir à loja.

— A qualquer momento.

Eu arrastei a mão pelo meu cabelo, meus olhos voltando para o quarto. — Eu odeio quando ela está doente. Me sinto impotente.

— Ela vai ficar bem. — Jasper colocou a bolsa no balcão assim que a porta de um carro bateu. Nós dois olhamos para a janela, observando Talia saltar de seu jipe. — Parece que você chamou reforços.

— Sim.

— Grite se precisar de alguma coisa. Ele saiu do apartamento, sua voz baixa enquanto cumprimentava Talia.

— Oi. — Ela atravessou a soleira e meus pulmões se encheram de ar. Eu poderia respirar novamente.

— Oi. Obrigado por ter vindo.

— Claro. — Ela caminhou direto para o balcão, vasculhando a bolsa que Jasper havia trazido. — Você não deu nada a ela ainda, certo?

— Não, ainda não.

— Ok. — Ela trabalhou com eficiência, despejando um pouco de remédio vermelho no pequeno copo de plástico. Então, com o termômetro na mão, ela foi para o quarto, sentando na beirada da cama enquanto persuadia Kadence a acordar. — Oi, senhorita Madden. Seu pai diz que você não está se sentindo muito bem?

Ela balançou a cabeça. — Uh-uh.

— Você pode se sentar para mim?

Kaddie obedeceu, suas pálpebras fechadas.

Talia mediu sua temperatura, ainda alta, então ajudou Kaddie a beber o Tylenol. Então ela colocou minha filha na cama antes de nos retirarmos para a cozinha.

— Obrigado, — eu disse, mantendo a porta de Kadence fechada. — Vivienne sempre foi responsável por esse tipo de coisa. Eu fico um pouco nervoso.

— E ela não está... aqui?

— Ela está de volta a Vegas. Não é um arranjo ideal, mas é apenas temporário. Ela vai se mudar mais cedo ou mais tarde, mas queríamos que Kadence fosse para a escola aqui o mais rápido possível.

— Ah. — Talia assentiu, puxando as mangas de seu casaco sobre os dedos. — Está frio aqui.

— O aquecedor quebrou. — Esfreguei minhas mãos sobre meu rosto. — Não será corrigido até sexta-feira. Estou tentando aguentar, mas vou ligar para o hotel. Ver se eles têm um quarto. Hora de ir para outro lugar.

— Tenho certeza de que qualquer problema que ela tenha não está relacionado. Ela está em uma nova escola. Novos amigos vêm com novos germes.

— Mas o frio não estar ajudando. O quarto é úmido e apertado. Se ela ainda estiver doente na sexta-feira, quero que ela descanse um pouco, e se eles estiverem colocando um novo aquecedor , será muito barulhento. E para ser honesto, estou cansado de dormir no sofá.

Talia olhou para o sofá e os cobertores que eu tinha dobrado em um assento esta manhã.

— Conhece alguém que tenha um lugar para alugar? — Eu perguntei. — Ou para vender ?

— É janeiro. Quincy não tem exatamente um mercado imobiliário em expansão, especialmente no inverno.

Suspirei. Meu corretor idiota de imóveis deveria ter me contado sobre as condições da academia. Ou eu deveria ter pedido uma visita virtual. Talvez, se ele soubesse que eu estava trazendo minha filha para morar aqui, teria me avisado contra isso. Droga, eu deveria ter comprado uma casa.

— Vocês deveriam ficar na minha casa, — disse Talia.

— Huh? — Eu pisquei. Eu tinha ouvido direito? — Sério?

— Você pode ficar no hotel se quiser, mas vai precisar de uma cozinha. Acontece que tenho uma cozinha e dois quartos de hóspedes. Também vou ligar para minha corretora, ver se ela tem alguma coisa no mercado.

Eu ainda estava preso no convite. — Você realmente nos deixaria ficar?

— Se você quiser. — Ela deu de ombros. — Mas se você preferir ficar aqui, então...

— Dez minutos. — Eu levantei a mão, já me movendo em direção ao quarto. — Apenas me dê dez minutos para arrumar algumas coisas.

— Que tal você deixá-la dormir? — Talia tirou as chaves do bolso do casaco. — Venha quando ela acordar. Vou parar na loja e pegar um pouco de sopa para o jantar.

Isso era um sonho? — Ok.

— Te vejo daqui a pouco. — Ela acenou e saiu, me deixando no lugar. Então olhei ao redor, realmente olhando para o apartamento. Estava muito melhor do que tinha sido. Estava limpo e arrumado. Mas não havia vida aqui. Isso era digno de um solteiro, não de uma garotinha.

E se Talia estivesse disposta a me deixar mais perto, eu aproveitaria a chance. Por mim e por Kadence.

Enquanto Kadence dormia, andei pelo apartamento, fazendo as malas silenciosamente. Vivienne ligou e fez o check-in, e depois de conversarmos por alguns minutos, verifiquei se os aquecedores estavam ligados e perto das pias, com um no banheiro, para que os canos não congelassem. Não havia outra escolha a não ser deixá-los ligados , mesmo se eu não estivesse aqui. Mas se o prédio pegasse fogo, bem... Eu não ficaria com o coração partido.

Estava quase escuro lá fora quando Kadence despertou de sua soneca. Eu tinha feito a mala dela e a minha e colocadas na caminhonete , então tudo que eu tinha que fazer era carregá-la para fora e prendê-la em seu assento.

— Para onde estamos indo? — Ela bocejou, abraçando seu cobertor verde favorito.

— Vamos ficar um pouco com Talia. Até que o aquecedor funcione novamente na academia.

— Ok. — Ela bocejou novamente, não expressando uma única palavra de protesto. Não que eu esperasse um. Ela não reclamou da academia, mas também não a elogiou.

As luzes da casa de Talia eram uma visão bem-vinda quando estacionamos na rua. Assim como a mulher de pé na varanda, pronta para nos levar para dentro.

Eu levei Kaddie para dentro primeiro, deixando-a com Talia, me apressando para trazer nossas malas. Então, fechei a porta atrás de mim, tirando minhas botas, antes de seguir o som de vozes na cozinha.

Um balcão separava a cozinha de uma sala de jantar. Kadence estava sentada em um banquinho, sua atenção em Talia enquanto se movia ao redor da sala, servindo a sopa de uma panela no fogão em uma tigela pequena.

Talvez devesse ser estranho, a primeira noite como hóspede em sua casa, mas quando Talia serviu nosso jantar, nós três tomamos sopa de macarrão com frango e parecia algo que fizemos centenas de vezes.

Mas essa era Talia. Isso éramos nós. Mesmo quando estava com raiva ou frustrada comigo, não tinha sido estranho. Estávamos muito em sintonia um com o outro. Nós fluíamos, sempre.

Depois do jantar, Kadence tomou um banho morno antes de se acomodar no quarto de hóspedes. Talia verificou sua temperatura e deu-lhe outra dose de Tylenol. E quando minha filha estava vestida com seu pijama de dinossauro rosa favorito, penteei seu cabelo úmido e me aconcheguei ao lado dela na cama, esperando até que dormisse antes de sair do quarto.

Talia estava na cozinha, a máquina de lavar louça funcionando e as sobras guardadas. O vento havia aumentado depois do jantar, fazendo a neve bater contra a casa. — Ela está dormindo?

— Ela está exausta. — Eu bocejei, esfregando a parte de trás do meu pescoço. A torção que eu tinha de muitas noites no sofá parecia permanente. — Espero que ela possa descansar.

— Eu também. Seu quarto fica ao lado do dela. Estarei lá em cima se precisar de alguma coisa. Apenas sinta-se em casa.

Eu balancei a cabeça. — obrigado.

— Vejo você pela manhã. — O cheiro de coco e limão enchendo meu nariz enquanto ela passava, indo para a escada.

Respirei fundo, segurando-o no nariz, forçando meus pés a ficarem exatamente onde estavam.

Ela não me convidou para vir esta noite para nada além de um lugar decente para ficar. E por mais que eu quisesse segui-la até o andar de cima, para descobrir que cor de lençóis ela tinha em sua cama, fiquei no balcão, segurando a borda com força. Foi só quando ouvi o som de uma porta se fechando no andar de cima que caminhei pelo corredor até o quarto ao lado do de Kaddie.

A cama estava macia e quente, enquanto eu deslizava sob as cobertas. Dada a quantidade de noites inquietas que eu tive ultimamente, eu deveria ter desmaiado imediatamente. Em vez disso, escutei o uivo do vento e olhei para o teto. Com o que Talia estava sonhando esta noite?

Uma luz se acendeu, saí da cama em direção à minha porta aberta, vestindo apenas uma cueca boxer, e caminhei em direção à cozinha. Talia estava na pia, enchendo um copo com água.

A visão dela fez minha boca ficar seca.

Ela estava vestindo uma camiseta grande demais que já foi verde escura, mas depois de inúmeras lavagens, a cor desbotou. Ela estava de costas para mim, mas não precisava se virar. Eu já sabia o que estava na frente daquela camiseta. Mal passava da curva de sua bunda. Suas pernas torneadas estavam nuas. Seu cabelos presos em um coque bagunçado, alguns fios escapando pela longa extensão de seu pescoço.

Porra, ela era perfeita. Nunca haveria outra mulher, apenas Talia, vestindo uma das minhas camisetas velhas.

Talvez ela tenha deletado meu número de telefone. Mas ela não tinha jogado fora aquela camiseta.

— Não conseguiu dormir? — Eu perguntei.

Ela se assustou, virando-se para mim e pressionando a mão no coração.

— Desculpe. — Entrei na cozinha, amando o brilho de luxúria em seus olhos quando olhou meu peito nu. — Eu me perguntei onde essa camisa estava.

Seu olhar caiu, observando o trevo branco desenhado na frente. — Sua camiseta da sorte.

— Minha camiseta da sorte. — Entrei direto em seu espaço, não dando a ela a chance de objetar enquanto emoldurava seu rosto com minhas mãos. — Ladra.

— Você a abandonou na minha gaveta.

— Então acho que vou ter que roubá-la de volta. Encostei minha boca na dela, envolvendo meus braços ao

redor dela.

Talia ficou na ponta dos pés, sua língua emaranhada com a minha enquanto eu beijava sua boca, saboreando seu sabor doce com uma pitada de creme dental de menta.

Deus, esta mulher. Ela tinha um gosto bom. Senti-me bem. Eu a segurei mais apertado, um braço sobre seu ombro enquanto o outro ia ao redor de suas costelas. Fixando-a.

Ela fez o mesmo, me segurando tão forte que era como se nunca quisesse me soltar. Não havia espaço entre nós quando a levantei, colocando sua bunda no balcão. Então, a beijei mais fundo, não deixando nenhum canto de sua boca intocado.

O fogo se espalhando pelas minhas veias. Ela levantou as pernas, envolvendo-as em volta dos meus quadris para me puxar mais perto.

Meu pau pulsava quando pressionou seu núcleo, querendo tanto afundar dentro. A única coisa entre nós era a calcinha dela e minha boxer. Eu gemi em sua garganta. Eu engoli seu gemido. Cada golpe de sua língua, cada contato de nossos lábios, eu lutava contra o desejo de penetra naquela boceta.

Talia se agarrou a mim, seus dedos deixando marcas crescentes nas minhas costas enquanto ela girava sua língua contra a minha.

Ela sempre gostou de cravar as unhas nas minhas costas. Eu sempre quis ter essas marcas tatuadas

permanentemente. Talvez agora eu fizesse.

Outra noite, eu adoraria seu corpo por horas. Outra noite, quando minha filha não estivesse doente e dormindo no quarto ao lado.

Afastando minha boca, eu deixei minha testa cair na dela enquanto nós dois ofegávamos. — Talia.

— Não me solte. — Seus braços me apertaram mais.

— Nunca, — eu sussurrei, segurando-a com o rosto enterrado na curva de seu pescoço, até que finalmente ela relaxou, e a ajudei a sair do balcão.

Seus lábios estavam inchados. Seu rosto estava corado e seu cabelo se soltando do coque. Vestindo minha camiseta da sorte, ela estava perfeita.

— Por que você realmente nos convidou para ficar? — Eu perguntei,colocando uma mecha de cabelo de sua testa.

Ela tocou minha barba, levemente, como se estivesse tentando decidir se gostava ou não. — Não sei.

— Você se arrepende?

— Não. — Ela acariciou com o polegar meu lábio inferior, depois passou por mim, olhando para trás quando estava do outro lado da sala. A uma distância segura, fora do meu alcance antes que eu mudasse de ideia e a levasse para a cama. Mulher inteligente. — Boa noite, Foster.

— Boa noite, Tally.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Talia

Olhei para o vazio em branco do meu armário. Sem nenhuma marca registrada hoje. A última vez que marquei um bom dia foi quando Foster trouxe Kadence para seu check-up. Isso tinha sido nove – não – dez dias atrás. Meus padrões para um bom dia estavam muito altos?

Havia uma gripe circulando na cidade e isso deixou as pessoas especialmente indispostas , incluindo funcionários e pacientes. Provavelmente era o mesmo vírus que Kadence pegou na escola.

Peguei minhas chaves e as enfiei no bolso antes de sair, mais do que pronta para ir embora do hospital. Estava escuro lá fora enquanto eu dirigia o jipe para casa.

Em direção a Foster e Kadence.

Eu ainda não tinha certeza do que tinha acontecido comigo ontem quando me ofereci para deixá-los ficar na minha casa. Uma pausa na minha sanidade? Exceto que tinha sido assim... fácil.

Na faculdade, Foster praticamente se mudou para o meu apartamento. Minha casa era maior e melhor que a dele, e Vivienne não se importava com sua companhia. Ele se encaixou perfeitamente na minha vida.

Tê-lo em minha casa era tão confortável quanto usar uma de suas camisetas velhas na cama.

Eu entrei na cozinha esta manhã para encontrá-lo esperando com uma xícara de café com meu creme favorito.

Ele deu um beijo de despedida na minha bochecha, e eu não perguntei se eles estariam lá quando eu chegasse em casa. Eu só sabia que iriam. Por mais que eu quisesse que ele ficasse, talvez ele também quisesse.

Não fiquei na garagem, mas corri para dentro. Ele estava no balcão da cozinha no lugar exato onde ele me beijou na noite passada.

A imagem dele em apenas aquelas cuecas boxer enviou uma pulsação ao meu núcleo. E, Deus, o jeito que ele me segurou.

Foster me segurou como se eu fosse sua corda para a terra.

Não havia muito que eu não faria para que ele me abraçasse assim todos os dias.

Até perdoar.

Talvez eu já tivesse.

— Oi, — eu disse, entrando na cozinha.

— Ei. — Ele se virou e sorriu. — Como foi seu dia?

Quando foi a última vez que cheguei em casa e alguém me perguntou sobre o meu dia? Anos. Tinha sido Foster.

Porque eu não morava com ninguém desde Vivienne. Eu não tinha percebido o quão solitária minha vida tinha se tornado. Mesmo aqui em Quincy, com familiares em todas as direções, não era o mesmo que voltar para casa para uma pessoa que fosse minha.

— Que olhar é esse? — ele perguntou.

— Nada. — Eu o afastei. — Tenho tempo para me trocar e tomar um banho rápido?

— Quinze minutos. — Ele apontou para o cronômetro do forno.

— Volto logo. — Corri escada acima, tirando meu uniforme e colocando-o no cesto. Então prendi meu cabelo em um coque bagunçado e pulei no chuveiro, correndo para lavar o dia da minha pele.

Vestida com uma calça jogger e uma camiseta de manga comprida, voltei para a cozinha com cinco minutos de sobra.

— Conte-me sobre o seu dia, — disse Foster.

— Já tive melhor. Todo mundo anda mal-humorado ultimamente. Geralmente acontece nesta época do ano. Dias curtos e noites longas tornam o pessoal do hospital mal-humorado. E eu tive um paciente gritando comigo. — Em minha defesa, ele gritou com duas enfermeiras antes de eu entrar na sala de exames, então pelo menos eu tive companhia.

— O que? — Ele ficou mais ereto , sua expressão instantaneamente assassina.

— Não é a primeira vez, nem será a última. — Eu rio. — Relaxe esse maxilar , assassino.

Um sorriso se estendeu em sua boca sexy. — Eu esqueci o quanto eu gosto quando você me chama de assassino.

Eu também gostei. — Cheira bem aqui. Você não precisava cozinhar.

— Não me importo. Além disso, minha dieta está prestes a ficar estranha enquanto me preparo para essa luta.

— Você tem que perder peso? — Com um metro e oitenta e três e já cheio de músculos, não era fácil perder peso. Sempre temi essa parte antes de suas lutas, quando ele trabalhava tanto e comia com tanto cuidado para ter certeza de acertar um número na balança.

— Alguns quilos. Mas não muito. — Ele se aproximou, sua mão vindo para o meu rosto. Seu polegar roçou minha bochecha. — Desculpe pelo seu dia.

— Está bem. — Inclinei-me em seu toque. — E você? Onde está Kadence?

Ele ergueu o queixo em direção à sala de estar. — Ela se apoderou de sua TV.

— Como ela está se sentindo?

— Melhor. Sem febre desde ontem à noite.

— Bom. — Fechei os olhos, saboreando o formigamento em minha pele. Então sua boca estava na minha, apenas um roçar de seus lábios que me deixou querendo mais.

Fiquei na ponta dos pés, mas antes que pudesse aprofundar o beijo, o cronômetro do forno apitou.

Ele rosnou contra minha boca, então se afastou para pegar uma luva de forno do balcão e abrir a porta do forno. Pegou uma assadeira com frango, batatas e feijão verde. — Quer pegar Kadence?

— Claro. — Eu me virei, pronta para ir para a sala, mas congelei.

Kadence estava de pé na porta, observando.

— Oh Olá. — Merda.

Ela tinha as sobrancelhas unidas, provavelmente porque ela tinha acabado de ver seu pai me beijar.

O calor de Foster atingiu minhas costas. Então seu braço estava em volta dos meus ombros, puxando minhas costas para seu peito. — Nós conversamos sobre você hoje.

— Sobre mim ?

Ele disse.

Era isso. Essa foi sua explicação. Um zumbido. Então ele me soltou e bateu palmas. — Ok, sentem-se e vamos comer. Kaddie, o que você quer beber?

— Leite, — ela respondeu, caminhando até a mesa da sala de jantar, onde ele já havia colocado guardanapos e talheres.

— Tally ?

— Eu, hum... água. Eu posso pegar.

— Pegue-me uma também, amor.

Amor. Nunca querida ou baby. O único nome carinhoso que me deu era amor.

Foster passou por mim, carregando dois pratos para a mesa.

Eu soltei em meus pés e peguei nossas bebidas, pegando o leite de Kaddie primeiro. Quando nos sentamos juntos, esperei um pouco de desconforto ou constrangimento depois daquele beijo. Mas Foster apenas cortou o frango de Kaddie, depois colocou sua própria refeição, que era duas vezes maior do que ele serviu para mim.

— Papai disse que você é como Dex, — disse Kaddie, sua boca cheia de comida enquanto falava.

— Quem é Dex?

— Namorado da mamãe – não, espere. — Ela olhou para Foster. — O que é essa palavra mesmo?

— Noivo.

Engasguei com uma batata.

— Tally. — Foster saiu da cadeira, contornando a mesa para me dar um tapa nas costas.

Eu tossi e acenei para ele removendo a comida e mastigando. Então, engoli com um gole de água antes de olhar para ele ainda pairando ao meu lado. — O noivo de Vivienne?

— Dex.

Kadence assentiu. — Dex.

— Dex, — eu repeti.

Foster piscou, então voltou ao seu lugar. — Kadence perdeu uma festa de pipoca na escola hoje, então depois do jantar, pensamos em assistir a um filme e comer pipoca. Você está dentro?

— Uhmm sim. Eu gosto de pipoca.

— Eu também. — Kadence me deu um pequeno sorriso enquanto mastigava.

— Seu pai disse que você estava se sentindo melhor. — Eu pressionei minha palma em sua testa, só para ver por mim mesma que ela não estava quente.

— Papai disse que eu ainda tenho que ficar em casa amanhã.

— Provavelmente uma boa ideia. Só para ter certeza de que você está descansada. — Mudei minha atenção para Foster. — Alguma notícia sobre o aquecedor ?

— O cara me ligou mais cedo. Disse que está tudo pronto para amanhã. Então estaremos fora de sua casa.

Kadence murmurou algo baixinho enquanto comia um feijão verde.

— Fale, pequeno inseto, — disse Foster. — O que está em sua mente?

— Temos que voltar para a academia? — ela gemeu. — Este lugar é muito melhor.

Eu puxei meus lábios para esconder um sorriso. Ela não estava errada.

— Sim. — Foster suspirou. — Nós temos que voltar.

— Mas não até o fim de semana, — eu soltei. Eu queria mais um dia para voltar do trabalho para uma casa cheia.

— Simm. — Kaddie fez uma pequena dança em sua cadeira.

E quando encontrei o olhar de Foster, aqueles olhos azuis estavam brilhando, enrugados nas laterais. Feliz.

Terminamos nossa refeição, entretidos pela recapitulação de Kadence do programa que ela assistiu hoje na Netflix, sobre um príncipe dragão. Lavei os pratos enquanto Foster levava Kadence para um banho. Então nos acomodamos no sofá, Kadence no meio, enrolada em um cobertor com a tigela de pipoca no colo. Ela só conseguiu passar uma hora do filme antes de adormecer.

Foster se levantou, curvando-se para levá-la em seus braços. Ele caminhou pelo corredor, derretendo meu coração quando beijou seu cabelo. Surgiu momentos depois, girando o ombro.

— O que há de errado? — Eu perguntei.

— Apenas um nó.

— Sente-se. — Apontei para o chão à minha frente e cruzei as pernas no sofá.

Ele obedeceu, soltando um suspiro profundo quando minhas mãos chegaram aos seus ombros. Então, gemeu um ronco baixo e profundo de seu peito que reacendeu aquele pulso no meu centro. Ele me deixou massagear o nó por um tempo, e quando minhas mãos pararam de se mover, ele relaxou ainda mais, esticando-se para que sua cabeça estivesse no sofá.

— Então... — Meus dedos brincaram com as pontas de seu cabelo escuro. — Dex.

— Dex, — ele respirou. — Bom cara. Ele ama Vivi. Ele é doce com Kadence.

— E Vivienne está noiva? Você acabou de se divorciar.

— Eles estão juntos há dois anos.

Meu queixo caiu. — O que? Ela traiu você ?

Foster riu.

— Porque é que isso é engraçado?

Ele se mexeu e se levantou, estendendo a mão. — Venha aqui.

Desdobrei minhas pernas, pegando sua mão para me ajudar a levantar. Mas em vez de me levar a algum lugar, como a cozinha, que ficava mais longe do corredor apenas no caso de Kadence acordar, ele me colocou em seus braços.

— Dance comigo. — Seus lábios roçaram minha testa quando ele começou a balançar. Duas contagens e seu pé pousou no meu. — Merda. Desculpe.

Eu rio. — Você ainda é uma dançarino sem esperança.

Para um homem que se movia como um raio no ringue de boxe, ele não podia dançar para salvar sua vida.

Ele sorriu contra o meu cabelo. — Não tenho muita prática.

— Você não dançou com Vivienne? — A pergunta saiu muito rápido, antes que eu pudesse mascarar a inveja em meu tom. — Deixa para lá. Eu não quero saber.

Talvez ela não o amasse. Talvez ele não a tivesse amado. Mas ela tinha sido sua esposa. E ele, seu marido.

— Eu nunca dancei com Vivienne.

Aliviou a dor. Ela tinha quase todo o resto, mas pelo menos isso era meu.

— O que você falou com Kadence hoje? — Eu perguntei enquanto ele dançava em um círculo lento ao redor da sala.

— Que você é meu Dex.

— Não é exatamente o mesmo se Vivienne for se casar com Dex.

Ele cantarolou. Outro zumbido sem uma explicação a seguir. — Dex e Vivi estão juntos há muito tempo, mas ele conheceu Kadence recentemente. Não os apresentamos até depois do divórcio. Mas ela sabe que Vivi o ama. Ela sabe que Vivi e eu sempre a amaremos, mesmo que não sejamos casados. —

— O divórcio foi difícil para ela?

— Sim e não. Sim, porque significa que tivemos muitas mudanças. Sim, porque aconteceu logo depois que Arlo morreu, e goste ou não, ele era o avô dela. Não, porque a primeira vez que ela viu Dex beijar Vivienne, Kadence veio até mim e me perguntou por que eu nunca beijei mamãe assim.

Inclinei-me para trás para estudar seu rosto. — Você não beijou Vivienne?

Ele parou de se mover, travando seus olhos com os meus. — Não na boca.

Mas eles estavam casados há sete anos. Como isso foi possível? — No início desta noite, quando você me beijou na cozinha, Kadence nos viu. Ela tinha esse olhar em seu rosto.

— Ela está juntando as peças.

Que Vivienne amava Dex e foi por isso que ela o beijou.

Foster me amava.

Kadence estava ligando os pontos.

— Vivienne é minha amiga, — disse Foster. — Nada mais. Eu não beijo Vivienne. Eu não estou apaixonado por Vivienne. E eu nunca fiz sexo com Vivienne.

Desta vez, fui eu quem pisou no pé dele. — O-o quê?

— Nós não tínhamos um casamento, Talia. Estivemos numa prisão. Quando ela ficou com Dex, eu não vi isso como traição, porque ela sempre foi minha companheira de cela.

Sua companheira.

Então, se ele não estava com Vivienne, então quem? Alguém?

— Esperei muito tempo por você, amor. Eu vou esperar o tempo que você precisar. Você é minha. — E ele estava aqui em Quincy para me reivindicar.

— Eu não... — Como eu digo isso? — Eu, hum...

— Não me diga. — Foster colocou o dedo sobre minha boca. — A ideia de você com outro homem... Eu não posso pensar sobre isso, não consigo ouvir. Então não me diga.

Não havia nada para contar.

Patético, certo? Ele partiu meu coração em mil pedaços, e ainda não consegui seguir em frente. Eu não tinha sido capaz de deixá-lo ir. Em vez disso, concentrei-me na escola e no trabalho, bloqueando até mesmo a ideia de alguém novo porque, no fundo, ninguém jamais seria Foster.

Eu envolvi minha mão ao redor de seu pulso, puxando-o para longe dos meus lábios. — Não houve outro homem.

Seus olhos se estreitaram. — O que?

Dizer isso de novo foi muito difícil, então dei de ombros.

— Porra. — As mãos de Foster vieram para o meu rosto, seus dedos em meus cabelo enquanto ele deixava sua testa cair na minha. Seu corpo inteiro cedeu, como se tivesse acabado de deixar de lado sete anos de preocupação.

— Diga alguma coisa, — eu sussurrei.

— Quantos?

— Quantos, o quê?

Uma de suas mãos se soltou do meu cabelo, as pontas dos dedos deslizando sobre minha bochecha. As faíscas sob seu toque se espalharam enquanto ele se arrastava cada vez mais para baixo, sobre minha clavícula e para a curva dos meus seios. Então ele tocou minha coluna, passando pelo meu quadril até que roçou minha coxa e moveu os dedos entre minhas pernas, pressionando forte o suficiente para eu ofegar.

— Orgasmos. —

Eu não tinha certeza de quem se aproximou primeiro. Pode ter sido ele, capturando minha boca. Ou poderia ter sido eu, jogando meus braços ao redor de seus ombros e escalando seu corpo como uma maldita árvore.

As luzes foram ignoradas. A TV foi deixada no filme de Kadence. E o mundo foi esquecido enquanto Foster me carregava pela casa.

Minhas pernas envolveram sua cintura enquanto sua língua enrosca a com a minha. Sua perna colidiu com a mesa de café enquanto contornávamos a sala de estar. Minha bunda roçou o corrimão quando ele começou a subir as escadas. Ele parou no meio do caminho, inclinando a boca enquanto nosso beijo se tornava frenético.

Um gemido retumbou de seu peito. Um gemido escapou da minha garganta quando eu tirei minha boca.

— 0. Rápido. — Agarrei-me com mais força em seus ombros enquanto ele nos apressava escada acima, olhando para os dois lados. — Deixe.

Ele caminhou pelo corredor, sua boca encontrando a minha novamente.

Minhas costas batem contra a parede, seu corpo me prendendo no lugar enquanto ele consumia. Até que eu estava sem fôlego e puxando sua camisa. Foster me puxou da parede e entrou no meu quarto, chutando a porta atrás dele.

Três passos e estávamos caindo na cama, seu peso batendo no meu enquanto sua excitação pressionava meu núcleo.

Outro gemido. Novo gemido. Nossas bocas permaneceram fundidas enquanto nossas mãos vagavam, puxando para tirar um do outro nossas roupas.

Minha camisa foi embora primeiro, puxada sobre minha cabeça e jogada sobre seu ombro. Sua camiseta veio em seguida, puxada por trás do pescoço e jogada no chão. Jeans. Leggins. Um sutiã. Boxe. Calcinha. Peça por peça , foram ao chão até que não havia nada além do calor nu de Foster contra minha pele. E a sensação molhada de sua boca enquanto ele deixava beijo após beijo no meu corpo.

Sua língua tocou em meu umbigo enquanto beijava ao longo do meu estômago , cada vez mais baixo até que ele estava logo acima do lugar onde eu mais precisava dele.

— Você se tocou pensando em mim?

— Sim. — Enfiei meus dedos em seu cabelo, pedindo-lhe para descer, mas ele não se moveu. Ele lambeu um caminho através do meu estômago.

— Diga-me como.

Soltei seu cabelo, pronta para me tocar, mas ele afastou minha mão com um golpe. — Foster.

— Diga-me, Talia. — A rouquidão em sua voz, áspera e grossa, me fez estremecer. — O que você fez primeiro?

— Eu tocava meu clitóris.

Ele beijou o osso do quadril, então se mexeu, inclinando-se de lado enquanto tocava meu clitóris. — Como?

— Devagar no começo. — Eu ofeguei quando ele fez o mesmo. —Só de leve.

Ele murmurou. — E depois ?

— Depois eu iria mais fundo.

Foster moveu sua mão, seus dedos penetrando em minha boceta excitada.

— Sim, — eu sussurrei. — Mais.

Ele obedeceu, minha voz se tornando seu comando.

— De volta ao meu clitóris, — eu respirei.

Só que desta vez, em vez de fazer isso com o dedo, ele se mexeu, suas mãos indo para os meus joelhos. — Abra-se.

Eu estava totalmente exposta, o ar frio tocando minha pele sensível. Até que sua língua estava lá, lambendo minha umidade. — Oh, Deus, baby.

— Porra, você tem um gosto doce, Tally. Ele passou a língua contra meu clitóris, fazendo com que minhas costas arqueassem para fora da cama.

Meu gemido encheu o quarto, minhas pernas tremendo.

Este homem e sua língua perversa. Ele me lambeu novamente, um rosnado vibrando contra minha pele. E então ele penetrou , como um homem faminto, e se deleitou. Sua barba roçou contra a pele sensível no interior das minhas coxas. Sua língua era implacável, lambendo e chupando até que eu me contorcia embaixo dele.

— Foster. — Agarrei a roupa de cama ao meu lado, minhas pernas se abrindo ainda mais.

— Você é minha, amor. Diga isso.

— Sou sua.

— Essa é minha boa garota. — Ele deslizou um longo dedo para dentro, acariciando aquele ponto sensível, e me desfiz.

Um gemido alto, totalmente descontrolado, veio da minha garganta e ele estendeu a mão, cobrindo minha boca com a palma da mão.

Pulsação após pulsação, o orgasmo espalhou em mim enquanto estrelas quebravam atrás dos meus olhos. A língua de Foster nunca parou, não até que eu desabei na cama, exausta e desmoronada na cama.

— Foi um, — ele murmurou, beijando a parte interna do meu joelho.

Eu sorri, minhas pálpebras pesadas demais para abrir.

— Olhe para mim, — ele ordenou enquanto pairava acima de mim, seus cotovelos apoiando minha cabeça. Seus quadris se estabeleceram em mim, seu pau pressionando minha pele sensível. Então ele esperou até que eu abrisse meus olhos, seu olhar sombrio aguardando.

— Eu te amo. — Ele bateu contra o meu núcleo. — Porra, eu te amo.

Meu coração parou.

Abri minha boca, uma onda de pânico crescendo, quando não havia palavras para dizer.

Eu o amava. Eu amei Foster pelo que parecia ser minha vida inteira. Eu só...

Por que eu não conseguia dizer isso?

Ele correu os dedos ao longo da minha bochecha, então ele murmurou. Um zumbido que dizia que estava tudo bem. Ele entendeu. Que estaria aqui quando eu estivesse pronta.

Eu levantei do travesseiro, minha boca encontrando a dele. Então, passei minha língua contra a dele, provando a mim mesma. Um impulso de seus quadris e ele penetrou até a base , roubando minha respiração. Eu me estiquei ao redor dele, encontrando seus movimentos , precisando mais e mais e mais.

Cada necessidade, Foster antecipou. Cada toque, ele me levou mais fundo. Até que eu arranhei suas costas, minhas unhas cravando fundo.

Ele colocou o rosto no meu pescoço,liberado seu próprio organismo dentro de mim. Depois que a neblina se dissipou, ele me envolveu naqueles braços fortes e me segurou, virando-nos para que eu ficasse sobre seu peito.

— Diga de novo, — eu murmurei, o sono se aproximado.

— Eu te amo.

Desta vez fui eu quem murmurou.

Talvez, se ele dissesse isso várias vezes, eu seria capaz de dizer de volta. Talvez, se ele dissesse isso várias vezes, eu pararia de pensar nos anos que perdemos.

Talvez, se ele dissesse isso repetidamente, eu parasse de me preocupar que o amor não fosse suficiente.

CAPÍTULO DEZESSETE

Foster

O punho com luvas de Jasper bateu com o meu rosto.

Minha cabeça virou para o lado, uma explosão de dor se espalhando pela minha bochecha. Filho da puta. Essa foi a terceira vez que ele me bateu hoje.

— Que há com você? — Ele deu outro soco. — Você está distraído.

— Desculpe. — Eu movi meu queixo movendo-me ao redor do ringue. Minhas mãos estavam para proteger meu rosto, mas sim, eu estava distraído.

Jasper deixou cair os braços para os lados e franziu a testa, puxando seu protetor bucal. — Você vai ser capaz de fazer essa luta com Savage?

— Eu não sei, — eu admiti, tirando meu próprio protetor bucal e colocando-o no cós do meu short. — Porra, eu não sei. Minha cabeça não está nisso.

Não, minha cabeça estava na casa de Talia, junto com meu coração.

Fazia quase uma semana desde que deixamos a casa dela. Kadence e eu tínhamos arrumado nossas coisas e voltado para a academia no sábado. O aquecedor era novo, o aquecimento funcionando perfeitamente e silencioso sem barulho , em comparação com o antigo.

Passamos o último fim de semana no apartamento, limpando e descansando. Kadence tinha brincado com slime de um kit que havia comprado no supermercado. Jasper veio no domingo com pizza e assistimos futebol no sofá enquanto Kaddie jogava seu Nintendo Switch. Pode ter sido um fim de semana agradável e relaxante. Exceto, como minha filha havia dito, a casa de Talia era muito melhor que a academia.

E eu senti falta dela.

Eu não a tinha visto desde que saímos de sua casa. Nos mandamos uma mensagem. Ontem, eu estava tão desesperado para ouvir a voz dela que liguei depois que Kaddie foi dormir.

Isso foi um progresso. Bom progresso. Estávamos indo devagar. Conversando. Mensagens de texto. Reconstruindo o que eu tinha quebrado.

Então, por que eu não conseguia me livrar dessa sensação de que tudo estava prestes a desmoronar? Que a perderia de novo?

As dúvidas tornaram quase impossível para mim me concentrar em qualquer coisa, incluindo esta próxima luta.

— Talvez seja a última, — eu disse a Jasper.

Ele ergueu as sobrancelhas. — Você quer se aposentar?

Dei de ombros e caminhei até o canto, pegando minha garrafa de água e tomando um longo gole. — Honestamente?

Pode ser. Eu não estou ficando mais jovem. Montana fica muito longe de Vegas. Aqui é mais fácil me desconectar.

E esse era o problema. Porque a última coisa que eu queria fazer era voar para Vegas. Talvez, por isso que eu não conseguia afastar esse sentimento. Eu tinha esse medo de que, se deixasse Montana, perderia Talia.

Jasper se deitou no tapete para se esticar. — Você me disse quando veio para cá, que precisava de algo pelo qual lutar. Uma razão. Você sempre precisou disso. Algum incentivo específico pelo qual é apoiar.

Esse era exatamente o meu problema. Eu tinha dinheiro suficiente para durar uma vida. Eu ganhei os cinturões. Meu nome era sinônimo de vitória. E agora?

Minha luta não era em Vegas, não mais.

Minha luta estava aqui, pelo coração de Talia.

— O que acontece se você perde? — Jasper perguntou.

— Eu fico furioso. — Talvez eu não precise vencer, mas isso não significa que eu gosto de perder.

— Você precisa pedir a ela para ir com você.

— Quem? Talia?

Jasper assentiu. — Você está preocupado em sair daqui, não está?

— Saia da minha cabeça.

Ele riu. — Entendo. Você veio até aqui, investiu neste lugar. Você coloca tudo em risco, esperando que ela o aceite de volta.

E ela tinha. Tipo sim. Provavelmente. Eu disse-lhe que a amava e ela não foi capaz de dizer de volta. Houve alguma hesitação, indecisão, em seus olhos. Mas ela só precisa de tempo.

— Onde você quer chegar? — Eu perguntei.

— Se Talia estiver aqui, sua cabeça estará aqui. Então é bem óbvio. Você tem que convencê-la a ir para Vegas e estar lá para a luta. Suponho que, se sua garota estiver sentada na primeira fila, não há como você deixá-la ver você perder.

Foda-se não. Eu não a deixaria me ver perder. Um sorriso se estende em meu rosto. — Não estou te pagando o suficiente.

Ele riu. — Não, você não está. Você viu a temperatura esta manhã? Cinco negativo. Não fui feito para cinco abaixo de zero.

— Vamos lá. — Aproximei-me e estendi a mão para ajudá-lo a se levantar. — É a minha vez de dar um soco na sua cara.

— Sem chance. — Ele sorriu, colocando seu protetor bucal. Então ele caminhou até o cronômetro que mantemos no ringue. Assim que o bipe soou, Jasper levantou as mãos. — Cinco minutos.

Uma rodada completa.

Era como se uma nova onda de energia tivesse infundido meu corpo enquanto nos enfrentávamos. Minha cabeça se ajustou no lugar, tudo além deste ringue se tornando um borrão. E aquela sensação desconfortável se foi.

Eu levaria Talia para a luta. Eu venceria Scott Savage apenas para ver o rosto de Talia quando saísse vitorioso. Então voltaríamos para casa. Chegaríamos em Montana. E se eu tivesse outro contrato, o negociaria. E se não, bem... aposentadoria seria um prêmio de consolação muito bom.

Jasper fingiu um chute, levantando o joelho rapidamente. Mas antes que ele pudesse dar um soco reverso com um golpe , um movimento que eu o vi fazer uma centena de vezes, eu fiz minha própria imitação como se fosse dar um chute circular , mas mudei meus quadris em um flash, mudando o chute para um gancho.

Meu pé bateu na lateral da cabeça dele, apenas um toque antes de puxá-lo para longe. Então foi a minha vez de sorrir. — Viu? Eu vou ficar bem.

Scott Savage era um bruto. Ele não tinha a minha velocidade ou técnica. Eu preferia lutar de pé, e minha maior preocupação era que ele conseguisse nos derrubar e passássemos a maior parte da luta no tatame. Mesmo assim, eu poderia vencê-lo.

Eu estaria confiando no meu treinamento. Anos de boxe. Anos de Jiu-Jitsu Brasileiro. E eu estaria confiando em meu

coração. Porque Jasper tinha pregado exatamente o que eu precisava.

Se Talia estivesse sentada na primeira fila, de jeito nenhum eu a deixaria me ver perder.

Jasper e eu nos movimentos ao redor do ringue, ambos leves em nossos pés. Quando o cronômetro apitou na marca de cinco minutos, estávamos suando e sem fôlego.

Eu estava indo para borda pegar outra bebida quando a porta se abriu, uma rajada de ar frio entrou. Então tive que pressionar a mão no meu peito para evitar que meu coração, saltasse enquanto Talia entrava.

Ela veio até mim.

Eu gostei disso. Muito.

— Oi. — Ela acenou e caminhou em direção às cordas. — Estou interrompendo?

— Não. — Eu me agachei, esperando até que ela estivesse perto o suficiente. Então eu coloquei meu dedo sob seu queixo e a puxei para um beijo suave. — Oi.

— Eu não sabia se você estaria treinando ou não. — Ela olhou por cima do meu ombro. — Ei, Jasper.

— Ei. — Ele ergueu o queixo.

— Eu não tenho que ficar, — disse Talia, baixando a voz. — Eu não estou trabalhando hoje e...

— Você estava com saudades de mim.

Suas bochechas coraram. — Senti a sua falta.

— Senti sua falta também, amor.

O olhar de Talia percorreu meu peito nu. — Eu esqueci disso.

— O que?

Ela acenou com a mão em direção ao meu corpo. — Você. Como é sexy quando você está lutando.

Ainda bem que ela achava isso sexy. Esperançosamente isso a faria aceitar meu convite para Vegas. — Beije-me.

Ela obedeceu instantaneamente, ficando na ponta dos pés. E em vez de um roçar de nossos lábios, alcancei as cordas, agarrei a lapela de seu casaco e a segurei conta mim enquanto minha língua entrava nela.

A garganta de Jasper limpou atrás de nós, mas eu lambi e chupei e não soltei Talia até que suas bochechas estivessem completamente coradas.

Talia mordeu o lábio inferior, tentando conter um sorriso.

— Acho que essa é a minha deixa para ir embora. — Jasper passou por nós, rindo enquanto saía do ringue. Então ele foi para o banco, pegando seu moletom. Ele puxou-o sobre sua cabeça antes de prender seu cabelo suado sob um boné de beisebol. Com os sapatos nas mãos, caminhou para a porta. — Divirtam-se, vocês dois.

— Você está bem? — Eu perguntei quando Jasper saiu.

Ela levantou um ombro. — Estou brigada com Lyla. Tipo isso. Não sei. Mas não tenho falado muito com ela e é estranho.

— O que aconteceu?

— Ah, não é nada. Drama da irmã. — Não foi nada? Antes que eu pudesse perguntar, ela mudou de assunto. — Em outras palavras , minha mãe quer conhecer você.

— Eu gostaria de conhecê-la também.

— Pode ser estranho.

Dei de ombros. — Mas estranho não será para sempre. Eles vão se acostumar comigo, eventualmente.

— Sim. — Havia hesitação em sua voz. Ou ela não queria que eu conhecesse sua família.

Ou... ela ainda não acreditava que eu ficaria. Ela duvida de mim.

A inquietação percorreu em minhas veias como um veneno.

A Talia de antes não se continha. Ela me dava tudo de si. Confiava. Acreditava. Aquela mulher ainda estava lá. Em algum lugar. E de alguma forma, eu tinha que convencê-la a sair. Provar a ela que isso é real.

— A que horas você precisa pegar Kadence da escola? — ela perguntou.

Deixei meus medos de lado, olhando para o relógio. — Cerca de uma hora. Por que?

— Você precisa de um banho. — Ela levantou uma sobrancelha, então se afastou, fora do meu alcance. No momento em que ela caminhou até a porta do apartamento, seu casaco de inverno estava no chão. Uma mão abriu o zíper casaco do seu moletom, tirando – o de seus braços e deixando cair no chão. E quando ela alcançou atrás de suas costas para desabotoar seu sutiã, eu pulei sobre as cordas, correndo para alcançá-la.

Minhas mãos foram para seus quadris, arrastando-a em direção ao banheiro enquanto minha boca grudava em seu pulso, dando uma boa chupada.

— Foster. — Ela gemeu, estendendo a mão, seus dedos enfiando no meu cabelo.

— Tire isso. — Toquei na bainha de seu jeans. — Agora.

Ela soltou os botões e os desceu pelos quadris enquanto eu jogava meu próprio short no chão, chutando-o para longe.

Meu pau saltou livre, latejando enquanto eu o pressionava na bunda dela.

Talia assobiou, arqueando-se em mim.

— Você está molhada para mim? — Minha mão deslizou sobre seu quadril, através de seu estômago. Mergulhei em sua boceta. Molhada. — Você está fodidamente excitada.

Arrastei meus dedos por sua umidade, espalhando-a por sua boceta. No momento em que cruzamos a soleira do banheiro, eu a girei, levantando-a e colocando-a na bancada.

Minha escova de dentes elétrica caiu do carregador. Uma escova caiu na pia.

Afastei os joelhos de Talia, colocando minhas mãos sob eles para arrastá-la para a borda da superfície, suas mãos chegando aos meus ombros para segurar firme, e então me posicionei na entrada de sua boceta.

— Foda-se, — eu gemi quando ela apertou em torno de mim. — Você se sente tão bem. Tão fodidamente bem.

Ela segurou seus seios, seus mamilos rosados duros e implorando por minha boca.

Então, me inclinei e chupei, puxando para fora para empurrar para dentro.

— Mais, — ela respirou. — Mais forte.

— Diga-me que você sentiu minha falta de novo, — eu disse, beijando através de seu seio para o outro seio.

— Eu senti sua falta, — ela sussurrou enquanto eu chupava seu mamilo. Duro.

Deixei seu mamilo sair da minha boca e fiquei de pé, alcançando entre nós para colocar meu polegar logo acima em seu clitóris. — Venha para Vegas comigo. Para minha luta.

Seus olhos voaram para os meus. — O que?

— Minha luta. Venha comigo.

Ela se inclinou, seus lábios procurando os meus. — Temos que falar sobre isso agora?

Antes que ela pudesse me beijar, antes que eu perdesse a coragem, me esquivei e assenti. Meu polegar se aproximou de seu clitóris, mas ainda não o tocando. — Diga sim.

— Foster. — Ela se mexeu, mas eu a tinha presa.

— Preciso de você comigo, Tally. Venha. — Lentamente, eu relaxei, provocando-a apenas com a ponta do meu pau. Quando seus olhos se encontraram com os meus, eu empurrei, centímetro por centímetro, até que eu estava profundamente dentro dela. Tão profundo que talvez ela percebesse que nada nos separaria. De novo não.

Um estremecimento percorreu seu corpo, suas paredes internas vibrando ao redor do meu pau.

Meu polegar roçou seu clitóris antes de puxá-lo para longe. — Diga sim e eu lhe darei exatamente o que você precisa.

— Sim. — Ela engoliu em seco, suas mãos cavando em meus ombros. — Sim.

— Boa garota. — Eu puxei para fora, então empurrei para frente, ganhando sua respiração ofegante. Então eu circulei seu clitóris com a quantidade certa de pressão para fazer suas pernas tremerem.

As mãos de Talia se moveram para o balcão, seus braços apoiados enquanto sua cabeça pendia para o lado. Atrás dela, seu cabelo fluía no ritmo das minhas estocadas. Seus lábios se separaram, e com cada empurrão de meus quadris, eu recebia uma respiração rápida. Seus seios balançaram, aqueles mamilos impossivelmente duros. Perfeição. Ela era fodidamente perfeita.

— Olhe para nós. Olhe para mim fodendo você. — Tirando minha mão do caminho, eu nos embalei juntos, meu pau desaparecendo em seu corpo. Eu a observei me levar centímetro por centímetro. E quando eu estava dentro dela ao máximo, encontrei o olhar de Talia. — Você e eu. Sempre fomos você e eu.

Ela pegou meu rosto em suas mãos, puxando meus lábios para os dela. O beijo foi curto. Ela se afastou, ofegante quando eu peguei meu ritmo. Então, gritou meu nome, sua boca aberta e contra a minha, quando seu orgasmo quebrou. Ela pulsou, mais forte do que nunca, aquelas paredes internas me apertando como um fodido punho.

— Tally. Sim. — Meu orgasmo se formando na base da minha coluna, até que eu gozei. Eu gozei dentro dela, agarrando-me a ela enquanto ela se agarrava a mim. E quando nós dois estávamos exaustos, eu empurrei aquele cabelo sedoso e escuro para longe de seu rosto e me deixei afogar naqueles lindos olhos azuis.

— É melhor você entrar no chuveiro, — disse ela, sem fôlego, as pontas dos dedos acariciando minha barba.

Eu envolvi meus braços ao redor dela, nossos corpos ainda conectados, e segurei firme. — Mais um minuto.

Um minuto se transformou em dois e finalmente eu saí, chegando ao chuveiro para ligar o spray.

Exceto que a torneira apenas pingava um jato fraco na banheira. — Que diabos?

Talia saltou do balcão, espiando por cima do meu ombro. — Hum, isso não é bom.

— Filho da puta. — Saí do banheiro, completamente nu, e do apartamento.

O armário de serviço ficava entre os vestiários. Eles foram limpos, mas por outro lado, os ignorei, concentrando-me na academia e no apartamento. Os quartos não eram grandes e, como eu tinha o banheiro no apartamento, eram inúteis no momento.

Talia me seguiu, vestida de sutiã e calcinha e encolhendo os ombros em seu moletom enquanto corria para alcança – lo.

O barulho me atingiu primeiro, o som da água batendo no chão. Meu andar. Eu estava entrando pela porta, virando para o lado do vestiário masculino e para a fonte do gotejamento, quando meu pé pisou em uma poça.

— Você deve estar brincando comigo. — Atravessei a água quente, quase quente demais, até chegar ao armário de serviços. Eu abri a porta.

A água derramava do fundo do aquecedor de água quente.

— Porra. — Estiquei-me além do cilindro, alcançando a válvula de fechamento. Uma vez que foi torcido e desligado, eu me levantei e belisquei a ponte do meu nariz.

— Ah Merda. — Talia encontrou meu olhar. — Eu sinto muito.

Inclinei minha cabeça para o teto. Será que cederia em seguida? Quando os desastres terminariam?

— Como você se sentiria sobre um casal de hóspedes?

CAPÍTULO DEZOITO

Talia

Foster entrou na cozinha, seu cabelo escuro desgrenhado e espetado em ângulos estranhos, de quantas vezes que passou as mãos por ele nas últimas horas.

— Ela está dormindo? — Dei-lhe uma taça de vinho.

— Sim. — Ele tomou um gole e se inclinou contra o balcão. — Que loucura.

Concordei com a cabeça e tomei um gole da minha própria taça.

A tarde e a noite tinham sido um caos. Pegamos todas as toalhas que ele tinha na academia e construímos um bloqueio para impedir que a água saísse dos vestiários. Então ele correu para a cidade para pegar Kadence enquanto eu fiquei na academia, ligando para os dois encanadores da cidade – ambos estavam em outros trabalhos. Felizmente, um deles concordou em deixar a nova construção em que estava trabalhando e vir.

Quando o encanador chegou, Foster voltou com Kadence. Ela e eu colocamos o máximo de coisas dela na parte de trás do meu Jeep, então jogamos todas as roupas de Foster em malas.

Depois que fecharam a água da academia, Foster esvaziou a despensa e a geladeira em um cooler, então

partimos para minha casa, parando para comer hambúrgueres no caminho.

— Aquele lugar está caindo aos pedaços, — disse ele. — Estamos pulando de um desastre para o outro. Se fosse só eu, eu aceitaria. Mas com Kaddie aqui agora, não é justo com ela.

— Vocês podem ficar aqui.

Ele suspirou. — Por favor, não leve a mal. Mas não quero que Kaddie se sinta uma convidada. Ela precisa de um lar. Ela precisa de seu próprio quarto onde possa fazer bagunça e deixar a cama desfeita e ter apenas sete anos. Eu não posso te dizer o quanto eu aprecio você nos deixar ficar. Mas...

— Não é um lar. — Mas pode ser né? Tudo o que eu tinha que fazer era entregar-lhe uma chave.

Ele aceitou todo convite que eu fiz. Dada a forma como ele me segurou mais cedo, me beijou, Foster sentiu minha falta na semana passada tanto quanto senti dele.

Exceto, que eu não ofereci para se mudarem. Algo estava me segurando. A mesma coisa que me impediu de dizer a Foster que o amava.

— Por que você comprou a academia e não uma casa? — Eu perguntei.

— Muitas razões. — Ele soltou um longo suspiro. — Achei que funcionaria temporariamente. Poderíamos ficar lá por seis meses, talvez um ano. Sinceramente não achei que

seria tão ruim. As fotos que o corretor de imóveis me mostrou eram, uh, enganosas.

— Ah. — Sem perguntar, eu sabia de qual corretor de imóveis ele estava falando. Definitivamente, não é um que eu recomendaria. — Talvez se o aquecedor , a água e tudo estivessem funcionando, seria diferente. Você fez um bom trabalho limpando-o.

— Ainda deveria ter comprado uma casa. Mas eu estava esperando, eu acho. Eu queria chegar aqui e apenas... Eu queria chegar aqui. —

— Você queria ver como seria comigo.

Seus olhos suavizaram. — Sim.

— Você disse que não iria embora. Não importando o que eu dissesse.

— O que é verdade depois que te vi naquela primeira noite. Mas eu não tinha certeza do que esperar antes de chegar a Quincy. Cristo, nunca fiquei tão nervoso dirigindo para uma cidade. Toda a viagem de Vegas para cá, eu era um desastre. A julgar pelo que pude encontrar online, eu sabia que você não era casada. Não parecia que você tinha namorado, mas eu não tinha certeza.

— E se eu tivesse?

— Então ele teria concorrência.

O canto da minha boca se ergueu. — Então você comprou a academia em vez de uma casa.

— Parecia uma jogada inteligente. Uma propriedade que eu poderia me desfazer, se necessário. Mas eu deveria ter comprado um lugar permanente antes de Kaddie chegar aqui. Esse foi o meu erro. Achei que seria bom o suficiente, mas ela merece coisa melhor.

— Não é tão ruim assim, Foster. Só precisa de algumas melhorias.

Ele tomou um longo gole de seu vinho, então esfregou a mão na barba. — Ela estava tão feliz quando a peguei na escola hoje. Durante toda a ida à academia, ela só falava sobre esses dois amigos que fez. Mesmo sabendo que voltaria para limpar uma bagunça, não disse uma palavra sobre a água até estacionarmos do lado de fora. Eu não queria que aquele sorriso ficasse sem brilho. Tem sido difícil ser ela mesma ultimamente.

— Por causa da mudança? Ou o divórcio?

— Ambos. No momento em que Arlo morreu, Vivi e eu sabíamos que a mudança estava por vir. Finalmente. Poderíamos viver nossas próprias vidas. Talvez tenha sido um erro, mas achamos que seria melhor acelerar o máximo possível para Kadence.

— Rasgar o curativo.

— Bastava chegar ao outro lado. — Seus olhos suavizaram. — Ir para as coisas boas.

Eu. Eu era a coisa boa.

— Vivienne precisava ficar em Vegas.

— Para vender sua casa e o Angel's. — Lembro que ele também mencionou que ela estava planejando um casamento. Eu presumi que era para um cliente ou algo assim. Mas não. Ela estava planejando seu próprio casamento.

— Vivi e Dex querem se casar lá. É a casa dela. Ela está desistindo por mim porque eu quero estar aqui. Mas acho que ela precisa de tempo para dizer adeus. E Dex vem se arrastando.

— Ele não quer se mudar?

— Na verdade, não. — Foster deu de ombros. — Não sei os detalhes. Não perguntei. Mas ela mencionou que tem sido um ponto de tensão. Independente disso, Vivienne quer que Kadence fique perto de mim, e não vou embora. Ela deixou claro para ele que o futuro deles está em Montana. Ele vai aceitar. —

— Ela realmente sacrificaria sua casa, sua vida em Las Vegas, só para que você pudesse vir a Quincy por mim? — Isso parecia inacreditável. Altruísta. Nem um pouco a pessoa que fiz Vivienne parecer nos últimos sete anos. Talvez ela não seja a inimiga, afinal.

— Como eu te disse, ela sente muita culpa pelo que aconteceu. Ela quer que eu seja feliz. Mas, especialmente, ela quer que Kadence tenha a melhor vida possível. Vimos isso como uma chance de tirá-la de uma situação ruim.

Minha testa franziu. — Que situação ruim?

Foster empurrou o queixo para eu segui-lo até a mesa de jantar. E quando estávamos sentados, ele se recostou na cadeira para olhar o corredor, provavelmente para ter certeza de que sua filha não estava escutando.

— A pré-escola de Kaddie também oferecia jardim de infância. Ela tinha muitos amigos e conhecia os professores. Então nós a mantivemos matriculada lá no ano passado, enquanto Vivi passava meses pesquisando escolas para a primeira série. Candidatamo-nos nas melhores escolas particulares da cidade. Fizemos entrevista após entrevista. E entramos na nossa melhor escolha. Professores de qualidade. Currículo rigoroso. Eles encorajavam atividades extracurriculares como esportes e música. Isso era exatamente o que estávamos procurando. Achei que seria ótimo.

Uma sensação de pavor penetrou em meus ossos. — Não foi.

— Foi um pesadelo. — Seu queixo apertou. — As crianças da classe de Kaddie eram brutais. Não há outra maneira de descrevê-lo. Eram alunos do primeiro ano. Eu não achei que teríamos que nos preocupar com valentões até o ensino médio. Ensino médio se tivéssemos sorte. Mas primeira série?

— O que aconteceu?

— Nós não percebemos rápido o suficiente. Kaddie estava voltando para casa mal-humorada todos os dias. Era tão diferente dela mesma. Pensávamos que era apenas por causa

da escola em geral. Mais horas do que a pré-escola. Aprendizagem mais intensa. Turma maior. Nenhum de seus amigos do jardim de infância estava lá. Ela era a novata. Pensávamos que passaria. Não passou.

Eu cobri a mão dele com a minha. — Esse é um raciocínio normal para qualquer pai.

— É isso? Ela é minha garotinha. Ela estava infeliz, e eu descartei isso. Eu pensei que era porque ela não estava tirando uma soneca à tarde. — A voz de Foster estava rouca enquanto ele falava, cheia de arrependimento.

— Chegou ao ponto que, quando perguntei a Kaddie se ela se divertia na escola, ela me disse que odiava a escola. Todas as manhãs, era uma luta para prepará-la. Ela se escondia debaixo da cama de pijama. Nós assumimos que era porque ela tinha que usar um uniforme e odiava a saia e a meia-calça. Mais uma vez, nossa foda culpa, porque deveríamos ter pressionado mais, mais cedo, para cavar o que realmente a estava incomodando. Nós perguntávamos e ela não explicava. Quando finalmente descobrimos, foi uma bagunça.

— O que aconteceu?

— Kaddie não falava sobre amigos. Ela frequentava a escola há meses e não falava sobre amigos. Mas ela falava sobre sua professora. Ela amava sua professora. E a professora a amava. Durante uma reunião , perguntamos à professora como ela estava e como se comportava. A professora disse que Kadence era um anjo. Que ela era

brilhante, talvez um pouco tímida, e tinha foco intenso em seu trabalho escolar. Algo que ela nunca tinha visto em um aluno da primeira série antes.

— Isso é uma coisa boa, certo?

— Kaddie se concentrou em seus trabalhos escolares porque era sua maneira de escapar das outras crianças. Ela os bloqueou lendo livros no canto sozinha.

— Oh. — Meu coração se partiu.

— Ela voltou para casa com um convite para uma festa de Halloween. Vivienne e eu ficamos muito felizes. Como, finalmente, ela está fazendo amigos, se adaptando a esta nova escola. Então nós a levamos para a festa. Os pais estavam fazendo em sua própria casa. Era uma casa enorme. Eles alugaram brinquedos infláveis. Tinham uma piscina. Um palhaço. Comida para um exército. Havia pessoas em todos os lugares, crianças vestidas com suas fantasias. Eu estava conversando com alguns dos outros pais enquanto as crianças brincavam uns com outros. Então ouvi o grito ensurdecedor.

— Kaddie.

Ele assentiu. — Nunca corri mais rápido na minha vida. Eu a encontrei cercada por um grupo de garotas. Uma delas tinha uma mecha de cabelo na mão. Ela arrancou um pedaço do cabelo da minha filha.

Eu suspirei. — Oh meu Deus.

Um brilho de lágrimas encheu seus olhos. Ele virou a mão para que estivéssemos tocando palma com palma. — Eles estavam rindo dela. Ela estava chorando de joelhos, com a mão no cabelo com dor e estavam rindo dela.

— Ah, Kadence. — Eu queria entrar sorrateiramente em seu quarto e envolvê-la em um abraço. — É por isso que ela toca o lado de sua cabeça, não é?

Ele assentiu. — Toda vez que ela faz isso, eu quero gritar.

Eu não tinha visto Kaddie fazer isso muito, mas de vez em quando, ela tocava seu cabelo. Como se ela estivesse tocando uma ferida antiga.

Mais ou menos como eu toco meu coração.

— Depois disso, tudo saiu, — disse ele. — Ela nos contou como as outras garotas eram más com ela desde o início do ano. Eles a provocavam e riam pelas costas dela. Disseram-lhe que se as dedurasse, eles mentiriam e ninguém acreditaria porque ela era pobre e eles eram ricos.

Meu queixo caiu. — O que?

— Não sei por que pensaram isso. A maldita escola tem um requisito de patrimônio líquido. Qualquer que seja. Mas Kaddie acreditou nelas. Talvez, porque nunca fui de ostentar meu dinheiro. Morávamos em uma boa casa, mas não ostentávamos. Eu comprava um veículo novo todo ano, mas era uma caminhonete GMC, não uma Ferrari. Não é meu estilo. Nunca foi.

Não, não era. O que era parte do motivo pela qual o admirava. Foster havia se tornado incrivelmente bem-sucedido. Ele poderia facilmente ter gasto sua fortuna para compensar o que lhe faltou na infância, mas ele não é o tipo de homem que desperdiça dinheiro. Inferno, o homem tinha comprado uma academia de ginástica em Quincy.

Ele me lembra meus pais. Sua riqueza é imensa. Principalmente, terra e participações de capital, como o hotel. Mas eles não ostentavam. E nos ensinaram a economizar nosso dinheiro.

Que as coisas boas da vida não vêm com um preço.

— Eu sinto muito.

— Eu também. — Ele me deu um sorriso triste. — A escola pediu desculpas. Talvez eles tenham pensado que eu iria a público e os processariam por permitir que isso acontecesse. Eles a colocaram em uma sala de aula diferente. Enviavam para casa relatórios diários sobre como ela estava. Foi melhor. Mas..

— Ainda não era ótimo. — Kaddie provavelmente tinha encontrado aquelas outras garotas nos corredores ou no recreio.

— Era a primeira série. O que aconteceria quando fossem para o ensino médio? Ela estaria com as mesmas garotas por anos. Eu acabei de... Eu não podia exigir que passasse isso. Assim, uma nova escola era inevitável. Arlo

morreu duas semanas depois e de repente, em vez da nova escola em Vegas...

— Você veio para Quincy.

— Tudo mudou. Para melhor. — Ele entrelaçou seus dedos nos meus. — Tally, ela entrou na caminhonete hoje e só falou sobre suas amigas. Como estarão jogando basquete, quando começará e que Maggie perguntou se ela poderia andar de trenó no fim de semana. Que a mãe de Maggie irá me ligar amanhã.

Havia tanta esperança, tanta alegria, em seus olhos.

Nunca na minha vida tive tanto orgulho de morar em Quincy.

Claro, nossa cidade tem seus problemas. Tive alguns desentendimentos com crianças na escola. Isso era inevitável. Mas nossa comunidade é forte. E se Kadence precisa de um lugar seguro, ela o encontrará aqui.

— Eu sei que a academia não é um lugar definitivo. Ela precisa de um lar de verdade. Então, amanhã, vou ligar para um corretor de imóveis - um corretor de imóveis diferente - e começar a procurar. Encontrar um lugar para ela.

— Você é um bom pai, Foster.

Ele levantou um ombro. — Este ano, eu me senti um fracasso com mais frequência do que não. Mas caramba, estou tentando.

Este homem colocaria tudo em risco pelas pessoas que ama.

E eu estou nessa lista.

Foster esvaziou o resto de seu vinho, então colocou o copo de lado, levantando-se e estendendo a mão. — Dance Comigo.

Peguei sua mão, deixando-o me levar para o centro da cozinha, onde ele me pegou em seus braços. Fizemos três voltas inteiras antes que seu pé descalço pisasse no meu.

— Desculpe.

Eu ri. — Está bem.

Ele me segurou mais perto, balançando mais do que dançando. — Você tem certeza que está bem em ficarmos um pouco mais aqui?

— Está tudo bem.

— Nós poderíamos ficar no hotel.

— Aqui é melhor. — Eu pressionei meu nariz em seu peito, absorvendo seu cheiro amadeirado. — As crianças precisam de espaço.

— E o que você precisa?

Inclinei minha cabeça para trás, encontrando seus olhos. — Você.

Tudo que sempre precisei, foi ele.

Foster baixou seus lábios nos meus para um beijo. Os toques preguiçosos de sua língua talentosa enfraqueceram meus joelhos, em seus braços me embalando contra seu peito e me carregando escada acima para o banho que não tínhamos tomado na academia.

CAPÍTULO DEZENOVE

Foster

— É isso? — Perguntei ao meu corretor de imóveis enquanto parava a caminhonete em frente à casa de Talia.

— A demanda está baixa.

Baixa? Com base no e-mail que acabou de enviar com exatamente as mesmas listagens que havia entregue na semana anterior, o estoque era praticamente inexistente. — Sim.

— Desculpe, Foster. Fevereiro é um mês difícil para venda. Mas vai aumentar na primavera.

— Não é sua culpa. — Eu não podia culpá-la exatamente por essa situação. Não era como se ela pudesse conjurar uma casa decente para Kadence e eu do nada.

— Para o que você está procurando, acho que uma nova construção seria sua melhor opção.

— Sim. Você vai me enviar listas de lotes?

— Certamente. Vou avisá-lo que não há muito.

Claro que não há. — Aprecio isso. — Desliguei a ligação e olhei para a rua. — Droga.

Este corretor de imóveis era recomendação de Talia, porque com certeza, não iria usar o mesmo cara que me vendeu a academia. Nas últimas duas semanas, eu tinha

memorizado as listagens disponíveis em um raio de trinta quilômetros.

Minhas principais opções eram um pré reformado que pelo exterior parecia em pior estado do que a academia. Ou poderia comprar uma casinha de dois quartos nos arredores da cidade, perto da rodovia e do depósito de lixo.

O que significava que uma vez que saíssemos da Talia, estávamos de volta ao ginásio.

Ou talvez...

Olhei para a casa de Talia. O revestimento verde era da cor da sálvia do deserto. O tijolo na base da casa era o mesmo que usaram para as escadas da varanda coberta. A luz do sol da tarde batia nas janelas do sótão no andar de cima. E além da porta da frente de madeira, estava minha garota.

Duas semanas estávamos aqui. Todas as noites, eu dizia a Talia que a amava, antes que ela adormecesse em meus braços. Duas semanas e ela não tinha insinuado em dizer isso de volta. Duas semanas e ainda havia algo segurando-a.

Eram apenas duas semanas. Duas semanas no escopo do tempo não era nada. Mas duas semanas passadas pensando em meus medos me davam um nó.

Nem mesmo o regime de treinamento brutal com Jasper ajudava a apagar a montanha de tensão no meu estômago.

Talia não tinha feito um único comentário sobre Kadence e eu nos mudando. Nenhum. Ela também não nos pediu para

ficarmos, depois que a academia voltasse ao normal.

Era cedo demais para morarmos juntos? Provavelmente. Exceto, que eu estava pronto para dar um salto para o futuro. Talia estava levando em passos de bebê. Ela estava mantendo um escudo, uma parede invisível para a maioria.

Eu não.

Claro, as coisas entre nós eram incríveis. Qualquer outro homem não se preocuparia. Mas eu conhecia Talia Eden melhor do que eu mesmo. E isso apenas... não era como nos dias anteriores.

Os dias em que vivi para sua próxima respiração e ela sobreviveu meu batimento cardíaco.

Eu saí da caminhonete e fui para dentro, tirando a neve das minhas botas antes de tirá-las.

— Talia, — eu chamei.

— Aqui.

No corredor, ela estava no quarto de Kadence com um cesto de roupa suja na cama e uma camisa limpa nas mãos. — Eu teria feito isso.

— Eu não me importo. — Ela sorriu quando eu fui para seu lado, dando um beijo em sua boca antes de pegar um par de jeans da pilha e dobrá-los em um quadrado.

— Como foi seu dia?

— Tranquilo. — Ela trabalhou todo o fim de semana e tem hoje e amanhã de folga. — Foi bom colocar em dia as tarefas domésticas. Como foi a academia?

— Bem. Jasper está determinado a chutar minha bunda todos os dias até a luta. Que está chegando em menos de um mês. Os nervos estavam começando a se manifestar. A expectativa.

Nós trabalhamos por horas hoje, principalmente praticando técnicas de luta. Então fizemos cardio, esteira e bicicleta ergométrica, até que eu estivesse pronto para cair de joelhos. Mas essa é a minha estratégia. Nenhum oponente sobreviveria a mim. Eu estarei em melhor forma do que qualquer lutador que conheci no ringue.

— Você cheira bem. — Talia se inclinou e pressionou o nariz na manga da minha camisa. — Você tomou banho?

— Sim. O encanador terminou ontem.

— Oh isso é ótimo.

Ela disse isso por que agora que a água esta normal, teríamos que sair de sua casa?

— O que há de errado? — Ela olhou para a carranca puxando minha boca.

— Nada. — Dei-lhe outro beijo e voltei para a lavanderia.

O encanador que veio verificar o aquecedor de água o substituiu rapidamente. Mas, no processo, encontrou um cano enferrujado e em mau estado.

Eu tinha acabado com essas malditas emergências, então disse a ele para substituí-lo. Claro que era o cano principal que levava ao apartamento, então ele teve que arrancar uma parte decente da parede para consertá-lo.

Enquanto eram feitos os reparos, também contratei um eletricista para avaliar o prédio. A última coisa que eu precisava era de um incêndio elétrico. A fiação era antiga, mas funcionava, embora o painel elétrico estivesse desatualizado e sobrecarregado.

Todos os problemas haviam sido ignorados, ou perdidos, pelo inspetor de imóveis que meu corretor providenciou e por mim, porque estava com tanta pressa para me mudar, não pensei duas vezes.

O eletricista havia consertado o painel. Eu coloquei algumas placas de gesso sobre os buracos que o encanador havia deixado para trás. Amanhã, eu adicionaria massa de parede e eventualmente pintaria. Hoje foi o primeiro dia em que ninguém estava na academia, exceto Jasper e eu.

— Nós provavelmente poderemos sair da sua casa amanhã, — eu disse, prendendo a respiração.

Suas mãos pararam de dobrar. — Oh.

— A menos que você não queira...

— Isso provavelmente.. —

Nós dissemos um com o outro ao mesmo tempo, então paramos.

— Você diz, — eu disse.

— Você quer ir embora? — Ela mordeu o lábio inferior entre os dentes.

— Você quer que a gente fique?

Havia tanta vulnerabilidade naqueles olhos azuis, como se ela estivesse com medo de admitir o que queria.

Diga-me. Por favor. Apenas me diga. Vamos, Tally. Solte.

— Fique mais um tempo.

Não era tudo, mas era alguma coisa. Eu a puxei em meus braços, pressionando meu nariz em seu cabelo e respirando-a. — Ok. Mais um pouco.

— Você acha que Kadence vai se importar?

Eu ri. — Oh não.

Ela me perguntou no caminho para a escola esta manhã se poderíamos morar na casa de Talia até encontrarmos nossa própria casa. Parte disso, era porque descobrimos que sua amiga Maggie está a apenas um quarteirão de distância e, no último sábado, nós as deixamos brincar.

Mas a outra parte era Talia.

Minha filha estava se apaixonando.

Eu a invejava por isso. O que eu não daria para voltar ao começo, quando Talia e eu éramos estranhos, e experimentar a magia de me apaixonar por ela novamente.

Ela me soltou e voltou para as roupas, ambos dobrando em um silêncio confortável. Arrumei tudo nas gavetas, enquanto ela pendurava os suéteres de Kaddie no armário. Quando terminei, sentei-me na beira da cama, observando enquanto ela se movia.

Talia seria uma mãe incrível. Ela queria seus próprios filhos?

Eu queria mais filhos. Eu queria ver Talia ficar grávida de nosso filho. Eu queria uma vida com nós perseguindo-os e então, uma vez que estivessem dormindo, deslizar na cama ao lado dela até o fim dos meus dias.

— Você quer-— Eu me parei. Cedo demais.

— Quer o que? — ela perguntou.

— Quer vir comigo para pegar Kadence?

— Claro. — Ela pendurou o último moletom de Kaddie, então eu a segui do quarto, levando a cesta para a lavanderia enquanto ela calçava um par de tênis. As leggings pretas que usava hoje estavam moldadas em suas pernas longas tonificadas e na curva de sua bunda.

Meu pau se contorceu atrás do meu jeans. Esta mulher não tem ideia de como a desejo, a cada momento. Mas não ousei tocá-la porque se começássemos, não pararíamos. E precisávamos chegar à escola.

Quando Talia pegou um casaco no gancho na entrada, eu o peguei primeiro. — Você esqueceu as regras.

Ela revirou os olhos. — Ah, eu fiz?

— Claramente. — Estendi o casaco para que ela o deslizasse sobre os braços.

— Sempre o cavalheiro.

— Para você. — Eu a proibi uma vez de colocar seu próprio casaco quando eu estava na sala. Ou abrir uma porta. Ou torcer a tampa de um frasco.

— Eu posso fazer isso, sabe? — ela disse, enquanto eu fechava o zíper de sua jaqueta até seu pescoço.

— Apesar de todos os seus defeitos, meu pai é sempre um cavalheiro. — Mesmo que eu sempre insistisse em fazer as pequenas coisas para ela, eu nunca disse o por quê. — Mesmo quando ele está furioso com minha mãe por perder dois mil dólares em uma noite, ele a trata com respeito. Abre portas. Estende o casaco. Puxa a cadeira dela.

Eu não tinha aprendido muito com papai, principalmente o que não fazer, mas essa foi uma das boas lições.

— Não se trata de tirar sua independência, — eu disse. — Eu sei que você pode fechar seu próprio casaco. Abrir suas próprias portas. Mas é uma maneira de retribuir apenas uma fração do que você me dá.

Seus olhos suavizaram. — Foster.

— Deixe-me.

— Ok.

— Obrigada. — Com meu dedo sob seu queixo, a puxei para mais perto para um beijo.

Suas mãos vieram ao meu peito enquanto ela se levantava na ponta dos pés, abrindo sua boca para eu deslizar dentro.

Foda-se. Minhas mãos foram para sua bunda, minhas palmas moldando suas curvas enquanto eu apertava. Malditas leggings.

Talia gemeu, seus braços deslizando em volta do meu pescoço.

Com um rápido movimento, a levantei e a pressionei contra a porta. Então eu pressionei minha excitação em seu centro, deixando-a sentir o quanto a queria. Como eu era insaciável quando se tratava dela.

Eu estava a segundos de empurrar essas leggings para baixo e dar-lhe uma foda forte e rápida quando meu telefone vibrou no meu bolso. — Ignore isto. — Eu a beijei novamente.

Mas a vibração continuou, e caramba, não tínhamos tempo, então separei minha boca com um rosnado.

Talia riu, secando meus lábios com o polegar. — Estamos nos deixando levar.

— Com você ? Sempre.

Ela riu e desenrolou os braços enquanto a colocava de pé. Talia não alcançou a porta. Ela esperou que eu ajustasse meu pau dolorido, então a abrisse para ela. E ela fez o mesmo

quando chegamos a caminhonete , deixando-me segurar a porta enquanto ela pulava no banco do passageiro.

Peguei a mão dela na minha enquanto atravessávamos a cidade para a escola e tomei nosso lugar na fila.

— Quem ligou para você? — ela perguntou.

— Oh. — Peguei meu telefone, tendo esquecido. Eu abri na notificação de chamada perdida, o toque do telefone enchendo o carro. — Foi Vivi.

— Oi, — ela respondeu. — Você já a pegou?

— Não, só esperando na fila.

— OK, bom. Eu queria falar sobre algo antes que ela chegasse aí.

Olhei para Talia, apontando para o console. Ela queria que eu dissesse a Vivienne que ela estava aqui? Mas ela balançou a cabeça. — E aí?

— Vou sair esta noite.

Eu pisquei. — Esta noite?

— Há um voo das seis horas que chega a Missoula por volta da meia-noite. Vou ficar lá e acordar cedo para dirigir pela manhã.

— Tudo bem. — Isso era dias antes do planejado, mas se ela quisesse vir para Montana antes do fim de semana e ver Kadence, eu não discutiria. Kaddie ficaria muito feliz. — Tudo certo?

— Eu odeio isso, Foster. — O clique de um zíper, como uma mala se fechando, soou ao fundo. — Eu odeio isso.

— Eu sei que sim, Vivi.

— Não vou perder o primeiro treino de basquete dela.

Eu rio. — É só prática. Você estará aqui para o primeiro jogo.

— E eu estarei lá para o primeiro treino também.

— Ok. Ela vai ficar emocionada.

— Não diga a ela que eu vou. Reservei um voo de última hora e não quero que ela fique esperançosa, para o caso de dar errado.

— Por que você simplesmente não ligou para a empresa de fretamento e mudou seu voo?

— Eu tentei, mas algo sobre a necessidade de enviar um plano de voo com vinte e quatro horas de antecedência. Não sei. Eu acabei de... não estarei esperando. Eu não posso continuar fazendo isso. É tão difícil. — Sua voz falhou e as lágrimas seriam as próximas.

— Não chore.

— Eu não estou chorando.

— Ainda.

— Ainda. — Uma fungada veio. — Eu queria te dar um tempo com Talia. Eu sei que ela não quer me ver. Mas sinto falta de Kadence. Eu sinto tanto a falta dela, que dói.

Olhei para Talia. Havia compreensão em seu rosto. Ela não falou, mas me deu um leve aceno de cabeça. — Talia entende. Venha. Esteja aqui. Todos nós podemos assistir ao primeiro treino de basquete.

— Obrigada. — Vivienne soltou um longo suspiro. — Como está indo você e Talia? Ela já disse que te ama?

Ah foda-se.

Os olhos de Talia se arregalaram por apenas um momento, e então ela olhou para sua janela, seu queixo tenso.

Porra. Porra.

— Lá vem Kadence, — eu menti antes que Vivienne pudesse dizer outra palavra.

— Ack. — Um baque abafado veio pelos alto-falantes. — Deixe-me ligar de volta assim que eu entrar no carro. Quase deixei cair meu telefone tentando carregar minha mala.

— Ok. — Desliguei a ligação e o silêncio que se seguiu na caminhonete foi sufocante. Porra.

Eu deveria ter dito a ela que Talia estava aqui. Eu não deveria ter ligado até que Kadence estivesse aqui para ser um amortecedor.

Talia não olhava para mim. Ela manteve os olhos voltados para fora da janela, seus ombros curvados, como se quisesse desaparecer.

Felizmente, não demorou muito para Kadence correr em direção a caminhonete. Talia havia trançado o cabelo castanho de Kaddie esta manhã, mas depois de um dia de escola e recreio, alguns fios se soltaram em torno de suas têmporas.

Ela estava sorrindo quando chegou a caminhonete, olhando por cima do ombro para gritar: — Tchau!

Deveria ter feito meu coração disparar. Exceto que o vazio no rosto de Talia era excruciante.

— Sinto muito, — eu sussurrei, enquanto Kaddie jogava sua mochila na caminhonete, caindo em seu assento. Então me concentrei na minha filha. — Oi, pequeno inseto.

— Oi Papai. Olá, Talia. Adivinha? — Kadence passou o caminho de volta para casa nos contando sobre uma palestra que tiveram hoje, onde um cara chamado Radical Roy veio à escola para demonstrar diferentes experimentos científicos.

Quando chegamos em casa, Talia desapareceu em seu quarto com a desculpa de que tinha sua própria roupa para lavar.

Dei-lhe espaço, não querendo forçar uma discussão com Kadence para ouvir. O jantar foi tenso na melhor das hipóteses. Até Kaddie notou que Talia estava quieta, dando respostas gentis, mas curtas, sempre que minha filha fazia uma pergunta.

Talia não encontrou meu olhar nem uma vez. Quando finalmente chegou a hora de dormir, não fiquei surpreso ao

sair do quarto de Kaddie e descobrir que Talia havia ido mais uma vez para o andar de cima.

Verifiquei as fechaduras. Desliguei as luzes. Em seguida, subi as escadas.

A porta do quarto dela estava fechada.

— Talia. — Meus dedos bateram na porta. Nenhuma resposta. Girei a maçaneta e entrei de qualquer maneira.

Ela estava sentada na cama, os joelhos contra o peito. Havia um livro ao lado dela, mas ela estava olhando pela janela para a escuridão além. — Você falou de mim.

— Ela perguntou como estávamos. Eu fui honesto.

As mãos de Talia se fecharam. — Isso não é da conta dela.

— Você tem razão. Não é. Mas eu não fiz isso para te machucar. Para fofocar sobre você. Ela é apenas... minha amiga. Eu compartilhei minha vida com ela nos últimos sete anos. E é um hábito que terei que quebrar.

— O que mais você disse a ela?

— Nada. Juro. Foi uma conversa de dois minutos. Eu disse a ela que ficaríamos aqui enquanto o trabalho estava sendo feito na academia. Eu queria que ela soubesse que estávamos dormindo juntos caso Kadence mencionasse isso. Ela perguntou se estávamos sério. Eu disse sim. Ela sabe que sou apaixonado por você. Essa foi a extensão da conversa.

O olhar de Talia mudou na minha direção. — Isso é tudo?

— Isso é tudo. — Foi apenas azar do caralho que Vivienne tenha formulado sua pergunta dessa forma. Porque eu não tinha admitido que quando disse que *te amo*, Talia ainda tinha dito de volta.

— Eu não sei como me sentir sobre ela. — Os ombros de Talia caíram.

— É justo. — Fechei a porta atrás de mim e entrei no quarto, contornando a cama para sentar ao lado de seus pés.

— Eu não sou louca. Na verdade, não. — Ela suspirou. — Só estou confusa. Um pouco ferida. E ciumenta. Eu odeio que você possa saber quando ela está prestes a chorar, e que quando ela tem um problema, é a você que ela recorre. E eu sei que não deveria estar com ciúmes. Mas estou.

Deus, era bom ouvir. Não que eu quisesse que ela sofresse, mas o ciúme era algo. Um sentimento, bom ou ruim. Era algo.

Peguei sua mão na minha, tirando as pontas dos dedos de sua palma, então a pressionei contra meu peito. — Ela nunca teve meu coração.

— Ela teve sete anos.

— E vou te dar setenta. — Se isso significasse que eu teria que viver até 101, eu faria tudo ao meu alcance para dar a ela esse tempo.

— Eu vou superar isso, — ela murmurou.

Sim, ela iria. Eventualmente, ela perceberia que o que eu compartilhava com Vivienne não era nada comparado ao que tínhamos. Esta noite, eu a lembraria.

Então eu continuei de onde havíamos parado mais cedo.

E tirei essas leggings de seu corpo.

CAPÍTULO VINTE

Talia

Kadence correu pelo ginásio, para os braços abertos de Foster enquanto seu rabo de cavalo fluía atrás dela. Seu sorriso alegre era contagiante. — Você me viu?

— Eu vi você. Você foi incrível. — Ele beijou sua bochecha e a girou antes de colocá-la de pé para que pudesse se lançar em Vivienne.

— Você fez três cestas. — Vivi encheu o rosto da filha com beijos. — Estou tão orgulhosa de você.

Kaddie deu uma risadinha, e quando Vivienne a soltou, ela olhou para mim, seus lindos olhos castanhos dançando.

— Parabéns, fofinha. — Estendi a mão para um high five. — Você é uma superestrela.

O basquete da primeira série era de longe, o evento esportivo mais fofo que eu já tinha visto. As garotas correram de uma ponta a outra da quadra, todas amontoadas enquanto quem tivesse a bola tentava driblar. A maioria dos arremesso lançados em direção ao aro não chegava perto. Mas Kaddie acertou três bandejas.

O time com quem jogaram eram dos garotos da primeira série, e eu fiquei emocionada quando as garotas foram aclamadas como vitoriosas. Não havia muitos outros times para as crianças jogarem e no próximo fim de semana enfrentariam o outro time feminino da primeira série.

Na semana seguinte, jogariam com os alunos da segunda série. Então, em algumas semanas, levaríamos Kaddie para uma das cidades vizinhas para jogar com o time deles. Essa era a vida dos esportes de cidade pequena. Pais comprometidos com viagens de carro. E ao longo do caminho, eles se uniam.

Maggie correu até Kadence, as duas garotas rindo e sussurrando enquanto a mãe de Maggie acenava para todos nós. — Tchau. Vejo vocês no treino na próxima semana.

Foster ergueu o queixo enquanto Vivienne acenava de volta. E eu simplesmente sorri, sem saber ao certo como me encaixo nessa mistura.

— Oi, Talia. — Uma mulher com quem eu tinha ido para o ensino médio passou com seus três filhos a tiracolo. Um deles estava no time de Kaddie.

— Ei, Lindsey.

Não tínhamos sido boas amigas no ensino médio, mas quando sua turma de formandos consistia de cinquenta e três pessoas, você não conseguia ser muito exigente com amigos.

Três outras pessoas passaram, todas me cumprimentando enquanto se dirigiam para a saída.

Depois que o último passou, eu me virei para Foster, seus olhos me fitando.

— O que? — Eu perguntei.

Ele jogou o braço em volta dos meus ombros, me puxando para o seu lado para beijar minha têmpora. — Você conhece todo mundo.

— Nem todos. Mas quase todos.

Ele riu. — Obrigado por vir hoje.

— É claro. — Mesmo com Vivienne aqui, não havia como eu perder o primeiro jogo de Kaddie.

— Ok, o que vem a seguir? — Vivienne perguntou, sua mão apertada com a da filha.

— Sorvete. — Kaddie pulou para cima e para baixo. — Podemos pegar um pouco? Por favor?

— Uhn... — Foster me soltou, agachando-se para falar com ela ao nível dos olhos. — Vou ter que passar o sorvete. Sem açúcar para o papai agora.

O que? Sem açúcar? Isso era novidade pra mim. Ele comeu um dos biscoitos de chocolate da mamãe na noite passada, quando ela deixou uma dúzia.

Mamãe não foi tão sutil sobre sua visita improvisada. Ela queria conhecer Foster, mas ela tinha sido doce. E ele a lisonjeou desde o momento em que ela entrou pela porta, insistindo em acompanhá-la até seu Cadillac porque a calçada estava com neve.

Talvez tenha sido por isso que ele comeu um biscoito, para a aprovação da minha mãe. Ou talvez essa dieta dele

fosse apenas uma desculpa para manter as interações entre Vivienne e eu no mínimo.

Sentar com ela no treino no início da semana e durante o jogo de hoje não foi horrível. Mas oh, tinha sido estranho. Tão, tão estranho.

Vivienne e eu passamos incontáveis horas conversando quando morávamos juntas, mas agora, eu apenas... Eu não sabia o que dizer. Então eu optei por nada. Ela seguiu minha liderança.

E Foster estava no meio, tentando se envolver com nós duas, mas não mais com uma do que com a outra.

Tão estranho.

— Nós podemos tomar sorvete, — Vivienne disse a Kadence. — Então, vamos ao hotel e sair para um jantar especial.

— Você realmente tem que ir amanhã, mamãe?

Vivienne suspirou. — Infelizmente. Mas logo estarei de volta.

O sorriso no rosto de Kaddie diminuiu.

Se Vivienne sentia falta da filha, o sentimento era mútuo. Desde que Vivienne chegou cinco dias atrás, as duas eram quase inseparáveis. Foster passou algum tempo no The Eloise visitando-as. Eu tive que trabalhar até tarde na outra noite e as levou para jantar.

— Ok, então vamos indo. — Vivienne se aproximou de Foster, ficando na ponta dos pés para beijar sua bochecha.

Eu endureci.

Era tão automático, tão natural, como se ela tivesse feito isso uma centena de vezes. Porque ela tinha. Aquela chama de inveja se enfureceu, mas eu me recusei a alimentá-la. Um beijo na bochecha não era nada, certo? Apenas um beijo amigável.

O olhar de Vivienne disparou para o meu e seus olhos se arregalaram. Aparentemente, ela leu o ciúme no meu rosto. — Desculpe. Eu, hum... hábito. Isso não é mais apropriado.

— Está tudo bem, — eu menti.

A mão de Foster encontrou a minha, apertando com força. Garantia de que passaríamos por isso. Nós descobriríamos como coexistir, por Kadence.

Ele deu outro abraço e beijo na filha. — Vejo você pela manhã? Divirta-se com a mamãe.

— Tchau, papai. Tchau, Talia.

— Tchau, senhorita Madden.

Ela me deu seu sorriso cheio de dentes como sempre fazia quando eu a chamava de *senhorita Madden*.

— Bom te ver. — Vivienne me lançou um olhar tão cheio de súplica, de desculpas, que só piorou o constrangimento.

Se ela continuasse implorando silenciosamente por perdão, e se eu continuasse levantando minha mão, seria sempre desconfortável. Alguém – eu – tinha que ceder.

— Tenha uma boa viagem. — Eu estaria no trabalho quando ela saísse amanhã.

Elas saíram primeiro, deixando Foster e eu com os retardatários no ginásio. Em breve chegaria a hora do jogo do ensino médio. Meus pais estavam vindo para a cidade para assistir, embora não tivessem crianças jogando. Mas esta é Quincy.

Adorávamos nossos filhos.

— Você está bem? — perguntou Foster.

— Eu não quero que seja estranho.

— Não vai durar. Dê-lhe tempo.

Tempo. — Sim, — eu murmurei.

— Vamos. — Ele pegou minha mão e me levou para fora do ginásio.

— Onde estamos indo?

— Eu estou com fome.

— Você está com fome. Mas você disse não ao sorvete?

Ele se inclinou para falar no meu ouvido. — Essa não é a sobremesa que estou procurando hoje, amor.

Um arrepio percorreu minha coluna quando ele acelerou seus passos.

Talvez houvesse alguns benefícios por Vivienne monopolizar Kadence esta semana. Sem ter que ficar confinado ao quarto, Foster foi criativo. O brilho em seus olhos fez meu pulso acelerar.

As longas horas que ele vinha treinando ultimamente haviam transformado seu corpo já esculpido em uma obra de arte. Aqueles braços. O V em torno de seus quadris. O abdômen trabalhado o e aquela bunda tão firme que eu poderia afundar meus dentes nela.

Eu também estava com fome.

— Dirija rápido.

HORAS DEPOIS, quando Foster e eu finalmente nos separamos para tomar banho, minha fome por ele se transformou em fome real. E em vez de cozinhar, fomos ao centro para comer no Knuckles.

Knox não estava trabalhando esta noite. Ele estava em casa com Memphis e Drake. Não demoraria muito até que tivessem outra adição à família e Knox já estava tentando reduzir suas horas no restaurante para ajudar em casa.

Sua ausência era parte do motivo pelo qual sugeri o Knuckles para o jantar. O resto da minha família provavelmente estava no jogo de basquete. A visita da mamãe ontem à noite tinha corrido bem, mas eu estava levando as apresentações devagar.

Todos conheciam nossa história, graças à boca grande de Lyla. Papai tinha preenchido algumas lacunas também. Enquanto eles, provavelmente estavam falando sobre nós, eu estava mantendo Foster para mim por um pouco mais de tempo.

Curtindo nossa bolha.

— Então me conte sobre essa luta, — eu perguntei enquanto ele me servia uma taça de vinho.

— É uma defesa de título.

— Esse Scott Savage está desafiando seu título de campeão ?

— Sim. Tem sido todas as minhas lutas ultimamente. Cerca de uma luta , talvez duas, por ano. Mas quando isso acabar, terei tempo para decidir se quero me aposentar ou continuar. Se eu decidir continuar, precisarei lutar dentro de dezoito meses para que eles não escolham um lutador de título interino.

— O que seria isso?

— Basicamente um espaço reservado. Eles fazem isso para lutadores que se machucam. Dar a eles um certo tempo para voltar ao octógono. Mas se passarem dezoito meses, então sobe para vinte e quatro. Se eu não lutar dentro desse período de dois anos, meu título de campeão dos pesos médios será retirado. —

— Oh. — retirado parecia uma palavra tão dura. — Você quer continuar lutando?

— Honestamente? — Ele estendeu a mão sobre a mesa, pegando minha mão e entrelaçando nossos dedos como da última vez que comemos aqui. — Não sei.

— Você ainda ama isso, não é?

— Sim. — Ele assentiu. — Mas os eventos são de muita elaborado hoje em dia. Você vai ver. É irreal. A imprensa é implacável. Você tem caras como Savage que apenas falam e essa merda me irrita pra caralho. Tanto que nem faço muita imprensa hoje em dia. Tenho sorte nesse sentido. A mídia ainda gosta de mim.

— E se eles não o fizerem?

— É um espetáculo. No final das contas, o que mais importa para os responsáveis é a venda de lutas em canal pago. Para caras como Savage, a mídia compra seu ego e conversa fiada. Para mim, construí uma reputação como alguém quieto.

— Polos opostos, — eu disse.

— Exatamente. Tenho sorte porque funciona. A mídia adora especular sobre mim e o que não estou dizendo. Há muitos rumores circulando agora sobre porque estou em Montana. Ignoro a maior parte, mas aquele telefonema que recebi mais cedo enquanto você pulava no chuveiro? Era meu empresário. Ele me dá um resumo regular do que está

acontecendo, mas na maioria das vezes me deixa em paz, a menos que saia do controle.

— Está fora de controle?

— Não. Não é nada. Há apenas mais especulação do que o normal, porque esta é a última luta do meu contrato atual.

— Ah. — Tomei um gole de vinho. — Quais são os rumores?

— Que estou machucado. Que estou isolado para tentar algumas novas técnicas de luta em grande altitude. Estou em reabilitação por estresse emocional.

Eu rio. — Sério?

Ele encolheu os ombros. — Do divórcio.

— Oh. — Para o mundo, Foster e Vivienne tinham sido um casal de verdade. Era outra camada dessa bagunça complicada. As pessoas nos compariam nas mídias sociais? Se Foster se aposentasse, eles culpariam a mim, a nova mulher em sua vida?

— Eu ignoro, Tally. Você deveria também.

Eu não tenho ido muito nas redes sociais ultimamente. Além de olhar para o Instagram de Foster, eu não tinha explorado muito. Talvez eu deva. Ou talvez fosse melhor seguir seu conselho. O que quer que eu encontrasse provavelmente me deixaria louca.

— Você quer se aposentar? — Eu perguntei.

— Talvez. — Seu olhar se desviou para a mesa enquanto olhava sem piscar para a borda de seu copo d'água. Ele parou de beber vinho esta semana. — Eu preciso de um motivo para lutar. Sempre foi assim.

— Não apenas por uma questão de ganhar?

— Não é o suficiente. Não para mim. No começo, lutei para provar a mim mesmo. Para Arlo principalmente. Para os meus pais. E então, depois que tudo desmoronou, eu lutei porque manteria Vivienne e Kadence a salvo. Dar-lhes uma vida. Agora que Arlo e suas algemas se foram, parece... diferente.

A expressão de dor em seu rosto foi como um soco nas costelas.

Perda. Arrependimento. Um atleta olhando no retrovisor para sua carreira e percebendo que está chegando ao fim.

— Sinto muito, — eu sussurrei.

Ele me deu um sorriso triste. — Não sinta. No momento, você é minha motivação.

— É por isso que você quer que eu vá.

— Eu preciso de você lá. Eu preciso ver seu sorriso quando acabar, ganhando ou perdendo. Mas principalmente, se este é o fim, a última luta, então quero vencer por você.

— Você vai ganhar.

— Mesmo se eu não fizer isso, venci a luta que importa.

— Sua luta pelo título?

Ele balançou sua cabeça. — Você. Você é a maior luta da minha vida.

Ah, como eu o amava.

Eu estava infinitamente apaixonada por Foster Madden.

Então, por que eu não posso dizer isso?

Como não conseguia formar as palavras, apenas segurei sua mão com mais força. — Você ganhou. Você sabe disso, certo? Você ganhou.

O corpo inteiro de Foster cedeu, como se ele estivesse esperando para ouvir essas palavras.

Não poderia me afastar de jeito nenhum , não agora. Não há nenhuma maneira de deixá-lo ir.

Ele levantou minha mão, puxando-a mais para o outro lado da mesa, forçando-me a me esticar enquanto ele levava meus dedos aos lábios. Foi isso, apenas um beijo.

Mas eu vi o amor em seus olhos.

Eu esperava que ele pudesse ver isso nos meus.

A garçonete chegou com nossa comida, colocando-a na nossa frente. Salmão e arroz para Foster. Massa carbonara para mim.

— Sobre Vivienne, — eu disse, precisando falar sobre o que aconteceu mais cedo. — Eu não estou tentando tornar isso difícil para ela.

— Eu sei. Ela também.

— Quando ela vai se mudar para cá?

— O plano original era este verão. Depois do casamento. Ela quer vender o Angel's e a casa. Mas essas viagens de ida e volta estão ficando cansativas. Ela não mencionou isso, mas acho que vai antecipar o prazo. Dito isso, ela vai se deparar com o mesmo problema que tenho com o mercado imobiliário.

— Então acho melhor você parar de procurar casas. Guarde os bons lares para ela.

Seu garfo caiu de suas mãos, batendo no prato. — O que você está dizendo?

O que eu queria dizer no início desta semana, mas hesitei. Por que não pedi para eles se mudarem quando conversamos sobre isso nas tarefas de Kadence? Por que posso fazer isso agora?

Talvez a visita de Vivienne, talvez esse ciúme, tenha me estimulado. Agora eu posso dizer que compartilhei o endereço dele também.

— Eu não quero que você vá embora, — eu disse. — Eu gosto de voltar para casa para você à noite. Eu gosto de acordar com você na minha cama.

— Você me diz isso agora? Em público? Quando eu não posso mostrar a você o que isso significa para mim?

Minhas bochechas coraram. — Você já comeu sua sobremesa.

— Haverá uma segunda. — Sua voz baixou para um estrondo grave. — Você tem certeza disso? Morarmos juntos?

Sim. Não. Isso tudo estava acontecendo tão rápido, mas ao mesmo tempo, parecia natural. Como se sempre tivesse sido planejado para acontecer.

Meus pais provavelmente teriam algumas palavras de cautela, especialmente papai. Meus irmãos ficaram em cima e minhas irmãs invadiriam os limites pessoais.

— Bem, Olá. — Eloise escolheu aquele momento para se sentar na cabine ao meu lado.

— Um oi. O que você está fazendo aqui? Achei que você tivesse a noite de folga.

— Ela está comigo. — Lyla ocupou o espaço vazio ao lado de Foster, me dando um olhar vazio.

Eu repetir o olhar e tomei um gole.

— Vocês duas precisam parar de brigar. — Eloise revirou os olhos.

— Nós não estamos brigando, — Lyla e eu dissemos em uníssono.

Sim, estávamos brigando.

— Achei que vocês estariam no jogo de basquete do ensino médio, — eu disse.

— Foi uma explosão, — disse Eloise. — Estávamos ganhando trinta pontos no intervalo, então decidimos vir para

uma garrafa de vinho e um pouco de comida.

Foster se moveu na cabine, abrindo mais espaço para Lyla. — Juntem-se a nós.

— Estamos em um encontro, — argumentei.

Ele me ignorou. — Querem um pouco de vinho? Eu não estou bebendo e Talia não vai terminar esta garrafa sozinha.

Eu apertei meus lábios em uma linha reta , mas discutir era inútil. Então me aproximei em direção à parede para abrir espaço.

— Nós não temos que ficar, — disse Eloise. — Nos veremos amanhã.

— O que tem amanhã? — perguntou Foster.

Lyla e Eloise trocaram um olhar antes de se levantarem.

Meu estômago revirou. Aquele era o olhar de uma invasão. — Amanhã não, — eu soltei. — Kadence esteve com sua mãe a semana toda e eu não quero um monte de gente em sua primeira noite de volta. — Era uma desculpa frágil, mas eu rezei para que funcionasse.

— Ah, bom ponto. — Eloise franziu o cenho. *Ufa*. — Então no próximo fim de semana.

— Não... — Antes que eu pudesse terminar minha objeção, ela e Lyla caminharam em direção à mesa vazia que a garçonete havia colocado para elas do outro lado da sala. Droga.

— O que foi isso? — perguntou Foster.

Peguei a garrafa de vinho para reabastecer minha taça , porque eu definitivamente estaria bebendo. — A bolha.

— Que bolha?

— Nossa bolha. Está prestes a estourar. —

CAPÍTULO VINTE E UM

Foster

— Eu gostaria que Matty estivesse aqui, — disse Talia pela segunda vez desde que saímos de casa. — Ele é sempre bom em quebrar momentos tensos.

— Pare de se preocupar. — Tirei a mão dela do colo e a trouxe para o meu coração. — Isto vai ser divertido. Certo, Kaddie?

— Certo, — minha filha respondeu do banco de trás.

Talia fechou os olhos e respirou, como se estivesse fazendo uma oração silenciosa. — Você nunca me disse exatamente o que meu pai falou a você naquele dia em que foi à academia.

— Não importa. Ele foi mais gentil comigo do que eu merecia.

— O que você quer dizer, papai?

— Nada. — Olhei por cima do ombro para Kadence, dando-lhe uma piscadela antes de me concentrar na estrada.

Depois que Lyla e Eloise pararam em nossa mesa na semana passada, Talia ligou para seus pais para discutir o que os Edens haviam planejado pelas nossas costas. E em vez de permitir a invasão, como Talia a chamava, ela os convenceu a oferecer o jantar no rancho. Havia mais espaço para todos do que na casa dela — nossa casa.

Ela brincou que, no rancho, poderíamos escapar se as coisas corressem mal. Mas o jantar seria bom. Não importa o quanto a família dela me desse, eu suportaria cada palavra. Eles provavelmente não gritariam ou me jogariam na neve.

Sim, pode haver alguns momentos desconfortáveis, mas lidarem os com isso.

Talvez depois de um jantar em família, ela parasse de se conter. Mesmo depois que ela pediu para me mudar para a casa, ainda havia essa dúvida.

Talia, segurando-se, por pouco , mas o suficiente para torná-lo perceptível.

Eu, me perguntando se esse era o nosso novo normal.

Eu não odiei mas também não amei.

— Vire à esquerda aqui , — Talia disse, apontando para uma saída da rodovia.

Eu soltei o pé do acelerador, tomando cuidando com os freios. Nevou levemente durante todo o dia, mas a temperatura pairou um pouco acima de zero, então os flocos derreteram nas estradas. O sol descia no horizonte e a água na estrada começava a congelar. Dirigir para casa depois de escurecer será lento, e eu suspeitava que as estradas na cidade eram uma pista de gelo.

Talia sugeriu que saíssemos cedo o suficiente para ver o pôr do sol no rancho.

— Isto é... uau, — eu disse, absorvendo-o.

O sol lançava raios alaranjados e dourados sobre os prados cobertos de neve. Delimitava as pontas das árvores no sopé. Destacava as montanhas, seus picos irregulares cobertos de branco. Aquelas montanhas tinham um jeito de fazer um homem se sentir livre, mas insignificante, ao mesmo tempo.

— Lindo, não é?

— Lindo.

Talia havia descrito o rancho para mim e me mostrado fotos. Mas palavras e fotos não fizeram justiça. Faltava a natureza crua da paisagem e de sua beleza acidentada.

— Isso tudo faz parte do rancho? — Eu perguntei enquanto passávamos por baixo de um arco.

— Sim. Ela se estende ao longo das montanhas por quilômetros. Há um caminho que vai de uma ponta à outra. Este verão, eu vou levá-lo ao redor. Podíamos até andar a cavalo.

— Cavalgar? — perguntou Kadence. — Posso ir também?

— É claro. — Talia se virou para lhe dar um sorriso. — Eu vou ensinar vocês dois a montar.

— Talvez eu possa até ter meu próprio cavalo algum dia, — disse Kaddie.

— Talvez. — Se um cavalo ou pônei mantivesse seu sorriso no lugar, se fosse algo que Talia e ela pudessem relacionar, eu compraria cem.

No final da pista, uma grande casa apareceu. Atrás dela havia estábulos e um celeiro. Uma fila de veículos estava estacionada do lado de fora da casa.

Os joelhos de Talia saltaram quando parei em um espaço ao lado de outra caminhonete.

— Ei. — Eu coloquei minha mão em seu joelho, meu polegar acariciando sua calça jeans. — Esta é a sua família. Eles vão apoiá-la.

Ela assentiu e encontrou meu olhar. — Eu sei. Eu queria que...

Queria que eles fossem legais comigo.

Algo que ela não falaria com Kadence ouvindo.

— Está tudo bem. — Eu coloquei meu dedo sob seu queixo, puxando-a pelo console para um beijo antes de soltar o cinto de segurança. Então eu pulei para fora e caminhei para o lado da caminhonete, abrindo as duas portas. — Kaddie, você quer levar as bebidas?

— Claro. — Ela enrolou a sacola cheia de bebidas, caixas de suco e águas com gás em seu braço enquanto eu pegava a garrafa de vinho e o buquê de flores para Anne.

A mãe de Talia tinha sido um amor quando apareceu em casa na semana passada, com biscoitos. Eu estava em uma dieta rigorosa. Sem alimentos processados, sem açúcar refinado para essa luta. Eu não arriscaria ganhar peso.

Mas quando ela me ofereceu um biscoito de chocolate, eu comi dois, não só porque estavam deliciosos, mas também porque eu queria ganhar qualquer ponto que pudesse. Talvez Anne pudesse ajudar a convencer Harrison de que eu não era uma péssima escolha para sua filha. E hoje à noite, não importa o que estávamos tendo para o jantar, eu limparia meu prato. Eu já tinha avisado Jasper que ele teria que me forçar ao máximo amanhã no treinamento.

Talia liderou o caminho pelas escadas da varanda até a porta da frente. Segurei a mão de Kaddie, certificando-me de que ela não escorregasse. Antes que pudéssemos bater, a porta se abriu e um homem alto e musculoso preencheu a soleira.

Ele parecia uma versão mais jovem de Harrison, com os olhos azuis de Talia e o mesmo cabelo escuro. Griffin. Seu irmão mais velho.

— Oi. — Ele beijou a bochecha de Talia, acenando para nós na entrada. — Você vai querer ficar aqui por um minuto.

— O que? — perguntou Talia. — Por que?

— Confie em mim.

Vozes vinham das profundezas da casa, nem todas alegres.

— Foster, conheça meu irmão Griffin, — Talia disse. — Griff, este é Foster e sua filha, Kadence.

— Ei, Kadence. Prazer em conhecê-lo, Foster. Griff estendeu a mão, apertando a minha.

— Você também. — Esperei por um olhar ou que ele me avaliasse.

Tínhamos mais ou menos a mesma altura e constituição. Mas ele parecia o tipo de homem que não construiu aqueles músculos em uma academia como eu. Ele fez isso através do trabalho físico neste rancho, e eu respeitava muito isso.

O olhar de soslaio ou de advertência, não veio. Ou ele não sabia sobre mim ou eu tinha um aliado inesperado.

— O que está acontecendo lá dentro? — Talia apontou para o corredor enquanto abria o zíper do casaco, deixando-me ajudar a tirá-lo de seus ombros.

— Vamos ver. — Griffin estendeu os dedos, batendo em cada um enquanto balbuciava sua resposta. — Eloise convidou um cara com ela. Por que ela pensou que esta noite seria a noite para trazer um encontro, eu não tenho ideia. Mas o cara que ela trouxe conhece Winn.

— Como? — perguntou Talia.

— Porque Winn foi chamado ao supermercado dois dias atrás. O gerente geral pegou esse idiota enfiando um pepino no jeans.

Eu rio. — Você está brincando.

— Você pode prender alguém por— Não. — Talia levantou a mão. — Essa é a pergunta errada para fazer

primeiro. Por que Eloise está saindo com um cara que enfiaria um pepino no jeans?

— Nenhuma idéia. Aparentemente, eles se conheceram no Willie's alguns fins de semana atrás e foram a alguns encontros. Griffin suspirou quando a discussão no corredor ficou mais alta. — Tenho certeza que ela está terminando com ele.

— Isso é nojento! — uma mulher gritou. — Por que você faria isso? Desafia as regras comuns de higiene básica. E não é assim que você trata os produtos!

Kadence olhou para mim com os olhos arregalados.

Apertei a mão dela duas vezes, um ok silencioso.

Griffin balançou a cabeça. — Eloise não poderia ter pior gosto para homens.

O que significava que eu não estava no final da lista. Pontuação. Eloise acabara de se tornar minha favorita dos irmãos de Talia.

Passos avançaram em nosso caminho. Um cara esguio de gorro manteve os olhos voltados para a porta enquanto corria para fora. Trinta segundos depois, um motor acelerou e os faróis piscaram quando ele desapareceu.

— Homem pepino? — Talia deu uma risadinha.

Griffin assentiu. — Sim.

Eu esperava que o barulho diminuísse agora que Eloise não estava gritando, mas a comoção continuou. A voz que se

elevou acima das outras soava como a de Anne, mas eu não tinha certeza, já que a conheci apenas uma vez.

— O que há de errado com a mamãe? — perguntou Talia.

— Ela pensou que seria divertido FaceTime com Mateo para que ele pudesse '*se juntar ao jantar em família*'. — Griffin riu. — Ele está em um bar, bêbado no momento. O que Knox e eu achamos hilário. Mamãe? Não muito. Ela brigou comigo quando eu disse a Mateo para outra chance. E então ela começou uma palestra que ele não vai se lembrar ao nascer do sol.

Talia esticou o pescoço, captando outras vozes. — E por que Lyla está chateada? Além de comigo?

— Lyla está chateada com você? — Griffin perguntou.

Talia contaria a seu irmão por que ela estava brigando com sua gêmea? Porque ela não havia me contado.

— Não é nada. — Talia sacudiu o pulso.

Acho que eu não era o único no escuro.

— Oh. Bem, Lyla está brigando com Knox. Griffin soltou um longo suspiro. — Já que mamãe está falando com Mateo, ela pediu a Knox para temperar os bifes. Lyla está de mau humor porque insistiu em fazer isso sozinha. Mas de acordo com Knox, ela estava fazendo errado e... Não sei. Eu só quero comer um bife esta noite. Com ou sem tempero.

Eu também. Bife era aprovado na dieta.

Sob as vozes adultas havia o choro de um bebê.

— E Hudson não se sente bem, — disse Griffin. — Ele não quer que eu o segure. Ele só quer Winn.

— O que há de errado com Hudson? — Antes que Griff pudesse responder a pergunta de Talia, ela correu pelo corredor, provavelmente para examinar seu sobrinho.

Griff deu uma risada seca. — Bem-vindo à loucura.

— É sempre assim?

— Eu realmente quero mentir e dizer não. — Ele pegou a garrafa de vinho da minha mão e a sacola da mão de Kadence. — Entrem.

Eu rio, ajudando Kadence a tirar o casaco antes de tirar o meu e seguir Griffin para dentro da casa, onde encontramos a família Eden reunida na cozinha.

A discussão, a conversa, parou.

Todos os olhos se voltaram para mim.

Ok, então talvez seja um pouco estressante. Segurei a mão de Kadence com mais força.

Harrison se levantou do banco onde estava sentado e caminhou na minha direção, seu rosto duro como granito.

— Pai, — Talia avisou, segurando um garotinho de cabelo escuro. Hudson, com base no resumo dos membros da família que ela me deu a semana toda. E a mulher ao seu lado tinha que ser Winn, esposa de Griffin e chefe de polícia de Quincy.

Harrison parou diante de mim, me dando o olhar da cabeça aos pés que eu esperava de Griffin. Mas quando seus olhos caíram sobre Kaddie agarrada à minha perna, sua expressão suavizou. Ele se inclinou, dando-lhe um sorriso caloroso. — Oi, Kadence. Eu sou papai Harrison.

— Oi, — ela murmurou.

Harrison ficou de pé, fixou os olhos nos meus e, depois de três batimentos cardíacos acelerados, estendeu a mão. — Que bom que você pôde se juntar a nós esta noite.

— Obrigado por ter nos convidado. — Eu devolvi seu aperto de mão.

Talia se aproximou com Hudson em seu quadril. Ela veio direto para o meu lado e, como Kadence, se inclinou para perto até que eu coloquei um braço em volta de seus ombros.

Eu beijei o cabelo dela, então sorri para Hudson, que estava com o polegar na boca. Seus olhos estavam cheios de lágrimas quando deixou cair a bochecha no ombro de Talia.

Nenhuma surpresa que o garoto a amava.

— Foster, espero que você goste de temperos chatos em seu bife, — disse Lyla do outro lado da cozinha antes de um gole do copo em sua mão.

— Não é chato, Lyla, — Knox repreendeu, beliscando sal entre os dedos sobre a tábua de corte repleta de costela. — Simples.

— Vocês perderam meu encontro. — Eloise afundou no banco que Harrison havia desocupado. — Ele foi um verdadeiro vencedor. Existe algo como um fetiche de pepino?

— Papai? — Kadence puxou meu jeans. — O que é um fetiche?

Harrison tossiu em seu punho para esconder uma risada.

Eu puxei meus lábios para fazer o mesmo. Quando encontrei o olhar de Harrison, havia algo em seus olhos azuis. Aceitação, talvez? Eu esperava que sim.

— Matteo. — Anne gritou ao telefone. — Matteo.

Nenhuma resposta além dos sons de um bar — copos tilintando, um murmúrio surdo envolto pela música de uma jukebox.

— Ele está dormindo. Sobre. Um bar. — Ela bufou e encerrou a ligação.

— Oh mãe. — Griffin riu e a puxou para seu lado. — Não é tão ruim. Todos nós já fizemos isso antes. Inferno, no meu vigésimo primeiro aniversário, eu desmaiei em um bar. Meus amigos colocaram pipoca nos meus ouvidos.

— Você não está ajudando. — Ela golpeou seu peito, mas o abraçou antes de se aproximar para se apresentar a Kadence. — Oi, Kadence. Eu sou Anne. E você é simplesmente linda. Acho que você ganhou.

— Ganhei o quê? — Kaddie perguntou.

— Você é a garota mais bonita aqui esta noite. O que significa que você ganha o maior pedaço de bolo de chocolate para a sobremesa.

Os olhos de Kaddie se arregalaram quando um sorriso megawatt iluminou seu rosto.

— As outras crianças estão na sala, brincando. Temos brinquedos e livros para colorir. Quer verificá-los? — Anne perguntou a ela, estendendo a mão.

— Claro. — Com isso, Kadence foi arrastada para fora da cozinha.

— Anne foi comprar brinquedos de 'crianças grandes' esta semana, — disse Harrison. — Nós podemos mandá-los para casa com vocês esta noite ou podemos deixá-los aqui para Kadence brincar quando ela visitar.

Minha garganta apertou. Sim, estaríamos bem. chegaríamos lá. — Podemos deixá-los aqui. Isso seria bom.

— Cerveja? — ele perguntou.

— Foster não está bebendo antes de sua luta, — disse Talia. — Trouxemos algumas águas com gás para nós e caixas de suco para as crianças.

— Eu vou pegar um para você. — Harrison beijou sua bochecha, então sussurrou algo em seu ouvido que a fez sorrir.

O resto da noite foi tão barulhento quanto o começo. Só que em vez de gritar, houve risos. Preenchia todos os cantos

da casa.

Nunca na minha vida eu tinha feito parte de algo assim. Uma família animada com histórias sem fim. Com piadas internas que se estenderiam por quilômetros se escritas em papel.

Como eu, Kaddie assistia com admiração enquanto a noite avançava. Eu não tinha percebido até aquele momento, mas nossa vida estava tranquila. Muito quieta. Talvez isso tenha sido obra minha, de Vivienne também, como dois pais que cresceram como filhos únicos.

Eu não queria silêncio para Kaddie. Ela precisava de primos. E irmãos. Irmãos e irmãs que a provocariam impiedosamente como faziam com Talia. Que iriam irritá-la e fazê-la rir até que agarras se.

Sim, Kadence precisava de irmãos.

Dado como Talita admirava seus sobrinhos e sobrinhas, talvez chegássemos lá mais cedo ou mais tarde. A aposentadoria estava começando a parecer uma boa ideia.

Após a refeição, ninguém se apressou para encerrar a conversa. Sentamos à mesa de jantar dos Edens, cercados por pratos vazios. Kadence tinha cobertura de chocolate no queixo do bolo de Anne. Eu estava limpando com meu guardanapo quando um telefone tocou.

— Desculpe. — Winn o tirou do bolso, então se levantou, pressionando-o contra a orelha. — Chefe Éden.

Griffin a viu correr pelo corredor com preocupação em seu olhar. — Provavelmente é da estação.

— Se ela for chamada, você quer ficar aqui? — perguntou Anne.

— Não, eu vou levar as crianças para casa. Dar banho e colocá-los na cama.

— Eu vou com você e ajudo, — disse Eloise. — Não é mais como se eu tivesse um encontro.

O silêncio desceu sobre a sala, um contraste tão gritante com a energia ruidosa de momentos atrás, enquanto esperávamos que Winn voltasse. Quando ela o fez, seu rosto estava definido em uma máscara séria. Um policial indo trabalhar.

— Eu preciso ir, — ela disse a Griffin, caminhando até o encosto de sua cadeira para beijar Emma em seu colo. — Eu vou me demorar.

— Fique segura, — disse ele.

— Eu vou. — Ela o beijou também, então foi para a cadeira de Harrison, onde Hudson estava dormindo no ombro de seu avô. Winn beijou seu filho, então seus olhos dispararam para Talia.

Alguma conversa silenciosa aconteceu, mas no final, Talia também se levantou. — É melhor irmos embora.

— O que... — Antes que eu pudesse terminar minha frase, o telefone dela tocou, e eu sabia sem perguntar que era

o hospital. Ela não estava de plantão. Mas em uma cidade desse tamanho, isso provavelmente não importava.

Algo tinha acontecido esta noite e não era uma boa notícia.

Winn correu para fora da casa primeiro, suas lanternas traseiras longe no momento em que colocamos Kaddie na caminhonete. Após despedidas apressadas, seguimos nosso caminho, lentamente pela estrada gelada.

— O que o hospital disse? — Eu perguntei, mantendo minha voz baixa porque Kaddie estava ouvindo.

— Um acidente.

Assim que ela falou, viramos uma esquina e o flash de luzes vermelhas e azuis encheu o céu noturno à distância.

Meu aperto no volante aumentou quando nos aproximamos.

— Kadence, feche os olhos. — Talia se virou, certificando-se de que minha filha obedecesse. — Mantenha-os fechados até que eu diga para abri-los, ok?

Kaddie choramingou. — Eu estou assustada.

— Está tudo bem, pequeno inseto. — Era uma maldita mentira. Quando nos aproximamos da cena, nada sobre isso estava bem. Dois veículos capotados na vala. Cacos de metal e vidro espalhados por toda parte. — Onde estão as ambulâncias?

Talia apontou para a estrada, onde mais luzes piscavam. — Eles saíram apenas um minuto antes de me ligarem.

Nós passamos pela cena. — Você quer que eu pare?

— Não com Kadence aqui. Os paramédicos sabem o que estão fazendo. Será melhor eu estar no hospital quando as ambulâncias chegarem.

Uma caminhonete com a marca Eden na lateral – de Winn – estava estacionado no final de uma fila de viaturas policiais. Winn estava de joelhos ao lado da porta do lado do motorista de um SUV capotado. Três outros oficiais estavam amontoados ao lado dela.

Na neve, mesmo no escuro, eu podia ver o borrifo de sangue.

— Aperte-os com força, Kadence, — Talia disse.

Ela começou a chorar, mas quando arrisquei uma olhada no retrovisor, seus olhos estavam fechados enquanto seguíamos pela estrada.

O outro veículo era um caminhão. Deve ter rolado várias vezes porque o exterior foi destruído , a caçamba retorcida, a frente e os lados esmagados até parecer um pedaço de sucata. Havia pegadas na neve ao redor, mas nenhum oficial.

Porque não havia vida para salvar naquele caminhão.

O sangue estava por toda parte.

As pessoas não escapam de acidentes assim.

Estiquei um braço sobre o banco, colocando-o no ombro de Talia.

Como Winn, sua expressão era séria, seu queixo erguido. Ela marcharia para aquele hospital e enfrentaria o que quer que visse em seu caminho.

Que força ela tinha. Entrava no ringue, sabendo que meu oponente ia tentar me derrubar. Talia lutaria com a mesma intensidade, sabendo que algumas batalhas ela não poderia vencer.

Uma ambulância passou, luzes piscando e sirene soando. Menos de um quilômetro e meio depois, outra seguia E logo depois, um carro de bombeiros.

— Essa é a equipe de emergências, — sussurrou Talia.

Continuei segurando o volante e dirigi até a cidade, respirando um pouco mais aliviado quando chegamos a Quincy e saímos da rodovia. — Quer que eu deixe você lá ?

— Não, vamos para casa. Eu preciso me trocar. — Ela começou a tirar o casaco antes mesmo de estacionarmos. E uma vez que eu estava contra o meio-fio, ela correu para fora da caminhonete, correndo para dentro.

— Papai, Talia está bem? — Kadence perguntou enquanto eu desafivelava seu cinto de segurança. O lindo rosto da minha garota estava pálido.

— Sim, ela está bem. Mas pode haver algumas pessoas feridas esta noite, então ela vai ao hospital e as deixará

melhor. — Por favor, Deus, deixe quem estava naquele SUV viver. Tudo que eu podia imaginar era Kaddie em seu assento, presa sob o peso de um veículo. Então a abracei apertado enquanto a carregava para dentro.

Tínhamos acabado de tirar nossos casacos, quando Talia desceu as escadas vestida com seu uniforme azul. Seu cabelo estava preso em um rabo de cavalo. — Não sei quanto tempo vou demorar.

— Apenas vá. Estaremos aqui. —

Ela forçou um sorriso para Kadence, então desapareceu na garagem.

Partindo para os horrores que a esperavam no hospital.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Talia

Depois de fechar a cortina ao redor da cama do meu paciente, entrei no corredor e respirei pelo que parecia ser a primeira vez – de acordo com o relógio – doze horas.

Eram 7h17 da manhã, e fiquei de pé a noite toda. A adrenalina havia alimentado as longas horas, mas estava diminuindo rapidamente e uma crise estava chegando.

Breve. Mas ainda não.

Os corredores estavam quase sem barulho. Duas enfermeiras estavam sentadas atrás do balcão, conversando em um murmúrio abafado. Todo mundo estava sussurrando hoje. Uma nuvem sombria e cinzenta pairava no ar, sugando qualquer alegria ou felicidade.

Hoje não seria um dia feliz.

Dr. Anderson saiu da sala de terapia intensiva ao lado, parecendo tão exausto quanto eu. Ele me deu um sorriso triste e veio ficar ao meu lado.

Éramos apenas nós dois aqui agora, para cuidar de nossos pacientes por mais algumas horas antes de irmos para casa.

O Dr. Herrera e o Dr. Murphy saíram por volta das três da manhã para tomar banho e dormir um pouco. Eles voltariam em breve para nos substituir e cobrir os turnos normais.

— Como ela está? — ele perguntou, baixando a voz.

— Devastada. Em choque. Mas está estável. Ela gostaria de ver seus filhos.

— Compreensível. — Ele assentiu. — A filha está dormindo agora. Quando ela acordar, vamos falar sobre colocá-las no mesmo quarto. Mas não quero fazer isso a menos que tenhamos certeza de que ambas estão fora de perigo. A última coisa de que precisamos é que uma delas piore e tenha a outra lá para testemunhar isso.

— Ok. E o filho?

O Dr. Anderson fechou os olhos. Seu queixo estremeceu. Em meus anos aqui, eu nunca tinha visto esse homem chorar. Ele era tão estóico quanto meu pai, o pilar em que todos nós podíamos nos apoiar.

Eu coloquei minha mão em seu braço. — Ele está vivo. É isso que importa.

— Eu sei. — Ele suspirou. — Mas ontem foi a noite mais difícil da minha carreira.

— Eu sinto muito.

— Eu também. Acho que vou colocar um casaco e dar uma volta pelo prédio. Pegar um pouco de ar fresco.

— Boa ideia. — Esperei até que ele fosse embora, antes de caminhar em direção ao quarto do paciente onde ele tinha acabado de sair. O quarto onde um garotinho estava sedado e

dormindo. Passando pela cortina fechada, fiquei ao pé de sua cama e estudei seu rosto doce.

Ele parecia pacífico. Nós o deixaríamos manter essa paz enquanto pudéssemos. Porque ele acordaria para um pesadelo.

Ambas as pernas foram cortadas no acidente de carro na noite passada. E se isso não bastasse, seu pai estava morto.

A família de quatro pessoas estava voltando para casa depois de um dia na colina de esqui em Whitefish. Um caminhão que se aproximava, provavelmente indo rápido demais para as condições da estrada, atingiu um pedaço de gelo preto e causou uma colisão frontal.

Os dois veículos caíram na vala.

O pai desse garoto , assim como o motorista do caminhão, morreram no impacto.

Drs. Anderson, Murphy e Herrera se concentraram em tratar as crianças. A filha havia sido levada às pressas para uma cirurgia para reparar um ferimento no abdômen. Seu braço estava quebrado e ela teria algumas cicatrizes que durariam uma vida inteira.

Eles me deixaram com a mãe, que eu reanimei três vezes durante a noite. Uma costela quebrada havia perfurado seu pulmão. Seu pulso quebrado foi imobilizado, mas ela precisaria da cirurgia de um especialista para fixar os ossos corretamente. Todo o lado direito de seu corpo já estava ficando roxo, e estávamos monitorando-a de perto para

qualquer sangramento interno. Seus sinais vitais se estabilizaram por volta das duas da manhã, e ela estava acordada.

Mas esses ferimentos não eram nada comparados ao seu coração partido.

Ela havia perdido o marido, e quando eles finalmente deixassem o hospital, seu mundo inteiro seria diferente.

Um acidente sem sentido e horrível.

Tudo porque o outro motorista estava drogado com analgésicos e bêbado.

Winn havia parado por volta das quatro da manhã para verificar o status de todos. E para obter relatórios de toxicidade no sangue do laboratório. Eu estava com ela quando os leu. A cor havia sumido de seu rosto e seus olhos inundaram quando me deixou ver os detalhes.

Seus próprios pais morreram em um acidente de carro. Revivê-lo deve ter sido horrível.

Mas eu conhecia minha cunhada o suficiente para saber que ela seria tão estóica quanto o Dr. Anderson. Como papai. Ela não entraria em colapso até que estivesse em casa com Griffin.

Independente disso, liguei para meu irmão e disse-lhe que precisava levar as crianças para a mamãe e depois ir para a delegacia, porque sua esposa precisava dele.

O peso dessa tragédia caiu sobre meus ombros, ameaçando me deixar de joelhos. Médicos nas grandes cidades tinham casos assim semanalmente. Ou diariamente. Como eles suportam isso?

Na faculdade de medicina, passamos um tempo acompanhando médicos em Seattle. Alguns foram gentis e complacentes com as perguntas dos alunos. Alguns, arrogantes e irritados com a nossa presença. Mas havia um médico que eu lembrava com clareza vívida. Ele era frio. Tinha esse ar sobre ele, como se estivesse desapegado de toda emoção. *Um robô*.

Ele sempre foi tão mecânico? Ou tinha sido seu mecanismo de enfrentamento?

Minha garganta queimava e meu nariz ardia , mas como tinha feito nas últimas doze horas, eu empurrei para longe. Minhas lágrimas não trariam as pernas desse garotinho de volta. Ou seu pai.

O que esta família precisava de mim, era mantê-los vivos. Então, endireitei meus ombros e voltei ao trabalho, verificando todos os três pacientes. Saí da pequena unidade de terapia intensiva e corri para o outro lado do hospital, verificando os outros pacientes. Quando terminei minhas rondas, voltei para verificar as crianças e sua mãe. Todos estavam descansando.

As duas enfermeiras do turno, estavam com as cabeças abaixadas em uma conversa tranquila no posto de

enfermagem, então eu me aproximei. Quando perceberam que eu estava na frente delas, se separaram.

— Desculpe, Talia, — a mulher loira disse. — Nós estávamos falando sobre, uh, Rachel.

— Rachel. Por que?

As duas trocaram um olhar. Então a loira me acenou para sussurrar: — O outro motorista era filho de Rachel. —

Engoli em seco, minha mão voando para minha boca. — O que?

Ela assentiu. — Ele era meio que, hum... ele teve alguns problemas de dependência.

Problemas de dependência. Quão grave ? Claramente, grave o suficiente para que seu vício o levasse a beber e tomar muitas pílulas. Grave o suficiente para matar um pai de dois filhos.

Hoje, eu não tinha muita simpatia pelos problemas do filho de Rachel.

— Eu não fazia ideia, — eu disse.

Rachel não falou comigo. Ela não confiou em mim. Nós nunca fomos nada que se assemelhasse a amigas. Inferno, ela mal me tolerava como sua colega de trabalho. Não, na vida dela, eu era um incômodo. Era nos dois sentidos.

Exceto que meu coração estava com ela. — Pobre Rachel. Eu me pergunto se há algo que possamos fazer por ela.

As enfermeiras trocaram outro olhar.

— O que? — Eu perguntei. O que eu estava perdendo?

— É muito gentil da sua parte pensar nela, Talia, — disse a outra mulher. — Mas...

Mas Rachel me odiava.

Por anos eu estava tentando conquistá-la. E agora, vendo os olhares nos rostos dessas enfermeiras, percebi que era inútil.

— Se algo for organizado para ela, por favor, deixe-me saber como posso contribuir. Mesmo que seja apenas algum dinheiro por debaixo dos panos.

— Posso organizar alguma coisa, — disse a loira.

— Obrigada. — Eu me afastei, encontrando o Dr. Anderson no corredor.

Suas bochechas estavam coradas do frio lá fora e ele parecia ter reencontrado uma explosão de energia. Ou ele era bom em fingir. — Eu precisava disso. Por que você não faz uma pequena pausa? Você merece.

— Tem certeza? — Eu perguntei.

— Eu insisto.

Uma caminhada lá fora pode me dar um impulso também, então fui para o vestiário para vestir meu casaco. Na minha pressa de sair de casa ontem à noite, eu não tinha pegado comida e como não tinha comido desde o jantar, tirei

alguns dólares da minha bolsa para pegar uma banana e um café com leite na cafeteira.

Eu estava com meu lanche e uma xícara fumegante para viagem na mão – nada tão bom quanto os expressos de Lyla, mas serviria um pouco – enquanto caminhava pelo saguão em direção à saída. Exceto que uma cabeça com um coque louro-acinzentado familiar chamou minha atenção, e parei perto das portas de correr.

Rachel.

O que ela estava fazendo na sala de espera? Por que ela estava no hospital? Oh Deus. Alguém tinha dito a ela, certo? Alguém a havia informado da morte de seu filho. Ela não estava esperando por uma atualização, estava?

Meu estômago revirou , meus passos pesados, enquanto eu mudava de direção. Ela estava sentada em uma cadeira estofada com braços de madeira e uma série de revistas espalhadas na mesa ao seu lado.

— Rachel, — eu disse suavemente, tomando o assento em frente ao dela.

Ela desviou o olhar do chão e olhou para cima. Os destroços em seus olhos avermelhados responderam às minhas perguntas. Ela sabia. Seu coque estava desgrenhado com mechas soltas nas têmporas e ao redor das orelhas.

— Eu sinto muito, — eu disse. — Posso pegar alguma coisa para você? Posso ligar para alguém?

Ela inclinou a cabeça para o lado, piscando duas vezes como se não tivesse ideia de quem eu era. Então, qualquer névoa se dissipou porque a Rachel que eu conhecia se encaixou. O olhar que ela me enviou estava misturado com veneno. Isso fez as outras carrancas que me deu no passado parecerem gentis.

— Foda-se. — Seu lábio se curvou.

Eu fiquei tensa, mas fiquei em silêncio. Eu aceitaria os insultos, as maldições, se isso a ajudasse a superar a dor de perder seu filho.

— Ele trabalhava para vocês, — ela gritou. — Ele era um dos contratados.

No rancho. Ele deve ter trabalhado para o papai. Ou talvez Griffin. — Ok.

— Seu irmão hipócrita o demitiu porque ele foi trabalhar de ressaca.

— Oh. Eu estou... Eu sinto muito. — O que mais eu poderia dizer?

Ela zombou. — Foi depois da festa de aniversário dele. Ele tinha acabado de fazer vinte e um. Metade das pessoas que o deixaram bêbado eram seus outros funcionários. E ele é demitido por uma ressaca? Seus padrões duplos são repugnantes.

Seus. Ela continuou dizendo — seus, — como se eu tivesse algo a ver com as operações no rancho. Eu não

acompanhei a equipe que eles contrataram, muito menos tive alguma coisa a ver com demissões. Mas eu fiquei quieta, engolindo a vontade de esclarecer.

— Eles alegaram que ele ainda estava bêbado. Que ele estava indo para o trabalho com ressaca. Seu corpo inteiro começou a tremer. — Meu filho não era um bêbado. Foi um monte de mentiras. Provavelmente porque seu irmão não queria pagar o que ele valia.

Nada disso soava como Griffin. Ele pagava aos seus contratados salários competitivos, geralmente acima do valor do mercado local. A maioria dos funcionários do rancho estava lá há anos por causa dos benefícios oferecidos. Mas, além disso, Griffin e papai sempre trataram sua equipe com imenso respeito por seu trabalho duro.

Se o filho de Rachel foi demitido, provavelmente foi porque ele não estava fazendo esse trabalho.

Quando Griffin contratou seu filho? Desde que me mudei para casa, não conseguia me lembrar de ter ouvido que ele teve que demitir alguém. Ele nem sempre me mantinha informado, mas eu conhecia meu irmão. Griff odiava demitir seus homens. Isso o teria incomodado o suficiente para que ele ficasse visivelmente mal-humorado.

As chances eram de que o filho de Rachel tivesse sido demitido antes mesmo de eu me mudar para casa de Seattle. Antes de começar a trabalhar no hospital.

Eu não tive chance com ela, tive? Ela teria me odiado de qualquer maneira, simplesmente por causa do meu sobrenome.

— Você anda por aqui como se fosse algo especial. — Ela zombou. — Quando na verdade você é apenas uma princesinha mimada. Você sabia que o hospital teve que fazer alterações no orçamento para arcar com o seu salário? Minha irmã trabalhava nos Recursos Humanos. A posição dela foi eliminada quando você foi contratada. Assim como três outras vagas de emprego. Posições que teriam aliviado o fardo da minha equipe.

Minha boca se abriu. O que? — Eu não sabia disso.

Como eu poderia saber que eles tiveram que fazer cortes para me pagar? Não sou paga absurdamente. Além disso, era apenas temporário, certo? Porque o Dr. Anderson iria se aposentar e, até onde eu sabia, eles não o substituiriam. Foi por isso que eu estava aqui. Aprender. Treinar.

Ser médica pelos próximos trinta anos.

Foi por isso que o conselho tomou a decisão de trazer outro médico.

Exceto que a lógica por trás da decisão deles não importaria para Rachel. Ela estava muito ocupada me odiando.

— E pensar, — ela zombou. — Se tivéssemos trazido um médico decente, talvez meu filho estivesse vivo.

Eu me encolhi, o ar saindo dos meus pulmões como se ela tivesse me acertado no estômago. Ela não podia acreditar que a morte de seu filho era minha culpa.

Não, ela fez. Estava lá, em seu olhar, a acusação.

— Tivemos mais mortes neste hospital desde que você começou do que em anos. Porque tivemos que contratar um Éden. — Rachel se levantou, então ela se foi, me deixando na sala de espera sozinha, incapaz de respirar.

Parte de mim, no fundo do meu coração, sabia que eram palavras de raiva. Uma mãe que estava atacando, e eu tinha sido um alvo fácil. Mas a outra parte de mim, crua e vulnerável, cansada e triste, se perguntou se ela tinha razão.

Fui uma má médica? Depois da faculdade de medicina, eu não havia me inscrito em nenhum lugar além do Quincy Memorial para minha residência. Mas se eu tivesse ampliado minha busca, teria recebido outras ofertas? Ou eles teriam me considerado insuficiente ?

Meu café estava frio quando o Dr. Anderson me encontrou na sala de espera, presa naquela mesma cadeira desconfortável.

— Talia, aí está você. Bom. Eu não tinha certeza se você já tinha voltado do seu intervalo.

— D-desculpe. — Eu me forcei a ficar de pé. Meus joelhos pareciam fracos. Minha cabeça estava girando. — Você precisava de algo?

— Não. Só queria lhe dizer que o Dr. Herrera chegou aqui, então você está livre para ir para casa. Vejo você na segunda-feira.

— Oh. Claro. — Eu balancei a cabeça, mas não me mexi. O aperto no meu café estava instável, se não fosse pela tampa, teria derramado na minha mão.

— Ei. — Ele se aproximou, tocando meu cotovelo. — Você está bem?

— Apenas uma longa noite.

— Sim, foi. Descanse um pouco, Talia.

— Você também, — eu engasguei.

Ontem à noite, ele me disse que eu salvei a vida daquela mãe. Que seus filhos poderiam ficar com um de seus pais, porque eu estive lá para ajudá-la. Ele disse que era importante ter a ajuda do Dr. Murphy com o garoto e que alívio foi confiar em mim com a mãe.

Eu era uma boa médica. Ele não teria me deixado com aquela mulher se não confiasse em mim. Acredite em mim.

— Sou um boa médica, — sussurrei para mim mesma.

A tranquilidade não impediu que as lágrimas rolassem. Mas eu pisquei para afastá-las, segurando-as juntas enquanto pegava minha bolsa e as chaves do meu armário, então fiz o caminho para casa.

Estacionei na garagem e, no momento em que o jipe desligou, as lágrimas caíram como um maremoto. Elas

escorriam pelo meu rosto enquanto eu soluçava, meu peito tremendo incontrolavelmente.

Em um momento, eu estava segurando o volante, dando minha dor à escuridão. No próximo, a porta do Jeep estava aberta e um par de braços fortes envolveu meu corpo.

Foster me arrastou para dentro da casa, seus lábios contra meu cabelo enquanto ele murmurava, — Tally. —

Isso machuca. Deus, dói. Meu corpo inteiro estava se partindo em dois.

Ele me embalou contra seu peito, segurando firme.

Enquanto eu soluçava pelas vidas que não pude salvar.

E as vidas que eu tive.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Foster

— Respire, — murmurei contra o cabelo de Talia enquanto a segurava no meio da nossa cama. — Respire.

Ela continuou chorando, enrolada tão apertada no meu peito como se estivesse tentando se enterrar dentro do meu corpo. Ela chorou tanto com seu corpo em espasmos com cada soluço. A frente da minha camisa estava molhada de suas lágrimas. E meu coração... Porra. Meu coração mal podia aguentar isso.

Esta não poderia ser a primeira vez que ela teve uma noite difícil no hospital. Quem a segurou depois dessas noites? Quem esteve aqui para ela, quando deveria ter sido eu?

— Respire, amor. — Eu precisava que ela parasse de chorar. Eu precisava que ela respirasse. Meus braços a apertaram mais, desejando poder suportar essa dor e absorvê-la. — Ficará tudo bem.

Ela assentiu, seus punhos segurando minha camisa e torcendo-a. — E-eu n-não posso-

Respire. Ela não conseguia parar. — Dentro e fora.

— D-desculpe, — ela gaguejou.

— Está tudo bem. — Beijei seu cabelo, mantive meus braços fechados , até que os soluços se tornaram gemidos.

Seu peito tremia com soluços e a enxurrada de lágrimas diminuindo.

— Sinto muito, — disse ela, saindo do meu colo para se sentar sozinha, de pernas cruzadas no colchão.

— Melhor? — Coloquei uma mecha de cabelo atrás da orelha e peguei uma das últimas lágrimas com o polegar.

— Hum. — Ela fungou, secando as bochechas. Então ela fechou os olhos, baixando o rosto para as mãos. — Desculpe.

— Por que você continua se desculpando?

— Por chorar.

— Então? — Eu puxei seus pulsos, colocando suas mãos para baixo até que pudesse ver seu rosto.

Ela respirou trêmula. — Não gosto de chorar na frente das pessoas.

— Eu não sou outras pessoas. Eu sou o homem que te ama. Com lágrimas ou não.

Ela suspirou, seus ombros relaxando. Então, olhou para trás em direção à porta aberta do quarto. — Onde está Kadence? Ela não viu isso, viu? Merda.

— Ela não está aqui. Somos apenas nós. A mãe de Maggie a convidou para outro encontro. Eu a deixei lá cerca de dez minutos antes de você chegar em casa.

— Ufa. — Talia fechou os olhos novamente. — Tanta coisa para viver na minha concha emocional.

— Huh? — Do que ela estava falando? — Isso é algum tipo de terminologia médica para colocar distância entre você e seus pacientes?

— Oh não. É algo que Lyla disse. É por isso que entramos nessa discussão.

A discussão sobre a qual ela não tinha me falado muito.

— Ela disse que eu vivo numa concha emocional. — Talia fungou. — Ela ficou feliz por você ter vindo para a cidade porque desde que chegou aqui, eu demonstrei mais emoção em poucos dias do que em anos. O que quer que isso signifique. Mostro emoção o tempo todo, mas aparentemente não as feias que ela quer ver. Nós brigamos por causa disso. É por isso que não conversamos.

Eu segurei seu rosto, meu polegar traçando sua bochecha. Mas mantive minha maldita boca fechada. Ela não ia gostar que eu concordasse com Lyla.

— Isso parece uma concha emocional? — Talia jogou a mão para cima, o queixo tremendo novamente.

Meu polegar continuou acariciando sua pele, enquanto meus lábios permaneciam fechados.

Talia estudou meu rosto, então seus olhos se arregalaram.

Caramba. Eu não consegui esconder.

— Você também acha, não é? Seu queixo estremeceu. — Que eu vivo em uma concha emocional?

— Não, eu não acho que você vive em uma concha emocional. — Peguei seu rosto em minhas mãos, puxando-a para um beijo. — Você ri. Você tentou arrancar minha cabeça no dia em que entramos no ringue da academia. Tem alegria. É afetuosa. Confiável. Você mostra emoção, Tally. Acho que o que Lyla quis dizer foi que você nem sempre deixa os outros verem quando você luta.

— Isso não é-

Eu pressionei um dedo em seus lábios. — Caso em questão, você acabou de se desculpar três vezes por chorar.

Bom ponto.

— É minha culpa, — eu disse. — Eu tenho a culpa.

Ela zombou. — Como minha indisponibilidade emocional é culpa sua?

— Porque você não era assim antes. — Dei-lhe um sorriso triste. — Lembra daquela vez que você derramou alvejante no meu jeans favorito? Encontrei você na lavanderia do seu apartamento, chorando por causa de uma mancha branca do tamanho de uma moeda de dez centavos no joelho.

— Você amava aquele jeans. Eu amava esse jeans. Eles faziam sua bunda parecer fantástica.

Eu rio. — E eu ainda os usava, manchado e tudo.

Aqueles jeans ficaram comigo por muito tempo, principalmente para que eu pudesse olhar para aquela mancha branca e pensar em Talia. Muitos anos, muitas

lavagens, e ficou tão surrado que um dia eu estava trabalhando no jardim e rasguei no joelho. Tive que jogá-los fora. Tinha sido um bastardo miserável por uma semana, depois disso.

— Eu não quero ser fechada, — ela sussurrou.

— Abaixe seu escudo, amor. Coloque as mãos para baixo.

— Eu estou assustada.

— Dá voz aos seus medos. Vamos colocá-los para fora. Enfrentá-los, juntos.

Ela levou um momento para encontrar meu olhar. — Você vai quebrar meu coração de novo?

— Nunca. — Eu morreria primeiro.

— Você vai me deixar?

— Nunca. — Não de boa vontade. Não até o fim.

— Você vai parar de me amar?

— Nunca. — Meu amor por ela não tinha fim. Eu a amaria neste mundo e no próximo. — Nunca, Tally. Nunca.

Lágrimas brotaram em seus olhos. — Eu te amo. Só você. Sempre você.

Vitória.

Essa luta acabou.

— Eu te amo, Talia Eden.

Ela fechou os olhos, respirando como se estivesse sugando as palavras na profundeza de seu ser, então se arrastou para o meu colo, deixando-me abraçá-la novamente.

Eu beijei seu cabelo. — Esses uniformes não são os mesmos que você usou ontem à noite. — Os da noite anterior eram azul bebê, seu padrão. Estes são azul-petróleo, desbotados por muitas idas à lavanderia.

— Eu tive que mudar.

— Quer me contar sobre isso? — Eu perguntei.

— Quero ser uma boa médica, — disse ela.

— Você é.

— É fácil duvidar de si mesma depois que as pessoas morrem.

Porra. Eu a segurei mais perto, ouvindo enquanto ela me contava sobre o acidente. Sobre a enfermeira que a odiava e o filho que morreu.

— Sinto muito, — eu disse quando ela terminou.

— Eu também.

— O que eu posso fazer?

— Você já está fazendo. — Ela se aconchegou mais perto. — Eu preciso tomar banho. Pegue um pouco de comida. Ver Kadence. Eu poderia ter alguns de seus sorrisos hoje.

Que ela queria que minha filha sorrisse, bem... Porra. Eu não merecia Talia Eden.

Mas ela era minha para manter.

— Vá tomar seu banho. Então, precisa descansar.

— Estou exausta. — Ela bocejou. — Mas não sei se consigo dormir.

— Vamos. Levante , você vai dormir. Eu a levantei da cama e abri seu casaco. Então a ajudei a tirar o uniforme, levando-o para o cesto enquanto ela se retirava para o banheiro.

Não demorou muito para ela tomar banho, e quando saiu, uma toalha enrolada em seu corpo , eu arrastei minha camiseta de trevo da sorte sobre sua cabeça.

Ela bocejou novamente enquanto a conduzia para a cama. E dois minutos depois que eu a abracei ao meu lado, ela estava dormindo.

Meu braço adormeceu, estava com uma torção no meu pescoço. Seu cabelo úmido molhou a manga e o ombro da minha camisa. Mas caramba, não me mexi por três horas enquanto ela dormia. Não até meu telefone vibrar no meu bolso com uma mensagem da mãe de Maggie dizendo que eu poderia buscar Kadence a qualquer momento.

No momento em que me mexi, o corpo de Talia estremeceu. Seus olhos se abriram como se ela estivesse acordando de um pesadelo.

— Você está bem?

Ela assentiu, seus olhos piscando para afastar o sono. — Quanto tempo eu dormi?

— Algumas horas. Você quer dormir de novo? Eu tenho que ir buscar Kaddie.

— Eu vou com você. — Ela se moveu para sair da cama, mas agarrei seus ombros, mantendo-a presa ao meu lado enquanto a beijava, lenta e profundamente.

— Eu te amo, — eu disse enquanto me afastava.

Ela sorriu. — Eu te amo.

— Aí está minha garota. — Minha Tally, a pessoa mais forte que já conheci. Mesmo depois de tudo o que aconteceu na noite passada, ela teria um sorriso hoje. Para mim. Para Kadence.

Tirei minha camisa úmida enquanto ela secava o cabelo. Então, ainda vestindo minha camiseta da sorte com um par de jeans, levamos Kadence à tarde para passear pela Main e no Eden Coffee para tomar uma bebida e um lanche.

Enquanto Kaddie e eu nos sentamos em uma mesa dividindo um croissant, Talia e Lyla entraram na cozinha do café. Quando saíram, Talia olhou e sorriu.

Acho que isso significa que sua briga havia acabado.

— Papai, podemos ir ao cinema? — Kadence perguntou, seus lábios cobertos de chocolate.

— Claro, — Talia respondeu por mim quando se juntou a nós na mesa. — O cinema aqui não é tão grande quanto os

que você provavelmente está acostumada. Mas é bem divertido. Eles geralmente têm um filme infantil passando. E eles fazem a melhor pipoca de todos os tempos.

— Melhor que a minha? — bufei. — Prove.

Ela riu, musical e doce. Uma risada, desprotegida e livre.

Sem mais dúvidas.

Nós três fomos ao cinema. Paramos na pizzaria para pegar o jantar e levar para casa. E depois do banho de Kadence, Talia e eu colocamos minha filha na cama antes de nos retirarmos para o sofá.

— Como você está se sentindo? — Eu perguntei quando ela se inclinou para o meu lado, colocando a cabeça no meu ombro.

— Melhor. Obrigada por hoje.

— De nada, — eu disse. — Posso te perguntar uma coisa? O que você fazia antes? Se você tinha um dia difícil no hospital, o que fazia?

— Às vezes eu ia ao rancho. Pegava uma carona. Outras vezes, eu vinha aqui. —

— Sozinha?

— Sim, — ela murmurou. — Mas não mais.

— Não, não mais. — Eu me mexi, pronto para levá-la escada acima para a cama, mas o som de passos veio do lado de fora um segundo antes da campainha tocar. — Quem é?

— Um palpite? Alguém com o sobrenome Eden. Talia se levantou. — Tenho certeza de que as notícias do acidente estão por toda a cidade.

Alguém da família veio para ver como ela estava.

Ela me seguiu até a entrada.

Exceto que não era um Éden na varanda. Abri a fechadura e a porta, acenando para nosso visitante entrar. — Vivienne, o que você está fazendo aqui? Está tudo bem?

A última foi uma pergunta estúpida.

Seu rosto estava branco como a neve. Seus olhos estavam vermelhos. Os círculos escuros abaixo deles pareciam hematomas.

— Desculpe incomodá-los, — ela disse a Talia. Então ela olhou para mim. No momento em que nossos olhares se encontraram, seu rosto se contorceu e seus olhos se encheram de lágrimas. — Eu sinto muito.

— Desculpe, por quê? Por vir aqui?

Vivienne deveria estar aqui na próxima semana. Ela reservou um voo a Quincy para ficar aqui com Kadence, enquanto Talia e eu íamos à Vegas para a luta.

— Não é... ai meu Deus, Foster. Eu não sabia mais para onde ir.

— O que está acontecendo? — Minha voz estava muito alta, mas caramba, eu estava começando a me preocupar.

Talia se aproximou do meu lado, sua mão deslizando na minha. Meu pulso se acalmou instantaneamente.

Até que Vivienne falou.

— É o Dex. Ele não é o que parece. — Ela engoliu em seco. — Estamos com problemas, Foster. Estou em apuros.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Talia

— Entre. — Acenei para Vivienne entrar, me mexendo para abrir espaço.

O aperto de Foster na minha mão aumentou quando sua testa franziu.

— Eu sinto muito. — Uma lágrima caiu da bochecha de Vivienne, caindo no chão. — Eu sinto muito.

Ela estava à beira da histeria. Seus dedos tremiam tanto que ela não conseguia segurar o zíper do casaco. Ela tentou quatro vezes antes de Foster finalmente intervir, ajudando-a a tirar a jaqueta antes de estabilizá-la enquanto ela lutava com seus sapatos.

— Você voou? — perguntou Foster.

Ela assentiu. — Para Missoula. Então aluguei um carro e dirigi até aqui.

— Você deveria ter me ligado. — Foster franziu a testabilizá-la.- Chamado

— Eu sinto muito. — Sua voz falhou. Ela olhou para ele, depois para mim. O que quer que ela viu em nossos rostos foi o suficiente para empurrá-la ao limite. Vivienne enterrou o rosto nas mãos, os soluços abafados sacudindo seus ombros, até que Foster a puxou para seu lado.

— Você está me preocupando, Vivi, — disse ele, olhando para mim com uma pergunta não dita em seu olhar.

Isso está bem?

Eu balancei a cabeça.

Talvez eu tenha esquecido disso antes, ou talvez estivesse muito presa em minha própria cabeça para perceber, mas o jeito que ele a abraçou foi o jeito que meus irmãos me abraçavam. Era apenas um abraço. Ele ofereceu um corpo forte para apoiá-la, nada mais.

Não era como o conforto que ele me deu mais cedo. Não havia intimidade nesse abraço.

Eles eram... amigos.

Talvez, com o tempo, eu pudesse voltar a ser amiga de Vivienne também.

Em algum lugar ao longo do caminho, eu a perdoei. Aconteceu tão silenciosamente, que eu nem tinha percebido até este momento. A estranheza pode durar um tempo, mas eu não odeio Vivienne. Eu não me ressinto pelos anos que ela teve com ele.

E Foster, bem... Acho que o perdoei meses atrás. Quando fizemos anjos de neve no meu quintal.

— Vivi, — eu disse. — Você quer ver Kadence?

Ela se afastou do lado de Foster, usando a manga de sua camisa para secar o rosto. Então ela assentiu. — Por favor. Ela está dormindo?

— Sim. Mas você sabe como ela é, — disse Foster. — Podíamos tocar heavy metal no corredor e ela dormiria igual.

O canto da boca de Vivienne se ergueu.

— Eu vou te mostrar o quarto dela, — eu disse, liderando o caminho pela casa.

— Você tem uma bela casa. Kadence fala sobre isso às vezes. Ela adora aqui.

Eu sorri por cima do ombro. — Estou feliz. Eu gosto de tê-la aqui.

Chegamos à porta e me afasto para que Vivienne possa entrar no quarto de Kaddie. Mas ela não entrou. Ela pairou no limiar enquanto uma tristeza diferente – agridoce e solitária em vez de dolorosa e desesperada – preenchia seu olhar.

— Eu sinto que estou perdendo ela. Ou uma parte dela. Mas se tiver que compartilhá-la, fico feliz que seja com você. Antes que eu pudesse responder, ela entrou no quarto, indo direto para a cama onde Kadence estava enrolada em seus cobertores como um burrito. Vivienne se curvou e beijou sua testa, então sussurrou algo antes de deixar sua filha dormindo.

Seus ombros estavam retos quando voltou para o corredor. Ela fungou, mas havia parado de chorar. — Podemos conversar na sala?

— Claro. — Eu balancei a cabeça, e quando nos viramos, Foster estava a poucos metros de distância.

— Precisa de uma bebida? — ele perguntou.

Vivienne balançou a cabeça.

— Tally?

— Estou bem. — Caminhei para o lado dele e deixei que ele pegasse minha mão, me puxando para a sala de estar.

Foster e eu sentamos no sofá, tão próximos que nossas coxas se tocaram. E Vivienne sentou-se à nossa frente, na minha cadeira de leitura favorita.

— O que está acontecendo, Vivi? — perguntou Foster. — O que está acontecendo com Dex?

Ela sentou-se ereta, com as mãos cruzadas no colo e o queixo para baixo. Uma mulher que estava se preparando para um interrogatório, pronta para fazer sua confissão. — Vou começar pelo início.

Para mim. Foster conhecia o passado deles porque estava lá. Mas apreciei que ela estava me incluindo também.

— Dex e eu nos conhecemos no Angel's cerca de três anos atrás. Ele veio com um amigo em comum para aprender a lutar boxe. Eu estava trabalhando na academia. Tudo fazia parte do grande plano de papai. Ele tinha seu genro para ensinar e treinar, o lutador de grande sucesso que papai poderia reivindicar como seu protegido. E sua filha estava no escritório, desperdiçando o diploma de professora que

ganhou, para administrar o lado comercial da academia. Era a família perfeita do meu pai no Ginásio do Angel. Todas as mentiras e manipulação.

Animosidade penetrando em seu tom. Vivienne olhou para um ponto invisível no tapete como se estivesse imaginando o rosto de seu pai.

— Felizmente, papai não estava muito por perto. E nunca se interessou por contabilidade ou marketing. O que significava que eu tinha o escritório para mim a maior parte do tempo. Era perfeito quando Kadence era bebê.

— Montamos uma área de lazer. Vivi mantinha Kaddie no escritório e eu estava por perto para ajudar, — disse Foster.

— Quando ela começou a pré-escola, era solitário. Realmente solitário. Talvez tenha sido por isso que não dispensei Dex na primeira vez que ele entrou no escritório e flertou comigo. Porque eu estava sozinha e, bem... ninguém flertava comigo há muito tempo.

— Ele sabia que você e Foster eram casados? — Eu perguntei. Mesmo que Dex soubesse que era uma farsa, parecia uma jogada ousada perseguir a esposa de Foster Madden.

— Foi inofensivo. — Ela deu de ombros. — E por cerca de um ano, isso foi tudo. Dex ia ao ginásio todas as segundas, quartas e sextas-feiras na hora do almoço. Ele treinava. Ia para o chuveiro. Então, antes de sair, aparecia no escritório e

me elogiava pelo meu cabelo, minha roupa, minhas orelhas ou minha risada. Ele é bonito.Fiquei lisonjeada, me fazia sentir desejada.

Foster suspirou. Havia muita culpa naquele suspiro. A razão pela qual ela se sentia indesejada, era porque Foster sempre me amou.

Eu coloquei minha mão em seu joelho e me inclinei mais perto. Não havia nada para ele sentir-se culpado. Ele não poderia ter sido o homem que Vivienne precisava.

Porque ele era meu.

— Em algum momento ao longo do tempo, o flerte se tornou mais sério, — disse Vivienne. — Não consigo nem identificar quando, mas nossas conversas foram diferentes.

— Não era mais inofensivo, — eu disse.

— Desenvolvemos sentimentos um pelo outro. — Um fantasma de um sorriso puxou seus lábios. — Até que um dia ele entrou – era um dia em que Foster não estava na academia – e perguntou se podia me encontrar. Ele sabia que eu era casada, mas disse que não conseguia parar de pensar em mim. Então começamos um caso.

— Não, — disse Foster. — Não era um caso.

— Não era? — ela perguntou.

— Eu sabia, — disse ele. — Eu entendia.

— Até hoje, nunca senti vergonha. Eu me apaixonei por Dex e, sim, não era como eu gostaria de começar um novo

relacionamento, mas não tínhamos muitas opções, não é? Mas hoje... — Ela engoliu em seco. — Estava tão desesperada para encontrar o amor que o inventei? Eu estava tão solitária, que ignorei todas as bandeiras vermelhas? Ele me perseguia. Ativamente. Ele sabia que eu era uma mulher casada e me perseguia de qualquer maneira. Sim, nosso casamento era uma farsa. Mas ele não sabia disso. Não, então.

— Vivienne, se você perdeu, eu também, — disse Foster. — Os dias que ele vinha para a academia, eu sabia quem era ele. Eu sabia porque ele ia ao escritório. Você acha que eu o deixaria entrar lá, se achasse que ele estava usando você?

Vivi fechou os olhos. — Eu penso... Acho que nenhum de nós conhecia o verdadeiro Dex. Como não conhecíamos o verdadeiro Arlo.

Foster endureceu com a comparação. — O que aconteceu?

— Dex e eu estamos juntos há anos. — Ela não respondeu à pergunta de Foster, mas continuou a história para mim. — Eu não queria arriscar que meu pai descobrisse e piorasse nossa situação, então mantivemos em segredo. No começo, Dex pensou que a razão pela qual estávamos nos escondendo, era Foster. Que estávamos infelizes em nosso casamento, mas permanecendo juntos por Kadence. Exceto, que eu não poderia ter esse segredo pairando sobre nossas cabeças para sempre.

Então ela contou a ele sobre a chantagem.

— Contei a verdade a Dex cerca de seis meses antes de papai morrer, — disse ela. — Ele não ficou muito feliz por eu ter mentido para ele, mas superamos isso. Então papai morreu e ficamos livres.

Livre. Era o mesmo termo que Foster tinha usado.

— Como isso traz você à Montana em lágrimas? — perguntou Foster. Ele foi paciente, deixando Vivienne me contar a história de fundo, mas essa paciência estava desaparecendo.

A estrutura de Vivienne encolheu na cadeira. — Dex não quer se mudar. Ele basicamente se recusou a fazer isso neste momento. Nós brigamos por isso muitas vezes e eu perdi o controle.

— Você não me disse isso, — disse ele. — Você disse que ele estava apenas arrastando os pés.

— Você precisava estar aqui, — ela disse a ele.

Comigo.

— Ele estava chateado por mudar de emprego, — disse Vivienne.

Foster zombou. — Ele trabalha remotamente para uma empresa de tecnologia com sede em Houston. Nada em seu trabalho mudaria além do endereço de seu escritório em casa.

— Eu sei. — Vivienne ergueu as mãos. — Mas, independente disso, toda vez que eu falava sobre a mudança, nós brigávamos. Ele não gostou que estivesse me mudando

por você, embora tenha dito a ele que era o melhor para Kadence.

O queixo de Foster apertou. Ele me disse que Dex era um cara legal, mas com base na tensão rastejando em seu corpo, eu estava pensando que a opinião estava mudando.

— A verdadeira razão pela qual ele não queria se mudar é porque ele não pode sair de Vegas, — disse Vivienne.

— Não pode? — perguntou Foster.

Vivienne respirou trêmula, então se inclinou para frente, cotovelos nos joelhos. — Dex é um apostador. Colocou muito dinheiro em uma corrida de cavalos e perdeu. Eu não fazia ideia. Mas, aparentemente, meu pai descobriu.

Foster avançou.

— Meu pai sabia que Dex e eu estávamos juntos. Eu não sei como ou quando ele descobriu, mas ele sabia. Então ele abordou Dex sobre isso.

— E o que? O ameaçou? perguntou Foster.

Vivienne balançou a cabeça. — Não. Papai acabou de oferecer a Dex a chance de ganhar mais dinheiro. Disse que nunca permitiria que você e eu nos divorciássemos, então, se Dex fosse meu apoio, ele poderia ficar rico no processo.

— Caramba. — Foster passou a mão pelo cabelo. — Lutas. Dex apostou em lutas, não foi?

— Sim. Papai o levou para uma luta clandestina e ele está indo desde então. Começou mais ou menos na mesma

época em que lhe contei a verdade sobre a chantagem. Talvez a razão pela qual ele foi em primeiro lugar, era porque ele estava chateado comigo. Não sei. Mas mesmo sabendo tudo o que contei-lhe sobre as brigas ilegais, Dex foi com papai. Ele se deu bem no começo. Ganhou a maioria de suas apostas.

— Porque Arlo estava dizendo a ele exatamente em quem apostar. — O queixo de Foster tremeu. — Porra. Então aquele velho bastardo morreu.

Vivienne nem sequer vacilou com esse último comentário. Duvido que fosse a primeira vez que Foster amaldiçoava o nome de Arlo.

A sala ficou quieta. Vivienne realmente não precisava explicar. Nossas mentes estavam todas correndo na mesma direção. Quando Arlo morreu, Dex não saberia em quem apostar.

— Quão fundo ele está, Vivi? — perguntou Foster.

— Quase três milhões de dólares. — Ela engoliu em seco. — Ele continuou perdendo. Continuou tomando emprestado, prometendo ganhar muito. Arlo havia lhe ensinado o suficiente sobre luta, então era apenas uma questão de tempo. Ele estava apenas em uma sequência de derrotas.

Uma sequência de derrotas de três milhões de dólares. *Quem continuou dando dinheiro para aquele idiota*? Estudei Foster, esperando para ver se ele ia explodir. Seu rosto estava sério. Seus olhos tempestuosos e enfurecidos. Mas ele não respirou, muito menos falou.

— Dex vendeu sua casa. Ele foi morar comigo depois que Kadence veio para cá, — disse Vivienne.

— Isso deve pelo menos dar-lhe algum tempo, certo? — Eu perguntei. — Quanto ele pagou?

Vivienne olhou novamente para o tapete. — Ele, hum, não amortizou sua dívida. Ele pegou esse dinheiro e colocou em outra luta.

— Filho da puta. — Foster ficou de pé, caminhando até a lareira para apoiar os braços na lareira. — Você está brincando comigo.

— Ele apostou na sua luta.

— Claro que ele fez, — Foster murmurou. — Bem, pelo menos ele provavelmente vai ganhar esta.

Vivienne estremeceu. — Ele apostou em Savage para ganhar. São chances de dois para um. Você é favorito.

Então Dex apostou em Savage na esperança de que recebesse um pagamento maior. Mesmo que Foster provavelmente vencesse.

Foster se endireitou. — Diga-me que você está brincando.

— Eu não sabia. — Os olhos castanhos de Vivienne se encheram de mais lágrimas. — Não até esta manhã. Um cara veio até em casa e ameaçou Dex. Eu estava na cozinha, preparando o café da manhã. Ouvi gritos e pancadas. Quando cheguei à sala, Dex estava ajoelhado no chão. O homem

estava com uma arma apontada para a cabeça dele. Ele disse que ou Dex consegue o dinheiro ou está morto. Para lhe dar motivação extra, ele prometeu me matar primeiro. E fazer Dex assistir.

Eu suspirei.

Vivienne estava tremendo. — Eu fiz as malas e fui embora.

Foster ficou paralisado, olhando fixamente para a lareira. Os músculos de seus ombros e costas estavam tensos.

— Três milhões de dólares? — Eu perguntei a Vivienne.

— Sim. — Ela pegou uma lágrima antes que pudesse cair. — Eu sinto muito. Eu sinto muito. Posso vender a casa e dar a minha metade ao Dex. Vender meu carro. Vender o Angel's. Espero que o homem que estava na frente de Dex me dê tempo para liquidar tudo, mas não sei. Parece que esperam ser pagos imediatamente após a luta.

A luta será em duas semanas. Ela não seria capaz de vender as propriedades nesse tempo.

— Quem é o homem para quem Dex está pedindo emprestado? — perguntou Foster.

— Tony Sabbatini.

— Cristo. — Ele fechou os olhos.

— Quem é Tony Sabbatini? — Eu perguntei, olhando entre os dois.

— Um homem que você paga de volta, — Vivienne disse calmamente. — Um dos conhecidos nefastos do papai.

— Eu vou te dar o dinheiro, — disse Foster. — Então vamos acabar com isso.

— Não é tão simples assim. — Seu rosto empalideceu. — Dex não vai aceitar. Eu já sugeri que tomássemos emprestado de você.

— Ele é um idiota, — Foster disse.

— Ele está com ciúmes, — disse ela. — Ele não vai admitir, mas está com ciúmes de você. Disse que preferia morrer a viver em dívida com você pelo resto da vida.

Foster ergueu o queixo. — Essa é a escolha dele.

— Mesmo que isso signifique que eles venham atrás de mim? — ela perguntou. — Eu sinto muito. Eu sei que você está com raiva. também estou com raiva. Mas, Foster... Eu amo-o.

O amor dela e o orgulho de Dex podem matar os dois.

Meu estômago deu um nó.

As mãos de Foster se fecham em punhos. — O que você está me pedindo para fazer, Vivienne?

Seu queixo estremece. E embora ela tenha sussurrado a palavra, foi tão alto quanto um tiro.

— Perder.

ROUND 5

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Foster

Além das impecáveis janelas do chão ao teto de nossa suíte de hotel, a Strip de Las Vegas estava agitada para o dia. Pessoas de todo o mundo viajaram para se deleitar com a sensação de Vegas. Pessoalmente, nunca teve muito apelo.

Eu sempre fui parcial com a paisagem ao redor, o cenário do deserto e as cores vibrantes do pôr do sol sobre os planaltos rochosos. Os turistas podem aprecia o brilho desses enormes cassinos. Eles podem apreciar os sinos e jingles de um mar de máquinas caça-níqueis. Uma noite aqui, e eu estava pronto para ir para casa.

Os braços de Talia deslizaram ao redor do meu corpo enquanto encaixava seu peito nas minhas costas. Ela beijou minha coluna antes de pressionar sua bochecha no meu ombro. Ficamos em silêncio, observando o tráfego pelas ruas e as pessoas saírem para passear pelas calçadas.

Passamos muito tempo assim nos últimos nove dias.

Segurando um ao outro. Contemplando o futuro. Preparando-nos para mais uma luta.

Eu pensei que tínhamos terminado. Achei que tínhamos vencido.

Mas acho que há outra rodada, afinal.

— Eu me sinto preso, — eu disse.

— Eu sei. — Seus braços se apertaram. — Eu sinto muito.

Suspirei. — Eu também.

— O que Vivienne disse esta manhã?

— Nada. Eu não falei com ela, apenas com Kadence antes da escola.

Era estranho não falar com Vivienne. Durante todo o nosso casamento, eu podia contar em uma mão o número de vezes que brigamos. Nós éramos amigos. Não havia paixão entre nós. Talvez, fosse por isso que tinha sido tão fácil vivermos juntos. Nós éramos companheiros de quarto confortáveis. Co-pais.

Em todos os nossos anos, nunca estive tão bravo com ela. O que ela me pediu para fazer, essa posição em que ela me colocou, é impossível.

Perder.

Tal pai. Tal filha.

Depois da nossa conversa sobre Dex, eu estava tão lívido que tive que sair da sala. Eu subi as escadas, andei de um lado para o outro do quarto. Quando Talia apareceu, ela sabia que eu estava prestes a explodir. Ela não me questionou quando eu saí para a academia. Ela ficou para trás com Kadence. E Vivienne.

Eu passei horas naquela noite batendo em um saco pesado até que a névoa vermelha desapareceu da minha

visão. Então, eu sentei no ringue, sozinho, me perguntando o que diabos eu deveria fazer.

A história estava se repetindo. Foi há sete anos. E em vez de Arlo Angel fodendo minha vida, era minha ex-mulher.

Mais de uma semana depois, eu ainda estava furioso. Decepcionado. Confuso. Eu duvidava que minha amizade com Vivienne fosse a mesma.

Eu tirei meu olhar das janelas e me virei, puxando Talia em meu peito para inspirar em seu cabelo. Citrus e coco e minha garota. Ela tem alguma ideia do quanto eu preciso dela? Quanto conforto eu estava extraindo dela?

Pelo menos eu não estava enfrentando esse desastre sozinho.

— O que você precisa fazer hoje? — ela perguntou.

— Jasper e eu vamos nos encontrar a uma. Eu estava pensando em ir até a casa, ver o que tenho que embalar e enviar para Quincy. Mas não quero correr o risco de esbarrar em Dex.

Eu poderia matar o filho da puta.

E se Kadence estivesse lá? E se o bandido de Tony Sabbatini tivesse invadido a casa com minha filha lá? E se tivessem ameaçado a vida dela também?

Como Vivienne poderia sequer considerar ficar do lado de Dex? Meus músculos se contraíram. — Foda-se, estou chateado.

Talia me soltou, colocando a mão no meu queixo cerrada. — Vamos fazer alguma coisa. Dar um passeio. Afastarmos daqui.

— Sim. — Não ajudaria. Nada tinha ajudado. Mas eu beijei sua testa de qualquer maneira e deixei ela me levar para o chuveiro.

Ela tinha sido um milagre esta semana. Eu não tinha muitas palavras. Tudo o que eu diria parecia sair como uma mordida, então calei. Mas Talia ficou ao meu lado, segurando firme.

Desde que estava sendo um bastardo mal-humorado, tentei compensar isso com orgasmos. Eu a fodi contra a parede do chuveiro. Eu trabalhei duro até que ela gritou, desmoronando ao redor do meu pau. Então lavei seu cabelo e corpo antes de desligar a água e envolvê-la em uma toalha.

— Eu te amo, — eu disse-lhe enquanto ela penteava o cabelo úmido na pia.

— Eu também te amo. — Ela sorriu para mim através do espelho. — Não importa o que você decidir, eu te amo, baby.

Dando um beijo em seu ombro, fui até o armário para me vestir com uma calça jeans e uma camiseta cinza lisa. Talia terminou de secar o cabelo e vestiu jeans e uma regata preta. Então partimos para o primeiro andar, deixando a suíte.

Nós voamos para Vegas tarde da noite passada. Muitas noites sem dormir e estava exausto quando pegamos o carro alugado e fomos para o hotel. Eu queria fazer check-in na

suíte, me enterrar em Talia por um tempo e, esperançosamente, dormir.

Mas o saguão estava lotado. Mesmo em uma noite de segunda-feira havia muito movimento, e como este era o hotel onde a luta aconteceria no sábado, minha foto estava piscando em várias telas. Eu dei autógrafos por quase uma hora antes de finalmente chegarmos ao elevador.

Eu não estava de bom humor ontem à noite e com certeza não estava esta manhã, então coloquei um chapéu e um par de óculos escuros, mantendo meu queixo abaixado quando Talia e eu saímos.

Quando o manobrista me viu, seus olhos se arregalaram. Talia apertou minha mão quando resmunguei baixinho. Mas dei um sorriso, apertei a mão do garoto e assinei meu recibo de estacionamento enquanto ele corria para pegar nosso Tahoe.

No momento em que entramos, eu respirei. — Eu odeio Vegas.

— Achei que você gostasse daqui.

— Isso foi antes de eu morar em Montana. — Peguei sua mão, levei-a aos meus lábios para um beijo. Passamos por um drive-thru do Starbucks para pegar café e sanduíches de café da manhã, depois saímos da cidade. Longe da Strip. Longe do trânsito. Apenas... longe.

Já passara quase duas horas quando voltamos para a cidade. Eu tinha planejado voltar para o hotel, mas quando

passamos por uma saída, Talia apontou para eu virar.

— Pegue esta, — ela disse.

— Tally, não. — Eu fiquei tenso. Essa era a saída que nos levaria até o Angel's. Não havia outra razão para irmos por esse caminho.

— Por favor, — ela disse quando eu não diminuí a velocidade. — Eu quero vê-la.

Suspirei, mas não negaria isso a ela. Ela veio a Vegas por mim. Mas talvez ela tivesse seus próprios demônios para lidar enquanto estava aqui também. Então, eu dirigi pelo caminho familiar em direção ao Angel's, medo e aversão rastejando em meu sangue a cada curva. Até que estávamos estacionados no estacionamento da academia ao lado de alguns carros.

Este maldito lugar. Uma vez um santuário. Depois uma prisão. Não que alguém, além de Vivienne soubesse que eu odiava este prédio. Nós fingimos. Nós fingimos um bom relacionamentos com Arlo.

Talia não fez nenhum movimento para sair do SUV, então nem eu. Em vez disso, olhamos para a parede de concreto através do pára-brisa.

A tinta branca era quase ofuscante sob o sol da manhã. Sempre achei que era um tom muito claro, mas Arlo insistiu no branco – por dentro e por fora – porque era limpo.

Ao contrário de sua alma suja.

Mesmo quando Vivi o convenceu a fazer uma pintura alguns anos atrás, ele concordou desde que ela o mantivesse branco e não tocasse na parede que cercava o estacionamento. Essa mesma parede chamou minha atenção no momento. A Talia também.

Pintado com traços ousados em todas as cores do arco-íris na superfície branca desbotada, havia um par de asas de anjo enormes.

— A mãe de Vivienne pintou aquelas asas, — Talia disse. — Você provavelmente sabe disso.

Eu balancei a cabeça. Ela os pintou no verão antes de morrer de câncer de mama. — Há uma foto na casa de Kadence deles.

Era a foto favorita de Vivi.

O aviso de Arlo sobre não pintar esta parede foi inútil. Vivi nunca teria apagado aquelas asas. Em vez disso, seu plano era simplesmente ir embora. Continuar fingindo que o novo dono deixaria as asas para sempre.

Eu duvidava que Vivienne voltasse aqui depois que se mudasse para Quincy. Seria muito difícil ver a memória física de sua mãe faltando.

— Ela não disse isso, mas acho que uma parte de Vivienne gostaria que pudéssemos ficar aqui, — eu disse. — Em Vegas.

— É isso que você quer? — perguntou Talia.

— Não. — Montana causou uma impressão duradoura neste inverno. Assim como a família Éden. Quincy era meu futuro.

Vivienne não discutiu, porque era muito importante para mim.

— Estou tão puto com ela. — Meus molares se juntaram. — Ela vai ao extremo pelas pessoas que ama. Não percebe que foi longe demais.

Assim como quando deixou Arlo nos empurrar para um casamento. Não tinha sido por ela. Com certeza não tinha sido por mim. Ela tinha feito isso por Kadence.

Vivienne se mudaria para Montana por mim. Para Kadence.

E ela sacrificaria nosso relacionamento porque estava apaixonada por Dex.

— Eu me pergunto se Arlo teria chantageado você se a mãe de Vivienne estivesse aqui para detê-lo, — disse Talia.

— Não sei, amor.

— Nem eu. — Talia alcançou a maçaneta da porta e saiu do SUV.

Respirei fundo e a segui, encontrando-a na frente do capô e pegando sua mão. Então, juntos, entramos no ginásio.

Angel's nada mais era do que uma caixa quadrada de um prédio. De certa forma, era muito parecido com o prédio que

comprei em Quincy, embora fosse três vezes maior. Em vez de um apartamento, havia dois escritórios.

Arlo mantinha um, embora raramente se sentasse atrás de sua mesa. Ele o usou para discussões a portas fechadas com lutadores, inclusive eu. Os negócios que não queria que alguém ouvisse, como quando ele me pediu dinheiro.

O escritório de Vivienne era o maior dos dois, com duas grandes janelas de vidro que davam para o espaço da academia. Aquelas janelas estavam escuras hoje.

Três ringues de boxe foram colocados uniformemente pela sala. Dois caras mais jovens estavam no ringue central, um praticando seus socos enquanto o outro segurava almofadas. Ao longo da parede oposta havia fileiras de pesos e três bicicletas ergométricas.

— Não mudou muito, — Talia disse.

— Não, na verdade não. — Eu puxei sua mão, levando-a em direção a uma seção aberta de tatame.

— O cheiro é o mesmo. Como suor, borracha, alvejante, metal e colônia.

A colônia de Arlo. O homem se foi, mas aquele cheiro permeava essas paredes.

Ela soltou minha mão e girou em um círculo lento. Então um sorriso puxou sua boca quando ela apontou para o chão. — Foi bem aqui. Era aqui que eu estava sentada quando te vi pela primeira vez.

— Eu marquei você no segundo em que você entrou pela porta. — Eu estiquei minha mão para o cotovelo dela, puxando-a para perto. Segurá-la era como eu sobrevivi nos últimos nove dias. Se ela estivesse ao alcance, então estava em meus braços.

— Está tranquilo hoje. — Talia olhou ao redor. O espaço estava limpo e vazio.

— É cedo. — Os horários de pico eram geralmente à tarde e à noite. É quando as pessoas vêm para aulas e sparring. O aspecto social no Angel's era tão viciante quanto a própria luta.

Não havia horário de aula definido no Angel's. Homens e mulheres vinham quando queriam treinar. E geralmente, haveria outra pessoa aqui, pronta para trabalhá-los.

Principalmente, boxe com algumas artes marciais para aqueles que estavam interessados. O treinamento era a base sobre o qual tudo foi construído. Havia instrutores, como eu, que se certificavam de ensinar a técnica adequada. Mas o que tornava um lutador ótimo era o tempo para aprimorar essas técnicas. E o tempo no ringue não tinha preço.

Se você queria melhorar, você lutava com pessoas que eram melhores que você. Pessoas que te empurravam. E por muitos anos, o homem que mais se esforçou foi eu.

Sobrou algum esforço ? Ou eu tinha usado todo?

Um homem saiu do vestiário. — Foster?

— Ei. — Eu levantei meu queixo. Qual era o nome dele? Havia muitos rapazes entrando e saindo esses dias. Eu parei de tentar acompanhar, manter as aparências, depois da morte de Arlo.

Inferno, eu até parei de treinar aqui. Jasper tinha um amigo que era dono de uma academia. É onde os encontraria esta tarde.

A de Arlo era história agora. Eu deixei Vivienne administrar este lugar. E seguir em frente com Dex.

— Gostei de ver você por aqui. — O cara estendeu a mão, um sorriso brilhante se estendendo por seu rosto bronzeado. — Ansioso pela luta de sábado. Esta pronto?

— Espero que sim. — Forcei um sorriso.

E se eu simplesmente não aparecer? E se não houvesse luta?

E se eu pudesse sair e nunca olhar para trás?

— Você está aqui para treinar? — Ele apontou para um ringue.

— Não. Apenas aqui para uma olhada. Conferindo.

— E é melhor irmos. — Talia deu-lhe um sorriso gentil. — Você não quer se atrasar para ver Jasper.

— Jasper? — o homem perguntou. — Ele ainda está treinando com você?

— Sim.

O cara abriu a boca, mas estendi a mão para apertar a dele novamente, antes que ele pudesse arrastar isso. — Bom te ver, — eu disse enquanto ele nos seguia até a saída.

— Yeah, yeah. Você também, cara. Estarei lá no sábado.

— Aprecio isso. — Com um aceno, eu segurei a porta aberta para Talia sair, então nos retiramos para o SUV.

— Uma última vez — disse ela.

Eu balancei a cabeça. — Última vez.

Não importa o que acontecesse, eu sabia em meus ossos que não voltaria ao Angel's novamente. Talvez por isso ela insistiu em que parássemos.

Uma despedida.

Para terminar isso do jeito que começou.

Talia e eu.

— Você precisa comer alguma coisa, — disse ela.

— Eu não estou com fome. — Nada soava bem no momento. Nada além de uma refeição feita na cozinha de Talia. Ou um jantar no Knuckles.

— Eu quero um cheeseburger, — disse ela.

— Não, você não. — Eu ri. — Você quer que eu pegue um cheeseburger, provavelmente dois, e quando você não comer, eu irei.

Ela riu. — Pode ser.

E eu ri pela primeira vez em dias. — Se eu vomitar em Jasper enquanto estamos treinando, vou culpar você.

— Estou disposta a levar um para a equipe.

Equipe. — Nós somos um time. Você e eu.

— O que você vai fazer sobre a luta? — Foi a primeira vez que ela me fez essa pergunta. Em vez de pressionar, ela me deu tempo.

— Eu não sei, — eu admiti. — Eu não falei com você na última vez que isso aconteceu. Me diga o que fazer.

— Não posso. — Ela me deu um sorriso triste.

— Então eu não vou te comprar um cheeseburger.

A risada de Talia encheu o carro e um pouco dessa raiva e frustração, diminuiu. Independente do que aconteceria no sábado, eu sairia daqui com essa mulher.

— Você quer que a deixe no hotel enquanto vou encontrar Jasper? Ou quer assistir? — Eu perguntei.

— Assistir.

— Boa resposta.

Paramos em um restaurante para comer cheeseburgers. Depois que ela comeu um e comi o outro, fomos para a academia. Jasper estava esperando com um grupo de caras que eu tinha visto no meu tempo treinando aqui.

Era diferente do Arlo's. Seu fantasma não estava flutuando nas minhas costas, pronto para enfiar a faca mais

fundo. Eu posso relaxar aqui. Parar de olhar por cima do meu ombro.

Jasper foi o único a sugerir uma mudança de cenário após a morte de Arlo, provando mais uma vez que ele tinha uma linha direta com minhas emoções.

— Como você está? — ele perguntou quando me juntei a ele no ringue para me alongar por alguns minutos.

— Bem.

— Mentiroso.

— Você sabe que eu odeio a merda da imprensa. Me deixa no limite. — Especialmente com um babaca barulhento como Scott Savage.

Era a verdade, mas apenas uma parte da história. Eu confiei em Jasper com minha vida, mas eu não tinha contado a ele sobre a porra de Vivienne e Dex. Ele ficaria lívido, e eu precisava dele para manter o foco. Um de nós deve se concentrar na luta.

Eu contaria a ele sobre isso mais tarde, depois que eu mesmo entendesse. Depois que eu descobrisse o que fazer.

— Quando é o seu primeiro evento de imprensa? — ele perguntou.

— Amanhã. — Pelo resto da semana, eu tenho várias aparições à minha agenda, todas levando à luta deste fim de semana. Quinta-feira teria reuniões com meu agente e

empresário para falar sobre um novo contrato. Sexta-feira era a pesagem.

Mas hoje, eu precisava treinar. Então, bati no chão e pulei sobre meus pés, caminhando até a borda do ringue, me apoiando nas cordas enquanto me inclinava para falar com Talia, que puxou uma cadeira logo atrás do ringue. — Precisa de alguma coisa?

— Tudo certo. — Ela balançou a cabeça. — Faça sua parte. Guarde um pouco de energia para mim mais tarde.

Eu sorri. — Talvez mais do que um pouco.

Duas horas depois, eu estava pingando de suor, meus músculos estavam quentes e soltos, um pouco da neblina em minha mente havia se dissipado.

Jasper trouxe alguns outros caras da academia, talvez sentindo que o que eu precisava era queimar energia. Eu tinha feito sparring após sparring. A maioria não tinha muita competição, mas minha última parte foi com o próprio Jasper e ele se esforçou muito.

— Guardou-se para o final, hein? — Eu provoquei, bebendo de uma garrafa de água. — Certifiquei-me de que ficar sem fôlego antes de você se aproximar.

Jasper riu, arrastando a mão pelo cabelo escuro e suado. — Esse era o plano, mas com a velocidade que você está se movendo hoje, não era necessário. Quantos golpes no corpo você acertou? Dois? Três? Savage vai comer você vivo.

Ele estava me provocando. Estava funcionando.

— Você é um idiota. — Eu coloquei minhas mãos em meus quadris, meu peito tremendo de tanto rir. — Eu fiz mais de três.

— Sete, — Talia disse de seu banco. Em seu colo havia uma caneta e um bloco de notas que ela tirou da bolsa. Ela levantou o papel, segurando-o para eu ver.

Uma folha cheia de marcas de registro.

Uma linha para cada uma das rodadas de sparring.

— Viu? — Eu sorri para Jasper.

— Quantos eu consegui, Talia? — Ele perguntou a ela.

— Um... nove.

— Merda, — eu murmurei enquanto Jasper e cada um dos caras assistindo rugiam de tanto rir.

— Isso não tem preço. — Jasper me deu um tapinha no ombro. — Nós a estamos mantendo por perto.

Travei os olhos com Talia, aqueles azuis cintilantes dançando enquanto ela sorria. — Sim, nós estamos.

Quaisquer dúvidas, preocupações, medos que eu tinha sobre essa luta desapareceram.

No começo, eu disse que venceria essa luta por ela. Que ela era minha motivação. Nosso passado estava repleto de promessas quebradas o suficiente. Eu não estava adicionando

outra. Então eu acenei para ela se aproximar, encontrando-a nas cordas e me agachando.

— Eu não vou perder essa luta, — eu disse baixo o suficiente para apenas ela ouvir.

Ela pressionou a mão no coração. — Não, você não vai.

Era como se ela soubesse o tempo todo que esta seria minha decisão, mas me deu tempo para perceber sozinho.

O dinheiro para Dex e a situação com Vivienne, havia uma saída para isso. Nenhum dos dois pode gostar, mas não podem reclamar. Não depois do que eles fizeram. Dex e seu orgulho poderiam ir se foder.

— Nós vamos descobrir o resto disso, — eu disse.

— Depois de vencer.

— Para você.

— Você já ganhou, baby. — Talia estendeu a mão para o meu corpo, as pontas dos dedos roçando a tatuagem Garnet Flats nas minhas costelas.

Um único toque e o futuro brilhou em minha mente.

Garnet Flats. Uma casa construída no rancho de sua família. Uma casa cheia de amor e risos.

Estaríamos conversando no hotel hoje à noite sobre os anticoncepcionais que ela tomava todas as manhãs. Se ela estivesse pronta, iriam para o lixo. Encheríamos nossa casa

dos sonhos com crianças. Fazer de Kadence uma irmã mais velha. E eu adoraria essa mulher pelo resto dos meus anos.

— Não ganhe essa luta por mim, — ela sussurrou. — Ganhe essa por *você*.

Ganhar essa luta por aquela que eu nunca deveria ter perdido. — Então eu vou terminar. Então eu vou me aposentar.

— Mas ainda não.

Eu sorrio. — Ainda não.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Talia

A arena estava bombando. Luzes piscavam em todas as direções. A música retumbou como um trovão. Ou talvez fosse apenas o meu coração.

— Vou vomitar. — Eu nem me incomodei em sussurrar para mim mesma. Todos ao meu redor estavam de pé, rindo e gritando para serem ouvidos enquanto falavam. A multidão se deleitava com o espetáculo.

Enquanto isso, eu parecia ser a única pessoa em um complexo com doze mil pessoas que estava realmente sentada em seu assento.

Minhas mãos tremeram. Suor escorria em minhas têmporas, não do calor, mas dos nervos. Eu respirei fundo, cheirando concreto e cerveja e o cara atrás de mim usando muita loção pós-barba.

As cadeiras ao lado da minha, uma de cada lado, estavam vazias.

Foster convidou seus pais esta noite, mas eles optaram por não vir. Sua mãe havia dito que suas lutas eram muito violentas. Seu pai havia dito que eles teriam uma visão melhor em casa pela TV. Fiquei grata por eles terem recusado, porque eu não seria uma boa companhia esta noite. Além disso, nós os veríamos na próxima semana antes de voarmos para casa.

Então eu sentei sozinha, joelhos balançando, rezando para que esses assentos da primeira fila permanecessem vazios. Improvável, mas a ideia de conversar com estranhos aumentava minha ansiedade, então não pensei nas cadeiras.

À minha direita, um homem careca de paletó preto levantou a mão em um aceno antes de retornar à sua conversa. gerente de Foster. Eu o conheci na quinta-feira em uma reunião. O agente de Foster provavelmente estava por perto também.

Eu nem me incomodei em sorrir enquanto as pessoas passavam. Eu estava nervosa demais para sorrir. Foster estava bem? Ele estava se alongando ou se aquecendo? Ele estava bebendo água suficiente?

Sua pesagem tinha sido ontem de manhã e ele estava se reidratando desde então.

Chamar os últimos quatro dias de intensos seria um eufemismo. Foster mudou para um maneira diferente desde que chegamos a Vegas. Ele treinou mais. Empurrando com mais força. Concentrou-se mais. Ele tinha conferências de imprensa e reuniões.

Eu tinha estado ao lado dele durante tudo isso. Toda vez que eu oferecia espaço, ele pegava minha mão, sem dizer nada, me mantendo perto.

Então eu ficava, assistindo com admiração, enquanto o homem que eu amava se preparava para sua última luta

profissional. O ápice de sua carreira. Se ele estava chateado, Foster não deixou transparecer.

Esta luta agora à noite, tinha sido seu foco. As únicas interrupções em sua concentração foram ligar para Kadence. E tarde da noite, nas horas escuras, com as luzes de Las Vegas entrando pela janela do nosso hotel, quando se perdia no meu corpo e se soltava.

Era o fim.

E um começo.

Meus joelhos saltaram mais rápido. Ele se arrependeria disso? Ele sentiria falta dessa energia? Ele pulsava pelo prédio, saltando de parede em parede até se reunir no centro de tudo.

O octógono.

Mesmo vazio, o ringue de oito lados era intimidador. Aqueles sentados nos níveis mais altos das arquibancadas assistiam à ação das enormes telas penduradas no alto. Milhões de pessoas estariam sintonizados no conforto de suas próprias casas, incluindo minha família.

E eu estaria aqui, sentada na primeira fila, esperando não aparecer vomitando na televisão.

Eu não estava tão nervosa antes de fazer o MCAT é um teste padronizado para avaliar os estudantes que querem cursar medicina. Eu não estava tão nervosa no meu primeiro

dia no Quincy Memorial. Eu não estava tão nervosa trazendo ao mundo aquele bebê anos atrás.

Meu estômago revirou e fechei os olhos, desejando que a tontura diminuísse.

Quando os abri, Chase, o jovem que me escoltou até o meu lugar mais cedo, estava caminhando na minha direção. Ele era assistente do gerente de Foster ou algo assim. Foster precisava de alguma coisa?

Passei a maior parte da tarde e da noite no vestiário. Eu estava encostada na parede, fazendo o meu melhor para ficar fora do caminho enquanto pessoa após pessoa entrava para falar com ele. Então, com o passar do tempo, quando a arena abriu e as pessoas inundaram as arquibancadas, Foster me deu um longo beijo de despedida.

Na mão de Chase havia um bloco de notas e uma caneta. Seu sorriso era largo, um garoto que estava amando cada minuto disso. Eu invejei sua excitação desenfreada. Muito pavor se agitava em minha mente para aproveitar o show.

Se Foster perdesse, seria esmagador. Eu não queria esse tipo de decepção para ele. Não depois de tudo que passou para chegar aqui. Não depois de tudo que decidiu.

Chase olhou por cima do ombro, e segui seu olhar.

— O que? — Eu engasguei e me levantei.

Lyla correu, seus braços abertos para um abraço.

Atrás dela, a boca de Eloise estava aberta enquanto ela absorvia tudo.

— O que você está fazendo aqui? — Eu perguntei, segurando minha irmã com força.

Eloise se juntou ao abraço coletivo. — Foster não queria você sentada sozinha.

Então, trouxe minhas irmãs para Vegas, para sentarem ao meu lado.

Oh, como eu amava aquele homem.

— Estou feliz que vocês estão aqui, — eu disse, abraçando – as com mais força.

— Você está bem? — perguntou Lyla.

Eu balancei minha cabeça. — Nervosa.

— Posso trazer alguma coisa para as senhoras? — Chase perguntou quando nos separamos do nosso abraço. — Bebidas? Comida?

— Bebidas, — disse Lyla.

— E comida, — acrescentou Eloise.

— É claro. — Ele assentiu, depois estendeu o papel e a caneta. — Do Sr. Madden.

Olhei para a folha. A parte de cima estava em branco, mas havia um leve escurecimento embaixo da página, então passei para a próxima. E encontrei o bilhete de Foster.

Eu te amo, Tally. Faça-me um favor. Acompanhe quantas vezes soquei Scott Savage.

Eu ri, meus olhos inundando enquanto eu pressionava o bloco de notas no meu coração.

— O que? — perguntou Lyla.

— Nada. — Apenas Foster entendendo que de jeito nenhum eu seria capaz de ficar ociosa esta noite.

— Voltarei com bebidas e lanches, — disse Chase. — Me mande uma mensagem se quiser mais alguma coisa.

Eu balancei a cabeça, esperando até que ele se afastasse, então peguei minha cadeira com Eloise sentada à minha direita e Lyla à minha esquerda.

— Ele vai vencer, — disse Lyla, pegando minha mão.

Eloise agarrou a outra, apertando com força. — E então vamos festejar.

Eu segurei minhas irmãs enquanto os minutos passavam e a expectativa crescia cada vez mais. Mais pessoas tomaram suas cadeiras. O árbitro entrou no octógono, dando uma volta na borda. Então um locutor se juntou a ele, carregando um microfone e acompanhado por três cinegrafistas.

— Isso é intenso, — disse Lyla. — Você está respirando?

Não. Engoli um pouco de ar.

As luzes da arena diminuíram. Holofotes deram uma volta pela arena antes de se concentrarem no octógono enquanto o locutor levava o microfone à boca. — Senhoras e senhores, estamos ao vivo de Las Vegas! Está na hora!

A multidão rugiu. Os aplausos estimularam o locutor, que só ficou mais alto, e a atmosfera passou de elétrica para enlouquecida.

Havia cinco lutas no card esta noite. Foster e Scott Savage seriam o evento principal, ocorrendo por último.

Ficar sentada durante os quatro primeiros foi agonizante. As pessoas ao nosso redor aplaudiram e gritaram, torcendo pelos lutadores durante as primeiras quatro lutas. Lyla e Eloise comiam e bebiam coquetéis enquanto eu tinha que me forçar a respirar.

Dentro, fora.

A espera era uma tortura. Agarrei o bilhete de Foster enquanto Chase continuava trazendo comida e bebida, nenhuma das quais toquei, até que finalmente a quarta luta acabou e o octógono foi preparado para o evento principal.

— Aqui vamos nós, — eu disse, fechando os olhos. Não deixe que ele se machuque.

Talvez outra mulher tivesse rezado por uma vitória. Mas tudo o que realmente me importava era que Foster saísse daquele ringue.

As luzes balançaram em direção a um túnel. Scott Savage saiu com pelo menos dez pessoas em sua comitiva. Ele estufou o peito, gritando e batendo um punho contra o peito enquanto entrava no ringue.

— Mal posso esperar para esse cara perder, — disse Lyla, inclinando-se para que eu pudesse ouvi-la.

— Olhe. — Eloise apontou para a direita quando Foster emergiu de um túnel diferente.

Um Jasper impassível caminhava ao seu lado. Atrás deles estavam os outros caras que conheci no vestiário, bem como o empresário e agente de Foster.

O que quer que o locutor dizia se desvaneceu enquanto mantive meus olhos colados em Foster. E seu foco estava inteiramente no ringue – até que Jasper cutucou seu cotovelo e empurrou o queixo em minha direção.

Os olhos de Foster se encontraram com os meus.

Te amo, eu murmurei.

O canto de sua boca virou para cima.

— Oh meu Deus, você vai estar na TV. — Lyla riu. — Espero que Knox esteja gravando isso.

Eu não conseguia pensar em TV agora. Eu apenas mantive minha atenção em Foster, não me importando com o que eles diziam sobre mim. Não me importando se eles sabiam quem eu era.

Foster disparou uma carranca para Savage quando ele entrou no octógono, caminhando para seu próprio canto e se despindo para ficar com um par de calções pretos ajustados, que mostravam a força em suas coxas e os globos perfeitos de sua bunda. Cada músculo em seu corpo estava definido. Seu abdômen se contraiu quando ele se curvou, esticando seus tendões. Seus braços tensos se ergueram alto quando ele esticou os ombros.

O locutor continuou, percorrendo uma lista de patrocinadores, nomeando os juízes e apresentando o árbitro.

Depois que Foster se aqueceu , ele ficou na ponta dos pés, mantendo o corpo aquecido. Seu rosto estava em branco quando um cinegrafista se aproximou. Seus olhos se estreitaram. Seus pulsos estavam cobertos de fita vermelha e os nós dos dedos cobertos de luvas.

Por favor, não se machuque.

— Apresentando o indiscutível campeão mundial dos pesos médios do UFC. — O locutor arrastava cada palavra enquanto falava, quase como uma música. — O Punho de Ferro. Foster Madden.

Lyla e Eloise bateram palmas, aplaudindo com milhares de pessoas enquanto se levantavam de um salto.

Eu me levantei, meu coração acelerado quando Foster levantou um braço, cumprimentando a multidão. Ele circulou sua metade do ringue, então voltou para o canto onde Jasper

estava em uma arquibancada, curvando-se sobre a borda do octógono.

— E nosso desafiante, — disse o locutor.

Eu não ouvi nada do que veio a seguir porque todas as pessoas ao meu redor começaram a vaiar. Até Lyla e Eloise cobriram a boca com as mãos, zombando de Scott Savage, que ajustou o cós de seu short branco.

Savage se vangloriou durante sua apresentação, acenando com as mãos para irritar a multidão e insultar Foster.

Uma mulher vestida com shorts e sutiã esportivo circulou o ringue com um número “um” gigante. Duas portas do octógono, uma de frente para a outra, estavam abertas, e quando o locutor abriu a última página de anotações em sua mão, as pessoas começaram a sair do ringue.

A multidão se aquietou quando as pessoas tomavam seus lugares.

Estávamos sob as telas de televisão e incapazes de ver o que eles estavam mostrando. Não que eu olhasse. Minha atenção estava voltada para a frente quando o árbitro acenou para Foster e Savage no centro do ringue.

Foster estendeu a mão para um aperto.

Savage se virou e foi embora.

— Idiota, — eu murmurei, atirando para Savage um olhar antes de pegar meu bloco de notas. Manter o controle

de quantas vezes Foster deu um soco nele seria o meu prazer.

Meu batimento cardíaco estava frenético quando o árbitro assentiu. Então um ding ecoou pelo espaço e o primeiro round começou, os dois homens se enfrentando e manobrando ao redor do ringue.

Cinco segundos avaliando um ao outro, então Savage partiu para a ofensiva primeiro. Ele atacou Foster com dois socos que pareciam desleixados e selvagens. Foster bloqueou um e desviou do outro. Então Savage tentou um chute na perna da frente que Foster pegou com um cotovelo.

Deve ter doído porque Savage pulou engraçado pelo resto da rodada, e quando ele chegou ao seu canto, mesmo de longe eu pude ver o inchaço se formando na parte superior de seu pé.

Foster parecia relaxado e calmo enquanto falava com Jasper. Totalmente no controle quando eles começaram a segunda rodada. Exceto que eu ainda tinha que fazer uma marca de contagem no meu bloco de notas.

— Vamos, baby, — eu sussurrei.

Savage deu um golpe com o braço direito que se alargou.

Foster se abaixou, errando, e quando ele se levantou, seu jab esquerdo atingiu o olho de Savage antes que seu punho direito acertasse o rim de Savage.

O sangue se acumulou de um corte na sobrancelha de Savage quando ele tropeçou para trás assim que a rodada

terminou.

Dois. Eu desenhei duas marcas nítidas na página. Quando olhei para cima, Foster estava no centro do ringue, seu peito subindo e descendo. E em vez de ir até Jasper, que estava esperando, Foster olhou para mim.

Eu levantei o bloco de notas e dois dedos.

Ele ergueu um.

O que isso significava? Mais uma rodada? Mais um golpe?

Ele piscou, então caminhou até Jasper, que esguichou um pouco de água no protetor bucal de Foster. Quando voltou ao centro, de prontidão, Savage se juntou a ele novamente. O corte em sua testa foi limpo e colado.

— Ganha isso, Foster, — eu disse, avançando para a beirada da minha cadeira.

O árbitro deu o sinal e eles pularam direto para o terceiro round, circulando e tecendo, tentando acertar um chute.

Savage jogou uma cruz, colocando todo o seu peso nela, e tudo que Foster teve que fazer foi se inclinar para trás. A luva de Savage mal roçou o nariz de Foster.

E então ele atacou. Um jab de esquerda no nariz seguido de um uppercut de direita no queixo. A esquerda de Foster balançou novamente, desta vez acertando o queixo de Savage. E então a direita, que bateu na têmpora de Savage.

Quatro socos e Savage caiu no chão.

O árbitro correu para a frente, provavelmente para impedir Foster de pular em Savage e socar um pouco mais.

Mas Foster apenas ficou acima de seu oponente, olhando para baixo enquanto Savage tentava se apoiar em um cotovelo apenas para cair novamente.

Nocaute. — Sim! — Eu estava de pé antes mesmo de perceber. Meus braços estavam no ar, o bloco de notas apertado em um punho.

Lyla e Eloise estavam gritando, ambas pulando para cima e para baixo ao meu lado.

Lágrimas escorreram pelo meu rosto quando Foster correu para Jasper, recebendo um tapa nas costas.

Meus pulmões se expandiram, capazes de respirar fundo pela primeira vez em horas. Meu coração saiu da minha garganta. E eu aplaudi e aplaudi, me juntando ao frenesi enquanto anunciavam a vitória de Foster.

Um campeão. Aquele homem era um campeão. E ele era meu.

A celebração continuou até que as luzes da arena se acenderam e as pessoas nas seções superiores começaram a sair do centro. Lyla, Eloise e eu ficamos em nossos lugares, esperando até que Foster pudesse empurrar o portão e descer do octógono.

Corremos um para o outro. Seus braços me envolveram enquanto o segurava apertado. Ele colocou o rosto no meu cabelo. E acima do barulho, mal ouvi seu sussurro.

— Nós ganhamos.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Foster

— Kadence já está dormindo? Talia perguntou enquanto descia as escadas, juntando a mim na cozinha, onde eu estava terminando os pratos do jantar. Ela estava vestindo uma das minhas camisetas, a bainha batendo no meio da coxa. Seu cabelo estava molhado do banho, seu rosto estava limpo, suas bochechas coradas.

Em toda a minha vida, nunca tinha visto uma mulher mais bonita. Nunca faria.

— O que? — Ela se aproximou. — Que olhar é esse?

— Nada. — Eu a puxei para o meu peito. — Sim, ela está dormindo.

— Droga. Eu me sinto mal por chegar tarde em casa.

— Ela entende que você estava trabalhando.

Talia descansou sua bochecha contra meu peito, seus braços enrolando em volta da minha cintura. — Não me deixe ir.

— Nunca. — Eu beijei o topo de seu cabelo.

Comecei a me mover para frente e para trás, não exatamente uma dança lenta, mas o suficiente para que ela se movesse comigo.

Hoje tinha sido o primeiro dia de Talia de volta ao trabalho desde que voltamos de Vegas ontem. Nos dias

seguinte à luta, fomos inseparáveis, e quando ela se levantou para sair para o trabalho esta manhã, tentei não deixar transparecer minha decepção.

— Senti sua falta hoje.

Ela se mexeu, colocando o queixo no meu peito para encontrar meu olhar. — Também senti sua falta, mas estou feliz por estarmos em casa.

— Digo o mesmo.

Vegas era história. Nossos últimos dias lá, tinham sido uma boa maneira de dizer adeus.

No domingo depois da luta, eu tive reuniões e compromissos, principalmente com a imprensa. Talia e eu decidimos não anunciar minha aposentadoria. Aproveitamos a onda da vitória por um tempo, depois nos afastamos silenciosamente.

Nós dois passamos a segunda-feira em nosso quarto de hotel comemorando, pedindo serviço de quarto e passando o dia na cama. Então, na terça-feira, fomos para o deserto para uma caminhada ao nascer do sol. Naquela noite, saímos para jantar com meus pais e, na manhã de ontem, fizemos as malas e voamos para Montana. Kadence estava tão feliz por nos ter em casa quanto nós por estarmos aqui.

— Meu agente me enviou um e-mail hoje, perguntando sobre um novo contrato, — eu disse a Talia.

— O que você disse?

— Nada. Vou ignorá-lo até a próxima semana. — Ser o campeão por mais alguns dias. Aproveitar esse tempo em casa.

Então dar o próximo passo.

— O que aconteceu no hospital? — Eu a esperava em casa por volta das seis, mas ela mandou uma mensagem e disse que algo havia acontecido, então precisaria ficar até tarde.

— Nada ruim, apenas ocupada, — disse ela. — Um cara entrou no pronto-socorro logo antes de eu sair. Ele queimou a mão enquanto tentava cozinhar um jantar de aniversário para sua esposa.

— Esse é um aniversário que eles não esquecerão.

— Não, eles não vão. Sua esposa foi realmente compreensiva sobre isso e ele continuou se desculpando repetidamente. Foi doce.

— Como foi com Rachel?

— Ela não estava lá. — Talia havia confessado ontem no voo que estava ansiosa para voltar ao hospital após o acidente. Ela não via Rachel desde o encontro na sala de espera. — Ela tirou uma licença.

— Sério? — Eu parei de me mover. — Talvez seja o melhor.

— Eu me sinto horrível por ela. Não consigo imaginar como seria perder seu filho. Não importa os problemas que ele

possa ter dado, ele ainda era seu filho.

Estremeci, não querendo pensar naquele horror.

— O boato na equipe de enfermagem é que ela não vai voltar.

Pelo bem de Talia, eu esperava que fosse verdade. — Dê-lhe tempo.

— Tive uma longa conversa com o Dr. Anderson hoje.

— Sobre?

— Tudo. — Ela pressionou sua bochecha no meu coração, minha deixa para voltar a balançar. — Ele me chamou para conversar. Acho que enquanto estávamos fora, outra das enfermeiras contou a ele sobre Rachel. Ela ouviu o que Rachel me disse na sala de espera e achou que a razão pela qual eu não estava no trabalho era porque eu pedi demissão, não porque estava de férias.

— E como foi?

— Bom. — Ela me abraçou mais apertado. — Ele me disse que os cortes no orçamento não tinham nada a ver com minha posição. Que a razão pela qual a irmã de Rachel foi demitida foi porque ela era ruim em seu trabalho.

Isso é o que eu suspeitava. — Sente-se melhor?

— Muito. — Ela olhou para cima e sorriu. Um sorriso tão cheio de luz que iluminou tudo. — Ele me disse que eu era uma boa médica.

— Porque você é. — Coloquei uma mecha de cabelo atrás de sua orelha.

— Às vezes é bom ser elogiada, — disse ela. — Escolhemos uma data para o meu exame da licença. Vai ficar um pouco louco com mais tempo de estudo, mas...

— Vamos dar um jeito. O que você precisar.

— Ele me chama de Talia. Todo mundo me chama de Talia. — Ela fez uma pausa. — Eu estava preocupada que fosse porque eles não achavam que eu era uma boa médica. Tenho certeza que não importa o que aconteça, sempre terei dúvidas, mas vou dar o meu melhor. —

— Sim, você vai. — Inclinei minha bochecha contra o topo de sua cabeça, balançando um pouco mais rápido e nos girando em um círculo lento.

— O que aconteceu no seu dia?

Fechei meus olhos. — Recebi uma ligação de Dex.

Talia endureceu, empurrando para fora do meus braços. O sorriso se foi e aquela ruga de preocupação estava entre suas sobrancelhas. — O que? Quando? Por que você não me contou?

— Estou lhe dizendo. — Eu rio e a puxei em meus braços novamente, segurando firme enquanto ela se contorcia.

— Continue, — disse ela, me cutucando nas costelas.

— Sim. Embora, ache que hoje foi a última vez que falei com Dex.

— O que ele disse?

— 'Foda-se.'

Seu queixo caiu. — Sério?

— Sim. — Eu balancei minha cabeça. — Mais de três milhões de dólares e tudo o que recebo é vai se foder.

Antes da luta, fiz uma ligação difícil para Tony Sabbatini. Ele era um conhecido de Arlo — a sujeira tendia a combinar com a sujeira — e, embora nunca tivesse conhecido o homem, ouvi rumores de seus laços com a máfia.

Tony possuía um punhado de cassinos em Las Vegas, todos obscuros. Dex realmente se fodeu ao se envolver com a família Sabbatini, mas tudo o que me importava era a segurança de Vivienne. Então, antes de entrar no octógono com Savage, fiz um acordo.

Três milhões mais o que Dex perderia apostando na minha luta. Eu comprei a dívida de Dex imediatamente. Em troca, Vivienne seria esquecida.

Talvez Tony ainda fosse atrás de Dex, não dou a mínima. Se o ego de Dex estivesse ferido porque o salvei, ele poderia apodrecer no inferno. Eu tinha feito isso por Kadence.

Paguei para garantir que minha filha não perdesse a mãe.

— Por que Dex ligaria se não fosse para agradecer? — perguntou Talia.

— Para dizer foda-se.

Ela franziu a testa. — Desculpe.

Dei de ombros. — Ele está fora de nossas vidas.

— É o da Vivienne?

— Ela disse a Kadence esta noite que ela estava quase terminando de fazer as malas. Kaddie perguntou se Dex estava vindo também e Vivi disse-lhe que eles terminaram.

— Então acabou. — Talia soltou um longo suspiro. — Você falou com Vivienne?

— Não. Apenas escutei enquanto ela estava no FaceTime com Kadence.

A conversa com Vivienne era tão tensa agora quanto antes da luta. Além da logística falar com Kadence, a comunicação era curta. Ela me machucou. E embora ela tenha se desculpado profusamente, não deveríamos ter chegado nisso.

Vivienne ficou em Quincy enquanto Talia e eu estávamos em Vegas. Quando chegamos em casa, trocamos de avião e ela voou de volta para a cidade para começar a embalar.

A partir desta manhã, nossa casa estava no mercado. Assim como o Angel's.

Essas foram as minhas condições. Se eu fosse pagar a dívida de Dex, Vivienne tiraria sua bunda de Vegas.

Depois da luta, quando Talia e eu voltamos para a suíte do hotel, liguei para Vivienne. Ela respondeu em lágrimas, pensando que a vida de Dex havia acabado, até que eu disse a

ela que havia pago sua dívida. Quando disse-lhe que esperava que ela se mudasse e logo, concordou imediatamente.

Progresso. Nós até conseguimos alguns imóveis em Quincy.

Eloise ouviu uma dica no hotel. Um casal mais velho da cidade estava se mudando para Missoula para ficar mais perto de seus netos e colocaria sua casa à venda. Abençoe essa lista telefônica local. Talia procurou o número e ligou para eles. Uma hora depois, meu corretor de imóveis estava redigindo o contrato de compra e venda.

Eu estava pagando em dinheiro mais quinze mil dólares para agilizar a mudança. Seria apertado, mas se o tempo funcionasse perfeitamente, a casa estaria vazia quando o caminhão de mudança de Vivienne chegasse.

A casa ficava a cinco quarteirões de distância. Kadence estaria entre nossas casas, mas pelo menos eram próximas.

— O que você acha que vai acontecer com Dex? — perguntou Talia.

— Não sei. Há uma chance de irem atrás dele. Mas o fato de que ele me ligou hoje... — O fato de ele ainda estar vivo. — Eu simplesmente não sei.

— Você acha que vamos ficar bem?

Havia medo em sua voz, então eu a segurei com mais força. — Nós ficaremos bem.

Obrigado ao Arlo. Aquele bastardo conivente tinha sido útil depois de tudo.

Arlo tinha guardado um livro. Não era maior do que um bloco de notas e o guardou no cofre do Angel's. Eu duvidava que Vivienne soubesse disso. Eu também não compartilharia com Talia. Quanto menos soubesse sobre suas conexões, melhor.

Naquele pequeno livro preto, ele manteve nomes e números. Informações sobre o circuito de combate subterrâneo. Detalhes sobre os grandes jogadores e casas de apostas em Vegas.

Depois de anos e anos, aquele livro se tornou a apólice de seguro de Arlo.

Ele me contou sobre o livro uma vez, e apenas uma vez. Numa noite tive certeza de que ele não se lembrava. Uma noite em que ele ganhou uma garrafa de uísque e, em vez de levar para casa, abriu na academia. Os caras foram embora, deixando apenas nós dois para trás.

E ele tinha aquele livro aberto em sua mesa.

Cada aposta que fizera, cada contato que tinha, estava listado em seu pequeno e elegante roteiro. Ele preencheu mais de três páginas com informações sobre a equipe de Tony Sabbatini.

Arlo havia me dito que se alguma coisa acontecesse com ele, qualquer coisa suspeita, o livro deveria ser enviado às autoridades federais.

A informação poderia estar desatualizada, não me importei. Eu disse a Tony que Arlo tinha uma lista de nomes. Ele me pediu para citar alguns, então eu citei aqueles que eu conseguia lembrar. Depois da morte de Arlo, peguei o livro e o mantive escondido. Também o tinha aqui em Montana.

Aparentemente, os nomes que recitei foram suficientes. O advogado de Tony me encaminhou um contrato de investimento fictício para um negócio que eu tinha certeza que só existia no papel. E junto com minha transferência eletrônica multimilionária, esta manhã, mandei o livro de Arlo pelo correio para o próprio Tony, como um gesto de boa fé de que não queria nada com o mundo dele.

Com alguma sorte, isso seria o fim de tudo.

Talvez fosse tolice acreditar que tinha acabado. Mas eu estava protegendo minhas próprias apostas agora. Eu estava apostando no fato de que estava fora de Las Vegas e, em breve, seria apenas mais um lutador aposentado e esquecido do UFC.

— Isso foi muito dinheiro, — disse Talia.

— É só dinheiro. — Há coisas mais importantes. — Além disso, para que eu preciso disso? Vou me casar com uma médica. —

Ela arqueou as sobrancelhas. — Casar?

— Se ela decidir usar o anel.

— Espere. — Os olhos de Talia se arregalaram. — Você está me pedindo em casamento?

— Algo parecido. — Eu sorrio, deixando-a procurar no meu bolso a caixa de veludo. — Isso está no meu bolso há meses. Eu posso colocá-lo de volta. Fazer uma proposta chique com flores, velas e fogos de artifício. Ou posso colocar no seu dedo e podemos dançar pela cozinha. Eu provavelmente vou pisar em seus pés algumas vezes. Então eu vou te dizer o quanto te amo e te levar para cima para a nossa cama.

— Você o guardou no bolso todo esse tempo? ela sussurrou.

— Até que você sentisse vontade de usá-lo.

— Esta noite. — Ela ergueu a mão, os dedos tremendo. — Nenhuma proposta extravagante.

— Obrigado porra. — Lutei para abrir a bolsa. O anel estava quente por estar no meu bolso o dia todo. Eu me atrapalhei uma vez antes de finalmente deslizar em seu dedo.

Onde sempre foi destinado a estar.

— Oh meu Deus. — O diamante brilhou na luz fraca enquanto ela o segurava, aquele sorriso ofuscante em seu rosto novamente. Então ela ficou na ponta dos pés, seus lábios roçando os meus. — Eu te amo baby.

— Eu te amo, Tally. —Coloquei minha boca na dela, minha língua passando por seu lábio inferior. Minha mão

deslizou sob a bainha da minha camisa, deslizando pela pele lisa de seu quadril. Então, a levantei em meus braços, pulei a dança completamente e a carreguei para cima como prometido.

Vitória.

EPÍLOGO

Talia

Um mês depois...

— Papai! — Kadence correu pelo Eden Coffee. Suas botas novas batiam no chão enquanto sua trança balançava entre os ombros.

Foster deslizou da cadeira bem a tempo de pegá-la e ela se lançou sobre ele. — Como foi?

— Muita diversão. — Ela riu quando ele fez cócegas em uma barriga. — Podemos ir de novo, Talia?

— É claro. — Eu a levei a cavalo no rancho esta manhã. Ela se apaixonou instantaneamente por Netuno.

— Amanhã?

— Hum, certo? — Eu rio. — Desde que não chova. — Ou neve.

A previsão de abril era uma aposta. Poderia estar ensolarado e quente em um dia com uma nevasca de quinze centímetros no outro. Mas se o tempo estivesse bom, eu ficaria feliz em levar Kadence para o rancho e deixá-la passear pela arena.

— Quer um lanche? — Foster perguntou, colocando-a no chão.

— Ok.

— Ataque Lyla. — Ele a empurrou para o balcão, onde Lyla estava esperando com um sorriso. Então ele se aproximou, curvando-se para me dar um beijo. — Bem?

— Muito bem. Foi divertido.

Foi ideia de Foster que eu levasse Kadence sozinha para o rancho hoje. Desde que se mudaram para minha casa, passamos muitas horas juntos, mas era raro Kadence e eu termos um tempo a sós. Então ele decidiu ficar para trás e encontrar Jasper aqui para tomar um café enquanto tínhamos algumas horas sozinhas.

— Você quer algo para comer? — ele perguntou.

Eu torci o nariz e balancei a cabeça. — Eu não estou com fome.

— Você não tomou café da manhã.

— Eu comi no rancho, — eu menti. Esta noite, depois que Kadence fosse à casa de Vivienne, eu diria a ele porque não estava me sentindo bem. Mas não com as pessoas aqui. — Ei, Jasper.

— Ei, doutora. — Jasper levantou a mão.

— Foster me disse que você vai ficar por aqui por um tempo.

— Sim, um pouco.

— Ele não pode viver sem mim, — brincou Foster.

Jasper balançou a cabeça, seu peito tremendo com uma risada silenciosa.

Fiquei grata que o amigo de Foster decidiu ficar. Foster não teria feito a pergunta, mas quando Jasper se ofereceu para se mudar, não houve objeção.

Jasper havia abordado os donos da cabana que estava alugando. Em vez de estender seu acordo, eles se ofereceram para vender a propriedade. Com ele aqui, significava que Foster não estava sozinho durante o dia.

Eu estava trabalhando muito e estudando para meus próximos exames. E embora Foster estivesse se adaptando bem à vida de aposentado, quando Kadence estava na escola, eu estava grata por ele ter Jasper para lhe fazer companhia.

Por enquanto, Jasper decidiu ficar.

— Vou dizer oi para Lyla e pegar um pouco de água, — eu disse a Foster, dando um tapinha em seu abdômen antes de passar para o balcão.

Lyla deslizou um copo para viagem para Kadence, cujos olhos se arregalaram no monte de chantilly em cima.

Kaddie o levou aos lábios, tomando um gole. Um montão de branco grudado em seu nariz. — Sim. Você definitivamente deveria tomar chocolate quente.

— Boa sugestão. — Eu rio enquanto ela carregava cuidadosamente sua xícara em direção à mesa de Foster,

então eu inclinei meu quadril contra o balcão, minha irmã fazendo o mesmo do seu lado. — Oi.

— Oi, — ela disse. — Ouvi dizer que você a levou para um passeio.

— Sim. Isso foi fofo. — Sorri quando Kadence foi até a mesa e Foster limpou o nariz dela. — O que está acontecendo aqui hoje?

— Não muito. — Lyla suspirou. — Estou prestes a sair. Na verdade, eu estava pensando em convidar Jasper para jantar.

— O que? — Fiquei mais ereta, inclinando-me para baixar a minha voz. — Sério?

— Não sei. — Ela me deu um sorriso exagerado. — Ele é gostoso. E meio mal-humorado e taciturno.

— Apenas o seu tipo.

— Exatamente. Mas seria estranho?

— Por que seria estranho?

— Ele é o melhor amigo de Foster.

— Então?

— Então... — Ela respirou fundo. — E se formos jantar e começarmos a namorar e for ótimo por um tempo, mas depois começar a desmoronar até que finalmente decidíssemos terminar, mas eu ainda estaria apaixonada por ele, mas ele

não estaria por mim. Não é como se você pudesse odiá-lo porque ele é o melhor amigo do seu noivo então, é estranho.

— Uau. — Eu levantei minhas mãos. — Você pensou muito à frente.

— Eu realmente gosto dele. Gosto muito. Você e Foster desapareceram no quarto de hotel depois da luta, mas naquela noite... todos saímos e nos divertimos muito.

— Aconteceu alguma coisa? — Isso era novidade para mim. Concedido, eu estava muito envolvida com Foster, então não perguntei. E Lyla e Eloise partiram no dia seguinte porque ambas precisavam voar para casa para trabalhar.

Lyla abriu a boca para responder, mas então a campainha acima da porta tocou e nós duas nos viramos quando Vivienne entrou.

— Segure esse pensamento. — Eu levantei um dedo e voltei para a mesa onde Vivi se inclinou para beijar o cabelo de Kadence.

— Como foi seu dia? — Vivienne perguntou a Kadence.

— Tão bom, mamãe. Vamos cavalgar novamente amanhã.

— Isso é ótimo. — Vivienne sorriu para ela, então olhou para mim. — Obrigada por levá-la.

— O prazer é meu.

Vivienne olhou para Foster, mas ele não deu muito a ela. — Ei, Foster.

— Oi.

Ela esperou por contato visual ou um sorriso ou qualquer coisa, mas era isso. Era assim que tinha sido entre eles no mês passado. — Então, eu, hum... Acho que só veremos vocês pela manhã.

— Sim. — Ele assentiu. — Traga-a a hora que quiser.

Kadence estava hospedada na casa de Vivienne esta noite. Não havia rotina ou estrutura para seu arranjo de custódia. Na maior parte, Kadence passou um dia com a mãe e um dia conosco. Estava funcionando por enquanto, então Foster e Vivienne não pressionaram para fazer mudanças.

Se fosse necessário um cronograma definido, discutiríamos quando chegasse a hora.

Meu coração apertou quando Vivienne olhou para Foster. A culpa estava gravada em seu rosto. Era como ela olhava para mim quando veio para Quincy. Era estranho, ser seu apoiador agora.

Ela começou a me ligar mais para discutir a agenda de Kadence, mesmo que Foster não estivesse trabalhando. Mas eu entendi. Ela não tirou a raiva de mim. E Foster, bem... ele não estava pronto para deixá-la ir.

Ainda não.

Tudo o que me importava era que Vivienne estivesse aqui porque fazia Kadence feliz. Dex era história, e quando perguntei se tinha ouvido falar dele, ela me disse que não com

lágrimas nos olhos. Mas Vivienne sabia que era o melhor. Ela foi embora sem arrependimento.

Apenas com um coração partido.

Desde que Foster se aposentou, as únicas pessoas que nos contataram de Las Vegas foram seus pais. Eles estavam planejando visitar neste verão.

— Ok, garota. — Vivienne estendeu a mão. — Devemos ir?

— Deixe-me pegar uma tampa. — Caminhei até o balcão onde Lyla tinha uma pronta.

Um cronômetro tocou e ela acenou com a cabeça em direção à parte de trás. — Eu preciso pegar isso. Você grita se outra pessoa entrar?

— Claro. — Levei a tampa para Vivienne para que pudesse colocar no copo de Kadence, depois que Foster beijou sua filha na bochecha, observamos enquanto elas saíam.

— Você vai ficar chateado com ela para sempre? — Jasper perguntou quando a porta se fechou atrás deles.

— Não. — Foster passou a mão pelo cabelo. — Hora de deixar ir, não é?

Peguei o assento vazio ao lado dele, então estendi minha mão.

Ele a pegou, seu dedo tocando meu anel de noivado enquanto murmurava , "*Hora de deixar ir".*

— Já que vocês dois estão aqui. Eu, hum, preciso falar sobre uma coisa. Jasper olhou para além de Foster, para onde Lyla estava. Então ele se endireitou, fazendo uma pausa como se estivesse pensando cuidadosamente em suas palavras. — Eu, uh, bem... Eu fodi tudo.

— O que aconteceu? — perguntou Foster.

Por favor, não seja nada ruim. Foi um mês de felicidade. Eu não estava pronta para mais drama.

— Eu meio que... eu, hum... Porra. — Jasper esfregou o queixo. Então ele fechou os olhos e soltou: — Eu me casei com sua irmã.

— O que? — Meu queixo caiu. — Você se casou com Lyla?

— Uh, não exatamente.

Outro tinido soou da porta, mas não me virei. Eu estava muito ocupada olhando para o balcão vazio. Como diabos eles tinham se casado? Quando? Onde? Por que Lyla não me contou? Estávamos falando sobre ele minutos atrás. Esse teria sido o momento perfeito para me dizer que ela se casara com Jasper Vale.

— Ah, uh, oi. — Eloise estava ao meu lado. Quando me virei para olhar para cima, suas bochechas estavam coradas.

— Oi. — Sacudi-me do meu estupor. — Jasper acabou de nos dizer que-

— Oh meu Deus, você disse a eles? — Eloise gritou. — Como você pode contar-lhes? Nós concordamos em manter isso em segredo até que fosse anulado!

— Espere. — Foster se inclinou para frente, apontando entre os dois. — Vocês dois se casaram?

— Agora todo mundo vai descobrir. Nossa! Caramba. Nunca mais vou beber. — Eloise se virou e correu para a porta.

— Eloise, espere. — Jasper saiu de sua cadeira, correndo para atrás dela.

O que deixou Foster e eu nos encarando, estupefatos.

— Isso acabou de acontecer? — ele perguntou.

Tudo o que consegui foi um aceno de cabeça.

Merda. Meus pais iam enlouquecer.

— Jasper foi embora? — Lyla perguntou enquanto voltava para o balcão com uma toalha nas mãos. — Droga. Acho que vou ter que convidá-lo para sair outro dia.

Eu me encolhi. — Lyla, acho melhor você se sentar.

— BEM, ISSO FOI INTERESSANTE. — Joguei minhas chaves no balcão enquanto caminhávamos pela casa. Então, chequei meu telefone pela décima vez desde que saí do café. Eloise ainda não tinha me mandado uma mensagem de volta.

Deixei meu telefone de lado e abri o zíper do meu casaco, mas antes que eu pudesse tirá-lo, Foster estava lá, dando um beijo no meu pescoço enquanto ele o tirava dos meus ombros.

— Recebi um telefonema do arquiteto hoje, — disse ele.

— Em um sábado?

Ele deu de ombros, tirando o próprio casaco. — Acho que ele estava trabalhando no projeto.

— E?

— Deveria tê-los feito segunda-feira. Queria ver se poderíamos nos encontrar e analisá-los juntos.

— Eu poderia fazer isso no meu horário de almoço.

— Vou descobrir se vai funcionar.

Um arrepio de excitação afugentou o desconforto no meu estômago.

Não perdemos tempo depois de voltar para casa de Vegas para começar a planejar nosso futuro. Meus pais insistiram em nos dar uma festa de noivado no The Eloise, para que mais membros de nossa família pudessem conhecer Foster. Na manhã seguinte, fomos ao rancho e pedimos para comprar um pedaço de terra deles.

É claro que meus pais disseram não – eles nos deram quinhentos acres em vez disso.

Contratamos um arquiteto local para começar a projetar a casa dos nossos sonhos, e os planos de casamento estavam

a todo vapor para o verão. A esposa de Knox, Memphis, estava planejando isso para nós.

Essa era a vida com o "*Punho de Ferro*", Foster Madden. Emoção total.

— É ótimo que ele esteja trabalhando tão rápido, — eu disse. — Talvez, se tivermos sorte e ele terminar o projeto, possamos fazer com que o construtor comece mais cedo do que o esperado. Seria tão bom se mudar antes do bebê nascer.

— Sim, isso... — Foster piscou. — O que você acabou de dizer?

Sorrio e caminhei até o cabide para pegar o saco plástico que tinha guardado no bolso esta manhã. Mais importante, o teste dentro. — Aconteceu mais rápido do que o esperado.

Ainda bem que nós dois gostamos de rápido.

Depois da luta em Vegas, parei de tomar minhas pílulas anticoncepcionais. Foster perguntou se eu estava pronta, e presumi que demoraria um pouco. Mas aqui estávamos nós, um mês depois, e estava acontecendo.

Ele pegou o bastão, olhando para o sinal de positivo na pequena janela, depois para mim. De volta ao bastão , de volta para mim. Ele mudou seu olhar tantas vezes que eu tinha certeza que ficaria tonto. — Você está grávida.

— Estou grávida.

Ele fechou os olhos, fechando a sacola com os punhos. Então, passou os braços em volta de mim, me puxando em seu peito enquanto enterrava o rosto no meu cabelo. — Você não vai parar, vai?

— Não vai parar o quê?

Ele se inclinou para trás, emoldurando meu rosto com as mãos. — Não vai parar até que todos os meus sonhos se tornem realidade.

Eu sorrio, me inclinando para sussurrar contra seus lábios. — Nunca.

EPÍLOGO BÔNUS

Foster

— Merda. — Eu assobiei quando a agulha perfurou minha pele.

— Não se mova. — Talia franziu a testa, então enfiou a agulha novamente, tecendo o fio de sutura dentro e fora da minha pele enquanto costurava o corte na minha sobrancelha.

— Porra, isso dói.

— Você deveria ter me deixado lhe dar a lidocaína.

— Não. Se você não está recebendo as drogas hoje, então eu também não.

— Essa é a coisa mais estúpida que eu... — Ela estremeceu, seu rosto se contorcendo quando outra contração a atingiu. Uma de suas mãos caiu para sua barriga. — Ah, filho da puta.

— Respire, amor. — Eu coloquei minhas mãos do lado e seu corpo , segurando minha própria respiração enquanto ela suportava a contração.

— Ai. — Ela gemeu quando passou, ficando reta.

— Dra. Madden. — A enfermeira que estava encostada na parede cruzou os braços. — Por favor. Deixe-me chamar o Dr. Murphy para costurar seu marido.

— Não, eu estou bem, Abbi. — Talia acenou para ela e fez outro ponto. — Mais dois e terminamos.

A enfermeira fez uma careta, mas ficou quieta. Abbi era nova no Quincy Memorial. Ela começou há cerca de seis meses como a nova enfermeira responsável para substituir Rachel, que deixou a cidade pouco depois do acidente de carro de seu filho.

Talia amava Abbi. Não havia muitos dias em que ela não voltasse do trabalho e falasse sobre a enfermeira.

Eu amava Abbi simplesmente por chamar Talia de Dra. Madden. Talia não precisava do título, mas eu adorei por ela do mesmo jeito. Ela ganhou o título pela faculdade de medicina e residência. E passando nos exames e obtendo sua licença. Ela era uma médica assistente agora, pronta para uma longa e maravilhosa carreira.

O Dr. Anderson tinha até marcado a data de sua aposentadoria. Ele sabia, como todos nós, que quando parasse de trabalhar, Quincy estaria em boas mãos. As mãos de Talia.

— Ok, pronto. — Talia rapidamente amarrou o último ponto e cortou o excesso de linha. Então, passou um pouco de pomada sobre o corte. — Onde está esse curativo?

— Eu vou fazer isso. — Abbi o segurou na mão, aproximando-se para dispensar Talia. — Você precisa estar na outra sala. Agora.

— Bem. — Talia tirou as luvas, jogando-as no lixo. Em seguida, ela colocou a mão sob a barriga, como se estivesse segurando o bebê por mais alguns minutos.

— Logo atrás de você, — eu disse.

Talia saiu pela porta, e estava prestes a pular da minha cama quando Abbi me nivelou com um olhar.

— Sente-se, — ela ordenou.

Eu não precisava de um curativo. Fui atingido com muito mais força e tive cortes muito mais profundos do que isso, mas não ia discutir. A mulher era forte e, se quisesse bloquear minha saída, seria uma oponente formidável.

Eu bati meus dedos na cama, esperando enquanto ela colocava o curativo sobre meus pontos. Então, passei por ela e corri para fora do quarto, indo três portas até onde Talia tinha mudado para um vestido de hospital e estava sendo conectada a um monte de monitores, enquanto estava deitada na cama.

— O que você precisa? — Eu perguntei, correndo para o lado dela.

Ela olhou para minha camisa. — Não estou animada em ter esse bebê enquanto meu marido tem sangue por toda a camisa.

A camisa branca era o que eu estava usando na academia quando Kadence me bateu.

Olhei ao redor da sala, desejando como o inferno, que eu tivesse pensado em colocar minhas próprias coisas em sua bolsa de bebê. Mas eu não tinha nada. Então cheguei atrás da minha cabeça e tirei minha camisa. — Melhor?

— Muito melhor. — Abbi entrou na sala e fez uma vaia.

A enfermeira que conectava os monitores de Talia ficou com um tom violento de vermelho.

— Alguém pode, por favor, dar uma camisa para Foster? — Talia revirou os olhos quando outra contração a atingiu, fazendo-a cerrar os dentes.

Peguei sua mão, esfregando seus dedos. — Você consegue.

Ela assentiu, seus dedos apertando os meus até passar.

— Veem isso? — Abbi apontou para a tela de um monitor. — Isso vai mostrar as contrações.

— Ok.

Outra mulher entrou na sala carregando uma camisa azul. — Aqui está, Dra. Madden.

— Obrigada. — Talia sorriu para ela e esperou até que eu o puxasse sobre minha cabeça.

— O que agora? — Eu perguntei, correndo meus dedos pelo cabelo de Talia.

— Agora, esperamos. — Ela suspirou. — Como está sua cabeça?

— Bem. — Eu acenei.

— Ainda não consigo acreditar que ela bateu em você. Campeão peso médio, eliminado por uma garota da segunda série.

Eu rio. — Eu vou viver com isso.

Depois da escola hoje, peguei Kadence e fomos para a academia. Sua atividade de verão era andar no rancho com Talia. Mas à medida que a gravidez de Talia progrediu e o outono mudou para o inverno, decidimos que os cavalos estavam proibidos. Então, em vez de montar, Kadence me pediu para ensiná-la kickboxing.

Estávamos praticando à tarde. Provavelmente não duraria muito mais com a próxima temporada de basquete se aproximando. Mas tinha sido algo divertido para nós fazermos juntos.

Nossa casa em Garnet Flats estava pronta e acabamos de nos mudar. Eu adorava o espaço, o campo tranquilo, mas era mais longe da casa de Vivienne. Isso colocou alguma distância entre mim e minha filha.

Então, kickboxing.

Eu estava distraído esta tarde. Talia ligou mais cedo e disse que estava tendo contrações, mas elas estavam distantes, então não havia necessidade de correr para o hospital.

É claro que minha esposa esteve trabalhando até o momento em que deu à luz nosso bebê.

Estávamos no tatames e eu estava com meu telefone por perto. Eu tinha ido verificar pela décima vez, me abaixando, quando Kadence havia dito: — Olhe isso, papai. —

Estrondo. Seu punho se conectou com o meu nariz.

Não é grande coisa. Exceto que me pegou desprevenido e eu tropecei nos meus próprios pés, depois para o lado antes de colidir com uma fileira de pesos.

Agora estava fodidamente machucado. Não que eu fosse dizer isso quando minha esposa estava em trabalho de parto.

— As pessoas costumavam chamá-lo de coordenado. — Talia sorriu. — Ainda bem que você está aposentado.

— É sim.

Não se era o que tínhamos pela frente. O trabalho duro, os anos presos sob o polegar de Arlo, valeram a pena se essa fosse minha recompensa.

— Kadence está bem? perguntou Talia. Quando chegamos mais cedo, Kaddie estava em lágrimas. Mas Vivi nos encontrou aqui para levá-la cinco minutos depois de passarmos pelas portas do pronto-socorro.

— Ela está bem. Vivi vai acalmá-la. Elas, provavelmente irão voltar à noite, dependendo de como isso for.

— Para conhecer o irmão dela. — Talia passou a mão pela barriga.

— Ela está tão animada.

— Todo mundo está. Acha que ele vai nascer antes da meia-noite?

Inferno se eu sei. — Sim.

Talia esperava que ele não nascesse até amanhã porque era o aniversário de seu pai. Ela queria que nosso filho e seu pai compartilhassem o mesmo dia especial. Harrison também esperava por isso.

Inclinei-me para beijar sua testa. — Eu te amo.

— Eu amo-

A linha no monitor disparou.

— Respire, amor. — Eu segurei sua mão durante aquela contração e a próxima e a próxima. Até que pude segurar nosso filho, Jude Matthew Madden.

Que se juntou à nossa família ao bater da meia-noite.

FIM

Notes

[←1]
São um grupo d